

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

RAPHAEL ALBERTO RIBEIRO

**LOUCURA E OBSESSÃO: entre  
psiquiatria e espiritismo - Sanatório  
Espírita de Uberaba-MG (1933-1970)**

UBERLÂNDIA

2013

RAPHAEL ALBERTO RIBEIRO

# LOUCURA E OBSESSÃO: entre psiquiatria e espiritismo no Sanatório Espírita de Uberaba-MG (1933-1970)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para a obtenção de doutorado no Curso de Doutorado em História

Orientadora: Maria Clara Tomaz Machado

UBERLÂNDIA

2013

## *FICHA CATALOGRÁFICA*

A484b Ribeiro, Raphael Alberto, 1975-

Loucura e Obsessão: entre psiquiatria e espiritismo no Sanatório Espírita de Uberaba-MG (1933-1970) / Raphael Alberto Ribeiro. Uberlândia, 2013.

205 f.

Orientador: Maria Clara Tomaz Machado.

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia  
Programa de Pós-Graduação em História.

Inclui bibliografia

1. História social – Teses. 2. Loucura – Teses. I. Machado, Maria Clara Tomaz. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDU: 930.2:316

## BANCA EXAMINADORA

---

Orientadora: Maria Clara Tomaz Machado (UFU)

---

Dr. Artur César Isaia (UFSC)

---

Drª Anna Beatriz de Sá Almeida (FIOCRUZ)

---

Dr. Florisvaldo Paulo Ribeiro Junior (UFU)

---

Dr. Jean Luiz Neves Abreu (UFU)

## AGRADECIMENTOS

Inicialmente à CAPES por ter financiado esta pesquisa.

Aos meus amigos, todos eles, incontáveis, sempre me emocionando e me fazendo crescer. Obrigado pela paciência.

Um agradecimento especial aos professores Jean e Florisvaldo que aceitaram participar da banca de qualificação e que novamente nos deu a honra de tê-los na defesa da tese.

Ao professor Artur, sempre muito solícito e interessado na produção do conhecimento.

À professora Bela que prontamente aceitou vir à Uberlândia dialogar conosco.

À minha professora orientadora Maria Clara, como sempre, não medindo esforços para ajudar, orientar. Sempre serei muito grato.

## RESUMO

### LOUCURA E OBSESSÃO: entre psiquiatria e espiritismo no Sanatório Espírita de Uberaba-MG (1933-1970)

Após uma década da lei que humaniza os tratamentos psiquiátricos, obrigando as instituições não deixar trancafiados aqueles que são portadores de transtornos mentais, a discussão em torno desta temática ainda tem encontrado um riquíssimo campo de discussão.

Este trabalho tem como objetivo investigar o processo de institucionalização da loucura na cidade de Uberaba-MG por uma instituição espírita. Para os adeptos da doutrina kardecista a doença mental é ocasionada por uma obsessão, ou seja, a influência de um ou vários espíritos no encarnado, aquele que apresenta o distúrbio.

O ineditismo desta pesquisa é o fato do psiquiatra ter sido espírita e adotar, segundo os kardecistas defendem, uma terapia alternativa. Inácio Ferreira (1904-1988), que residia na cidade de Uberaba, formado em 1930 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, trabalhou toda sua carreira médica nesta instituição e sua trajetória foi marcada por conflitos entre os oficiais católicos e a comunidade psiquiátrica.

Estudar uma instituição espírita que se destacou na assistência aos portadores de transtornos mentais desde o início da década de 1930, tendo uma forte vinculação espírita nos possibilita refletir acerca das práticas assistencialistas locais, os discursos produzidos que funcionaram como justificativas para a institucionalização daquele tido como “anormal” e, fundamentalmente, repensar o processo de legitimação da religião kardecista. O Sanatório Espírita de Uberaba era sustentado pela comunidade, por meios de donativos arrecadados pelos militantes espíritas. A sua eficácia mostra a conivência deste projeto assistencial com os interesses da cidade. A prática da caridade, materializada na gerência da casa manicomial, contribuía para promover, de certo modo, o espiritismo na cidade e região.

A investigação da trajetória do Sanatório Espírita de Uberaba permite pensar a confluência das vertentes de pensamento no Brasil, relacionando-os com as representações do universo simbólico dos adeptos kardecistas, associados às práticas do tratamento da loucura, a fim de aludir ao processo histórico, delineados por grupos sociais, causadores de tantas injustiças e desmandos com os portadores de transtornos mentais.

## ABSTRACT

MADNESS AND OBSESSION: between psychiatry and spiritualism in Spiritist  
Sanatorium Uberaba-MG (1933-1970)

After a decade of law that humanizes the psychiatric treatment, forcing institutions not let those who are locked mental disorders, the discussion of this issue has yet found a rich field of discussion.

This study aims to investigate the process of institutionalization of madness in Uberaba-MG by an institution spiritualist. For fans of the doctrine Kardecist mental illness is caused by an obsession, ie the influence of one or more spirits in the flesh, he who has the disorder.

The novelty of this research is the fact that the psychiatrist was spiritualist and adopt, according to Kardecists advocate, an alternative therapy. Ignatius Ferreira (1904-1988), who resided in the city of Túticorin, formed in 1930 from the Faculty of Medicine of Rio de Janeiro, worked his entire medical career in this institution and its history was marked by conflicts between Catholic officials and the psychiatric community.

Studying an institution spiritualist who stood out in assistance to people with mental disorders since the early 1930s, having a strong linkage spirit enables us to reflect on the local welfare practices, discourses produced that functioned as justifications for the institutionalization of that considered "

abnormal "and fundamentally rethink the process of legitimization of religion Kardecist. The Spiritist Sanatorium Uberaba was supported by the community, by means of donations collected by militant spirit. Its effectiveness shows the connivance of this care project with the interests of the city. The practice of charity, embodied in the management of asylum home, helped to promote a sense, spiritualism in the city and region. The investigation of the trajectory of Spiritist Sanatorium Uberaba to suggest the confluence of the strands of thought in Brazil, linking them with the representations of the symbolic universe of supporters Kardecists practices associated with the treatment of madness in order to allude to the historical process, outlined by social groups, causing many injustices and excesses with mental disorders.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Figura 1 – Intersecção das redes dentriticas brasileiras .....	32
Figura 2 – Principais estradas brasileiras .....	33
Figura 3 – As linhas férreas da Companhia da Mogyana em 1898.....	34
Figura 4 – Mapa de Uberaba .....	53
Imagen 1 – Inauguração do SEU .....	49
Imagen 2 – Inauguração do SEU .....	50
Imagen 3 – Vista aérea atual do Sanatório Espírita de Uberaba .....	52
Imagen 4 – Av. Leopoldino de Oliveira .....	52
Imagen 5 – Av. Leopoldino de Oliveira .....	52
Imagen 6 – Sanatório Espírita de Uberaba .....	55
Imagen 7 – Sanatório Espírita de Uberlândia .....	56
Imagen 8 – Sanatório Ismael .....	56
Imagen 9 – Ponto Espírita Bezerra de Menezes .....	58
Imagen 10 – Multidão à espera de donativos .....	88
Imagen 11 – Evento “Natal dos Pobres” .....	89
Imagen 12 – Evento “Natal dos Pobres” .....	89
Imagen 13 – Matéria jornalística sobre o espiritismo .....	90
Imagen 14 - Planta baixa do SEU .....	144
Imagen 15 - Planta baixa do SEU .....	145

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Aspectos Demográficos da População de Uberaba: 1940 a 1980 .....	37
Tabela 2 – Prestação de Contas do SEU .....	64
Tabela 3 – Distribuição dos Números da População, segundo a Religião no Brasil em 1940 e 1950 .....	81
Tabela 4 – Departamento de obras assistenciais espíritas até 1960 .....	87
Gráfico 1- Procedência de internação do Sanatório Espírita de Uberaba....	150
Gráfico 2- Procedência de internação do Sanatório Espírita de Uberaba....	150
Gráfico 3- Procedência de internação do Sanatório Espírita de Uberaba....	151
Gráfico 4 – Sexo .....	169
Gráfico 5 – Fonte: Prontuários Sanatório Espírita de Uberaba .....	170
Gráfico 6 – Fonte: Prontuários Sanatório Espírita de Uberaba .....	171

## SUMÁRIO

Considerações Iniciais .....	18
Capítulo 1 – Cartografias da Loucura na Cidade de Uberaba-MG: institucionalização da obsessão .....	30
1.1- Uberaba: a consolidação urbana entre progresso e exclusão .....	31
1.2- O Surgimento do Sanatório Espírita de Uberaba .....	49
Capítulo 2 – Espiritismo em Busca da Legitimação .....	67
2.1- O espiritismo e sua missão no Brasil –a Pátria do Evangelho .....	68
2.2- Uberaba e a construção da prática espírita .....	85
Capítulo 3 – Trajetórias da Higienização Uberabense e a Institucionalização da cura .....	100
3.1- Em Uberaba: doença, mazelas sociais e suas práticas punitivas...	101
3.2- Espiritismo e Psiquiatria: espaços de disputas e legitimação social..	118
Capítulo 4 – Entre a Caridade e a Prisão: o espelho da assistência espírita..	138
4.1- Memórias Recortadas: o cotidiano no sanatório Espírita de Uberaba .....	139
4.2- Inácio Ferreira: entre ciência e religião .....	161
Considerações Finais .....	173
Fontes Documentais .....	175
Obras espíritas e espiritualistas .....	177
Obras Memorialistas .....	179
Teses Médicas .....	181
Referências .....	182
Anexos.....	199

Não me incomodo muito com o hospício, mas o que me aborrece é essa intromissão da polícia na minha vida. De mim para mim, tenho a certeza que não sou louco, mas devido ao álcool, misturado com toda a espécie de apreensões que as dificuldades de minha vida material há seis anos me assoberbam, de quando em quando dou sinais de loucura, delírio. (Lima Barreto, **Diário do Hospício**, p. 44)

# **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Data de 2001 o meu interesse pela temática loucura e sempre a preocupação em torno do momento histórico em que os tidos “anormais” começaram a ser preocupação para as autoridades políticas e, portanto, a necessidade se isolá-los dos indivíduos sãos. Mais ainda, quando tais sujeitos enclausurados, submissos ao saber médico, tornaram-se medicalizáveis, discursos elaborados pela psiquiatria que vislumbrava a possibilidade de cura. Esta problemática de análise levantada inicialmente por Foucault<sup>1</sup> nos permite refletir também a realidade brasileira, a transição em que os personagens “folclóricos”, vítimas da chacota, do ultraje e da humilhação, tornaram-se laboratório de um saber/poder que legitimava a prisão e o tratamento.

A escolha do tema é uma consequência dos inúmeros questionamentos levantados quando ainda na confecção da dissertação de mestrado defendida por mim em 2006. Sob inúmeros aspectos foi possível responder diversas questões acerca do assistencialismo promovido pelos adeptos da doutrina kardecista na cidade de Uberlândia, principalmente no tratamento da loucura, a atuação dos religiosos onde o Estado era omissos, a conivência por grande parte da população que contribuíram para a perpetuação deste sistema de exclusão.

Entre tantas outras abordagens apontadas a escolha da cidade de Uberaba-MG – cidade situada no Triângulo Mineiro – e o seu processo de institucionalização da loucura, também comandada por kardecistas, não é fortuita. Considerada a “meca” do espiritismo, esta cidade vai se diferenciar das demais clínicas, não somente por promover uma terapia espírita, mas fundamentalmente pelo fato do psiquiatra do Sanatório Espírita de Uberaba também ser espírita, questionando, ao menos de forma aparente, o tratamento convencional.

O funcionamento do Sanatório Espírita de Uberaba remonta-nos questões complexas, um processo de legitimação social de uma religião. Construía-se uma forte imagem de que ali se encontravam verdadeiros cristãos, abnegados cidadãos, dedicados em favor dos desvalidos e

---

<sup>1</sup> FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

infelizes, imaginário que contribuía para a legitimação do espiritismo, as ações fortemente relacionadas com os projetos higienizadores idealizados pela cidade. Fica evidente que a institucionalização da loucura não era um projeto exclusivo da classe médica, era uma exigência desta sociedade do trabalho, da moral e dos bons costumes que se consolidava com o crescimento das cidades e, consequentemente, com a formação de uma classe operária. Compreender as relações de forças, o imaginário delineado em torno dos portadores de transtornos mentais e do tratamento assistencialista, nos possibilita entender a maneira como os diversos setores da comunidade local se empenharam na transformação, limpeza e ordenação do espaço urbano.

A preocupação com a loucura em Uberaba-MG inicia-se aproximadamente em 1919 com a criação do Ponto Bezerra de Menezes ob a direção do Centro Espírita Uberabense. Tal projeto fora a inspiração para que os espíritas pudessem construir uma casa maior, com uma arquitetura adequada para o objetivo que intentava. O Sanatório Espírita de Uberaba é inaugurado em 1933, exaltado pelo poder público local e setores da imprensa como uma ação de benemerência, de humanitarismo, administrada por kardecistas. Como em qualquer instituição espírita, a de Uberaba também seguia uma ordenação arquitetônica equiparada às de outros hospícios construídos no Brasil.

A proposta da tese é pensar os processos de legitimação social do kardecismo na cidade de Uberaba entremeado com o seu grande projeto local, o funcionamento de uma instituição para abrigar a loucura. A proposta de estudar uma instituição espírita que se pretende assistir a loucura na década de 40 e 50 nos indicou caminhos investigativos instigantes, a saber: uma discussão acerca do assistencialismo; quais os discursos construídos que tentou legitimar práticas de institucionalização; as possíveis tensões de não espíritas com o projeto institucional. Além da pertinente questão de ter os espíritas um projeto para tratar a loucura, casando assim com interesses do poder público e da comunidade, como pensar a atuação do espiritismo na cidade, quais as suas influências perante a comunidade que propiciou guiar, no começo do século XX, uma tarefa de exclusividade da psiquiatria?

Sem nenhuma dúvida Foucault<sup>2</sup> foi o grande inspirador para a historiografia que impulsionou inúmeros estudos sobre a loucura. Fundamentando suas análises em Nietzsche e a crítica da ciência como vontade de verdade, desvela os discursos psiquiátricos, no século XIX, elaborados como dispositivo poderoso de controle social, dispendendo ao “enfermo” tratamento à custa do isolamento e forte medicação, contemplando um percurso para a cura. *A partir da pesquisa de Foucault a história da loucura deixa de ser a história da psiquiatria.*<sup>3</sup> Desta forma, o livro **História da Loucura na Idade Clássica**, publicado em 1961, [...] não é mais propriamente uma história da ciência, seja no sentido de uma história epistemológica, seja no sentido de uma história descritiva.<sup>4</sup> Nas reflexões valiosas de Roberto Machado, a ciência não pode ser compreendida como uma disciplina que se desenvolve linearmente e contínua. Foucault não está interessado no debate contemporâneo acerca da terapêutica psiquiátrica, quais os conceitos lançados por Charcot, Pinel, Esquirol, entre outros. De maneira mais profunda, seu mergulho metodológico é pensar o momento de rupturas, daí sua incursão ao período renascentista, perceber a transformação de como a sociedade lidava com a loucura e o momento em que a medicina utilizando-se dos processos de exclusão do louco, cria elaborados discursos de cura, respaldados pelo estatuto científico. Fundamentalmente, a contribuição foucaultiana no debate constante com Nietzsche, é enxergar o *Grande Enclausuramento* psiquiátrico como uma atitude moral, um dispositivo de tecnologia capaz de identificar àqueles que não se enquadram às regras alinhavado com um projeto político eficaz para ordenar o modelo de sociedade burguesa.<sup>5</sup>

O debate com Michel Foucault tem sido imprescindível para refletirmos acerca da constituição da Psiquiatria colada às estratégias de enclausuramento imposto aos sujeitos anormais. Nesse sentido, o louco passou não somente a ser preso e isolado do resto da sociedade, mas fundamentalmente, estabelecer-lhe processos discursivos de cura. Quando pensamos em pesquisar parte dessa história da institucionalização da loucura não podemos

---

<sup>2</sup> FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. Op. cit.

<sup>3</sup> MACHADO, Roberto. **Foucault, a Ciência e Saber**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 52.

<sup>4</sup> Ibidem, p. 52.

<sup>5</sup> FOUCAULT, Michel. **História da loucura na Idade Clássica**. Op. cit.

fugir das discussões sobre as formas de disciplinarização e controle do corpo, especialmente do louco, proporcionadas pelo saber gerado por esta nova medicina social. A constituição da psiquiatria é, nesse sentido, um discurso bem elaborado e poderoso sobre a loucura, sob o forte estatuto de científicidade.

Nesta mesma década da publicação de Foucault, surge o movimento da antipsiquiatria liderado por diversos psiquiatras, o sul-africano David Cooper<sup>6</sup>, o britânico Ronald Laing<sup>7</sup>, o húngaro Thomas Szasz<sup>8</sup> e o italiano Franco Basaglia<sup>9</sup>. Estes médicos, sensibilizados com o sofrimento imposto aos portadores de transtornos mentais, indignados com o emprego de medicações pesadas que deixavam os pacientes impregnados e a aplicação do eletrochoque, entre outros, defendiam tratamentos alternativos. Criticavam também os critérios utilizados no diagnóstico da loucura, questionando ainda, como no caso de Szasz<sup>10</sup>, que a psiquiatria não poderia ser considerada uma ciência, mas uma ideologia. Franco Basaglia foi um dos grandes influenciadores da luta antimanicomial no mundo inteiro, sua visita ao Brasil em 1979 abriu inúmeras perspectivas para os grupos locais de repensar as instituições totais, uma ruptura com modelo psiquiátrico tradicional.

Situação deplorável é a internação, enclausurar um indivíduo fora de seu ambiente em que está habituado a conviver com o seus, impondo-lhe remédios pesados, forçando-os viver como um presidiário, perdendo até mesmo sua identidade. Situação não menos problemática é saber que, em alguns casos, estando o portador de transtornos mentais em casa no momento do surto psicótico poderia representar um perigo aos familiares. Se compreendemos os descasos e maus-tratos ocorridos dentro das instituições psiquiátricas, por outro lado é necessário bastante responsabilidade na condução da discussão sobre a desinstitucionalização da loucura.

---

<sup>6</sup> COOPER, David. **Psiquiatria e antipsiquiatria**. São Paulo: Perspectiva, 1967.

<sup>7</sup> LAING, Ronald D. **O eu dividido** – estudo existencial da sanidade e da loucura. Petrópolis: Vozes, 1991.

<sup>8</sup> SZASZ, Thomas Stephen. **A fabricação da loucura**. Um estudo comparativo entre a Inquisição e o movimento de Saúde Mental. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

<sup>9</sup> BASAGLIA, Franco. **A Instituição negada**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

<sup>10</sup> SZASZ, Thomas Stephen. **O mito da doença mental**. São Paulo: Círculo do Livro, 1974.  
\_\_\_\_\_. **A escravidão psiquiátrica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

O poeta brasileiro Ferreira Gullar, com dois filhos portadores de transtornos mentais é um dos maiores críticos à reforma psiquiátrica, entendendo que houve oportunismo político e certa irresponsabilidade de muitos intelectuais que se dizem libertários quando defenderam tal projeto inspirado no italiano Franco Basaglia. Gullar defende que a psiquiatria avançou bastante, as medicações à base de amplictil, como o Haldol inibe o surto esquizofrênico, evitando com isso que o paciente seja amarrado evitando internamentos prolongados. Para ele, a Lei Paulo Delgado instituiu erradamente:

[...] o tratamento ambulatorial (hospital-dia), que só resulta para os casos menos graves, enquanto os mais graves, que necessitam de internação, não têm quem os atenda. As famílias de posses continuam a por seus doentes em clínicas particulares, enquanto as pobres não têm onde interná-los. Os doentes terminam nas ruas como mendigos, dormindo sob viadutos. É hora de revogar essa lei idiota que provocou tanto desastre.<sup>11</sup>

Este discurso, apesar de toda sua validade histórica e de grande importância ao intrincado debate não considera as inúmeras barbaridades encontradas nos hospícios em frequentes vistorias de grupos da luta antimanicomial. No Brasil, em 1978, surge o Movimento dos Trabalhadores em Saúde Mental (MTSM) engajados na luta pela melhoria das instituições psiquiátricas amplia o debate sobre o papel social da psiquiatria. Lançaram em 1987 a campanha “Por uma sociedade sem manicômios” e através de inúmeras atuações denunciaram as péssimas condições em que se encontravam os hospícios, muitos deles mantidos com consideráveis recursos públicos. Após inúmeras controvérsias e as evidências da precariedade do atendimento psiquiátrico, ganharia força o projeto de Lei de Paulo Delgado,<sup>12</sup> sancionada em 06 de abril de 2001, que propôs a substituição gradual do modelo tradicional psiquiátrico para os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). Tal mudança seria referência no mundo todo, acabando com a indústria da loucura como bem discute Paulo Amarante.<sup>13</sup>

---

<sup>11</sup> GULLAR, Ferreira. Campanha contra a internação de doentes mentais é uma forma de demagogia. **Folha de S. Paulo**, 12 abr 2009.

<sup>12</sup> CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Lei nº 10.216**. Brasília: 06/04/2001.

<sup>13</sup> AMARANTE, Paulo. **O Homem e a serpente** – outras histórias para a loucura e a psiquiatria. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996.

Nos anos de 1980 a historiadora Maria Clementina Pereira Cunha<sup>14</sup> escreveu importante obra sobre as condições em que viviam os internos do hospital Juquery, cidade de São Paulo, a maior instituição psiquiátrica da América Latina. Praticamente uma pioneira da historiografia brasileira a pesquisar os prontuários do hospício, seus relatos denunciam as condições de maus-tratos dos pacientes, dando-lhes identidade, revelando suas vozes esquecidas até então pela sua condição de enclausuramento.

Depois de Cunha inúmeros outros textos historiográficos foram produzidos, o estudo sobre a loucura no Rio de Janeiro com o hospício Pedro II, escrito por Magali Engel<sup>15</sup>, em Porto Alegre com a dissertação e doutorado de Yonissa M. Wadi,<sup>16</sup> entre tantos outros. Inúmeros outros enfoques surgiram, sempre discorrendo sobre a grande problemática envolvendo o tema, tais como a reforma psiquiátrica, a antipsiquiatria, modelos alternativos de tratamento, como foi o caso de Nise da Silveira e, neste caso, o envolvimento do espiritismo com a sanidade mental.

No percurso desta pesquisa, já aprovado em projeto de doutoramento foi que descobri a tese de Alexander Jabert<sup>17</sup>, defendida em 2008. Com as preocupações voltadas à cidade de Uberaba devido ao fato inusitado da instituição psiquiátrica possuir um médico espírita que defendia uma forma de tratamento alternativa, atrelado aos dogmas da religião, a minha tese foi pensar as práticas espíritas e o seu processo de legitimação, preocupações estas também levantadas quando eu ainda pesquisava outra instituição psiquiátrica espírita em Uberlândia, dissertação defendida em 2006<sup>18</sup>. Mesmo tendo conhecido a existência da tese de Jabert tardiamente, em 2011, a sua descoberta foi bastante significativa. Este trabalho se aproxima em diversas situações da tese de Jabert e certamente tal trabalho passou a ser uma

<sup>14</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. **O espelho do mundo – Juquery, a história de um asilo.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

<sup>15</sup> ENGEL, Magali Gouveia. **Meretrizes e doutores – saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890).** São Paulo: Brasiliense, 1988.

<sup>16</sup> WADI, Yonissa Marmitt. **Palácio para guardar doidos - uma história das lutas pela construção do hospital de alienados e da psiquiatria no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2002.

<sup>17</sup> JABERT, A. **A História de Pierina: subjetividade, crime e loucura.** Uberlândia: Edufu, 2009

<sup>18</sup> JABERT, A. **De médicos e médiuns: medicina, espiritismo e loucura no Brasil da primeira metade do século XX.** 2008, 308f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz, Rio de Janeiro, 2008

referência pra mim, ao mesmo tempo que tentei manter certo distanciamento tentando manter alguma originalidade.

A maneira como Roger Chartier trabalha o conceito de representação tecido também na relação produção/recepção. A realidade, segundo o autor, é conflituosa, há um constante choque no campo das representações, que é maneira pela qual as pessoas se situam no ambiente em que vivem. A preocupação deste autor é perceber como as atitudes, os embates, as disputas, mas também as alianças, as consonâncias, vão sendo geridas a partir do campo simbólico que se mistura com as ações, e como que as práticas culturais constroem uma representação deste vivido. E isso só é possível pelas resignificações e reapropriações recriadas a partir das relações que o historiador enxerga, ou interpreta. As práticas para Chartier estão na maneira de agir, também situadas no universo simbólico. A preocupação do autor é entender o período histórico que se situa o seu objeto, mas não só isto, apontar que a documentação não está congelada no tempo, ela é transformada, reapropriada mediante a recepção.

É possível pensar, a partir de Chartier, as práticas e representações culturais coladas às experiências concretas de vida dos sujeitos sociais. Neste sentido, os discursos são compreendidos como representações coletivas capazes de elucidar as tecnologias de poder, bem como as práticas e ações que remetem para o controle e a disciplinarização sociais, tanto quanto para as resistências à ordem instituída. Por este viés, o conflito entre visões de mundo diferenciadas e as múltiplas vivências possibilitam perceber as representações também como divergências, na medida em que expressam uma maneira própria de estar em sociedade, significar simbolicamente um estatuto e uma posição e, sobretudo, conferir uma identidade social.

Assim, se é evidente as relações de poder existentes dentro das instituições assistenciais, entre elas a manicomial, e os discursos elaborados em torno da loucura, é perceptível, por outro lado, as diversas táticas e maneira como as pessoas reelaboram àquilo que lhes foi imposto, aceitando e rejeitando normas, modificando-as. É nessa perspectiva que trabalha Michel de Certeau, refletindo que:

(...) Se é verdade que por toda a parte se estende e se precisa a rede de “vigilância”, mais urgente ainda é descobrir como é que uma sociedade inteira não se reduz a ela: que procedimentos populares (também “minúsculos” e cotidianos) jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los.<sup>19</sup>

Nas reflexões de Certeau, as pessoas (re)significam os valores impostos, ao mesmo tempo que parecem obedientes, subvertem, recusam e (re)criam suas expectativas e frustrações diante das experiências vividas. (Re)agem com o intuito de darem sentido às coisas que lhes cercam, à cultura que lhes rodeiam. São manifestações de aceitação e resistência ao mesmo tempo, reproduzindo os costumes da comunidade e recriando outras através de “táticas”, muitas delas inconscientes. *“Uma sociedade resulta, enfim, da resposta que cada um dá à pergunta sobre sua relação com uma verdade e sobre sua relação com os outros. [...] Uma sociedade sem verdade é apenas uma tirania.”*<sup>20</sup>

Antes que retomemos é necessário frisar que esta tese de doutoramento não tem a pretensão de condenar ou defender qualquer que seja os dogmas defendidos pelos espíritas. Estamos focando práticas e representações de um grupo social, sua relação com outros campos simbólicos para que seja possível compreender o seu processo de legitimação. Desta feita, este estudo reivindica pensar a cultura no plural como um processo coletivo e, claro, numa complexa produção de significados que inspira ações, construção teórica em que:

[...] a cultura não está mais reservada a um grupo social; ela não mais constitui uma propriedade particular de certas especialidades profissionais [...], ela não é mais estável e definida por um código aceito por todos”.<sup>21</sup>

Pensar a questão dos valores simbólicos na historiografia tem enriquecido sobremaneira as análises da documentação. A discussão sobre a religiosidade, as disputas pela imaginação social nos remete às inspirações de Baczko<sup>22</sup> e Bourdieu. Ambos questionam que toda prática emerge da concepção que temos do mundo. É a exteriorização da própria existência, o

<sup>19</sup> CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002, p. 41.

<sup>20</sup> Ibidem, p. 38.

<sup>21</sup> CERTEAU, A Cultura no Plural. Campinas, Papirus, 1995, p. 103-104).

<sup>22</sup> BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: **Encyclopédia Einaudi**. Porto: Casa da Moeda, 1986.

que a sua própria vida significa, relacionada com a imagem que se tem dos outros. Os processos de disputas entre espíritas e católicos/psiquiatras compõem um cenário de busca por legitimação social. Para Bourdieu<sup>23</sup>, os grupos sociais compreendendo as regras dinâmicas deste jogo procuram acumular capital simbólico como forma se serem reconhecidos, atraindo para si o estatuto de verdade. No espiritismo, a prática da caridade e a defesa da fé raciocinada ajudaria esta religião acumular capital simbólico, lhe conferindo poder. É por esta condição que se tem a legitimação do poder. Portanto, a imaginação social é uma das forças reguladoras da vida coletiva e o poder funciona como uma espécie de dispositivo para assegurar a legitimidade do imaginário social. O poder não o determina, mas se relacionam. O poder enfrenta o seu arbitrário dado que nenhuma sociedade é homogênea. Ao contrário, ela se apresenta de maneira contraditória, conflituosa.

Os artigos de imprensa, os livros dos memorialistas, as atas da câmara municipal, os processos de leis do executivo, as subvenções assistenciais, de forma secundária, permitirão compreender que discursos e representações foram criadas pela sociedade, possibilitando a institucionalização da loucura.

A discussão sobre imprensa também será valorizada com intuito, entre outros, de refletir acerca do lugar nela “conquistado” pelos adeptos do espiritismo e de como através dos jornais, especialmente, foi possível estabelecer seus espaços e se afirmar perante a sociedade. A imprensa terá, desta forma, uma contribuição relevante à propagação dos ideais espíritas. Segundo Capelato<sup>24</sup>, a imprensa quer passar uma ideia de neutralidade, “revelando” verdades, mas atua influenciando os comportamentos e impondo ideologias políticas. Os meios de comunicação de massa dispõem de fortes mecanismos de coerção forjadores de identidades, escondendo da sociedade que os consomem os conflitos que compõem o cenário social.

A tese está dividida em quatro capítulos, a preocupação primeira foi construir uma trama inspirado por Certeau, tal como o faz um artesão, tendo a preocupação de que a minha problemática de análise apareça o tempo todo.

<sup>23</sup> BOURDIEU, Pierre. **Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

<sup>24</sup> CAPELATO, Maria Helena. “Imprensa, uma mercadoria política”. **Histórias & Perspectivas**. Uberlândia: UFU, n.4, jan/jun., 1991.

De certo modo isso teria me escapado logo no primeiro capítulo, diante da necessidade que julguei apresentar ao leitor alguns aspectos da cidade de Uberaba. A licença foi necessária não para remontar a história da cidade tendo em conta os grandes acontecimentos, os seus heróis e pioneiros, ao contrário, valorizei, ao meu juízo, aspectos que ajudava refletir os projetos assistenciais lançados pelos espíritas e representantes políticos locais. O caminho traçado no primeiro capítulo foi pensar como a institucionalização da loucura se materializou na cidade uberabense, quais os grupos envolvidos, para quais finalidades serviam e a quem beneficiava. No primeiro capítulo discutir-se-á, fundamentalmente, os discursos produzidos pela cidade de Uberaba, que nos permitem perceber relações com o projeto assistencialista associado às práticas de intervenção do poder público para higienizar o espaço urbano. No contato com a documentação ficou evidenciado as muitas memórias produzidas na cidade, marcada pelas disputas, entrevendo a complexidade dos discursos produzidos neste campo de tensão, e como tais práticas possibilitaram a materialização de um projeto manicomial para tratar a loucura.

No segundo capítulo, ampliando a discussão de assistencialismo, mais especificamente ao tratamento da loucura, será discutido, com mais acuidade, a relação existente entre o espiritismo e a loucura. Uma rápida digressão será feita para compreendermos a instauração do espiritismo no Brasil, no intuito de compreendermos sua atuação em torno da caridade e seu processo de legitimação social, as disputas pela memória com outros grupos. Num segundo momento, poder-se-á investigar a atuação dos espíritas envolvidos em referência com as políticas assistencialistas. Conjeturar acerca dos significados elaborados pelos dirigentes kardecistas em torno da caridade, a sua inserção na cidade de Uberaba.

Sabemos que os grupos de filantropia e caridade atuam onde o Estado é omisso e negligente. Desse ponto de vista, faremos no capítulo três alguns apontamentos relacionados à situação da saúde brasileira, mais especificamente os inúmeros problemas enfrentados pelos uberabenses frente às epidemias e o ineficaz trabalho do poder público municipal. É a partir destas carências que podemos evidenciar a importância que assume as instituições religiosas assistencialistas, mais especificamente a espírita que atuará não

somente no tratamento à loucura, mas de inúmeras outras, tais como, orfanato, albergues, entre outros.

Ainda neste terceiro capítulo, num tópico seguinte, sempre pensando no processo de legitimação do kardecismo, importante debate entre ciência, psiquiatria e espiritismo. O que poderia representar intolerância e perseguição religiosa é na verdade táticas de disputas por reconhecimento social. Importante este diálogo para percebermos os atores sociais, suas posições de destaque na sociedade, tanto espíritas quanto médicos.

Finalmente no quarto capítulo, debruçaremos nos prontuários da instituição, mais especificamente, nos *históricos da doença*, ou *amneses*, parte contida na ficha de enfermos, que são relatos dos familiares dos que ali seriam internados. Neste capítulo, após as escolhas de casos representativos, discorreremos sob os diversos significados existentes acerca da loucura, fazendo possíveis contraposição com os diagnósticos e forma de tratamento aplicado na instituição. Este exercício de reflexão tende ampliar a compreensão da maneira como os internos viviam na instituição, permitindo ainda, construir uma narrativa mais dinâmica, valorizar as vivências destes internos, afastando com isso de uma reflexão fria, congelada, mórbida. A pretensão é dar visibilidade a estes sujeitos, fazendo aparecer suas vozes desafinadas com o padrão de normalidade imposto pela sociedade.

# **CAPÍTULO 1**

## **CARTOGRAFIAS DA LOUCURA NA CIDADE DE UBERABA-MG: INSTITUCIONALIZAÇÃO DA OBSESSÃO**

## 1.1- Uberaba: a consolidação urbana entre progresso e exclusão

O povoamento em Uberaba, região do Triângulo Mineiro, começou no século XVIII a partir de sesmarias ligadas à Capitania de Goiás, situado em região estratégica por caminhos que levavam do Rio de Janeiro à São Paulo e ao interior do país. Elevada à condição de vila em 1836 e de cidade em 1856, o município possuía neste período pouco mais de 2.000 habitantes, sendo que acima de ¼ eram constituídos por escravos<sup>1</sup>. Atualmente, o censo do IBGE de 2010 indica que o município tem 295.988 habitantes, valor questionado pela prefeitura que estima que tal número já ultrapassou os 325.280 habitantes.<sup>2</sup> Desta forma, Uberaba tornou-se também importante fornecedor de materiais que pudessem abastecer as lavouras de café, fornecimento de carne que pudesse abastecer os centros urbanos, especialmente o Rio de Janeiro. Cidades mineiras como São João Del Rey, Formiga, Araxá, entre outras, a exemplo de Uberaba, se destacaram também como entreposto.<sup>3</sup>

Como podemos observar, principalmente na metade do século XIX, conforme mapas abaixo, Uberaba foi erguida numa localização privilegiada interligando o interior aos grandes centros econômicos do país, tornando-se importante no desenvolvimento agropecuário e, consequentemente, agregador de inúmeros bolsões migratórios. Este povoamento tornou-se um entreposto

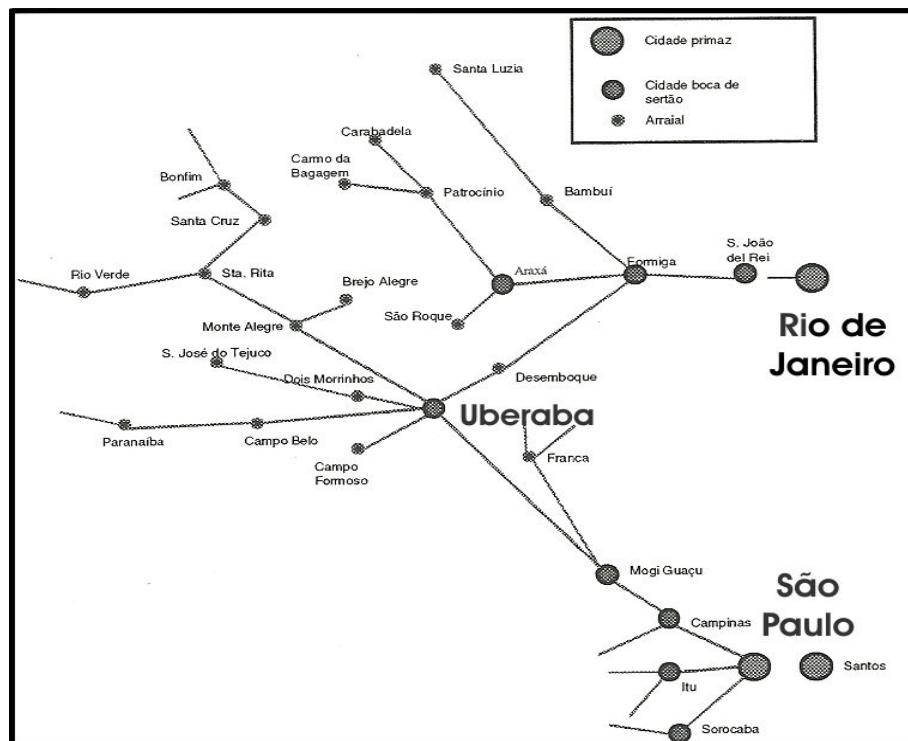
---

<sup>1</sup> Cf. REZENDE, Eliane Mendonça Marques. **Uberaba: uma trajetória sócio-econômica (1811-1910)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Goiás. 1983.

<sup>2</sup> Sobre a história memorialista de Uberaba e diversos trabalhos acadêmicos versando sobre o assunto vale conferir as obras que ressaltaram/contestaram a ideia de progresso, evolução, crescimento desta cidade como polo regional no Estado de Minas Gerais. EDELWEISS, Teixeira. **O Triângulo Mineiro nos Oitocentos**. Uberaba, Intergraff, 2001; MENDONÇA, J. **História de Uberaba**. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1974; PONTES, H. **História de Uberaba e a Civilização no Brasil Central**. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1978; SAMPAIO, A. B. **Uberaba: história. fatos e homens**. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1971; PRATA, Hugo. **Das Minas às Gerais: história, cultura e costumes de um povo brasileiro**. Uberaba: Ed. RR Donnelley, 2008; REZENDE, Eliane Mendonça Marques de. **Uberaba: uma trajetória sócio-econômica (1811-1910)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Goiás, 1983. RIBEIRO JUNIOR, Florisvaldo Paulo. **Os Batuques e trabalhos: resistência negra e experiência do cativeiro em Uberaba (1856-1901)**. Dissertação (Mestrado em História) São Paulo: PUC/SP, 2001; RÉDUA, Wagner César. **Catira: música, dança e poesia do mundo rural (Uberaba Século XX)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Uberlândia. 2010.

<sup>3</sup> LOURENÇO, Luis Augusto Bustamante. **A Oeste das Minas: escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista - Triângulo Mineiro 1750-1861**. Uberlândia: Edufu, 2005.

comercial, momento em que tropas passavam por ali levando as plantações de café vindas do interior paulista para o Rio de Janeiro.<sup>4</sup>



**Figura 1:** Intersecção das redes dendríticas brasileiras – Anos 1840.  
Apud: LOURENÇO, Luis Augusto Bustamante. Op. cit.

<sup>4</sup> LOURENÇO, Luis Augusto Bustamante. **A Oeste das Minas:** escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista - Triângulo Mineiro 1750-1861. Uberlândia: Edufu, 2005.



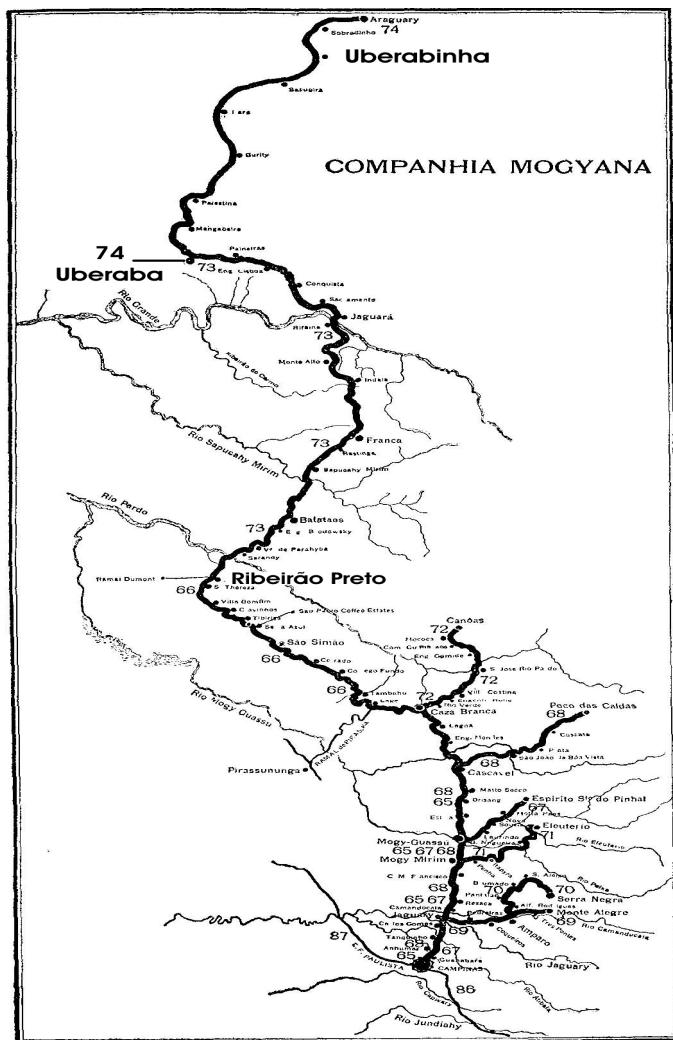
**Figura 2:** Principais estradas brasileiras (1832-1880) – Apud: LOURENÇO, Luis Augusto Bustamante. Op. cit.

Esta localização também advinha do entroncamento “entre dois sistemas dentríticos: o que partia de São Paulo e o que partia de São João Del Rei,”<sup>5</sup> justificando a sua denominação de *boca do sertão*. Tal fato ajudou a consolidar uma elite que tinha interesse pela facilidade de escoamento agropastoril, destacadas no mapa acima. A partir daí a história que há muito conhecemos, os índios da região são expulsos e mortos e instala-se latifúndios com o trabalho da mão de obra escrava. A memória histórica sobre os “pioneiros” e “desbravadores” überabenses rendem à Antônio Eustáquio a imagem de herói, o responsável pela instauração da civilização no local. Longe deste discurso ufanista, o projeto do governo Imperial de expansão do território brasileiro, ancorado pelo capital dos senhores de engenho tornaria esta região de Uberaba como ponto estratégico.

Outro fator indelével ao povoamento desta região foi a construção da linha férrea, ligando a região ao porto de Santos. Criada em 1872 a Companhia Mogyana de Estrada de Ferro chegou em Uberaba no ano de 1889,

<sup>5</sup> Ibidem, p. 339.

conectando regiões paulistas e mineiras, posteriormente chegando em terras goianas. Observando a constituição ferroviária não fica difícil perceber diante de condição geográfica privilegiada o estímulo migratório das mais diversas camadas sociais que escolheram as terras uberabenses para morar:



**Figura 3** – As linhas férreas da Companhia da Mogiana em 1898. Fonte: IBGE, I Centenário das Ferrovias Brasileiras. Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, 1954, p. 43.

Foi na década de 1940 que se observou a inversão da população entre o urbano e o rural, cujo número decresce no movimento mesmo em que o projeto de desenvolvimento nacional pressupunha não só a industrialização, mas também a interiorização do país. Idealizado por Getúlio Vargas como

“Marcha para o oeste”<sup>6</sup>, o Triângulo Mineiro foi “agraciado” como uma das base de apoio conhecida como *operação Roncador-Xingu*, advindo daí diversas obras federais como aeroportos, asfalto, hospitais, escolas, curtumes, serrarias, entre outros. As estradas, antes uma empreitada de empresários que cobravam pedágios – Companhia Mineira de Autoviação, com sedes em Uberaba, Uberlândia, Ituiutaba – tornaram-se a partir de 1950 investimento do Estado, sob a batuta de *Juscelino Kubitschek*.<sup>7</sup> Os caminhões e automóveis substituíram os carros de bois e boiadeiro e tropeiros. O sertão se modernizava.

Especialmente por sua condição de polo regional comercial, já a partir de 1940, Uberaba se tornaria referência na criação do gado Zebu lhe trazendo fama nacional e internacional. As décadas de 1950-1960 permitiram ao Triângulo Mineiro, especialmente Uberaba, se modernizar, haja vista que se no projeto governamental o Estado se propunha o desenvolvimento industrial e a internacionalização da economia brasileira, para tanto seria necessário investir no interior do país, criando infra-estrutura para descentralização e interiorização do capital. Lógico que Brasília foi fundamental para estabelecer o sentido dos fluxos econômicos. A partir daí, como afirma Guimarães:

[...] Embora Uberaba tivesse um aparelhamento educacional mais expressivo e de referência regional, faltava-lhe uma estrutura econômica de destacada centralidade, capaz de garantir-lhe uma posição favorável, seja frente à expansão da fronteira, seja frente à concorrência dos núcleos urbanos do interior paulista.<sup>8</sup>

Foi assim que Uberlândia, outra cidade triangulina, distante aproximadamente 113 quilômetros de Uberaba, se sobressaiu no contexto regional, mas, contudo, sem apagar a importância da terra do Zebu. Nas décadas de 1970, especialmente a partir do desenvolvimentismo militar, por

<sup>6</sup> Essa empreitada de Vargas tomou consistência a partir da criação da Fundação Brasil Central, cuja ideia era colonizar o interior do país, estabelecer suas bases como estratégia política de expansão da fronteira agrícola com sede em Goiás e no Triângulo Mineiro, além de interligar Minas, Goiás, Mato Grosso aos grandes centros produtores do país. Conferir: LENHARO, Alcir. **Colonização e Trabalho no Brasil**: Amazônia, Nordeste e Centro Oeste e Centro Oeste. Campinas/SP: Ed. da Unicamp, 1985.

<sup>7</sup> CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco. **Conciliação, Reforma e Resistência**: Governo, Empresários e Trabalhadores em MG nos Anos 50. Tese (Doutorado em História Econômica). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

<sup>8</sup> GUIMARÃES, Eduardo Neves. **Formação e Desenvolvimento Econômico do Triângulo Mineiro**: integração nacional e consolidação regional. Uberlândia: Edufu, 2010, p. 131.

meio do II Plano Nacional de Desenvolvimento que planejou o Projeto POLOCENTRO<sup>9</sup>, cujo objetivo era investir em terras do cerrado, tornando-os produtivos em grãos e pecuária para exportação, Uberaba tornou-se área prioritária. Tal projeto carreou muitos recursos financeiros para aqueles latifundiários que desta feita puderam investir em tecnologia, particularmente nas áreas de zootecnia, exportação de métodos contraceptivos e comercialização genética de gado refinado, cujo interesse do mercado internacional se mantém constante nos dias de hoje.<sup>10</sup>

Talvez, por isso, a própria industrialização se concentra em torno do agronegócio, com fábricas de fertilizantes, rações, equipamentos agrícolas. É maio o mês em que Uberaba ganha visibilidade nacional, quando da realização de Expo-Zebu, recebendo comitivas de todo o país e investidores internacionais, no entorno de rodeios, shows de música sertaneja, promovendo altas cifras em negociações deste mercado.

Os benefícios com o POLOCENTRO, apesar de não ter consolidado a reforma agrária tal como se previa no discurso, apenas concentrando mais renda, é possível afirmar que a região recebeu infraestrutura tal como eletrificação e telefonia rural, estradas, apoio da EMATER, construção de silos, armazenagem de grãos, escolas e postos de saúde rurais, além de fábricas de calcário, fosfato, ração situadas no campo. Desses “benesses” Uberaba participou de acordo com sua inserção na produção agropastoril do Brasil de então.

A seguir podemos ter a dimensão do crescimento da cidade de Uberaba:

---

<sup>9</sup> BRASIL - Secretaria de Planejamento (SEPLAN). **II Plano Nacional de Desenvolvimento**. São Paulo, Sugestões Literárias S/A, 1975.

<sup>10</sup> Conferir: SECRETARIA de Estado da Agricultura. **Síntese das Atividades de Desenvolvimento dos Cerrados – Polo Centro em Minas Gerais (1975-1979)**. Belo Horizonte, 1980. Para as áreas de apoio a produção no valor de 40% e 60% dos recursos para crédito rural. Conferir: PESSOA, Vera Lúcia Salazar. **Ação do Estado e as Transformações Agrárias no Cerrado de Paracatu e Alto Paranaíba-MG**. Tese (Doutorado em Geografia). UNESP, Rio Claro-SP, 1991.

Aspectos Demográficos da População de Uberaba: 1940 a 1980				
DADOS	ANO	URBANO	RURAL	TOTAL
Censo	1940	31.259	28.725	59.984
Censo	1950	42.725	26.954	69.679
Censo	1960	72.053	(*) 15.780	87.833
Censo	1970	108.259	16.231	124.490
Censo	1980	182.519	16.684	199.203

**Tabela 1** – Fonte: IBGE — Uberaba MG. 2004. (\*) o Distrito de Água Comprida foi emancipado.

Como podemos observar, desde o início do século XX Uberaba foi destaque como centro comercial, o mais importante da região triangulina, estabelecendo negócios inclusive com o mercado externo, ainda mais após a construção da linha férrea intensificando o crescimento urbano e propiciando a formação de uma estrutura política e econômica marcada pela desigualdade, determinantes para os inúmeros problemas habitacionais como a ausência de saneamento nas comunidades pobres e a propagação de moléstia infecto-contagiosas. Havia nesta cidade, nas denúncias muitas vezes exageradas nos periódicos locais, enormes contingentes de miseráveis. Evidentemente que as elites locais reivindicavam a extirpação das anomalias do centro urbano, promovendo um discurso contraditório em que, ao mesmo tempo, a cidade ordeira não poderia ser contaminada pelos mendigos. Diante deste contraste, Uberaba,<sup>11</sup> a partir deste imaginário elitista, era exaltada como município progressista, altaneiro, contraditoriamente contrastando com os inúmeros problemas sociais, denunciados pela classe jornalística, daí a necessidade desse grupo a condenação e o controle da mendicância. Não reivindicavam o fim da miséria ou projetos políticos que contestassem a desigualdade social, apenas queriam torná-las invisíveis. A urbe não poderia estar manchada pelas agruras da pobreza, tal como expressa este artigo:

O problema da mendicância em Uberaba tanto se agravou que, para a sua solução, tem-se necessidade imperiosa do concurso da delegacia de polícia.

<sup>11</sup> Era frequente a exaltação de Uberaba por parte da imprensa como da cidade mais importante da região, conforme podemos perceber neste artigo: “[...] o evoluir de nossa cidade foi constante, progressivo, rápido e seguro. Uberaba que parecia disposta a perpetuar a vida socegada (sic) e commodista de velha sertaneja, tomou de repente novos hábitos, deixou aquela morbidezza, e atirou-se resoluta e corajosamente à estrada do progresso, que perlustra com admirável perseverança.” (**Almanaque Uberabense**. Uberaba, 1903, p. 3).

[...] O ideal seria a internação dos mendigos, no asilo vicentino ou em outras casas da cidade, sendo-lhes garantida a assistência por aquela mesma sociedade. A regulamentação da mendicância em Uberaba, nessas condições, seria atribuída à Prefeitura, que pagaria as suas contribuições à Sociedade de S. Vicente de Paulo com a regularidade desejável e, si (sic) possível, aumentadas de acordo com as necessidades da mesma; pela polícia que proibiria terminantemente a mendicância nas ruas e pela Sociedade de S. Vicente de Paulo, que ficaria com a obrigação de asilar e alimentar os indigentes dignos desse auxílio.<sup>12</sup>

Pouquíssimos projetos políticos privilegiava o desenvolvimento social capaz de atender as populações pobres e miseráveis, tais como saneamento, educação e emprego, intensificando a exigência jurídica de medidas policiais e das autoridades políticas para coibir a circulação de pedintes nas áreas urbanas estratégicas. Em outro artigo a pressão da mídia impressa para a proibição da mendicância propunha que fossem encaminhados tais indigentes às organizações de caridade, a maioria delas, religiosas, como podemos ver a seguir:

Agrava-se dia a dia, nesta cidade, o problema da mendicância. O número de pedintes cresce de maneira assombrosa. Dando-nos as vezes a impressão de que o centro urbano de Uberaba transformou-se em um autêntico “pátio de milagres”. Apontamos o fato. Que as autoridades tomem as providências que a situação exige.<sup>13</sup>

Em diversos estados brasileiros, a partir do século XIX e com o crescimento das cidades, surgiram os Códigos de Posturas, ordenamento jurídico com o propósito de normatizar as relações sociais, impor regras de comportamento, higienizar as vias públicas, disciplinar o mundo do trabalho que emergia e evitar que nestes espaços urbanos proliferassem doenças infecto contagiosas. Intensificava-se neste período o deslocamento da população rural para as cidades e com isso consolidava-se a Medicina Social<sup>14</sup>, defendidas em teses médicas inferindo que a nação estava doente e precisaria urgentemente ser medicalizada. A miscigenação, a má alimentação, os desregramentos físicos e morais, na falta de educação formal, tudo isso

<sup>12</sup> O PROBLEMA da mendicância em Uberaba. Lavoura e Comércio. 6 abr. 1937.

<sup>13</sup> MENDICÂNCIA. Lavoura e Comércio, 15 set. 1958.

<sup>14</sup> FOUCAULT, Michel. O Nascimento da Medicina Social. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 1990

facilitava comportamentos desviantes impondo o traço de inferioridade brasileira.<sup>15</sup>

Na acepção de Paulo Prado a miscigenação “[...] veio *facilitar e desenvolver a superexcitação erótica em que vivia o conquistador e povoador, e que vincou tão fundamentalmente o seu caráter psíquico.*”<sup>16</sup> A própria maneira como se deu a colonização brasileira, neste imaginário científico da época, constituiu-se num problema, uma vez que no discurso político das elites republicanas a hibridação com o negro e o índio estabeleceria traços de inferioridade marcantes, impedindo o progresso da nação, sendo imprescindível o sistemático controle e ordenamento disciplinar.<sup>17</sup>

É nesta perspectiva que citamos os Códigos de Posturas de Uberaba elaborados na segunda metade do século XIX:

Art. 21. É proibido nas ruas, largos ou becos: Lançar animais mortos ou morimbundos.

Art. 23 § 1º Criar porcos nas ruas da cidade, ou cabras e outros animais danninhos.

§ 2º Deixar cavalos, egoas e gados [...] excetuando vacas leiteiras.

Art. 48. É proibido a estagnação de águas na frente das casas, nos quintais [...] serão punidos com multa de 10.000 Réis e de 15.000 na reincidência

Art. 50. É proibido dentro da cidade e povoações o estabelecimento de curtumes e fábricas de qualquer natureza que possam causar dano à saúde pública [...]<sup>18</sup>

Os Códigos de Postura uberabenses, nomeados de *Bem Viver*, impunham regras de condutas aos habitantes e as infrações resultariam em punições (multas ou prisões), sendo necessário, se preciso fosse, a participação da polícia, responsável em vigiar e impor as leis aos indivíduos que estivessem fora dos padrões estipulados. O objetivo era esconder da cidade, loucos, mendigos, prostitutas, ciganos, ébrios. Os Códigos de posturas

<sup>15</sup> MACHADO, Roberto. **Danação da norma.** Rio de Janeiro: Graal, 1978; COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar.** Rio de Janeiro: Graal, 2004; ROSEN, Georges. **Da Polícia Médica à Medicina Social.** Rio de Janeiro: Graal, 1979; NAVA, Pedro. **Capítulos da História da Medicina no Brasil.** Londrina-PR/São Paulo: Eduel/Oficina do Livro, 2003; SANTOS FILHO Lycurgo. **História Geral da medicina brasileira.** São Paulo: Edusp, 1991.

<sup>16</sup> PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 96.

<sup>17</sup> MACHADO, Maria Clara Tomaz. **A Disciplinarização da pobreza no espaço urbano burguês:** assistência social institucionalizada (Uberlândia – 1965 a 1980). Dissertação (Mestrado em História). Universidade de São Paulo/FFLCH, São Paulo, 1990.

<sup>18</sup> ATAS da Câmara Municipal de Uberaba 1857-1871. Disponível em: Arquivo Público Municipal de Uberaba, p. 265-278.

elaborados em todo país tentavam maquiar as desigualdades sociais e repreendia as lutas e contradições da urbe. Em Uberaba, as leis vigentes atuavam neste sentido, como podemos conferir:

Art. 67. É prohibido vagarem pelas ruas da cidade e povoações.

§ 1º Os loucos furiosos e perigosos.

§ 2º Os bêbados.

Os que forem achados em qualquer desses dous estados serão recolhidos em custódia, até que sejão reclamados pelos parentes, ou que passe a embriagues. (sic)<sup>19</sup>

É imprescindível a compreensão de que o sonho de cidade higienizada não se concretizou neste momento, apesar das tantas leis elaboradas para este fim, a ausência de projetos políticos para amenizar as desigualdades inviabilizou a obediência da lei. As próprias autoridades perceberam que se fossem seguir de maneira rígida as determinações legais facilmente a estrutura entraria em colapso. Os curandeiros, as parteiras, os benzedores se multiplicaram em um momento histórico que a medicina oficial era elitizada e escassa. O alcance e a compreensão das leis municipais e federal tinham como premissa que o seu alvo fossem de pessoas alfabetizadas, realidade bem distante nesta época. Daí a cobrança por parte da imprensa ser frequente sobre o problema da mendicância e, obviamente, a sua perpetuação.

Na primeira metade do século XX no Brasil, a popularização dos meios de comunicação como o rádio, a ampliação da sociedade de consumo, a urbanização e a industrialização em contradição ao mundo rural, os avanços tecnológicos e científicos, entre outros, ajudaram a elaborar discursos higienizadores sobre as cidades e Uberaba não estava distante disso. Se o discurso de ordem e progresso está presente nesta cidade desde a sua fundação, é a partir das décadas de 1940-50 que se intensifica os projetos voltados à medicina social, época em que muitos estão vislumbrados com a possibilidade de consumir diversos eletrodomésticos, aparelhos eletrônicos; o início do processo de expulsão do camponês para a cidade, a consolidação dos grandes latifúndios produzindo comida em escala elevada; o desenvolvimento da indústria farmacêutica com a criação de vacinas e antibióticos, a descoberta de cura da tuberculose, da hanseníase, da paralisia

---

<sup>19</sup> ATAS da Câmara Municipal de Uberaba. Op. cit., p. 265-278.

infantil, mesmo que a maior parte da população não desfrutasse destes avanços, o sonho de consumo iria promover transformações profundas no comportamento urbano.<sup>20</sup>

É inconteste de que a cidade é um espaço marcado pelas contradições, disputas, ainda que a imprensa reivindica que a imagem de cidade modelo. O conceito pensado por Foucault<sup>21</sup> acerca da disciplinarização do espaço urbano ainda representa grande valia para este trabalho, nos permitindo enxergar um outro universo que se desvela diante do avanço científico, da ideia de progresso amparada pelo cartesianismo. A sociedade burguesa foi eficiente na construção de discursos capazes de forjar saberes em torno do que consideravam anormais<sup>22</sup>, utilizando-se de técnicas com a finalidade de medicalizá-los. Diferentemente do que ocorreu na França e em boa parte da Europa, a produção destes discursos, que funcionaram como âncora para as teorias eugenistas e higienistas, não determinaram os modos de vidas dos brasileiros, uma vez que o poder de atuação dos médicos era ainda insipiente, num país com altos índices de analfabetismo. As teorias médicas ainda que na maioria das vezes não fossem questionadas, não obtiveram sucesso esperado na sua aplicabilidade, como podemos ver nesta matéria:

A falta de higienização está apavorando a população uberabense. Dia a dia, os consultórios médicos se enchem de doentes portadores de infecções de origem hídrica e o obituário começa a assustar os habitantes da cidade. [...]

A responsabilidade da perda de vidas e de gastos pecuniários cabe inteiramente ao Sr. Prefeito deste minicípio! [...]

O prefeito de Uberaba é o único responsável pela falta de higiene reinante em nossa cidade [...]<sup>23</sup>

Fica evidente também que tais denúncias levam em conta o efeito que se espera de um artigo publicado em um periódico, utilizando-se de termos sensacionalistas, alarmantes, quando for conveniente, produzindo efeitos que se espera. Se na historiografia as discussões sobre a parcialidade do

<sup>20</sup> MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). **História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

<sup>21</sup> FOUCAULT, Michel. Nascimento da medicina social. **Vigiar e punir – história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1977. FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

<sup>22</sup> FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

<sup>23</sup> A HIGIENIZAÇÃO da cidade. **Gazeta de Uberaba**. 11 nov. 1934.

documento histórico, inclusive os textos jornalísticos, estão superadas, é indubitável que tais intervenções da imprensa dependeriam do jogo político do momento, se tal jornal era oposição ao prefeito, a qual grupo estaria atrelado. Evidenciado isso, podemos perceber em outro jornal, alguns anos adiante, percebemos denúncia semelhante.

Por mais incrível que isso pareça, tendo-se em vista a rigorosa fiscalização municipal e do Centro de Saúde Estadual aqui existentes, em pleno perímetro urbano, em Uberaba, ainda havia e ainda há quem se dedique à criação de porcos...

A fiscalização da Prefeitura, reiteradamente, descobre, mesmo em residência de frontispício apalaçado, um chiqueiro nos fundos do quintal. Nesses casos, o animal encontrado é apreendido e o dono do mesmo punido com multas severas.<sup>24</sup>

As leis que impõem comportamentos não são capazes de resolverem as contradições urbanas e o intento de promover a disciplinarização do espaço citadino fracassa, se não houver políticas de amparem as camadas mais pobres. O judiciário, os médicos, os empresários, o poder público criam mecanismos de controle social, tentam aplicá-los e até punem os infratores e, no entanto, as contradições não são amenizadas. Em outro artigo volta-se a questionar o motivo pelo qual a mendicância é permitida diante de aparatos legais que a condenam:

A diretoria da Sociedade de S. Vicente de Paulo e a Prefeitura celebraram um acordo, mediante o qual a primeira ficaria, em virtude do pagamento pontual das subvenções que, nos orçamentos, aqueles tempos, lhe eram consignadas com a obrigação de asilar todos os Indigentes da cidade, dignos dessa providencia e de fornecer assistência completa aos demais que pudessem ficar em casas dos subúrbios.

A polícia também entrou nessa combinação, ficando com o encargo de deter todos os pedintes encontrados nas ruas da cidade, de conduzi-los à presença da sociedade vicentina, para as necessárias providências.

Essa combinação tão feliz, produziu os melhores resultados, tendo conseguido livrar a cidade de um aspecto lamentável e deprimente, com as suas ruas cheias de indigentes, muitos dos quais ostentando terríveis feridas ou, então, cheias de meninos, da mais tenra idade, mandados esmolar por pais inescrupulosos.

Esse aspecto, infelizmente, voltou a imperar em nossas ruas. Diariamente, estas se enchem de pedintes, vindos dos subúrbios, todos éles com a mesma voz lamuriosa, implorando esmolas dos que

---

<sup>24</sup> EM DEFESA da higiene pública. **Lavoura e Comércio**. 15 abr. 1937.

passam. E nesse rebanho de infelizes estão crianças que a sociedade tem o dever imperioso de proteger.<sup>25</sup>

Nesse discurso, as administrações públicas seriam negligentes no que concerne à aplicação da lei e fundamentalmente por não conseguir resolver a grande contradição estabelecida pela injustiça social. As casas de caridade mesmo sendo ineficientes e incapazes de assistir a pobreza, são fundamentais para os anseios do Estado e as elites como dispositivo de ordenação e limpeza do espaço urbano, medidas que funcionam não para amenizar a miséria, mas evitar a sua exposição ao espaço público. As disputas pela memória se fazem presente o tempo todo e isto está evidenciado nas documentações, como neste trecho jornalístico que faz menção à moral e os bons costumes:

A polícia precisa dar uma batida, tardes horas da noite, no jardim da praça Afonso Pena. Inúmeras famílias residentes à praça Afonso Pena, nesta cidade, mandaram pedir ao “Lavoura e Comércio” para publicar uma reclamação, dirigida especialmente à delegacia de polícia local, contra os inomináveis abusos de que está sendo cenário a praça Afonso Pena. Naquele jardim, às primeiras horas da noite juntam-se pares amorosos e por ali ficam em cenas [...] que atentam contra a moral da vizinhança. Nestes últimos tempos, no carnaval, então, a causa chegou a um termo tal que está exigindo uma medida policial repressiva.<sup>26</sup>

Não somente as questões sobre a mendicância, outras tidas por imorais também foram tratadas como caso de polícia. Nas entrelinhas dos discursos higienizadores se entrevê que o espaço central da cidade, cenário do progresso, do comércio, da igreja, da praça em torno do qual os casarões se impõem estava sendo violado. Reduz-se que quem pratica tais atos obscenos são jovens da classe endinheirada que não deveriam se expor de tal forma, uma vez que se fossem os pobres sofreriam a repressão policial. Certamente as regras de condutas não são liberadas para os mais ricos, as famílias das elites locais repreendiam seus filhos exigindo comportamento exemplar, muitas das vezes ameaçando-os, inclusive, de uma internação manicomial.

Em Uberaba entre os jornais e periódicos disponíveis à população, destaca-se os, *Gazeta de Uberaba*, *Jornal de Uberaba*, *O Triângulo*, *Lavoura e Comércio*. Entre os católicos é destaque o *Correio Católico* e no universo

<sup>25</sup> *Lavoura e Comércio*, 8 jan. 1937.

<sup>26</sup> *Lavoura e Comércio*, Uberaba, 22 mar. 1933.

espírita, o semanário *A Flama*. A linha editorial destes veículos de informações, exceto os religiosos, eram muito próximas, evidentemente, dentro de um ideário burguês de ordem e progresso. O mote era denunciar a pobreza, sem, no entanto, discutir a enorme desigualdade social que espreitava os seus moradores. Versavam sobre o aspecto da higienização urbana, porém não se referiam aos gastos da prefeituras que deveriam priorizar as camadas mais pobres através de políticas sociais. Na linha editorial dos jornais religiosos o apelo à moralidade estava ainda mais evidente, como podemos observar neste artigo:

Os três fatores principais da perdição da sociedade atual, ninguém contesta, são o cinema, a moda e o baile.

O cinema é a escola que tem corrompido as crianças e as mocinhas, tirando-lhes a inocência e ensinando-lhes como se perde aquela jóia que se chamava, outrora, “vergonha”, quando o ouro era ouro, o cobre era cobre.

O menino aprende no cinema a arte de furtar por processos modernos, aprende a ser peralta, imoral, a ser filho desobediente, incorrigível.

A mocinha, no cinema, instrue-se na arte do namoro, aprende a ser vaidosa, como se conquista e procede livremente, quando namorada, noiva e esposa; aprende o que vem a ser sedução, adultério, a desrespeitar o público: e aprende, finalmente, como se deve seguir essa moda imoral, corruptora do lar e da sociedade, que se diz moderna e civilizada.

E o baile? Ah! Esse monstro social arrasta a muitas probrezinhas à perdição e à miséria. Dançar, como hoje se dança, quase nuas, agarradinhas, nada mais inocente, dizem elas...

O cinema, a moda e o baile, são os três fatores principais da corrupção social.<sup>27</sup>

Muitos dos artigos atentavam para valores e comportamentos cristãos outrora entrelaçados com a cultura burguesa ocidental. Condenações à vida boêmia, vagabundagem, ressaltar o machismo e delinear o restrito papel social da mulher eram frequentes. No meio espírita não era muito diferente, apesar de mais liberal, condenava-se o uso do álcool, as festas carnavalescas, o jogo, a prostituição e seus textos eram os que mais se aproximavam da imprensa laica. A diferença dos conteúdos destes periódicos não estavam tão distantes, mesmo com linhas editoriais divergentes, todos promoviam um discurso

---

<sup>27</sup> SEMPRE Alerta. Correio Católico. Uberaba, 6 nov. 1943.

disciplinarizador, defendiam comportamentos voltados ao mundo do trabalho, como podemos ver a seguir:

Para Mulher: o valor do silêncio.

Faz parte da religião, da boa conduta, do bom senso e da moral, guardar silêncio em muitas ocasiões. [...] Urge termos como norma não falar mais que o necessário. O excesso de palavras impede a paz e conspira contra a felicidade.<sup>28</sup>

Nas questões de gênero, a partir deste imaginário machista onde as relações de poder se estabelecem, cabe à mulher promover a paz. Para isso, se supõe bom senso, resguardo da moral e como guardiã do lar, tal como numa clausura, se supõe o silêncio.<sup>29</sup> Como afirma Puga:

[...] Na história da sociedade cristã, as mulheres são vistas como sedutoras, indutoras do pecado original, vinculados à imagem de Eva; no imaginário popular ainda persiste este preconceito contra a figura feminina. Sendo a religião uma das bases do patriarcalismo, algumas de suas características persiste até hoje. [...] Nessas práticas, [...] constatavam-se relações sociais diferenciadas entre os sexos, bem como significados que legitimam ou repudiam certos atos contidos nessas relações de poder.<sup>30</sup>

Na mesma linha moralista, outro artigo católico:

Já é lugar comum dizer que o reiterado aumento de salários não é solução para a contínua ascensão do custo de vida. Os lugares comuns, entretanto, guardam verdades ocultas de que, em geral, não se faz caso. Aqui, por exemplo, não vamos salientar a importância dos salários para atalhar a escalada rápida dos preços. Desejamos lembrar que o salário sendo um valor não é, contudo, o único, dele não se pode esperar tudo e nem todas exigências da natureza individual e social do homem, podem ser atendidas por ele. [...] A doutrina social católica exige salário ou valor equivalente que baste para o sustento do operário e sua família, educação dos filhos, moradia, saúde, descanso e conforto razoáveis, mas não justifica a exigência de salários imoderados ou onerosos para a comunidade civil que vão ser carreados para o jogo, vaidade ou empregados em necessidades artificiais despertadas propositadamente pelas empresas (sic) modernas.<sup>31</sup>

<sup>28</sup> PARA Mulher. Correio Católico, Uberaba, 5 nov. 1949

<sup>29</sup> Para aprofundar sobre o assunto, conferir: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Raquel (org). Corpo Feminino em Debate. São Paulo: Unesp, 2003; PUGA, Vera Lúcia. Violência de gênero. In: MACHADO, Maria Clara Tomaz; LOPES, Valéria Maria Q. C. Caminhos das Pedras: inventário temático das fontes documentais (Uberlândia 1900-1980). Uberlândia: Edufu, 2008.

<sup>30</sup> PUGA, Vera Lúcia. Paixão, sedução e violência (1900-1980). Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 1998, p. 77 e 211.

<sup>31</sup> ARDUINI, Padre Juvenal. Aproveitamento do Salário. Correio Católico, Uberaba, 4 dez 1948.

O combate do catolicismo à usura, ao lucro, além do apelo à resignação, como é bem conhecido na historiografia, naturalizando as desigualdades, a pobreza, segundo este campo simbólico, não é uma crítica às elites financeiras, aos ricos que “empregam bem” o dinheiro, àqueles que garantem empregos à população ao invés de gastar com prostituição e bebedeiras, oferecendo ocupação à classe operária tão carente de disciplina. Nesta cultura do mundo do trabalho a moral cristã e o pensamento liberal se aproximam de maneira a garantir a perpetuação dos modos de produção. No jornal de maior circulação é publicado:

A POLICIA PRECISA FISCALIZAR A SAHIDA DAS SESSÕES CINEMATOGRAPHICAS –

A saída das sessões dos cinemas de Uberaba está necessitando de um reparo policial. Os espectadores sabem e se aglomeram em frente à porta, olhando o pessoal que vem sahindo, e ali ficam impedindo o transito dos demais. (...) Querem, então, que o sr. cap. Reynaldo Oscar de Almeida determine à guarda civil uma espécie de “circulez”, que evite esse aspecto nada lisongeiro (sic) para os nossos foros de cidade civilizada.<sup>32</sup>

Aqui é perceptível o controle social que atravessa a moralidade, os costumes se deslocam do lar, espaço privado, para as sociabilidades públicas. Mesmo aqueles que não frequentam o cinema ajudam a constituir os dispositivos de disciplinarização do espaço, denunciando o comportamento tido como imoral e a indumentária dos de dentro, e, por isso, reivindicam a atuação policial como mantenedora da ordem, eficiente para fiscalizar, evitar conversas, fofocas, namoricos, etc.

A perspectiva ética e a prática do bem para esta sociedade estão relacionadas ao que chamam de bom comportamento, à resignação e não em ações voltadas ao bem comum, atitudes que por fim objetivam a exclusão social. Amenizar o sofrimento é um valor defendido somente quando apresenta cunho assistencialista e não interfira na distribuição de renda, enfim, no *status quo*. A pobreza está relacionada ao mérito e nisto o cristianismo converge com o pensamento liberal burguês. Se determinados indivíduos encontram-se na miséria, o fruto de seu fracasso está relacionado à sua incompetência ou inabilidade em conseguir o seu sustento. Desse ponto de vista, a sociedade se

---

<sup>32</sup> COLUNA Boca do Povo. **Lavoura e Comércio**. Uberaba, 14 mai. 1930.

encontra desestruturada pela falta de educação de seus cidadãos, sendo urgente a aplicação de mecanismos punitivos. Interessante que o homem culto, instruído, é o que se adapta ao sistema vigente, afeito ao mundo do trabalho e que, acima de tudo, naturaliza a contradição e a desigualdade. Este universo normatizador e disciplinar que formam estes valores morais defendidos pelas instituições religiosas e também pelas elites são discursos poderosos, travestidos de científicidade, imersos em relações complexas de saber e poder, que constituem práticas sociais.<sup>33</sup> Vejamos esta matéria:

Quando para nada servisse a estatística, a célebre estatística municipal, ao menos fez certas revelações interessantes. O município de Uberaba conta atualmente com população de cerca 33.500 habitantes. São 23.500 brancos, 6.500 pardos, 3.500 negros. Dos 33.500 habitantes subtraindo 7.000 crianças de menos de 6 anos, sobra uma população de 26.500 pessoas. Destes 18.000 não sabem ler, restando 8.500 que gozam deste benefício. No município de Uberaba pois 70% de sua população é analfabeto. Em se tratando da principal cidade do Triângulo Mineiro esta cifra é desalentadora. Pode-se objetar que aqui, como nos Estados Unidos, a população negra, que não freqüentou ou pouco freqüenta a escola, avulta bastante a porcentagem dos analfabetos.<sup>34</sup>

Estes discursos são constantes na imprensa, a conclusão de que os distúrbios sociais se justificam pela ignorância da população, da sua falta de escolaridade. Percebe-se a construção discursiva de que determinadas condutas são explicadas cientificamente, portanto irrefutável, instrução que leva à disciplina, que os tornem capaz de obedecerem um conjunto de regras. *“Descrever uma formulação enquanto enunciado não consiste em analisar as relações entre o autor e o que ele disse [...] mas em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser seu sujeito.”*<sup>35</sup> Ao refletirmos sobre um discurso nos deparamos com um lugar de sua dispersão e de sua descontinuidade e não a manifestação de um sujeito em si, alguém iluminado, detentor do conhecimento, porque através dele outros enunciados aparecem. *“É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos.”*<sup>36</sup> (FOUCAULT, 1986, p. 61-62)

Esses lugares sociais distintos são marcados não apenas pelos

<sup>33</sup> FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

<sup>34</sup> CAMARA, Silvio. Analphabetismo”. **Gazeta de Uberaba**, Uberaba, 28 nov. 1909.

<sup>35</sup> FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Op. cit., p. 109.

<sup>36</sup> FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Op. cit., p. 61-62.

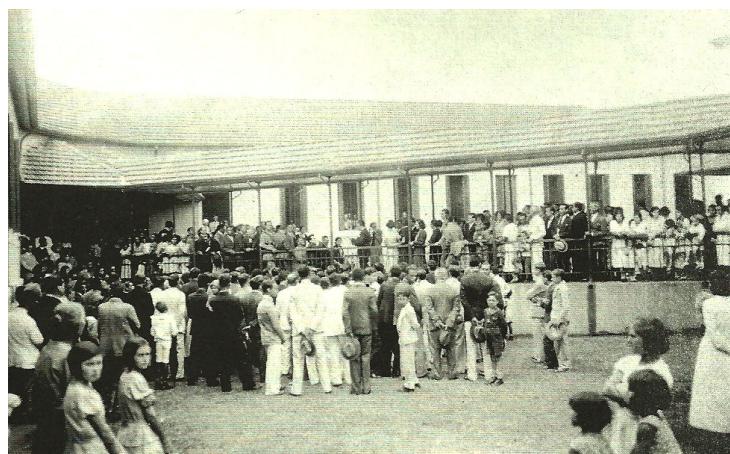
discursos, mas sobretudo por práticas sociais que delimitam o aceitável dentro das regras e condutas. Por isso, as décadas de 1940 a 1960 (re)significam a caridade por meio da filantropia, uma forma racionalizada de resolver os problemas atinentes à miséria social, agora com objetivos, metas, espaços delimitados para corrigir os desvios sociais. Desta forma, leprosários, preventórios, dispensários, patronatos para menores filhos de trabalhadores, asilo para velhos, manicômios para os loucos, intentavam abrigar camadas da população excluída do mundo do trabalho formal.

### 1.2- O surgimento do Sanatório Espírita de Uberaba.

Dentre os inúmeros projetos higienizadores promovidos pela institucionalização da assistência social, um deles se destacaria entre as obras mantidas pelas entidades espíritas, dando visibilidade aos feitos desta religião em Uberaba. O Sanatório Espírita de Uberaba (SEU) foi inaugurado em 31 de dezembro de 1933 por espíritas, frequentadores da casa kardecista mais antiga da cidade, o *Centro Espírita Uberabense*. A partir de 1919 foi intensificada uma campanha para angariar fundos em prol da construção de um hospício na cidade Uberaba, com arquitetura arrojada, própria dos asilos existentes em outros locais. A ideia da construção de uma instituição asilar espírita para abrigar a loucura se deu em 1925, em 1927 a pedra fundamental é lançada pelos pioneiros do espiritismo da cidade, dentre eles, Maria Cravo Modesto, pessoa que tomará à frente da administração após a inauguração e lá permanecendo até meados de sua morte, em 1964.



**Imagen 1** – Inauguração do SEU. Fonte: Arquivo do SEU, 1933.



**Imagen 2** – Inauguração do SEU. Fonte: Arquivo do SEU, 1933.

Pelas imagens acima nota-se que a inauguração do Sanatório Espírita de Uberaba foi um evento comemorada pela sociedade uberabense. As fotografias de época sugerem mais de uma centena de pessoas em roupas de gala, terno e gravata, policiais fardados, fotógrafos. Com certeza foi um acontecimento social. A longa varanda que circunda o prédio deixa entrever as janelas de algumas celas cercadas por grades. As pessoas cercaram o lugar e o seu pátio ouviram discursos políticos e religiosos. A envergadura do prédio com seus telhados com muitas águas denunciam a obstinação à época em investir numa construção sólida, elaborada, provavelmente<sup>37</sup> por um projeto arquitetônico detalhado, preocupado com sua estética e materiais de boa qualidade, mesmo considerando um padrão arquitetônico asilar naquele tempo em todo o país merece destaque a imponência do prédio, com suas diversas alas, dimensão do terreno, quintal e áreas de plantio para hortas, árvores frutíferas, entre tantas outras.

Percebe-se que à princípio essa instituição foi o resultado do investimento da sociedade espírita de Uberaba, com o auxílio e o apoio, evidente, do poder público local. Tal constatação se ancora no fato de que a política pública de saúde no Brasil se delineia e se consuma por meio do primeiro governo Vargas, daí uma série de construções de leprosários, preventórios, hospícios, hospitais públicos, os já existentes eram de iniciativa

<sup>37</sup> É necessário esclarecer no Arquivo Público de Uberaba não possui todos os exemplares dos jornais. No ano de 1933, data da inauguração do SEU não há exemplar de nenhum deles, exceto o periódico católico “Correio Católico”. Todo o acervo do jornal **Lavoura e Comércio** foi vendido para a Universidade de Uberaba (UNIUBE), estando indisponível para consulta.

de grupos religiosos ou civis como o Rotary, Lyons, entre outros. Assim, até a década de 1930 pouquíssimos foram os investimentos públicos em área de saúde e assistência social. Por tal fato deduz-se que as elites e intelectuais espíritas em Uberaba, mesmo frente a visível oposição da Igreja Católica, tinha respaldo e o apoio político para essa empreitada.

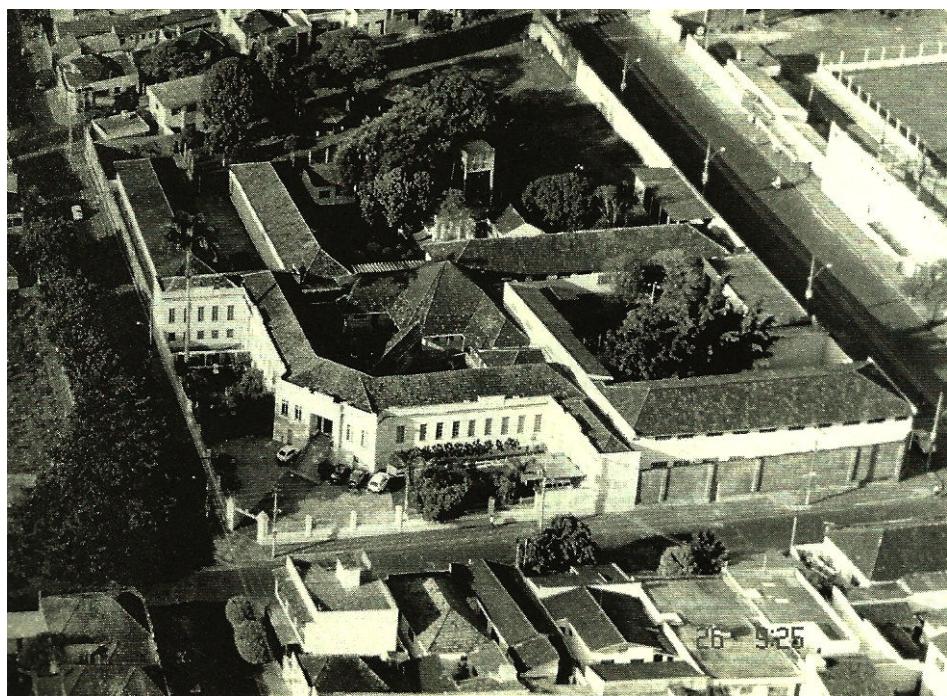
Dessa forma, a construção do SEU também era uma resposta às críticas e denúncias veiculadas pelos discursos das elites por meio da imprensa, responsabilizando o poder público e as autoridades policiais pela espetacularização da loucura, de seus hábitos e “gestos (i)morais” que nessa visão comprometia a ideia de uma cidade progressista e civilizada. De 1933 para diante, não somente os portadores de transtornos mentais, mas os bêbados, desempregados, boêmios e todos aqueles fora do controle social, passavam a ser disciplinados, escondidos e tratados em lugar que lhes parecia adequado.

A instituição possui 6 mil metros quadrados de área construída num terreno de 10 mil metros quadrados, isso equivale a um quarteirão inteiro, com 3 pavilhões originalmente, após uma reforma passou a ter 5, com 2.500 m<sup>2</sup> de construção coberta. Ainda hoje, o hospital é o mais importante da cidade, utilizando-se da terapêutica biológico-medicamentosa, da psicoterapia individual e grupal, bem como da terapêutica espírita.<sup>38</sup> Num levantamento inicial que vai até 1983, passaram pelo SEU 24.4727 internos.<sup>39</sup>

---

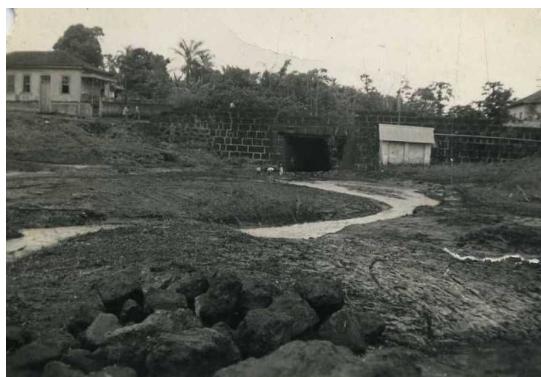
<sup>38</sup> FERREIRA, Fátima. **Inácio Ferreira**: referência e irreverência. Belo Horizonte: Inede, 2008, p. 38.

<sup>39</sup> BACELLI, Carlos. **O Espiritismo em Uberaba**. Uberaba: Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1987.



**Imagen 3** – Vista aérea atual do Sanatório Espírita de Uberaba (2004).  
Fonte: CECÍLIO, Iracy. **Recordações de Modesta**. Belo Horizonte: Inede, 2007, p. 40)

Nesta cidade, como em várias localidades do país, é marcante o fato de inúmeros hospícios terem sido planejados e mantidos por militantes do espiritismo. A doutrina espírita se destacaria pelo interesse no tratamento à loucura, fundando em diversas cidades brasileiras instituições psiquiátricas. Em Uberaba a escolha do terreno para a construção do SEU foi em um lugar afastado da região central. Vejamos a sequência de imagens:



**Imagen 4** – Av. Leopoldino de Oliveira  
- Córrego das Lajes. Fonte: Arquivo  
Público de Uberaba. 05/03/1938



**Imagen 5** – Av. Leopoldino de  
Oliveira - Córrego das Lajes. Fonte:  
Arquivo Público de Uberaba.  
05/03/1938

Apesar do arrojado projeto arquitetônico para uma cidade de pequeno porte como Uberaba, observa-se nas imagens 6 e 7 que o manicômio ocupava a periferia da cidade, em fins dos anos 1930. Fica evidenciado o ambiente rural do bairro, pouquíssima habitada, ausência de ruas e de rede de água e esgoto, um lugar ermo por onde percorria um córrego, hoje canalizado, tornado via pública de importância no cenário urbano uberabense. Atualmente esta região ocupa lugar privilegiado, perto da Avenida Leopoldino de Oliveira, uma das avenidas mais importantes de Uberaba, dividida em duas vias, com canteiros centrais, belas árvores, por onde se distribui casas de comércio, bancos, restaurantes, lanchonetes, lotéricas, igrejas e ainda alguns casarões.

Interessante o uso desta *figura 8* para ilustrar o local em que foi construído o Sanatório. A imagem é de 1938, aproximadamente cinco anos após a inauguração do SEU, ficando evidente a proposta das ideias sanitárias de segregação dos que ali ficariam internados. Não bastasse o enclausuramento, isolar para medicalizar, como atesta Foucault<sup>40</sup>, imprescindível foi esconder os tidos anormais da sociedade sadia. Esta prática foi bastante comum no Brasil quando pensamos o processo de elaboração de instituições asilares.



**Figura 4** – Mapa de Uberaba. Fonte: Google.

<sup>40</sup> FOUCAULT, Michel. **Doença mental e psicologia**. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1984; FOUCAULT, Michel. **O Nascimento da Clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

O SEU que fora inaugurado com 60 leitos, através de contribuições da comunidade espírita, possui hoje a capacidade de 160 pacientes, todos eles atendidos pelo SUS e, nela trabalham aproximadamente 90 funcionários. Desde o final da década de 1970 o SEU recebe recursos públicos federais e após a implementação da Lei Paulo Delgado,<sup>41</sup> sancionada em 06 de abril de 2001, lida apenas com casos crônicos que carecem de internação. Todos os pacientes internados recebem alta em até 60 dias e é pago pelo SUS uma diária de R\$ 49,00 por pacientes internados. Atualmente toda a receita gira em torno de R\$ 200.000 para pagar a folha de pagamento dos empregados, medicação, comida, entre outros.<sup>42</sup>

A religião espírita tivera uma enorme preocupação no tratamento da loucura, uma vez que entre sua defesa doutrinária, acredita-se que a doença tem, na imensa maioria dos casos, origem espiritual, seja de cunho obsessivo, quando um espírito exerce forte influenciação ao doente encarnado ou por questões kármicas. Para além disso, a atuação desses religiosos destinava-se ao tratamento de doenças que a medicina convencional não assistia ou que fosse incapaz de estabelecer cura. Até o segundo quarto do século XX os espíritas construíram e administraram diversos hospícios por todo o país.

Em Uberaba, como podemos verificar nas figuras a seguir (10 e 11), a fachada da instituição é bastante semelhante ao outros manicômios brasileiros, sejam eles espíritas ou não. Os exemplos encontrados nos permite pensar numa uniformização da arquitetura asilar tendo como referência os parâmetros do *Panóptico* de Jeremy Bentham<sup>43</sup>. Não somente isso, os manicômios espíritas aqui observados, todos eles ocupando vasta área, possuem na entrada principal um pórtico que triangula em duas, abrigando de imediato o setor administrativo que do lugar onde se estabelece tem pleno domínio do interior cuja estrutura lembra o corpo de um avião, distribuído por alas, alojamentos, refeitórios, lavanderias, intercaladas por pátios internos que separam homens de mulheres, os mais perigosos dos mansos.

---

<sup>41</sup> CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Lei nº 10.216**. Brasília: 06/04/2001.

<sup>42</sup> Estas informações foram obtidas através de depoimento de Márcio Roberto Arduini é diretor administrativo do Sanatório Espírita de Uberaba, concedido a mim em novembro de 2012.

<sup>43</sup> BENTHAM, Jeremy. **O Panóptico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.



*Imagen 6* – Sanatório Espírita de Uberaba. Fonte: Disponível em: <<http://www.uberaba.com.br/uberaba/uberaba.cgi?flagweb=mostrafoto&codigo=14>>. Acesso em: 11/06/ 2012.

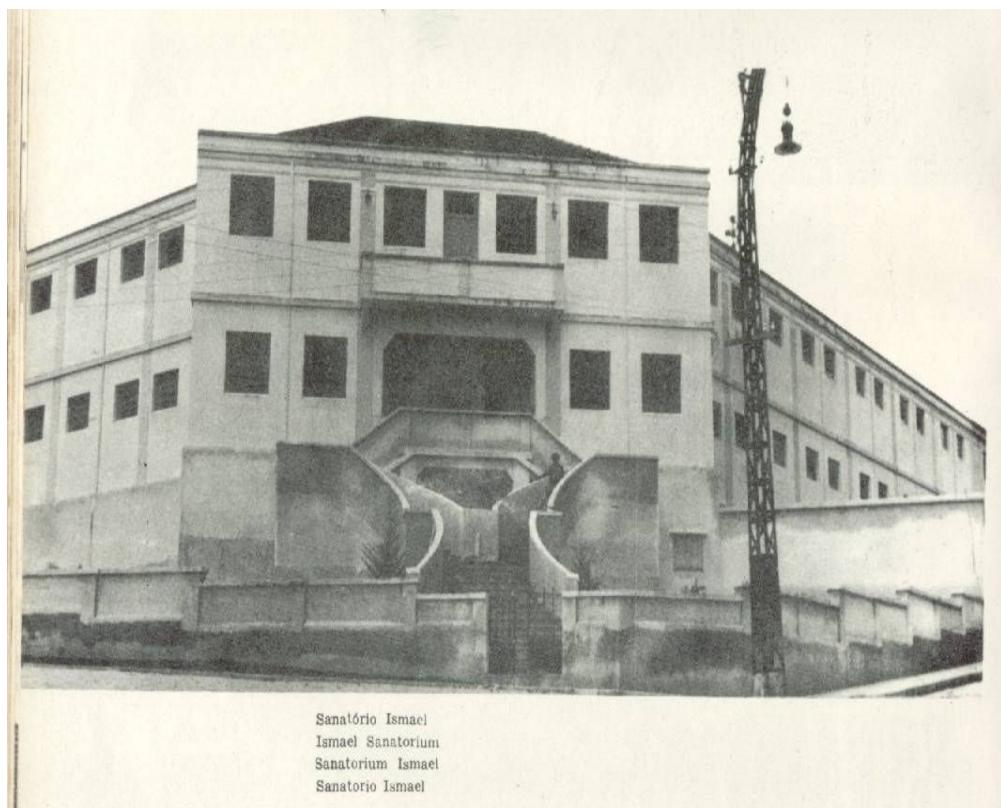
A estrutura arquitetônica destas instituições espíritas seguem padrões semelhantes aos hospícios tradicionais, criados no século XIX e XX, casas pensadas de modo a isolar da sociedade quem ali tivesse internado, garantindo meios de vigilância. Vale lembrar que o Sanatório Espírita de Uberlândia foi, inaugurado quase uma década depois que o de Uberaba, também por um projeto das elites espíritas locais, com amplo apoio do poder público e da sociedade em geral, que acreditavam poder controlar e disciplinarizar aqueles excluídos sociais que resistiam à “ordem e o progresso” tão veiculados nos discursos oficiais.<sup>44</sup> A diferença acentuada entre as duas cidades é que Uberlândia não houve uma oposição tão forte por parte da Igreja Católica como em Uberaba.<sup>45</sup> Vejamos alguns exemplos desses sanatórios.

<sup>44</sup> RIBEIRO, Raphael Alberto. **Almas Enclausuradas:** práticas de intervenção médica, representações culturais e cotidiano no Sanatório Espírita de Uberlândia (1932-1970). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2006.

<sup>45</sup> Os argumentos sobre as peculiaridades das disputas religiosas serão aprofundados no capítulo seguinte.



**Imagen 7** – Sanatório Espírita de Uberlândia. Fonte: ORLANDI, Vittorio. Enciclopédia Ilustrada das Obras Espíritas v. 1. São Paulo: Editora Urânia. 1961



**Imagen 8** – Sanatório Ismael. In: ORLANDI, Vittorio. Enciclopédia Ilustrada das Obras Espíritas vol. 1. São Paulo: Editora Urânia. 1961

Por sua vez, a instituição Sanatório Ismael<sup>46</sup>, (imagem 11) fundado em maio de 1955 e localizado na cidade de Amparo-SP, é mais amplo, se assemelha também aos outros dois sanatórios, com a entrada na esquina, com quartos voltados para as ruas, separando as alas femininas e masculinas, nos moldes das instituições convencionais. Estes hospícios não passam a funcionar por acaso, havia um complexo planejamento com representantes de diversas regiões que tornou possível a difusão, além da doutrina religiosa, projetos assistenciais, deixando evidente o nível de organização que muitos adeptos tinham, confirmando a premissa de que o funcionamento destes manicômios se encaixa aos interesses da população e dos políticos locais funcionando como uma espécie de rede disciplinar, projetos estes, disseminados por todo país.

A história do tratamento à loucura em Uberaba encabeçado pelo espiritismo teve início já no ano de 1919 com a criação do Ponto Bezerra de Menezes, uma casa improvisada que suportava pouco mais que uma dezena de internos, pertencente ao Centro Espírita Uberabense. A responsável pela criação e manutenção deste empreendimento na cidade foi a Dona Maria Modesto Cravo, também chamada de dona Modesta, ou ainda a “Dona da Caridade de Uberaba”. Residindo em Belo Horizonte nos idos de 1917, dona Modesta que já vinha de família espírita, após o nascimento de sua primeira filha, passou por transtornos psíquicos e um grave hematoma na perna de origem desconhecida. Após ter se consultado com vários médicos o laudo apresentado era de que fosse urgente a intervenção cirúrgica e que fosse realizado a sua amputação diante do avançado estado de necrose. Foi a partir deste laudo que Modesta procurou o tratamento espiritual com Eurípedes Barsanulfo,<sup>47</sup> sendo curada do transtorno mental e da enfermidade na perna.<sup>48</sup>

---

<sup>46</sup> As atividades deste hospital psiquiátrico foram encerradas em novembro de 2012.

<sup>47</sup> Considerado um ícone entre os pioneiros do espiritismo, Eurípedes Barsanulfo (1880-1918), mineiro de Sacramento ficou muito conhecido entre os fiéis por suas curas espirituais, atraindo, diariamente, dezenas de pessoas em busca de atendimento. Considerado pelos espíritas médium completo, era também defensor da homeopatia. Eurípedes atuava também como divulgador da doutrina espírita, fundou a escola Allan Kardec, este à frente na criação dos jornais “Gazeta de Sacramento” e “Liceu Sacramentano”. Conferir: RIZZINI, Jorge. Eurípedes Barsanulfo, o Apostolo da Caridade. São Bernardo do Campo-SP: Correio Fraterno, 1979.

<sup>48</sup> CECÍLIO, Iracy. Recordações de Modesta – a vida e obra de Maria Modesto Cravo. Belo Horizonte: Inede, 2007.

Não nos cabe questionar os valores da fé religiosa presente em todos os povos e em todas as culturas, nem tampouco apresentá-la como atividade de cunho inferior. A religiosidade integra a riqueza cultural de um povo, muitas das vezes dinâmica e diversificada e se apresenta como solução às respostas não encontradas no mundo racional. O apelo ao sobrenatural e a fé são vivificadas pela consubstanciação do impossível, é o espaço do milagre, a manifestação da divindade que tudo pode realizar. A doença de Modesta e sua cura representa o elo com as entidades superiores, situação que a ação humana não tem capacidade de resolver.<sup>49</sup>



**Imagen 9** – Maria Modesto Cravo à direita em frente ao Ponto Espírita Bezerra de Menezes, 1920. Fonte: Sanatório Espírita de Uberaba.

A construção do Sanatório Espírita de Uberaba (SEU) teria sido, segundo os espíritas uberabenses, uma revelação espiritual de Bezerra de

<sup>49</sup> Este trabalho não tem como foco promover uma incursão mais aprofundada dos fenômenos espirituais, atividade de suma importância aos adeptos do espiritismo. Aqui nos atemos à prática da caridade, atuação onde a medicina e o Estado eram omissos, como importante mecanismo utilizado pelo espiritismo para legitimação social.

Menezes<sup>50</sup> por intermédio de Eurípedes Barsanulfo endereçada à Maria Cravo no momento em que se encontrava enferma. Neste momento, Modesta volta a Uberaba e leva adiante o projeto de construir um hospital psiquiátrico espírita. Em 1917 filia-se ao Centro Espírita Uberabense e passa a dedicar-se efusivamente aos trabalhos à assistência aos pobres e também como médium. Recebera mensagens mediúnicas de Bezerra de Menezes, uma delas seria a planta arquitetônica do sanatório. Ela teria psicografado também a primeira mensagem ditada pelo anjo Ismael no Brasil, entidade de alta envergadura evolutiva segundo consta no imaginário espírita, o grande responsável pela organização do Brasil e a preparação deste país para que um dia se torne a Pátria do Evangelho de Jesus Cristo, nação que se transformaria num exemplo a todos os outros países.<sup>51</sup> Tal psicografia recebida por Modesta foi reconhecida pela Federação Espírita Brasileira,<sup>52</sup> possibilitando que tal premissa avivasse ainda mais a fé dos seguidores desta religião, fortalecendo, assim, sua importância como um dos nomes mais significativos da difusão espírita local. No segundo capítulo trato com mais detalhes sobre o mito envolvendo o anjo Ismael.

A atuação da médium Maria Modesta Cravo no SEU era intensa. Sempre às quartas-feiras presidia sessões mediúnicas, todas elas realizadas dentro desta instituição com o intuito de diagnosticar os pacientes ali internados. Dali saiam as justificativas, evidentemente pelo viés espírita, do motivo da enfermidade do paciente, a medicação necessária e os cuidados a serem tomados, lembrando que a religião kardecista comprehende que a doença mental é, na maioria dos casos, espiritual.<sup>53</sup>

É comum encontrarmos em nossa cultura religiosa monoteísta, para não apontar outras religiões, missões assumidas pelos fiéis religiosos – e o

---

<sup>50</sup> Considerado o Kardec brasileiro, Bezerra de Menezes (1831-1900), médico cearense se destacou como presidente da FEB.

<sup>51</sup> No livro psicografado por Chico Xavier em 1938 que acreditam ser psicografia de Humberto de Campos, intitulado *Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho*, editado pela FEB, representa entre o fiéis, um marco na configuração do país como a nação que será mais avançada moralmente, servindo de exemplo para o resto do mundo. A fé diante destas revelações se fortaleceria, na mentalidade kardecista, por ser o Brasil com o maior número de adeptos desta doutrina no mundo.

<sup>52</sup> No capítulo seguinte será enfatizado com maior destaque a importância desta entidade na consolidação do movimento espírita no Brasil.

<sup>53</sup> Depoimentos de Márcio Roberto Arduini, atual diretor administrativo do SEU, entrevista concedida à mim em Uberaba em 21/11/2012.

espiritismo não se distancia disto – quase sempre como a vontade do sobrenatural. Desde os tempos remotos, as leis e escrituras que ditam comportamentos éticos e morais são resultado da revelação divina. Desde o evento em que Moisés no Monte Sinai teria presenciado a obra de Deus, a confecção dos 10 Mandamentos, passando pelas Cruzadas na Idade Média, até o atentado ao World Trade Center em 2001, apenas para citar três eventos, sempre movidos pela vontade divina. O sobrenatural surge como protagonista, o que é uma forma de legitimar as práticas humanas, já que não se pode contestar a vontade de Deus.

O médico Inácio Ferreira foi o psiquiatra do SEU. Nascido em Uberaba, a 15 de abril de 1904, graduou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1929. Praticamente toda a sua vida profissional foi à frente deste manicômio. Morreu em Uberaba a 27 de setembro de 1988. Logo após a inauguração foi convidado por Maria Modesto Cravo a atuar como psiquiatra, após a recusa de inúmeros outros médicos justamente por se tratar de uma instituição espírita. Mesmo não constando da literatura espírita os médicos que teriam se recusado a integrarem as atividades do SEU, os memorialistas kardecistas sempre se utilizam o argumento de que eram perseguidos.

Segundo relata:

[...] Eu estava formado recentemente e atendia em consultório próximo à farmácia do Dr. Henrique Krüger<sup>54</sup>. Ele não era formado ainda, e era muito perseguido por aviar receitas sem estar diplomado, de modo que eu assinava receitas para ele. Eu desconhecia um médico melhor que ele naquela época, mesmo sendo ele farmacêutico. Ele não cobrava de ninguém pelas receitas e consultas, vendia os remédios, e era perseguido por médicos e saúde pública. Às vezes avia 20 a 40 receitas por dia, muitas das quais para dona Modesta, e eu transcrevia e assinava todas elas no final do dia. (FERREIRA, 2008, p. 24)<sup>55</sup>

A sua participação inicialmente era apenas assinar os laudos, aviar receitas e tudo aquilo que, mais tarde, não pudesse responsabilizar os espíritas da prática de medicina ilegal, evitando futuras condenações.<sup>56</sup> A dona Modesta

<sup>54</sup> Dr Henrique Von Krüger Schroeder era uma grande liderança espírita local. Formou-se em Farmácia em 1920 e em medicina em 1934.

<sup>55</sup> Entrevista concedida pelo psiquiatra Inácio Ferreira ao Dr. Elias Barbosa no final da década de 1990.

<sup>56</sup> Conferir: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. **A arte de curar** – cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002; WEBER, Beatriz Teixeira. **As Artes de Curar**: medicina e religião, magia e positivismo na República Rio-

era a pessoa quem mais cuidava das atividades administrativas e terapêuticas da instituição, auxiliada em diversos momentos pelo até então farmacêutico Henrique Krüger. Nos primeiros anos de funcionamento do SEU o diagnóstico não era exclusividade do psiquiatra Inácio Ferreira, outros médicos, espíritas ou não, também participavam como foi o caso de Henrique Von Krüger, Saul de Oliveira Carvalho, Ismael Alonso y Alonso, Carlos Terra, Gastão Octaviano Ferreira, Jorge A. Frange. Os responsáveis espíritas à institucionalização da loucura na cidade foram bastante cautelosos tomando precauções para que não incorressem na prática de medicina ilegal, a participação de Inácio inicialmente foi apenas para dar aporte legal ao funcionamento do sanatório. No começo, ainda segundo o depoimento de Inácio Ferreira, era a médium Modesta quem aplicava os tratamentos sob a orientação mediúnica daqueles que acreditavam ser do espírito Bezerra de Menezes. Neste trecho Inácio Ferreira confessa:

Eu já frequentava o Sanatório como médico, vinha atender algum chamado e por vezes me assentava e esperava o término da sessão, para só então fazer o que era preciso. Muitas vezes quando eu chegava dona Modesta já havia visto o doente e Dr. Bezerra [entidade espiritual] já havia passado suas orientações. Durante uma temporada minha função era mais pró-forma, para dar o 'nome do médico' ao sanatório, pois era necessário um responsável.<sup>57</sup>

É notável que Inácio só intensificaria sua participação na instituição após sua conversão ao espiritismo. Anos depois assumiu a responsabilidade clínica, momento em que publicou obras<sup>58</sup> defendendo a terapêutica espírita, numa tentativa de promover um diálogo com a psiquiatria convencional. Em depoimento Inácio Ferreira atesta que o seu interesse pela religião surgiu:

[...] pela dor, pois estimava muito uma pessoa que faleceu. Isso me "aborreceu" muito. Nesta ocasião dona Modesta, que eu não conhecia bem ainda, me avisou em minha casa, em nome de Dr. Bezerra de Menezes, e levou dois livros: Código Penal Brasileiro e o

Grandense – 1889-1928. Santa Maria/ Edusc: Ed. da UFSM/Bauru, 1999; CHALHOUB, Sidney (org.), e outros. **Artes e ofícios de curar no Brasil**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003.

<sup>57</sup> FERREIRA, Fátima. **Inácio Ferreira**: referência e irreverência. Belo Horizonte: Inede, 2008, p. 22.

<sup>58</sup> Os livros publicados por Inácio Ferreira serão discutidos no capítulo 4. Segue a lista de suas obras mais importantes: **Espiritismo e medicina** (1941); **Novos rumos à Medicina. 1º Volume** (1945); **Tem Razão?** (1946); **Novos rumos à Medicina. 2º Volume.** (1949); **A psiquiatria em face da reencarnação.** (1951);

evangelho espírita<sup>59</sup>. À medida que lia, fui recordando aquilo, que se depreende, eu já conhecia.<sup>60</sup> [...] mas foi depois desta feita em que comecei a ler e a frequentar os trabalhos, que naquela ocasião funcionavam às terças para os homens e às quartas para as mulheres. Com pouco tempo me familiarizei. Julgo que no passado eu já tenha conhecido a doutrina, e que essa era mais uma recordação.<sup>61</sup>

É importante ressaltar que no começo Inácio Ferreira não era psiquiatra, o seu interesse pelas doenças nervosas viera a partir da convivência com os internos e do seu envolvimento com o kardecismo, tudo isso após o convite de dona Modesta. Inácio sempre verbalizou sua gratidão a esta médium. Atraído ao espiritismo a partir de participações de sessões mediúnicas realizadas de dentro do SEU, das aplicações de passes e das leituras realizadas, Inácio inicia-se intenso trabalho intelectual com a finalidade de tornar possível à comunidade médica uma terapia alternativa ao tratamento convencional. Não bastasse isso, encampou fortes batalhas refutando textos que criticassem o espiritismo.<sup>62</sup>

O hospital sempre foi particular, recebendo pouquíssima quantia advinda das subvenções municipais. No depoimento de Lucy da Silva Rocha Ferreira<sup>63</sup>, funcionária da instituição desde 1977 e que trabalhou com Inácio Ferreira por 11 anos, relata a dificuldade financeira enfrentada pela instituição. Sobre as internações, muitas famílias quando iam buscar o paciente depois de terem conseguido alta alegavam não ter condições de pagamento pelo tratamento. Ainda, segundo Lucy, poucas famílias dispunham de condições para realizar as taxas cobradas pela instituição.

Em publicação em um importante jornal local a nota reverenciando a inauguração da instituição:

Essa obra, iniciada e concluída por um grupo de espíritas é uma das mais frisantes demonstrações do elevado de filantropia do povo de Uberaba, que nunca negou o seu concurso às obras de caridade, sem olhar-lhes o matiz religioso ou a coloração política.<sup>64</sup>

<sup>59</sup> Referência à obra de Allan Kardec intitulada *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, publicada na França em 1864. A FEB publicou em 1944 a tradução desta obra.

<sup>60</sup> FERREIRA, Fátima. Op. cit. p. 21

<sup>61</sup> Ibidem, p. 22.

<sup>62</sup> Ibidem.

<sup>63</sup> Ibidem.

<sup>64</sup> INAUGURAÇÃO de um grande estabelecimento de caridade. **Lavoura e Comércio**, Uberaba, 30 dez. 1933.

Os feitos espíritas, os trabalhos assistenciais e todo o discurso religioso em torno da caridade promoviam a religião. Para além do aspecto de muitos espíritas se configurarem como elites – militares, advogados, médicos, profissionais liberais, entre outros – as ações assistencialistas em pontos em que o poder público era omissos deram enorme visibilidade ao espiritismo. A intenção da criação de uma instituição que pudesse assistir aos portadores de transtornos mentais representava para a doutrina um gesto altruísta elevado, porque não só amparava o físico, como também o espiritual, este o de maior relevância para esta religião. No jornal *Gazeta de Uberaba* que sempre reservava um espaço à difusão do pensamento espírita, publicava usualmente balanços de centros espíritas e também do SEU:

#### **Sanatório Espírita**

Doenças hospitalizadas: Homens, 17; mulheres, 17. Total: 34. destes são asilados gratuitamente 24; os 10 restantes pagaram uma taxa que oscila conforme as posses do enfermo, sendo de 300\$ a mensalidade maior, e não atingindo a 1:500\$ a soma das contribuições dos pensionistas. O fato de se achar em obras o prédio do Sanatório, obrigou a diretoria a deixar, por enquanto, de aceitar novos enfermos.<sup>65</sup>

Segundo depoimento de Márcio Arduini,<sup>66</sup> atual diretor administrativo do SEU, o sanatório recebia parcisos recursos públicos advindo de subvenções. A instituição era particular e se mantinha principalmente por meio de mensalidades, segundo relata, especialmente de quem podia pagar e de contribuições da população. Ele lembra que muitos católicos disponibilizavam doações às escondidas com medo de represálias do clero local. As “generosas” contribuições advindas de católicos evidenciam a tese defendida até agora de que muitos espíritas conquistaram respeito da população através das inúmeras obras de caridade.

A seguir, nota publicada no periódico *Gazeta de Uberaba* prestando contas à sociedade sobre os gastos do sanatório:

#### **Sanatório Espírita**

<sup>65</sup> SANATÓRIO Espírita. *Gazeta de Uberaba*, Uberaba, 9 jan. 1938

<sup>66</sup> ARDUINI, Márcio Roberto. Op. cit.

3º trimestre – Movimento – 1934	
JULHO – RECEITA	
Saldo do 2º trimestre	1:462\$700
Recebimentos diversos	4:495\$00
	5:957\$700
Despesa	
Pago a empregados, fornecedores, etc.	3:749\$400
Saldo para agosto	2:208\$300
	5:957\$700
Agosto	
Receita – Saldo de julho	2:208\$800
Recebimentos diversos	2:950\$000
	5:158\$300
Despezas – empregados, fornecedores, etc	2:524\$800
Saldo para setembro	2:634\$00
	5:158\$300
Setembro	
Saldo de agosto	2:832\$200
Recebimentos diversos	1:231\$000
	3:865\$000
Despezas – empregados, fornecedores, etc	2:832\$200
Saldo para o 4º trimestre	1:232\$800
	3:865\$000

NOTAS: Na despesa de julho figura o pagamento que a caixa especial do Sanatório fez da importância de 1:290\$000 tomada por empréstimo a Caixa Geral do Centro Espírita, para construção. Na receita, além dos donativos angariados por C. Paulo, fora de Uberaba, figuram vários donativos particulares, inclusive a importância de 120\$, obtida pelo Sr. Mízael Borges entre os parentes e amigos do Sr. Sebastião Borges, em memória do mesmo. A caixa do Sanatório não custeou serviço algum estranho ao estabelecimento. Até 31 existiam em tratamento 33 enfermos, tendo obtido alta 23 enfermos.

O Presidente  
João Modesto dos Santos

**Tabela 2** – Fonte: *Gazeta de Uberaba*, Uberaba, 19 out. 1934.

Nestas disputas por reconhecimento social, é possível perceber como grupos distintos coadunam práticas quando lhes convém. Neste jogo de interesse, tem peso a posição social destes agentes, ações que entrecruzam com políticas higienizadoras, a tentativa de dispersão da pobreza do espaço urbano, o que nos leva a aceitar que parte destes militantes espíritas conseguiram um espaço importante na mídia, ou até criando o seu próprio

veiculo de informação referendados pela lógica da estrutura política vigente. O fato de consideráveis kardecistas estarem ligados à intelectualidade, mesmo longe de se constituírem maioria no campo religioso, conseguiram viabilizar seus projetos. No discurso destes fiéis, a exaltação pela prática da caridade apresenta-se se não como força hábil para a conversão religiosa, ao menos como garantia de serem respeitados. Assim podemos constatar em diversas oportunidades na imprensa local:

Assinalou-se no dia 13 do corrente, o centenário de nascimento do Professor João Augusto Chaves, o homem mais perfeito que eu encontrei neste mundo...

Preocupavam-no, profundamente, a sorte e os sofrimentos dos pobres, dos desprotegidos, dos doentes, dos desvalidos.

E estava, constantemente, à frente de campanhas de caridade, visando a angariar recursos destinados a amparar os miseráveis, os que passam fome, os que não tinham teto, os órfãos, os desabrigados, os que se debatiam nos tormentos da enfermidade [...].<sup>67</sup>

A reverência acima está em consonância com o ideal de cidade que as elites defendiam, condição da estrutura capitalista vigente, idealizavam uma urbe progressista e sem conflitos, daí a exclusão dos sujeitos que pudessem denunciar ou contestar a ordem estabelecida. Mesmo não compartilhando a mesma visão religiosa, incontáveis artigos são publicados na imprensa local saudando os feitos assistencialistas das entidades kardecistas:

#### O HOSPITAL ESPIRITA E O LAR ESPIRITA

Aos espíritas de Uberaba devemos essas duas notáveis instituições de assistência: o Hospital Espírita, destinado aos doentes mentais, e o Lar Espírita, carinhoso abrigo para crianças. Cumprem, com eficiência, as suas superiores finalidades. Ao Hospital afluem doentes de todo o Triângulo Mineiro, do oeste de Minas e mesmo de outros Estados.

Instalado em amplo edifício, está sempre tomado, desdobrando-se os seus generosos médicos, enfermeiros e diretores em serviços e trabalhos que merecem a nossa profunda admiração e os nossos melhores aplausos. E o Lar Espírita tem realizado, nesta cidade, uma obra a um povo que sabe, realmente, praticar a caridade. As crianças que recebem educação serão, mais tarde, homens de bem, homens do trabalho, dignas mães de família e donas de casa, levando, no espírito e no coração, as luzes da excelente educação que lá tiveram. João Augusto Chaves, meu velho e querido amigo, de quem todos os dias, me recordo com afeto e saudade, Abdon Alonso, Dr. Inácio Ferreira, D. Maria Modesto Cravo, Emanuel Martins Chaves, Nubor Facure e tantos outros espíritas überabenses contribuíram e

<sup>67</sup> **Lavoura e Comércio**, 14 dez 1965.

contribuem<sup>68</sup> de modo admirável, para a grandeza de Uberaba centenária.

Não nos resta dúvida que as lacunas impostas pelo poder público promoveram a ascensão e legitimação espírita. Somado a isto, muitos líderes kardecistas compunham setores estratégicos, entre eles: na política, entre os profissionais liberais, no Exército. Apesar de configurarem minoria, conseguiram, em grande medida, estabelecer parceria com a maioria católica uberabense, excetuando aí os representantes do clero, disputas que discutiremos no capítulo seguinte. O estudo do Sanatório Espírita de Uberaba, além de apontar táticas e técnicas da institucionalização da loucura, permite também vislumbrar aspectos culturais do lugar, a maneira como que a cidade se faz representar, criam seus próprios significados, no jogo de interesses, de disputas e conluios nestes complexos processos legitimadores de construção simbólica do social.

---

<sup>68</sup> MENDONÇA, José. **História de Uberaba**. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1974, p. 101-102.

# **CAPÍTULO 2**

## **ESPIRITISMO EM BUSCA DA LEGITIMAÇÃO**

## 2.1- O espiritismo e sua “missão” no Brasil – a pátria do Evangelho

Ao falar de uma dada religiosidade no Brasil há que se considerar não apenas o contexto econômico, social e político, mas perceber que a religião não é mera crença e sim “[...] *um complexo cultural variado, criativo e efervescente*”.<sup>1</sup> Antes de qualquer coisa e recorrendo aos estudos clássicos de Procópio Camargo<sup>2</sup> já se vislumbrava que o surgimento de novas crenças no século XIX correspondia não só ao deslocamento com o mundo, mas, sobretudo, com o acelerado processo de mudança que deixavam à mostra uma transformação que a sociedade vivenciava. A migração contínua, a urbanização se sobrepondo ao mundo rural, posteriormente, a industrialização incipiente articulada ao processo de exclusão social, colocou em xeque o catolicismo tradicional.

A própria situação histórica abre espaços para a conversão religiosa. Quando se escorrega pelos dedos a segurança familiar, a certeza de prover sua família, uma carga de perdas emocionais cria-se uma situação de crise. É nesse momento em que se busca também por uma eficácia no mundo material – assegurada por um discurso de que as experiências terrenas são apenas uma passagem para dimensões simbólicas superiores – que ocorre a busca por outras possíveis crenças:

Quando a umbanda, o espiritismo, o pentecostalismo, o candomblé, curam, suprindo o mal físico ou a loucura, aplainando a crise existencial, repondo a certeza na ação, ainda que a ciência possa constatar a mudança operada, podendo até comprovar ou não a eficácia terapêutica, não pode interromper o sentido da experiência

<sup>1</sup> PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. **A Realidade Social das Religiões no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 16. Sobre religião conferir: THOMAS, Keith. **Religião e o Declínio da Magia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.; ELIADE, Mircea. **O Mito do Eterno Retorno**: cosmo e história. São Paulo: Mercuryo, 1992.; SANCHI, Pierre. Religiões, religião... Alguns problemas do sincretismo no campo religioso brasileiro. In: **Fiéis e Cidadãos**: percursos de sincretismo no Brasil. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.; BERGER, Peter. L. **O Dossel Sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.; HOORNAERT, Eduardo (org.). **História da Igreja na América Latina e no Caribe**. Petrópolis: Vozes, 1995.; ISAIA, Artur Cesar. **Crenças, sociabilidades e religiosidades**: entre o consentido e o marginal. Florianópolis: Insular, 2009.; ALPHONSE, Dupront. Antropologia religiosa. In: LE GOFF, Jacques; NOVA, Pierre (org.). **História**: novas abordagens. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.; JULIA, Dominique. História religiosa. In: Jacques; NOVA, Pierre (org.). **História**: novas abordagens. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

<sup>2</sup> CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Kardecismo e Umbanda**: uma interpretação sociológica. São Paulo: Pioneira, 1961; CAMARGO, Cândido Procópio. **Católicos, Protestantes, Espíritas**. Petrópolis: Vozes, 1973.

religiosa da cura. (...) Estas modalidades religiosas são capazes, cada qual a seu modo, se dar forma e impregnar de sentido um estilo de vida relativamente adequado ao setor que se moderniza na sociedade brasileira.<sup>3</sup>

O paradoxal, afirma Pierucci e Prandi, é que a sociedade capitalista em que vivemos, moderna e racional, não necessitaria, a priori, de religião. Numa análise já superada pelos estudiosos sobre religiosidade, num período de influência marcante marxista, Pierucci e Prandi, veem as relações humanas mediadas pelo mercado. Se as ciências têm explicações cognitivas e as artes suprem as necessidades profundas de expressão, por outro lado, segundo estes autores, quando a desigualdade social grassa, sobra aos oprimidos a fé, a utopia numa possibilidade de um mundo mais justo.

Os argumentos aqui demonstrados caminharão para o sentido de que os espíritas faziam e ainda fazem parte das elites, se não somente de uma classe endinheirada, compunham camadas de um grupo instruído, intelectualizado, entre eles, militares, advogados, médicos, professores, entre outros. A busca pela crença religiosa, a motivação pelo transcendental são atributos de todas as civilizações, de todos os setores econômicos. É bem verdade que o crer para estes fiéis necessitaria passar pelo crivo da razão, de um rigor que consideram científico. Num possível diálogo aos sentidos do crer, tendemos a concordar com Certeau quando ele afirma que:

[...] uma formalidade das práticas cotidianas vem à tona nessas histórias, que invertem frequentemente as relações de força e, como as histórias de milagres, garantem ao oprimido a vitória num espaço maravilhoso, utópico. Este espaço protege as armas do fraco contra a realidade da ordem estabelecida. Oculta-as também às categorias sociais que “fazem história”, pois a dominam. E onde a historiografia narra no passado as estratégias de poderes instituídos, “essas histórias maravilhosas” oferecem a seu público (ao bom entendedor, um comprimento) um possível de táticas disponíveis no futuro.

Enfim, [...] inscrevem na língua ordinária as astúcias, os deslocamentos, elipses, etc. que a razão científica eliminou dos discursos operatórios para constituir sentidos “próprios”.<sup>4</sup>

Nesse viés, percebe-se que a crença religiosa alcança um patamar político, de denúncia não formalizada, porém silenciosamente construída como

<sup>3</sup> PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. Op. cit. p. 161.

<sup>4</sup> CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: artes de fazer I. Op. cit., p. 85.

astúcias contra a impossibilidade de se medir forças com aqueles que se assentam no poder. É nessa perspectiva que Riolando Azzi conecta o espiritismo e em particular a reencarnação como uma maneira de compreender os sofrimentos sociais. Para essa teoria “[...] o corpo e os bens materiais constituem em uma espécie de teia que envolve e amarra a alma. O corpo assemelha-se a uma prisão.”<sup>5</sup> Para aqueles que se dispõe a percorrer esse caminho espiritual, só a caridade, a expiação de vidas passadas e a cura por intermédio de espíritos evoluídos, são trilhas a se percorrer para um além mais digno.<sup>6</sup> Segundo Azzi:

[...] A doutrina da reencarnação oferece uma explicação para os limites da existência humana, marcada pela dor e pela morte. A reencarnação é um pré-destino de todos os seres humanos, como consequência de uma queda ou de uma culpa original. Em cada “nova” existência as pessoas trazem como bagagem o “peso” das vidas anteriores desigual como “karma”.<sup>7</sup>

A fé como superação de condição humana, não somente na necessidade financeira, mas também existencial, o momento de reconciliação do indivíduo que crê com a sua impotência diante da vida, suas frustrações, medos, angústias, decepções, enfim, de todas as contradições que os cerca. Inspirado por Bourdieu, é intrigante pensar as regras destes campos simbólicos distintos em constante disputas pelo reconhecimento social, pelo poder. O espiritismo buscando uma legitimação atuava na perspectiva da caridade, ao mesmo tempo colocava em seus preceitos doutrinários em defesa da ciência, configurando assim a fé racional.

Segundo o último Censo Demográfico do IBGE de 2010, no Brasil, aproximadamente cerca de 3,8 milhões são espíritas, representando 2,0% da população. Devemos considerar ainda aqueles que mesmo não se revelando adeptos da doutrina kardecista, frequentam palestras espíritas, possuem o hábito de tomar passe, frequentam palestras sobre a temática ou procuram tratamento espirituais. Vale destacar que este Censo de 2010 detectou ainda a permanência de uma tendência, a de que a população espírita detém os

<sup>5</sup> AZZI, Riolando. **Filósofos Religiosos no Brasil Contemporâneos**. In: BRANDÃO, Sylvana (org.). **História das Religiões no Brasil**. Recife: Ed. da UFPE, 2001, p. 110.

<sup>6</sup> Vale conferir as análises de SILVA, Severino Vicente. As religiões no Brasil – trilhas antigas e novas. In: BRANDÃO, Sylvana (org.). Op. cit..

<sup>7</sup> AZZI, Riolando. Op. cit., p. 110.

melhores índices de escolaridade: 31,5% têm nível superior, 39,8% curso superior incompleto e apenas 1,8% sem instrução escolar. Além disso, a pesquisa revela que os fiéis kardecistas possuem situação mais confortável comparada às demais religiões.

No cinema obras com temáticas espíritas também foram destaque. Em 2010, a considerar apenas as produções brasileiras, a projeção do filme *Chico Xavier*<sup>8</sup>, dirigido por Daniel Filho, foi o terceiro filme mais assistido no cinema, com um público de 3.412.969 pessoas. Em segundo lugar, só perdendo para o filme *Tropa de Elite*, a exibição de *Nosso Lar*<sup>9</sup>, dirigido por Wagner de Assis, levou aos cinemas 4.060.304 expectadores.

Diante deste enorme interesse pelas questões relacionadas à esta religiosa, a televisão, de olho nos altos índices de audiência, exploram programas e novelas. Foi assim com a novela de Ivany Ribeiro, em 1994, intitulada *A Viagem*, abordando, entre outros, fenômenos paranormais, a vida após a morte. Em 2012, também pela Rede Globo, nessa mesma abordagem espírita, foi exibida a novela *Amor, Eterno Amor*, também com bons índices de audiência. Entre outros exemplos podemos citar a novela de Ivany Ribeiro, com estreia nas telas da TV Globo em 2006, intitulada *O Profeta*; o programa *Linha Direta* (TV Globo) com temas relacionados à mediunidade, curas espirituais, fenômenos denominados de experiência de quase morte, entre outros. No Brasil, as temáticas espíritas tais como reencarnação, comunicações espirituais, curas, são compartilhadas por outros segmentos religiosos, inclusive entre os católicos, daí o grande sucesso desta doutrina religiosa no campo da literatura, da produção cinematográfica, de programas de televisão, entre outros.

O espiritismo surge com o pedagogo francês Hippolyte Leon Denizard Rivail, ou Allan Kardec, nome este adotado, segundo ele próprio, devido a reencarnação que tivera como chefe druida, entre os povos antigos celtas. Nascido em 1904 e fortemente influenciado pelas ideias liberais de Rousseau, se interessa, a partir de 1950, pelos fenômenos mediúnicos, mas

---

<sup>8</sup> CHICO Xavier. Direção: Daniel Filho. Columbia/Sony Pictures e Downtown Filmes, 2010. 1 filme (125 min.), son., color

<sup>9</sup> NOSSO Lar. Direção: Wagner de Assis. Brasil: 20th Century Fox, 2010. 1 filme (105 min.), son., color.

especificamente as chamadas mesas girantes, ocorridas na França e EUA. De cético, Kardec torna-se convicto da comunicação entre os espíritos, lançando em 1857 a sua primeira obra, intitulada *O Livro dos Espíritos*,<sup>10</sup> em formato de perguntas e respostas. Denominado pelo movimento espírita de decodificador da religião, Kardec teria elaborado perguntas com temáticas variadas em diversas sessões mediúnicas e respondidas por vários espíritos. Allan Kardec defendia que o espiritismo é a comunhão entre religião, ciência e filosofia.<sup>11</sup>

Kardec publicou outras obras, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*<sup>12</sup>, *A Gênese*<sup>13</sup>, *O Céu e o Inferno*<sup>14</sup>, *O Livro dos Médiuns*<sup>15</sup>. Comandou também a publicação da *Revista Espírita*, principal veículo de divulgação da religião que se iniciava. Após a sua morte, em 1869, Allan Kardec deixa inúmeros seguidores, dentre os mais importantes: Leon Denis e Cammille Flammarion.

Na Europa, desde o século XVIII, era perceptível o interesse pelo exotérico e o sobrenatural. O racionalismo vivenciado na filosofia, pelas descobertas científicas não foram capazes de deter a raiz mística que vivia a França. Aliado a isso a decadência da Igreja Católica, suas posturas conservadoras entrando em conflitos constantes com a nova mentalidade burguesa e com os ideais republicanos. Diante deste universo, é comum perceber em Paris que:

As damas da mais alta aristocracia se extasiavam com o mistério. As magias branca e negra renasciam com vigor: Confiava-se em todas as manicias. Madame de Pompadour, à noite, se esquivava do palácio das Tulherias por uma porta secreta. Seu destino, a casa de madame Bontemps, que previa o futuro pelo pó de café. Casanova deslumbrou a duquesa de Chartres com uma suposta consulta à cabala. [...] A ânsia pelo sobrenatural tornou-se obsessiva [...].<sup>16</sup>

É no final do século XVIII que surge o grande interesse pelo mesmerismo. Franz Anton Mesmer nasceu na Suábia, região pertencente à

<sup>10</sup> KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Rio de Janeiro: Ed. da Feb, 1996.

<sup>11</sup> SILVA, Fábio Luiz da. **Espiritismo: história e poder (1938-1949)**. Londrina: Eduel, 2005; GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997; ARAIA, Eduardo. **Espiritismo: doutrina de fé e ciência**. São Paulo: Ática, 1996; SILVA, Getúlio Lacerda. **Conscientização Espírita**. Capivari:Opinião E. 1995.

<sup>12</sup> KARDEC, Allan. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Rio de Janeiro: Ed. da Feb, 1996.

<sup>13</sup> Idem. **A Gênese**. Rio de Janeiro: Ed. da Feb, 1996.

<sup>14</sup> Idem. **O Céu e o Inferno**. Rio de Janeiro: Ed. da Feb, 1996.

<sup>15</sup> Idem. **O Livro dos Médiuns**. Rio de Janeiro: Ed. da Feb, 1996.

<sup>16</sup> MACHADO, Ubiratan. **Os Intelectuais e o Espiritismo**. Niteroi: Lachâtre, 1996, p. 22.

Áustria, hoje território Alemão, estudou filosofia, teologia e medicina e em 1766 defende sua tese intitulada *De infkuxu planetaruim in corpus humanus*, utilizando-se das recentes descobertas de Newton a respeito da lei de atração universal, defendia que os planetas exerciam influências magnéticas também sobre as pessoas. Mesmer viajou por vários países divulgando sua teoria, recebendo enfermos de diversas camadas sociais que acreditavam obter cura através das correntes magnéticas e as supostas curas se davam pela transmissão do fluido universal. As práticas do mesmerismo continuaram mesmo com sua morte em 1815.<sup>17</sup>

Segundo os apontamentos de Laplantine e Aubrée, no final do século XIX a Europa detinha forte admiração pelas temáticas transcendentais, muitas delas negadas pelo catolicismo e protestantismo, tais como, comunicação com espíritos, curas mediúnicas, o uso do magnetismo e diversos outros temas exotéricos, daí a difusão das obras kardecistas. Neste período, havia mais de 13 periódicos em circulação na França versando sobre espiritismo; na Espanha o movimento era ainda maior com 36 revistas e diferentes volumes publicados, com periodização ininterrupta. Após a sua morte, a partir de 1890 em toda Europa, havia 90 revistas em circulação, contribuindo para a promoção, em 1889, do I Congresso Internacional Espírita e Espiritualista, ocorrido na França.<sup>18</sup> Antes disso, Kardec teria sentido este clima de otimismo pela expansão das discussões espíritas, Kardec reflete que:

Por toda parte a ideia espírita começa a ser difundida partindo das classes mais esclarecidas ou de mediana cultura. Em nenhum lugar ascende das classes mais incultas. Da classe média ela se estende às mais altas e mais baixas da escala social. Em muitas cidades os grupos de estudo são constituídos quase que exclusivamente por membros dos tribunais, pela magistratura e o funcionalismo. A aristocracia fornece também seu contingente de adeptos mas até o presente eles têm se contentado em ser simpatizantes e, na França pelo menos, pouco se reúnem. Grupos desse tipo são mais comuns na Espanha, Rússia, Áustria e Polônia (...).<sup>19</sup>

<sup>17</sup> DARNTON, Robert. **O Lado Oculto da Revolução**: Nesmer e o final do Iluminismo na França. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

<sup>18</sup> LAPLANTINE, François; AUBRÉE, Marion. **La Table, Le Livre et les Esprits**. Paris: J. C. Lattès, 1990

<sup>19</sup> KARDEC, apud STOLL, Jaqueline. **Entre dois mundos**: o espiritismo da França e no Brasil. São Paulo: Edusp, 2003, p. 24-25

Para além do interesse de diversos segmentos sociais pelas questões espiritualistas, outro aspecto relevante foi o fato de que a doutrina kardecista encontrou certa ressonância neste ambiente liberal europeu, uma forte relação com as teorias científicas da época como o positivismo de Auguste Comte e evolucionismo de Charles Darwin. Essa doutrina religiosa, ao menos no campo do discurso, negaria o misticismo e o fanatismo, defenderia a ciência, atraindo, com isso, diversos intelectuais.

Este movimento também ocorre no Brasil meados dos anos 70 do século XIX o espiritismo teria seguidores identificados com o ideal republicano, abolicionistas, positivistas e evolucionistas. Em 1875 e 1876 é traduzido para o Brasil quatro das cinco obras mais importante de Kardec. Pessoas de influência social, tidas como padrões de comportamento da sociedade colonial aderiram ao espiritismo ficando livres de qualquer repressão. Em 1865 é fundado o primeiro centro espírita no Brasil, em Salvador, pelo professor Luis Olimpio Teles de Menezes. É também por ele criado na mesma cidade, em 1869, o primeiro periódico espírita, *O Echo d'Além-Túmulo*.

Nas reflexões de Ubiratan Machado, no Brasil, “*a feitiçaria europeia, transplantada pelo colonizador, media-se com as artes mágicas indígenas e os bruxedos dos negros*”<sup>20</sup> Por este viés, apesar da imposição da Igreja Católica e a obrigatoriedade das catequese, os símbolos cristãos de santidade trouxeram aos negros, em certa medida, forte fascinação, incorporados às tradições religiosas politeístas. Soma-se a isso a dificuldade do indígena e do negro compreenderem os dogmas católicos, missas marcadas pela erudição, a pompa dos templos, incenso, entre outros. Mesmo entre os católicos ficou disseminada uma espécie de religiosidade popular, utilizando-se de tradições culturais bem distintas. É possível perceber esta perspectiva de análise nos estudos de Câmara Cascudo, o brasileiro:

[...] Ficou fiel ao Deus que o batizara em Portugal e, como o distante avô romano, reservou um altar oculto para a desconfiada nos divinos assombros das negras e cunhas temerosas de tempestades e rumores insólitos no escurão da noite equinocial. Fácil é saber no que acredita e bem difícil precisar no que não crê. Essa coexistência explica a plasticidade sentimental brasileira, disponível às tentações

---

<sup>20</sup> MACHADO, Ubiratan. Op. cit. p. 24.

do recentismo sem íntimo abandono às crenças da tradição sem idade”.<sup>21</sup>

As discussões de Laura de Mello e Souza contestam esta perspectiva apontada e ampliam este debate argumentando que os escravos não tinham dificuldade de compreender a religiosidade europeia. Os escravos que aportaram no Brasil vinham de lugares diferenciados, “[...] refundindo-os à luz de *necessidades e realidades novas, superpondo o sincretismo afro-católico um outro quase sincretismo afro.*”<sup>22</sup> Desse ponto de vista, Souza nos lembra que havia uma resistência dos negros em muitos aspectos do catolicismo, isto ficaria mais evidente após a instauração do Santo Ofício após o século XVI, momento em que se intensifica a intolerância católica aos cultos afro.

Mesmo considerando que a Corte brasileira tinha o catolicismo como religião oficial e quase a sua totalidade se declarando católicos, muitos estavam insatisfeitos com as posturas do clero, predominando uma rigorosa separação racial, elitista, inclusive no templo. Tudo isso contribuiu incisivamente para a difusão de uma linha doutrinária distante da tradição da Igreja Romana. A insatisfação em relação aos dogmas e a negligência desta instituição religiosa era sentida em diversos segmentos sociais, prova disso foi a Conjuração Baiana, a reivindicação que o clero brasileiro rompesse com o Vaticano, criando a sua própria estrutura em terras brasileiras.<sup>23</sup>

A Igreja Católica somente se manifestaria enfaticamente contrária ao espiritismo em *terra brasiliis* após a tradução das obras de Kardec para o português e a criação de vários periódicos para a divulgação dos preceitos kardecistas. O clero tolerava as credices e enquanto o espiritismo se restringisse apenas à curiosidade pelas “assombrações”, não haveria problemas. Coincidemente, a partir do momento em que há a organização de um grupo religioso, com publicações, trabalhos, curas, e também, a censura por parte dos militantes católicos, é que se tem um crescimento considerável da religião espírita aqui no Brasil. Ao perseguir, condenar e difamar a prática do

<sup>21</sup> CASCUDO, Câmara. **Religiões no Povo**. São Paulo: Global, 2011, p. 19.

<sup>22</sup> SOUZA, Laura de Mello e. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade poplar no Brasil Colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 129.

<sup>23</sup> MACHADO, Ubiratan. Op. cit.

espiritismo, os católicos contribuíram para o interesse e difusão da doutrina espírita.

Se Salvador foi a primeira cidade na difusão da doutrina kardécista no Brasil na segunda metade do século XIX, a capital do Brasil, Rio de Janeiro, até ao final do mesmo século, logo assumiria este papel de destaque. O movimento espírita nesta cidade também seria promovido pelas elites. É o caso dos republicanos e abolicionistas Bittencourt Sampaio, Antonio da Silva Neto e Otaviano Hudson, figuras que estavam entre os responsáveis pela confecção do *Manifesto Republicano* de 1870. (MACHADO, 1996) Mesmo constituindo uma minoria, os kardécistas tinham livre acesso nas redações dos principais jornais da época, como é o caso do poema publicado em 1871, *Espiritismo*, no periódico *A República*:

Espiritismo  
 Silêncio! Cantão os anjos (sic)  
 Nos degráos do throno santo?  
 Em quanto as almas errantes  
 Derramão dolente – o pranto!

Não tenho luz que illuminou a mente  
 Ardente e lucida de teu poeta:  
 Sei, que morrendo s'esvaio com ele<sup>24</sup>  
 Das glórias pátrias a famosa méta.

Os preceitos espíritas foram divulgados por alguns intelectuais da época e que detinham posições privilegiadas. Em 1875 data a publicação da obra *Livro dos Espíritos*, pela Livraria Garnier, à época principal editor de livros do país, recebendo de imediato censura dos grupos ligados ao catolicismo. A conversão ao espiritismo era pequena, assim como hoje, porém os meios que seus seguidores se utilizavam para a difusão de seus preceitos eram poderosos, como podemos ver numa nota publicada em 1875:

O Livro dos Espíritos de Allan Kardec é uma página nova do próprio livro do infinito, e estamos persuadidos que se porá uma fitinha nessa página. Contristar-nos-ia se acreditasse que vínhamos fazer aqui um reclamo bibliográfico; se pudéssemos supor que assim fosse, imediatamente quebraríamos a nossa pena.<sup>25</sup>

<sup>24</sup> **A República**. Rio de Janeiro, 14 fev. 1871.

<sup>25</sup> **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 15 jan. 1875.

Há referências desta ascensão pelo interesse ao espiritismo na literatura brasileira. Nas obras de Machado de Assis, *Esaú e Jacó*, de 1871, ou de José de Alencar, datada de 1873, a *Guerra dos Mascates*, entre outros, haviam referências da abrangência que o espiritismo assumira no Brasil, sempre críticos ao que consideravam charlatanismo, desmystificando o gosto popular pelas práticas “mágicas”.

A criação da FEB (Federação Espírita Brasileira) em 1884, com sede no Rio de Janeiro, foi obra de pessoas que ocupavam posições sociais privilegiadas, desde militares, funcionários públicos, advogados, médicos, entre outros. O primeiro presidente da federação foi Ewerton Quadros, major do Exército. A federação no seu primeiro ano de fundação já comandava um periódico quinzenal intitulado *O Reformador* com o propósito claro de divulgar a doutrina kardecista.

Se há evidência sobre os pioneiros do espiritismo no Brasil fazerem parte das elites, não significa, por sua vez, que esta religião tinha uma situação confortável. Data de 1890 a elaboração do Código Penal que responsabilizava aqueles que incorressem ao uso de curandeirismo, inclusive utilizando-se do espiritismo.

Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilépios, usar de talismãs (sic) e cartomâncias, para despertar sentimentos de ódio ou amor, inculcar cura de moléstias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade pública.<sup>26</sup>

Antes ainda, no artigo 156 do mesmo capítulo “Dos crimes contra a saúde pública” é exposto que é proibido “[...] exercer a medicina em qualquer de seus ramos, a arte dentária ou a farmácia; praticar a homeopatia, a dosimetria, o hipnotismo animal, sem estar habilitado segundo as leis e regulamentos [...]”<sup>27</sup>. Estes aspectos na lei atingiam os médiuns receitistas adeptos do kardecismo. Segundo apresentado na tese de doutoramento de Emerson Giumbelli, a participação da FEB foi fundamental na defesa dos processos movidos contra os espíritas, observando a absolvição de todos os réus envolvidos neste tipo de delito. A defesa, nas vezes em que foi exigida,

<sup>26</sup> Artigo 157 do Código Penal de 1890 instituído pelo decreto 847 de 11 de outubro de 1890. Apud GIUMBELLI, Emerson. Op. cit. p. 79

<sup>27</sup> Código Penal de 1890, Apud, GIUMBELLI, Emerson. Op. cit., p. 80

utilizou-se do argumento sobre o princípio da liberdade das crenças contemplado pela Constituição de 1891 em seu art. 72, parágrafo 3º. A estratégia da entidade kardecista para escapar de possíveis condenações foi difundir a ideia de que as práticas de curas mediúnicas compunham o universo do rito religioso, reivindicando, portanto, a liberdade aos cultos. Certamente encontramos nas reflexões de Giumbelli um dos argumentos para entender a distinção entre o espiritismo francês e brasileiro, o primeiro de cunho mais scientificista em contrapartida com o segundo, mais ligado à religiosidade.

Além disso, o poder público no Brasil, na maior parte das vezes, foi omisso nas questões concernentes à saúde pública, um país marcado fortemente pela desigualdade social. A pesquisadora Sylvia Damázio<sup>28</sup> destaca que o espiritismo teve forte disseminação no Brasil, assumindo com isso, uma postura mais religiosa, diferentemente do que ocorreria na França, devido à sua vocação assistencialista. Amparados na leitura kardecista de que *fora da caridade não há salvação*, os fiéis encontraram um ambiente vastíssimo para promoverem a assistência aos pobres, ajudando, com isso, o processo de legitimação da religião. O que dá sentido a vida dessas pessoas é a certeza de uma vida após a morte e de um retorno à carne, por isto sendo importante as ações praticadas no presente. O sacrifício empenhado é o que dá concretude ao mundo material, é a sua própria razão de viver, de se relacionar com os outros. Diante de tantas carências materiais, retrato de um país bastante desigual, ser espírita representava assistir os desvalidos da sorte: realizar curas espirituais, distribuição de sopas e cestas básicas, entre tantos outros.

A compreensão do sofrimento humano como advindas de “karmas” adquiridos em reencarnações anteriores, de certa forma, propiciaria, sob o aspecto religioso, um abrandamento das penas do espírito. Assim, o espírito que antes teria o sofrimento eterno, passa agora a ter o alívio e oportunidade para se recuperar. Talvez, por isso, a religião kardecista ganhara novos adeptos. O sofrimento humano passa a ser explicado não como erros de Deus, mas das falhas do próprio indivíduo, que precisam ser resgatados para a evolução espiritual.

---

<sup>28</sup> DAMÁZIO, Sylvia, F. **Da Elite ao Povo:** advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

A religião é uma prática social não distante do mundo real. Deste ponto de vista, ela é também uma linguagem, está em constante movimento; é o fazer-se de um grupo, formando identidades, a cultura no plural, (re)criando e (re)elaborando significados que dão sentidos à vida das pessoas. “[...] *Uma sociedade resulta, enfim, da resposta que cada um dá à pergunta sobre sua relação com uma verdade e sobre a sua relação com os outros [...]*”<sup>29</sup> Nesse sentido, a tradição de uma religião europeia, que na sua criação está longe de ser pura, convivendo com as práticas religiosas dos negros, dos índios, mesclada com o catolicismo, associada, ainda, à condição social em que vivia o país, materializou uma identidade brasileira kardecista.

Como o Islamismo na Indonésia, o Espiritismo é uma religião importada, que se difunde no país confrontando-se com uma cultura religiosa já consolidada, hegemônica e, portanto, conformadora do ethos nacional. Sua difusão, como postulam certos autores, foi em parte favorecida pelo fato das práticas mediúnicas já estarem socialmente disseminadas, de longa data, no âmbito das religiões de tradição afro. No entanto, em contraposição a estas o Espiritismo define sua identidade, elegendo sinais diacríticos elementos do universo católico. [...]”<sup>30</sup>

Na literatura espírita nativa, e este imaginário é uma marca entre os fiéis kardecistas, há a defesa de que as terras brasileiras foram escolhidas pelo próprio Jesus Cristo para ser ambiente onde floresceria um lugar de paz e harmonia, contagiando, assim, o resto do mundo. Se interrogarmos qualquer kardecista sobre o motivo do Brasil ter o maior número de espíritas, certamente a resposta será a de que é o plano de Jesus para o Brasil e o espiritismo seria o passaporte para se obter esta ascensão de um lugar onde não haja mais sofrimentos. Este dogma tornou-se bastante forte entre os fiéis kardecistas, tal referência aparece primeiramente na obra psicografada por Chico Xavier, publicada em 1940, intitulada *Brasil Coração do Mundo e Pátria do Evangelho*<sup>31</sup>, autoria atribuída, segundo o médium mineiro, a Humberto de Campos.

É importante lembrar que desde a invasão da América pelos europeus, muito se difundiu a perspectiva de que nestas paragens se estabeleceria um

<sup>29</sup> CERTEAU, Michel. **A Cultura no Plural**. Campinas: Papirus, 1995, p. 38

<sup>30</sup> STOLL, Sandra Jacqueline. Op. cit., p. 61

<sup>31</sup> XAVIER, Francisco Cândido. **Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho**. Rio de Janeiro: Ed. da FEB, 1997.

novo mundo. Nos escritos de Cristovão Colombo há a alusão de que tantos sacrifícios nas navegações foram compensados pela descoberta do paraíso, o mesmo ambiente, como consta na mitologia judaico-cristã, onde viviam Adão e Eva e o mundo que habitariam os escolhidos por Deus no juízo final.

Ao alimentarem a fé de que o Brasil será o melhor país a dar o exemplo cristão, os fiéis não poupariam esforços para sedimentarem os “planos de Deus”. O grande empenho dos espíritas nos trabalhos de caridade serviu como forte veículo para a legitimação da religião no país, criando-se um universo simbólico de se tratar de pessoas caridosas. Esta religião se fortaleceu nas carências materiais das desigualdades sociais, na forte negligência do poder público, do elitismo científico e do conservadorismo católico. Grupos progressistas combatentes do arcaísmo clerical, intelectuais maçônicos, médicos homeopáticos seriam parceiros, mesmo não se declarando kardecistas. O Estado, por sua vez, não somente consente como incentiva a participação de organizações assistencialistas na atuação de projetos que seria de sua obrigação.

Como veremos a seguir, entre as décadas de 1940 e 1950 é o período em que se constata o maior crescimento de espíritas, praticamente dobrando o número de fiéis. Apesar de serem bastante reduzidos em confronto com a imensa maioria católica, os kardecistas possuíam forte poder de atuação em setores estratégicos já destacados anteriormente neste texto.

Observemos o quadro:

Distribuição dos Números da População, segundo a Religião no Brasil em 1940 e 1950				
Religião / Doutrina	Total em 1940	% em 1940	Total em 1950	% em 1950
Católicos	39.177.880	95,2	48.558.854	93,7
Protestantes	1.074.857	2,6	1.741.430	3,4
Espíritas	463.400	1,1	824.553	1,6
Budistas	123.353	0,3	152.572	0,3
Israelitas	55.666	0,1	69.957	0,1
Ortodoxos	37.953	0,1	41.156	0,1
Maometanos	3.053	---	3.454	---
Outras Religiões	110.849	0,3	140.379	0,3
Sem Religião	87.330	0,3	274.236	0,5
Total .....	<b>41.134.341</b>		<b>51.806.591</b>	

**Tabela 3** – Fonte: IBGE, Censo Demográfico 1940 e 1950.

O mercado editorial espírita no Brasil também merece destaque no que se refere à difusão e à divulgação da religião. Somente o departamento editorial da Federação Espírita Brasileira possui um catálogo com mais de 400 títulos, com 39 milhões de obras vendidas. Somando outras editoras espíritas, são mais de 4.000 obras com tiragens acima de 5.000 cópias cada livro editado em media. Só para se ter uma ideia, a média de outros livros são de 3.000 tiragens.

Analizando este mercado kardecista fica ainda mais evidente de que o fato de serem menos de 2% da população brasileira neste período citado não significou que foram inexpressíveis. Ao contrário, até 1938, a partir de dados da Federação Espírita Brasileira, 319 mil livros foram vendidos, sendo quase sua totalidade obras de Allan Kardec. Dentre os dez títulos deste autor, apenas 4 eram comercializados pela FEB. Em 1952 a federação havia registrado a venda de 719 mil exemplares. A primeira obra de Chico Xavier<sup>32</sup> foi lançada em

<sup>32</sup> SILVA, Raquel Marta da. **Chico Xavier**: imaginário religioso e representações simbólicas no interior das Gerais - Uberaba, 1959-2001. 2003. 269 f. Dissertação (Mestrado em História) Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003; SILVA, Raquel Marta da. **Mineiridade, Representações e Lutas de Poder na Construção da 'Minas**

1932 e em 1954 a vendagem de seus livros se igualava com os de Kardec e mais tarde o suplantando. Após a sua morte, o médium brasileiro deixou 458 títulos, vendendo mais de 45 milhões de exemplares.<sup>33</sup> Somente a editora da FEB publicou mais de 500 títulos totalizando mais de 45 milhões de livros vendidos. Deste montante de volumes publicados, 88 são psicografias de Chico Xavier, vendendo mais de 18 milhões de obras. Existem mais de 100 editoras espíritas no país e estima-se que mais de 100 milhões de livros foram vendidos até início do século XXI.

Para além dos consumidores espíritas, inúmeros outros, assumidamente de outras religiões, confessam interesse e admiração pelas práticas kardecistas e como temos visto, estão localizados nas mais diversas classes sociais. Outra evidência desta multiplicidade cultural religiosa é a ineficiência da medicina em tratar e curar diversas doenças, daí as pessoas recorrerem às famosas garrafadas, simpatias, benzeduras, votos, promessas e cura espirituais, além de muitos outros. As religiões oferecem respostas mais consistentes àqueles que se veem desiludido pelo conhecimento técnico e científico oferecido pela medicina e, passam, a partir das inquietações do presente e de seus modos de vida, (re)elaborarem, partilharem e (re)criarem símbolos que dão um sentido à sua existência.<sup>34</sup>

O universo kardecista é todo ele constituído por um público de letrados e a construção do imaginário de fiel ideal é, entre a prática da caridade, dedicar-se horas em estudos doutrinários sobre a religião, estando presentes praticamente em todas as atividades espíritas. Em quase todos os centros há um espaço reservado à biblioteca, em qualquer atividade promovida na casa sempre é destinado parte do tempo à leitura de obras consagradas pelos seus

---

Espírita': da União Espírita Mineira a Francisco Cândido Xavier (1930-1960). Tese (Doutorado em História – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.; MENEZES, Bethânia Alves de. **O Mito Chico Xavier**: os usos, apropriações e sedução do simbólico em Uberaba-MG. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

<sup>33</sup> **Isto É**, 26 fev. 2010.

<sup>34</sup> CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Op. cit.

seguidores, além dos inúmeros cursos que são ministrados ao longo do ano, desenvolvendo temáticas significativas ao kardecismo.<sup>35</sup> Deste ponto de vista:

Ser espírita no Brasil não é apenas dar e receber passes, assistir a palestras e sessões de mesa ou mesmo comunicar-se com os mortos mas, por exemplo, ter lido Allan Kardec, saber citar o Espírito Emmanuel, estar atento às transformações no mundo como sintomas da mudança do *status* da Terra, de “planeta de provas e expiações” para “regeneração”.<sup>36</sup>

Neste ínterim, partindo da máxima kardecista *amai-vos e instruí-vos*, os espíritas estabeleceram um caminho de atuação que, ao menos numa perspectiva ideal, solidificou uma identidade para esta religião, aspecto fundamental para pensarmos o seu processo de legitimação. Com isso, os rumos doutrinários de cada grupo eram sempre apoiados no Pentateuco de Kardec<sup>37</sup> e nas obras de Chico Xavier, consagradas entre seus seguidores como as mais importantes.

É preciso destacar, por outro lado, que o movimento espírita não foi um grupo harmonioso; ao contrário, é possível observar inúmeros conflitos entre a FEB e militantes espíritas, disputas entre os próprios grupos kardecistas, tanto no campo doutrinário quanto em questões administrativas. Ocorre que os militantes desta religião não acirravam estas contradições em seus veículos midiáticos utilizados na divulgação doutrinária, contribuindo de maneira decisiva para a formação de uma identidade, ainda que os kardecistas não fossem um grupo homogêneo e harmonioso. Interessante destacar que as brigas entre seus seguidores promoveram a difusão da religião. As dissidências internas e, consequentemente, as separações entre as famílias ou administradores dos centros espíritas favoreceram a criação de novas casas, buscando com isso novos seguidores. Não há qualquer restrição para que isso ocorra dentro do movimento kardecista. Qualquer pessoa pode fundar um

<sup>35</sup> LEWGOY, Bernardo. **Os Espíritas e as Letras**. um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

<sup>36</sup> Ibidem, p. 12.

<sup>37</sup> KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Rio de Janeiro: Ed. da Feb, 1996.

\_\_\_\_\_. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Rio de Janeiro: Ed. da Feb, 1996.

\_\_\_\_\_. **A Gênesis**. Rio de Janeiro: Ed. da Feb, 1996.

\_\_\_\_\_. **O Céu e o Inferno**. Rio de Janeiro: Ed. da Feb, 1996.

\_\_\_\_\_. **O Livro dos Mídiuns**. Rio de Janeiro: Ed. da Feb, 1996.

centro espírita, improvisado numa casa, promover grupos de estudos, palestras, trabalhos de assistências, aplicação de passes, entre tantos outros.

A partir de pesquisas realizadas em diversos jornais e periódicos, além de vasta bibliografia consagrada ao assunto, é possível observar que foi uma tendência nacional o livre trânsito destes fiéis flertando com setores importantes da República. Desde os primórdios do espiritismo no Brasil as práticas de seus fiéis estiveram coadunadas com o poder instituído e a mentalidade burguesa. A defesa doutrinária tinha um apelo à transformação individual, ao que chamam de evolução espiritual, mas não se dispunham a contestar a realidade desigual do país, a fazer quaisquer críticas ao Estado. Estas atitudes sempre renderam a estes fiéis inúmeras parcerias no plano governamental e empresarial, inclusive recebendo subvenções e investimentos de pessoas influentes assumidamente católicos. A criação de instituições de caridade, como era o caso do Sanatório Espírita de Uberaba, não foram mantidas apenas com doações de espíritas, ficando evidente que as disputas entre espíritas e católicos não eram tão acirradas como se presume. O que havia era uma intensa propaganda negativa do espiritismo vindo de alguns segmentos do clero, não tendo tanta ressonância entre os segmentos empresariais e o poder público.

## 2.2- Uberaba e a construção da prática espírita.

A história do Sanatório Espírita em Uberaba remonta a própria história da legitimação do espiritismo local. Outro aspecto relevante, o fato de Chico Xavier ter escolhido Uberaba como a sua nova residência foi preponderante para que se construísse o mito de que esta cidade é a *meca* do Espiritismo. Este termo passou a ser utilizado quando muitos fiéis vindos de toda a parte do Brasil viajavam até Uberaba para se encontrar com o médium Chico Xavier, seja atrás de alguma mensagem mediúnica, seja para tocá-lo, beijá-lo, formando filas gigantescas. Assim se pronunciou o mais importante jornal uberabense sobre a instalação de Chico Xavier nesta cidade.

Francisco Xavier, o conhecido escritor espírita, autor de dezenas de obras conhecidas dentro e fora do país, chegou ontem (16 de janeiro) a esta cidade, onde, segundo estamos informados, fixará a sua residência.

Chico Xavier, que vai morar no Alto de São Benedito, recebeu ontem mesmo a visita de numerosas pessoas<sup>38</sup>.

Acredita-se que o movimento espírita em Uberaba teria surgido aproximadamente no final do século XIX, período que a cidade contava com aproximadamente apenas seis famílias seguidoras do kardecismo. Em 1911 é fundado o primeiro templo desta religião, o *Centro Espírita Uberabense*, sendo inaugurada, apenas em 1919, a sua sede. Assim publicou o periódico de cunho liberal, *O Almanaque Uberabense* sobre a presença espírita na cidade, evidenciando que, desde cedo, os seguidores desta religião tinha espaços na imprensa:

### SPIRITISMO

Data de poucos anos (cinco, mais ou menos) o aparecimento franco e formal do Espiritismo nesta cidade. Antes dessa época, dois ou três espíritas isolados do movimento que ia pelo mundo envolviam no silêncio de suas convicções. Em 1897, operou-se benéfico movimento, dando em resultado a criação do Grupo "Cristo, Deus e Caridade" e que, devido à negligência de alguns dos principais mantenedores, deixou de existir.

O seu desaparecimento determinou a instalação do grupo familiar "Paz e Amor" e, pouco depois, o do Grupo "Luz Espírita", os dois

<sup>38</sup> Lavoura e Comércio, Uberaba, 17 jan. 1959.

únicos que, durante anos afrontaram a risota dos profanos. Até que a 2 de julho foram acoroçoados pela criação do grupo oficial “Amor, Caridade e Fé” e, mais tarde, pelo aparecimento de mais duas agremiações: “Esperança, Fé e Caridade” e Senda da Luz”.<sup>39</sup>

Em sequência surge o primeiro periódico espírita em Uberaba, *O Arrebol*<sup>40</sup>, criado em 1903 e em 1911 fundava-se o segundo periódico espírita, o *Brado de Alerta*. Em 1925 *O Arrebol* se transformou no jornal *A Flama*, ligado ao *Centro Espírita Uberabense*, passando a ser o mais importante veículo de divulgação do espiritismo local, condição que sustenta até hoje. Sob forte influência de representantes da Igreja Católica local, foi censurado pelo DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda instituído pelo governo federal de Getúlio Vargas) em 1942, voltando a circular somente em 1946. Na década de 1950 o seu nome muda para “Flama Espírita”.<sup>41</sup>

A Aliança Municipal Espírita de Uberaba foi fundada em 1960, fundamental na organização e difusão do movimento espírita na cidade. Em 1965 a cidade já dispunha de 23 centros espíritas. Além disso, haviam dois programas radiofônicos resevados à divulgação doutrinária, a *Hora Espírita Cristã*, (PRE-5 – 1.390 Kls.) e *Ondas de Luz*, exibido na rádio Difusora, 630 Kls.<sup>42</sup>

Inácio Ferreira, psiquiatra do Sanatório Espírita de Uberaba (SEU), também uma liderança no movimento kardecista, projetou a construção de uma casa que pudesse abrigar crianças órfãs. O terreno para a construção era do próprio Inácio Ferreira, situado bem próximo ao SEU. O *Lar Espírita* foi inaugurado em 1949. Algumas contribuições vieram do próprio movimento espírita, sendo, a mais generosa, vinda de um militante com bastante posses, o Sr. Abdón Alonso y Alonso que doou quantia “[...] no valor de Cr\$ 100.000,00, [...] [que] pelos meus cálculos, tirando a média salarial mínima vigente [...], o precioso donativo valeria hoje, em 2007, cerca de R\$ 50.000,00”.<sup>43</sup> Adão, como

<sup>39</sup> Almanaque Uberabense Apud. BACCELLI, Carlos. **O Espiritismo em Uberaba**. Uberaba: Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1987, p. 26.

<sup>40</sup> O jornal *Lavoura e Comércio* publicou matéria congratulando o novo periódico: “Apresentamos as nossas cordiais saudações ao apreciado colega uberabense *O Arrebol*, que, a 15 deste, transpõe mais um ano de desassombrado batalhar, em prol da propaganda espírita. (*Lavoura e Comércio*. Uberaba, 19 jul 1908).

<sup>41</sup> BACCELLI, Carlos. Op. cit.

<sup>42</sup> Ibidem

<sup>43</sup> VITO, Fausto de. **Dr. Inácio Ferreira – vida e obra**. Uberaba: Lepp, 2007, p. 90.

gostaria de ser chamado, também doou generoso erário para a construção do sanatório espírita local.

Em 1955 é criado o albergue noturno, empreitada comandada por militantes espíritas, daí o nome *Legionárias do Bem* com a finalidade de atender homens e mulheres pobres de passagem por Uberaba, onde funcionava aos domingos evangelizações da doutrina kardecista. Outra obra que mereceu destaque na imprensa local foi o *Lar de Velhinhos*, criado em 1958:

Há 26 anos, em Janeiro de 1958, um grupo de espíritas liderados pelo dinamismo de José Thomaz da Silva Sobrinho, fundou, em Uberaba, [...] o Lar dos Velhinhos “Bezerra de Menezes” [...] – uma Instituição que enobrece os uberabenses. Você sabia da sua existência?<sup>44</sup>

Vejamos a seguir as instituições assistenciais mantidas pelos seguidores de Kardec:

DEPARTAMENTO DE OBRAS ASSISTENCIAIS ESPÍRITAS ATÉ 1960	
Instituições	Finalidade
Lar Espírita	Orfanato para meninas
Sanatório Espírita	Hospital psiquiátrico
Lar dos Velhinhos Bezerra de Menezes	Asilo para velhos
Creche Sabino Lucas	Creche
Albergue Noturno Legionárias do Bem	Albergue
Albergue Noturno Batuíra	Albergue
Ambulatórios Médicos, Dentário e Homeopático Bezerra de Menezes.	Ambulatório
Ambulatórios Médicos e Dentário Batuíra	Ambulatório
Escola Primária Vicente de Paula	Escola
Escola Primária Henrique Krüger	Escola
Escola Primária Mariano da Cunha Jr.	Escola
Departamento de Recém-Nascidos Casa do Cinza	Creche

**Tabela 4** – Fonte: (BACCELLI, Carlos. Op. cit., p. 228-229).

A Escola Vicente de Paula, apesar do nome insinuar se tratar de uma instituição católica, estava associada ao centro espírita Vicente de Paula. Muitos dos santos católicos também são bastante quistos no meio kardecista, apenas suprimindo a palavra “santo”. Outro aspecto de extrema relevância é a participação direta da maçonaria em muitas obras assistenciais desta religião, tendo como seu integrante valoroso o psiquiatra Inácio Ferreira. Apesar de

<sup>44</sup> LAR dos Velhinhos “Bezerra de Menezes”, uma obra de amor. **Lavoura e Comércio**. Uberaba, 2 dez. 1982.

muitos dos integrantes maçônicos se dizerem católicos, mantiveram relação de união com os espíritas, laços ainda mais estreitados devido ao forte combate que sofriam do clero local.

A ação espírita sempre buscou a conversão de fiéis pela prática da caridade, atributo obrigatório a todos os seus praticantes, atuando em bairros pobres, mesmo quando suas sedes estão localizadas em setores de classe média ou alta. Estas práticas assistenciais são estratégias poderosas, pois são reconhecidas tanto por aqueles que necessitam de alimentos, de roupas, enfim, da assistência social, quanto pelas camadas mais abastadas, que constroem uma imagem de que os espíritas são caridosos, bondosos. Não nos cabe estabelecer juízos de valores, a análise aqui destaca a escolha da prática da caridade no meio espírita, ou o assistencialismo, como tática eficaz de legitimação social.

Uma prática bastante antiga e difundida em todo o movimento espírita brasileiro é a *campanha do quilo*, que consiste na arrecadação de alimentos realizados semanalmente, onde algumas dezenas de fiéis vão nas casas solicitando doações não perecíveis, recebendo em seguida mensagens espíritas. Estes alimentos doados principalmente por não espíritas são separados, formando-se cestas básicas, ou utilizados nas sopas distribuídas em bairros pobres. É desta maneira que era realizado algumas ações em Uberaba, como podemos ver nas imagens abaixo:



**Imagen 10** – Multidão à espera de donativos no Centro Espírita Uberabense, década de 1920 aproximadamente. **Fonte:** Arquivo do Sanatório Espírita de Uberaba.



**Imagen 11** – Evento “Natal dos Pobres”, organizado pelo Ponto Espírita Bezerra de Menezes realizado em 1920. **Fonte:** Arquivo do Sanatório Espírita de Uberaba.



**Imagen 12** – Evento “Natal dos Pobres”, organizado pelo Ponto Espírita Bezerra de Menezes realizado em 1920. **Fonte:** Arquivo do Sanatório Espírita de Uberaba.

O número de assistidos na cidade de Uberaba, quase todos miseráveis ou doentes pobres, se considerarmos que atualmente operam mais de 90 grupos espíritas segundo dados da Aliança Municipal Espírita (AME), quase todos eles mantendo atividades assistenciais em outros bairros, a estimativa é de um elevado número de atendidos todo ano. Mesmo constituindo pouco mais de 2% da população poucos adeptos em comparação aos católicos e pentecostais, em Uberaba as casas espíritas se espalham por toda a cidade, atingindo 32 bairros diferentes, dos pouco mais de 117 existentes, sendo que em muitos bairros, há mais de duas instituições.

Fica evidente a importância que o espiritismo assume em termos de legitimação, mais no respeito que adquirem da comunidade do que propriamente resultando na conversão religiosa. No dia 5 de julho de 1979, o jornal *Lavoura e Comércio* dedicou 3 páginas publicando matéria rememorando a trajetória do movimento espírita na cidade. O texto faz reverência aos pioneiros da religião em terras uberabenses, logrando-os às condições mais nobres, conforme nos relata o memorialista Carlos Bacelli, médium e escritor kardecista. Segundo a matéria, o kardecismo se iniciara nesta região tão logo da sua chegada ao Brasil, movimentação liderada por Luiz Olímpio Telles de Menezes, em 1865, com reuniões estabelecidas de maneira improvisada em casas de fiéis. É evidente que tal afirmativa é um tanto forçada, a organização espírita na cidade ocorre mesmo no século XX com elaboração de estatutos de funcionamento de centros, atividades de atendimento assistencial, entre outros. A consolidação do espiritismo estaria materializada, de acordo com o artigo, com a chegada de Chico Xavier na cidade de Uberaba em 1959, personagem mais importante entre os adeptos desta doutrina religiosa, recebendo o título de cidadão uberabense em 1969, administração do prefeito Dr. João Guido.



**Imagen 13** – Matéria jornalística sobre o espiritismo na cidade de Uberaba. Fonte: *Lavoura e Comércio*, 5 jul. 1979.

No trato com a documentação e das leituras sobre a temática referente ao espiritismo, fica evidente a inserção de espíritas em setores estratégicos da

sociedade. Os inúmeros jornais analisados, a postura dos seus editoriais, muitas vezes rendendo homenagens ao empreendedorismo de alguns personagens kardecistas, nos credencia a dizer que em vários veículos midiáticos havia espaço para que articulistas desta religião pudessem divulgar aspectos doutrinários, além de seus feitos assistencialistas. Diversas crônicas espíritas foram publicadas no jornal local de grande circulação diária, como foi o caso do *Lavoura e Comércio* e *Gazeta de Uberaba*, evidenciando a sua forte atuação na cidade. As publicações frequentes, abordando temas de cunho doutrinários kardecistas, de conduta moral, de eventos patrocinados pelo espiritismo, entre outros. São temas que reiteram as intenções da manutenção de uma cidade ordeira, pacífica e trabalhadora.

É marcadamente notável que entre os pioneiros do espiritismo nesta cidade estejam pessoas ligados às elites como é o caso dos advogados Affonso Modesto d'Álmeida e Antonio Cesário, do jornalista Manoel Felippe, do pecuarista Juca Penna, personagem principal na criação do gado Nelore no país, entre tantos outros. Mesmo os personagens sem posses, como era caso do professor Augusto Chaves, destacava-se como bom escritor e orador. Em 1947 elege-se para vereador, o médico, farmacêutico e espírita Henrique Krüger. Na análise de Raquel Marta Silva, “os títulos de lideranças ficaram reservados aos nomes de homens e mulheres de maior poder aquisitivo ou de destaque na sociedade.<sup>45</sup> A partir das fontes pesquisadas sobre Uberaba e até mesmo um estudo sobre as importantes obras acadêmicas versando sobre espiritismo, em outras cidades brasileiras, fica evidente que os pioneiros e líderes espíritas pertenciam a uma elite letrada. Chico Xavier talvez não seria referência no movimento kardecista se não tivesse se tornado o poderoso médium, reconhecido inclusive internacionalmente à época que aportou em Uberaba.

Interessante destacar ainda que os espíritas rebeldes, participantes de movimentos sociais nem sequer são lembrados entre os memorialistas kardecistas, como é o caso em Uberaba de Orlando Ferreira, escritor e jornalista, também conhecido como Doca, declaradamente comunista e

---

<sup>45</sup> SILVA, Raquel Marta da. **Chico Xavier**: imaginário religioso e representações simbólicas no interior das Gerais - Uberaba, 1959-2001. Op. cit.

kardecista.<sup>46</sup> Escreve em 1919 o livro *Pela Verdade: Catolicismo X Espiritismo*<sup>47</sup>, uma análise da trajetória católica e sua influência nefasta à população, formando indivíduos fanáticos e resignados. Em 1926 publica a obra intitulada *Terra Madrasta – um povo infeliz*<sup>48</sup>, distribuindo críticas ferozes às elites uberabenses, dentre eles o coronelismo e o clericalismo, definindo Uberaba como a *mucama do sertão*. Este autor também publicou outros livros defendendo o espiritismo e o marxismo, entre eles, *Capitalismo e Comunismo*<sup>49</sup>, também na mesma vertente, *Ilusões Capitalistas*<sup>50</sup>, estes dois na década de 1930 e em 1940 o texto *Forja de Anões*<sup>51</sup>, momento em que faz críticas ao esporte e principalmente o futebol. Outros dois livros completam sua vasta produção: *Rui Barbosa e seus detratores*<sup>52</sup> e *A Origem Divina do Espiritismo*<sup>53</sup>. Neste trecho em texto panfletário fica evidente o tom áspero dos seus escritos:

Uberaba é uma terra obra de liliputianos. Entre nós tem sido e são terríveis forças oponentes ao progresso do município:

- 1º - A administração.
- 2º A política.
- 3º - O Clero.
- 4º - A empresa de Força e Luz.
- 5º - A Família BORGES.
- 6º - A família PRATA.
- 7º - A família RODRIGUES DA CUNHA.<sup>54</sup>

Em outro trecho, Doca condena:

Os jogos prohibidos e todos os vícios condenados sustentam entre nós um exército de desocupados e de criminosos de toda espécie. Os nossos politiqueiros os protegem abertamente, escandalosamente e esses antros malditos são fontes de brigas, de discussões, de orgias e de constantes desordens. A sociedade pois nada tem a lucrar com o jogo e no entanto os politiqueiros perversos e mesquinhos e as autoridades policiais, todos insensíveis e atacados de lepra moral, nada enxergam e cosentem o mal. Aqui o jogador profissional é tão considerado, que até faz parte do diretório político e estas casas

<sup>46</sup> RICCIOPPO, Thiago. Orlando Ferreira: o boca do inferno da Farinha Podre. **Anais. ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História**, Londrina, 2005.

<sup>47</sup> FERREIRA, Orlando. **Pela Verdade: Catolicismo versus Espiritismo**. Uberaba: O Triângulo, 1919.

<sup>48</sup> Idem. **Terra Madrasta**. Uberaba: O Triângulo, 1928.

<sup>49</sup> Idem. **Capitalismo e Comunismo**. São Paulo: Rabelo & Magalhães, 1932.

<sup>50</sup> Idem. **Ilusões Capitalistas**. São Paulo: Rabelo & Magalhães, 1932.

<sup>51</sup> Idem. **Forja de Anões**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1940.

<sup>52</sup> Idem. **Rui Barbosa e Seus Detratores**. Uberaba: Jardim Uberaba, 1921.

<sup>53</sup> Idem. **A Origem Divina do Espiritismo**. São Paulo: Linotipo, 1956.

<sup>54</sup> FERREIRA, Orlando. **Terra Madrasta**. Op. cit. p. 55.

estão por ahí abertas em quasi todas as ruas centraes. Um escândalo! Uma ignomínia!<sup>55</sup>

Em 1948 lançou o livro *Pântano Sagrado*<sup>56</sup>, com aproximadamente 1000 tiragens, trazendo novamente fortes críticas à Igreja Católica. O clero local na figura de Dom Alexandre, influente bispo de Uberaba, processou Doca. Condenado, ele foi preso e obrigado a se retratar publicamente nos jornais *Lavoura e Comércio* e *Gazeta de Uberaba*, se desculpando das críticas e se comprometendo a não realizar mais nenhum ataque à religião católica. O *Correio Católico* apelou aos seus leitores e fiéis para que não lessem mais o diário de notícias *Lavoura e Comércio*, local onde Doca publicava regularmente críticas referentes aos problemas de Uberaba. Por uma ordem judicial, todos os volumes da obra *Pântano Sagrado* foram incineradas e proibida uma nova reedição. A influência da Igreja Católica sobre o poder judiciário, promovendo condenações e censuras era visível.

É inconteste a disposição das elites locais em forjarem a imagem de uma cidade próspera, uma metrópole promissora e ordeira. Estas práticas são perceptíveis em quaisquer urbe brasileira, estratégia utilizada para maquiar a pobreza sem lançar políticas que pudessem resolvê-la. Orlando Ferreira destacou diversos entraves ao desenvolvimento de Uberaba, condenou a forma de atuação dos políticos e das elites, criticou a maneira como a sociedade se organizava e ainda era comunista. Mesmo sendo um defensor do espiritismo, seu nome sequer aparece entre os personagens importantes na difusão do espiritismo na literatura kardécista memorialista local.

Falamos exaustivamente sobre a legitimação do espiritismo e as suas estratégias empreendidas para o reconhecimento social. Podia-se ajudar aos pobres promovendo o assistencialismo e em troca buscava-se possíveis conversões de indivíduos que passaram a admirar o que era “ser espírita”. Porém, é notória a conformação de seus líderes ao *status quo*. A grande defesa doutrinária era que:

[...] não há política dentro do Espiritismo. Partidos, discussões, questões polêmicas, nada disso aproveita a evolução máxima do Espiritismo Cristão entre os homens. Esta doutrina necessita é da

---

<sup>55</sup> Ibidem, p. 151.

<sup>56</sup> Idem. **O Pântano Sagrado**. Uberaba: A Flama, 1948.

sinceridade de cada um, da verdade da sua fé, da autenticidade das provas que dê em favor do credo que abraçou. O Espiritismo deseja que os homens andem de vizeira erguida, confessando-se sem tremor, nada receando para dar um testemunho sobre a fé que professam.<sup>57</sup>

Não obstante ao discurso, é possível observar contraditoriamente a participação política de inúmeros líderes espíritas, filiados em partidos políticos conservadores, isto não bastou para serem ignorados, ao contrário, muitos deles, configuraram entre os grandes nomes da doutrina espírita, o mais famoso deles, o deputado pelo Rio de Janeiro, Dr. Bezerra de Menezes. Tivemos em todo o Brasil, espíritas anarquistas, como era o caso da carioca Maria Lacerda de Moura, ou do comunista Gerson Mascarenha, baiano, perseguido e preso na ditadura militar de 1964.

Novamente é necessário deixar que neste trabalho não há alusão a juízos de valores, saber quem agiu corretamente, qual grupo político é merecedor da verdade histórica. Até mesmo poderíamos indagar se os grupos de esquerdas tivessem agido à maneira pela qual os grupos espíritas atuaram, não teriam maior ascensão? Ou, queriam os esquerdistas manterem o *status quo* em nome de reconhecimento social? São questionamentos que não cabem ser respondidas nesta tese.

Historicamente as religiões quase sempre adotaram uma postura de não intervenção no campo da política, apesar disto ter ficado só na intenção. O que se percebe, ao contrário que supõe os dogmas religiosos, na maior parte das vezes, a religião atua em consonância com o poder instituído. A Igreja Católica, antes do século XIX no Brasil, mesmo se dizendo solidária com o sofrimento dos negros, não defendia abertamente o fim dela. O espiritismo aderiu aos intentos abolicionistas apenas quando os movimentos republicanos já eram fortes em todo mundo, não demonstrando, assim, qualquer inovação. É evidente que nenhum grupo religioso é homogêneo, mas os fiéis que destoam da estimativa referida são considerados até desertores.

Talvez esteja nestes discursos a explicação para complacência às práticas espíritas, marcadamente por representar pessoas que não transgrediam a ordem estabelecida. Aliado a isso, a partir da discussão já

---

<sup>57</sup> CARVALHO, Viana. Não há política dentro do espiritismo. **Gazeta de Uberaba**. Uberaba, 30 jan. 1939.

bastante corrente pelos pesquisadores experimentados da religiosidade no Brasil, destaca-se a falta de ortodoxia religiosa da população brasileira. Não é raro encontrarmos, por exemplo, pessoas que dizem professar o catolicismo, utilizando-se de elementos culturais africanos ou mesmo frequentando o centro espírita para tomar passe. Associado a isso, a maioria católica poucas vezes deixaria de internar seu ente com transtornos mentais numa instituição espírita, situação desconfortável da família em ter em casa alguém que causa medo, transtornos, vergonha, que necessita de cuidados. Isso se verifica não somente em casos do sujeito apresentar quadros de extrema violência. A idealização dos feitos espíritas é reverenciada na imprensa em diversas situações, vejamos mais este artigo:

[...] e nós católicos deste Brasil, que católico se diz, só conhecemos a caridade em palavras, não sabemos consubstanciá-la em obras. Por que? Porque somos abúlicos ou desleixados. Sabemos, no entanto, atirar pedras às iniciativas de seitas religiosas que empreendem o bem. [...] Catedrais e templos erguem-se em demasia, para o nosso povo, tíbio que é, deixá-los criminosamente ao abandono. [...] Numa pequena praça há cinco igrejas. E para quê? Para dormirem, abandonadas, em ruínas muitas. [...] Católicos, eles, os pobres, esperam já e já dos vossos corações a conclusão desse templo de misericórdia (Sanatório Espírita de Uberaba), onde se mitigam as dores, onde se enxugam lágrimas, onde os corações benfazejos vão lenir o desespero dos torturados.<sup>58</sup>

É importante salientar que não havia um completo clima de harmonia nesta convivência entre católicos e espíritas, nem tampouco de animosidade como se queria acreditar muitos espíritas. As perseguições ocorreram, os questionamentos existiram na maneira como os adeptos da doutrina kardecista promoveram os trabalhos assistenciais, mas também inúmeros outros projetos foram tocados em parceria com católicos não ligados ao clero e espíritas. Não há vitimas neste jogo de disputas por legitimação social entre clero/médicos versus espíritas, tratava-se de pessoas influentes, articuladas e com forte ascensão social. Deste ponto de vista, nos momentos em que os espíritas sentiam-se ameaçados, recorriam aos veículos midiáticos, como percebemos na matéria seguinte:

#### DESFAZENDO CALUNIAS

---

<sup>58</sup> FERNANDES, Dr. Carlos. Bravos, Senhores Espíritas! **Lavoura e Comércio**, Uberaba, 20 nov. 1927.

Tendo um individuo, residente nesta cidade (deixo de citar o seu nome para não faltar com o princípio de tolerância que manda a doutrina que professo) dito a um meu amigo que diversos espíritas, inclusive a minha pessoa, exploravam a credulidade pública, visando interesses pecuniários, tenho a dizer que, quanto a mim, respondo pelos meus atos, e, por isso, venho repta-lo a provar, publicamente, si durante os 14 anos que sou adepto do Espiritismo recebi um presente, ao menos, em troca do meu trabalho espírita.<sup>59</sup>

Se por um lado a obra assistencialista satisfazia os interesses do poder público, de empresários e de camadas da população, por outro, era evidente o acirramento de conflitos com setores do clero local. Em um jornal católico as marcas destas disputas pela hegemonia da memória estão presentes:

A propaganda espírita caracterizava-se ultimamente entre nós, pela deslealdade sorrateira e manhosa, que evitava hipocritamente os ataques ao catolicismo, para se confundir com a Igreja verdadeira, e pescar em águas turvas. A seita diabólica envidava todos os esforços para ludibriar os incautos, procurando fazer-se passar por amiga e colaboradora do Catolicismo, que deveria ter, portanto, todo o apoio dos bons católicos. Contudo, quem não vê que toda avalanche desencadeada pela propaganda espirita se está dissipando como um pouco de fumaça, sem deixar atrás de si senão um punhado de Centros, que se vão destroçando como trastes carunchados e bolorentos?<sup>60</sup>

Os ataques do clero foram bem frequentes em determinado período, expressos abertamente no veículo católico. Na década de 1940 o jornal promoveu forte campanha difamatória, reflexo do crescimento e importância política que muitos espíritas conquistavam. Nesta época, depois de inúmeros textos condenando os dogmas espíritas, o psiquiatra do SEU Inácio Ferreira, já kardecista convicto, se ofende com a agressão publicada no Correio Católico e resolve revidar:

O Correio Católico, local, há vários meses vem fazendo algumas considerações a respeito do Espiritismo. Enquanto procurou analisar os ensinamentos kardecistas, com linguagem à altura de um jornal católico, embora os interpretando a seu bel prazer e embora dando a algumas notinhas mais pesadas, eu como espirita que me prezo de ser, responsável por um Sanatório espírita, por uma instituição de moços espíritas e empregando o pouco que me resta de tempo, em outros setores da doutrina, não liguei nenhuma importância porque, obrigado a lutar pelo pão de cada dia, o que não acontece com as ordens de padres que vivem à custa do auxílio alheio, não podia perder tempo em ajudá-los a segurar a peneira com que pretendem a tapar o sol... Desde, porém, que caíram no insulto torpe, indigno de

<sup>59</sup> MORI, Francisco. Desfazendo Calúnias. **Lavoura e Comércio**, Uberaba, 7 mai 1937.

<sup>60</sup> DERRUBANDO a Máscara. **Correio Católico**. Uberaba, 15 nov. 1941.

quem se intitula Missionário de Cristo, com seu último artigo — DERRUBANDO A MÁSCARA— 15-11-41, eu lhes digo: ALTO LÁ SRS. VIGÁRIOS Quem está agora, derrubando a máscara com que vivem no carnaval das liturgias, com fantasias apropriadas, não somos nós espíritas, que jamais aceitamos o catolicismo, seita que se foi organizando com o tempo, para só abraçarmos o cristianismo, ensinado pelo Cristo, hoje desvirtuado pelos cornerciadores, por detrás de um verdadeiro balcão, sem ao menos pagar impostos!

O Correio Católico continuaria forte campanha contra o espiritismo, publicando semanalmente textos questionando os dogmas kardecistas:

O recenseamento que se realiza atualmente no Brasil, vae (sic) talvez nos trazer a mesma surpresa do último.

Sabemos que ao quesito sobre a religião professada, muitos recenseados responderam “sou católico espírita”. Este fato é uma revelação tremenda da confusão e da ignorância em que vive o povo. Esta fórmula poderá parecer legítima a certos espíritas que para melhor atrair e enganar, timbram em esconder a incompatibilidade entre as duas doutrinas. Apresentam o espiritismo como uma religião que não se opõe, porém supera ao catolicismo uma espécie de catolicismo evoluído, uma terceira revelação que há de atrair e iluminar um dia o mundo inteiro e até o próprio papa, os bispos, os padres convertidos ao espiritismo. A pretensão é de menos. A formula “católico espírita” poderá parecer legítima também ao povo que por falta de cultura não sabe distinguir a verdade do erro e pensa enxergar pontos de contacto entre as duas doutrinas [...].<sup>61</sup>

A Igreja Católica era forte e bem organizada em Uberaba. Desde 1896 esta cidade era sede do bispado de Goiás devido à sua localização geográfica estratégica. A partir de 1907 a terra do zebu passa a ser sede de uma nova diocese, desta feita, representando o Triângulo Mineiro.

O espiritismo abriu um campo imenso para pesquisas científicas, multiplicando os médiuns, os nervosos e os loucos. Incentivou a análise dos fenômenos psíquicos e das faculdades mentais. Foi este aspecto do espiritismo que cientistas de renome acharam interessante, provocando sessões espíritas, não para ouvir mensagens do além (isso é para os crédulos) mas para analisar a mediunidade, o desequilíbrio mental, as ações e reações dos mediuns. Por isso em países de cultura mais adiantada “as sociedades espíritas” deixaram de apresentar feição religiosa, de professar um crédo religioso para se tornar simples sociedades de pesquisas sobre as faculdades mentais. Aliás é sómente neste terreno que a verdadeira cultura, como também a Igreja católica pôde aceitá-las.<sup>62</sup>

O próximo artigo católico chama a atenção da população sobre o equívoco de alguém se tornar espírita:

<sup>61</sup> CATÓLICO-Espírita. **Correio Católico**. Uberaba, 15 jul. 1950.

<sup>62</sup> **Correio Católico**, 29 jul 1950

Gente culta não pode ser espírita – lembro-me de ter feito esta declaração uma vez em conversa sobre espiritismo e meu interlocutor espantado me objetivou que conhecia muitos espíritas cultos, citou diversos nomes de projeção social. – Para explicar meu ponto de vista tive que encetar uma verdadeira análise de palavras, como se faz para colegiais. Comecei explanando o que se entende por gente culta. – Julgava meu amigo que a cultura [se] caracterisasse pelo número de conhecimentos; para ele um homem culto é um homem que sabe muitas coisas e pode falar em muitos assuntos, cursou escolas e tem um título de doutor. – Mostrei-lhe que tudo isso não quer dizer nada e não faz que um homem seja forçosamente um homem culto – a menos que se trate de cultura superficial e externa. [...].<sup>63</sup>

A condenação ao espiritismo era muito frequente, na tentativa de coibir quaisquer católicos a praticarem doações para entidades espíritas: O clero insistia dizendo que “[...] O católico não pode [...] auxiliar, de qualquer maneira, as instituições, asilos, hospitais, mantidos pelo espiritismo.”<sup>64</sup> e complementa em outro artigo: “[...] Não é justo, não é razoável, não é católico, que ajudemos, direta ou indiretamente, a sua propaganda, o êxito de suas iniciativas”<sup>65</sup>. A campanha anti-espírita não concederia tréguas:

Um católico não pode assistir a sessão espírita, nem por mera curiosidade, nem por assistência meramente passiva. [...] A pessoa que lê e conserva livros espíritas incorre, *ipso facto*, na EXCOMUNHÃO, (sic) reservado especial modo à Santa Sé.<sup>66</sup>

Aqui, como resquício do autoritarismo católico já observado no livro do índice formulada na Contra Reforma ou à época da Inquisição, ameaça-se o fiel com a excomunhão. Percebe-se muito mais a retórica da presumível condenação que, na prática, resultaria em um longo processo a partir do direito canônico e se alastraria e se multiplicaria, sendo, portanto, inviável à própria instituição que teria que recorrer à prelazia, à Roma, sem um retorno entre custos e benefícios.

Em um dado momento, Inácio Ferreira teria preparado outra resposta ao clero uberabense para ser publicado no *A Flama* quando o responsável pelo periódico sugeriu que algumas palavras ofensivas fossem tiradas. Não atendendo, Inácio retira seu artigo e promete nunca mais publicar no jornal

<sup>63</sup> ESPIRITISMO e Cultura. **Correio Católico**. Uberaba, 22 jul. 1950.

<sup>64</sup> O ESPIRITISMO – seus castigos e maldições. **Correio Católico**, Uberaba, 12 out. 1940

<sup>65</sup> **A União**, Rio de Janeiro, 14 abr. 1940.

<sup>66</sup> **Correio Católico**, Uberaba, 12 out. 1940.

espírita. Apesar deste desentendimento continuou mantendo boas relações, amigo bem próximo de dirigentes do periódico, como foi o caso de Fausto de Vito, professor que o auxiliava na revisão gramatical dos livros organizados por Inácio.

Não é difícil concluir, a partir da ascensão kardecista e a realização de inúmeros feitos, que a relação entre espíritas e católicos foi muito mais harmônica do que conflituosa. Em um aspecto era evidente as diferenças religiosas, a visão espiritual, mas de outra feita, as posições ideológicas se convergiam. Deste ponto de vista, nos cabe ressaltar a importância da postura assistencialista incorporada pelos fiéis espíritas. Anterior às doutrinas relacionadas à paranormalidade, à reencarnação, à comunicação com os espíritos, entre tantos outros dogmas, a postura do kardecista de não promover o embate entre as elites locais – muitos destes fiéis religiosos faziam parte da escol social – foi decisivo para a sua legitimação no Brasil. Assim, a caridade, a resignação, o conservadorismo político e o fato de líderes religiosos se configurarem como classe privilegiada são aspectos fundamentais para que se construíssem um ideal humanitário que enquanto rótulo garantiram sua aceitação.

A exaltação ao trabalho, aos bons costumes, à resignação, está presentes nas crônicas dos jornais, não importando a religião professada. O espiritismo defende a manutenção da ordem instituída e a sua conformação, obtendo, com isso, um amistoso relacionamento com setores das elites, inclusive a participação nos meios de comunicação, fato que se tornaria fundamental na sua divulgação doutrinária. Os adeptos do espiritismo que tiveram acesso à mídia foram os mesmos que combateram o comunismo, defenderam as elites como homens de bem. Outros espíritas que mantiveram uma postura mais radical não foram reconhecidos, não possuíam a mesma ascensão social que outros desfrutavam.

**CAPÍTULO 3**

**TRAJETÓRIAS DA HIGIENIZAÇÃO**

**UBERABENSE E A**

**INSTITUCIONALIZAÇÃO DA CURA**

### 3.1 Em Uberaba: doenças, mazelas sociais e suas práticas punitivas.

Fascinados pela perspectiva de que tudo poderia ser explicado pelo uso da razão e de que o corpo humano deveria ser comparado ao de uma máquina, os cientistas do século XIX no Brasil timidamente ascendiam para uma intervenção na saúde pública com o intento de medicalizar uma sociedade que se encontra doente, não somente por infecções viróticas ou bacteriológicas, assim como, degenerações genéticas em consequência do cruzamento de raças e de comportamentos sociais tidos como imorais. O século XIX ficou marcado pelo avanço nas bases teóricas da medicina, pela descoberta dos causadores da enfermidade, pela inserção de técnicas de cura, constituindo um saber em que o hospital passa a ser não somente o depósito de pobres e desvalidos, mas também um laboratório de cura. Não somente isso, inúmeras teses científicas no fim do século XIX, advindas do esforço intelectual dos profissionais da saúde, literatos, advogados que defendiam a inibição de cruzamentos de brancos com negros e índios. Diversas teses justificavam que a desigualdade social, a degenerescência física, a debilidade moral como resultado de cruzamentos genéticos deveriam ser evitados.<sup>1</sup>

Em busca de reconhecimento social, a classe médica estabelece projetos de esquadriamento do espaço urbano, ditando normas de comportamentos e representando um novo saber sobre o homem. Em 1829 é criada no Brasil a Sociedade de Medicina e um dos aspectos de sua influência é a criação dos códigos de posturas e a condenação do charlatanismo. Fica evidente que tais defesas casariam com os projetos urbanísticos almejados pelos representantes políticos, defendendo ações em nome de um futuro, onde a ordem se estabelecerá através de um controle sistemático dos excessos e, sobretudo, pela difusão de uma verdade.<sup>2</sup> Esta tendência se espalhou por todo o Brasil, e, em Uberaba, com a criação dos códigos de posturas, quando ficou

<sup>1</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças** – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993; SILVEIRA, Éder. **A cura da raça** – eugenia e higienismo no discurso médico sul-rio-grandense nas primeiras décadas do século XX, 2005.

<sup>2</sup> MACHADO, Roberto; e outros. **Danação da Norma**: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

*“[...] proibido o exercício da Medicina e Pharmácia, sem possuir a licença da Câmara Municipal e sem um aprofundado conhecimento das formulas legais [...] será imposta multa.”*<sup>3</sup> As elites, que conseguiam pagar pelo tratamento médico, reivindicavam o cumprimento das leis:

É proibido fingir-se inspirado e predizer futuros — § 2º Intitular-se curado de enfermidades, pelos meios de encanto, feitiços e orações. § 3º Intitular-se possuidor de remédios, segredos, vendidos sem autorização legal. Aos contraventores se imporá a pena de 8 dias de prisão e 301:000 de multa.<sup>4</sup>

Nas análises esclarecedoras de Luiz Otávio Ferreira, muito dos trabalhos que pensaram o surgimento da medicina no Brasil, final do século XIX, apoiados na perspectiva foucaultiana, criaram o conceito de medicalização da sociedade. A participação dos médicos neste período era visivelmente tímida. Mesmo com a implementação do ensino de medicina no país, em 1832 pelo governo imperial, prevalecia a atuação da medicina popular, diferentemente do que ocorreu na Europa e EUA. Os estudos da medicina brasileira não estabeleceram uma oposição de imediato aos boticários e curandeiros, momento em que mesmo “[...] com o apoio das autoridades médicas oficiais, os primeiros periódicos médicos nacionais encontraram sérias dificuldades para sobreviver.<sup>5</sup> Deste ponto de vista, a “[...] utilização de plantas medicinais foi uma das práticas terapêuticas mais recorrentes na tradição médica colonial.<sup>6</sup> Num levantamento feito pelo governo mineiro colhendo informações das mais variadas cidades da província revelou-se que 384 indivíduos exerciam o exercício de cura, sendo que apenas 46 eram médicos.<sup>7</sup>

Como podemos perceber, apesar do discurso higienizador e científico, o sentimento de cura está, em muitas situações, sob o domínio da fé, pois “[...] são, antes de qualquer coisa, práticas sociais de grupos que experimentam no

---

<sup>3</sup> ATAS da Câmara Municipal de Uberaba 1857-1871. Disponível em: Arquivo Público Municipal de Uberaba, p. 265-278.

<sup>4</sup> Ibidem.

<sup>5</sup> FERREIRA, Luiz Otávio. Medicina impopular: ciência médica popular nas páginas dos periódicos científicos (1830-1840). CHALHOUB, Sidney; e outros (org.). **Artes e Ofícios de Curar no Brasil**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003, p, 104.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 105.

<sup>7</sup> FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. A saúde em Minas Gerais durante o século XIX. In: MARQUES, Rita de Cássia (org.). **História da Saúde em Minas Gerais: instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958)**. Barueri/SP: Minha Editora, 2011.

*seu cotidiano as agruras da vida*".<sup>8</sup> Para os benzedores as plantas ajudavam, mas não pode haver cura se não houver fé. O humano e a natureza estão em comunhão e a doença é sinal de desarmonia, onde a volta do equilíbrio é a busca do mágico, com o espiritual. Daí se explica a presença de água, fogo, ar, terra e vegetação como elementos eficientes para eliminar o maligno. O universo dos curandeiros não é o racional da medicina convencional, ao contrário, o sagrado e o profano estão entrelaçados e se fundem. Procurar um curandeiro nesta época, para além da descrença e elitismo por parte da classe médica, representava um ato de fé, parte de práticas coletivas de um grupo social que nos ajudam a pensar conceitos caros como identidade, tradição, memória e religiosidade popular.<sup>9</sup>

A ausência de uma assistência médica aos pobres em todo o país, o reduzido número de profissionais da saúde fez com que o alívio àqueles que necessitassem estivessem praticamente restrito aos raizeiros, rezadores, benzedores, boticários, agindo no “[...] espaço da fé, da crença, da solidariedade e da tradição, estes homens que receitavam chás, repousos, purgantes [...]”<sup>10</sup>. O uso da coerção policial dava-se em alguns casos, a convivência com os curadores que não possuíam registro de medicina era bem amigável, o que era de se esperar, diante de tantas carências, além de ter havido um corpo médico incipiente.

Uma das grandes preocupações locais não poderia deixar de ser a propagação das doenças. Uberaba teve vários surtos epidêmicos, destaquemos a varíola, uma doença altamente contagiosa, hoje erradicada no mundo e que vitimou várias pessoas. Havia uma estimativa de que 35% de

<sup>8</sup> MACHADO, Maria Clara Tomaz. **Cultura popular e desenvolvimento em Minas Gerais: caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950-1985)**. 1998. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998, p. 235.

<sup>9</sup> Sobre o tema conferir: CARRARA, Sérgio. Entre cientista e bruxos – ensaios sobre dilemas e perspectivas de análise. In: ALVES, Paulo César e MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.) **Saúde e Doença: um olhar antropológico**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994; GOMES, Núbia Pereira de Magalhães e PEREIRA, Edmilson de Almeida. **Assim se benze em Minas Gerais: um estudo sobre a cura através da palavra**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004; OLIVEIRA, Elda Rizzo. **O que é Medicina Popular**. São Paulo: Brasiliense, 1994; RIBEIRO JUNIOR, João. **O que é Magia**. São Paulo: Brasiliense, 1985; MACHADO, Maria Clara Tomaz. Benzeções: a gramática e os gestos transcendentais da fé. In: SANTOS, Regma Maria dos Santos e BORGES, Valdeci Rezende (org.). **Imaginário e Representações: entre fios, meadas e alinhavos**. Uberlândia: Aspectus, 2011.

<sup>10</sup> FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. **A Arte de Curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002, p. 47.

contaminados que se curassem teriam sequelas, como a cegueira ou cicatrizes. Avalia-se que a doença teria chegado em Minas Gerais a partir de 1873 e o seu enfretamento era responsabilidade dos governos locais, amparados, é claro, pelas instituições assistencialistas.<sup>11</sup> As medidas preventivas eram discutidas pelas autoridades em forma de lei:

Tendo-se desenvolvido nesta cidade a epidemia das bexigas, a Câmara Municipal instalou um Lazareto para todos os doentes, mas é impossível constranger algumas pessoas a ali se recolherem. Por isso vai a epidemia em progresso, continuando a Câmara a conservar o dito onde recebe os desvalidos e inda mesmo aos que se vêm abandonados, embora tenham maneiras de tratar-se, porque o receio que do povo se apodera o constrange a faltar à caridade inda aos próprios parentes e amigos.

Como as despesas são excessivas, a Câmara deliberou criar nessa Freguesia – e em outras do Município uma Comissão composta de V. Excia. e dos cidadãos Revdo. Vigário Antônio Lisboa Lima e Lourenço Gonçalves Castanheira, destinada a angariar fundos por meio de subscrição a ser promovida entre os numerosos amigos”<sup>12</sup>

A situação da saúde pública em Uberaba vai se transformando acompanhada das políticas federais e estaduais, ainda que lentamente. Em 1891, entra em vigor nesta cidade a obrigatoriedade da vacinação de prevenção da varíola pelo *cow pox*.<sup>13</sup> É construído em 1904 um lazareto em local afastado para isolar aqueles que tivessem se contaminado pela doença. O jornal, em certa medida, atuava também na intenção de afastar o pavor gerado pelo surto, situação que atrapalhava o comércio local. Neste caso, é muito interessante perceber a rapidez com que o poder público erige uma casa para abrigar as pessoas infectadas. Não era somente o medo de contaminação, o que já seria motivo suficiente, mas as elites também tinham seus negócios prejudicados diante da temeridade de seus clientes de se contaminarem.

Castro<sup>14</sup> mostra que até a década de 1920 a maior parte dos médicos que clinicavam no interior de Minas Gerais eram itinerantes, ficavam de seis meses até um ano nas cidades, geralmente vindos do Rio de Janeiro,

<sup>11</sup> FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. Op. cit.

<sup>12</sup> ATAS da Câmara. **Prefeitura Municipal de Uberaba**. Uberaba, 30 de nov. 1862.

<sup>13</sup> BILHARINO, José Soares. **História da Medicina em Uberaba**, vol. 2 – medicina, médicos, comunidade, documentário. Op. cit.

<sup>14</sup> CASTRO, Dorian Erich. **Relatório das Práticas Médicas no Interior de Minas Gerais: transformações, astúcias e persistências (Uberabinha 1903/1945)**. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001

estabeleciam consultórios até em hotéis, suprindo, assim, a carência de especialistas. Só quando as famílias das elites mineiras formaram seus filhos as cidades interioranas passaram a contar com um efetivo mais consistente.

Em nota o jornal *Gazeta de Uberaba* questionava a não intervenção policial:

Uma mulher, (...) praticando publicamente a feitiçaria, sem que as autoridades policiais encarregadas do respeito a lei, se intervenham no caso para dar um paradeiro a tão revoltante e indecorosa exploração. Diariamente das 10 as 12 horas do dia quem passar pelas imediações da rua Tristão de Castro e a travessa Joaquim Ignacio poderá verificar o que estamos afirmado. Uma mulher (...) benzendo uma multidão de pessoas recebendo para este fim parcias economias daquelas que alli vão, procurar melhorias que não podem encontrar (...).<sup>15</sup>

De um lado o discurso médico condenando os “charlatões” e suas técnicas “não científicas” em consonância com o discurso do progresso e da idealização do espaço urbano que se almejavam conquistar. Por outro, a omissão do poder público, o número reduzido de bacharéis e quando haviam profissionais, o atendimento se limitava àqueles que podiam pagar. O atendimento médico à população de Uberaba nas primeiras décadas do século XX ainda era escassa e a experiência com medicina popular manuseada pelos inúmeros curadores seria o recurso mais utilizado neste momento. É por meio destas lacunas que as instituições de caridade irão atuar, criando em todo país as Santas Casas de Misericórdia, administradas pelos católicos.<sup>16</sup> Em Uberaba mobiliza-se esforços para este intento, como podemos verificar na sessão da Câmara Municipal:

Como é de grande necessidade a criação de um estabelecimento de caridade nesta cidade, para socorrer os muitos infelizes desamparados e sendo da competência desta Câmara o promover os meios para se levar a efeito a fatura de tais estabelecimentos pela Lei Mineira n.º 148 de 06 de abril de 1839, proponho que a Câmara nomeie ao Reverendo Frei Eugênio Maria de Gênova, para promover

<sup>15</sup> FEITICARIA ou fanatismo. **Gazeta de Uberaba**, Uberaba, 23 jul 1912.

<sup>16</sup> MACHADO, Maria Clara Tomaz. **Os Desvalidos da Sorte**: a Santa Casa de Misericórdia e o controle dos excluídos sociais (Uberlândia 1918-1980). **Anais ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História**, Fortaleza, 2009; MACHADO, Roberto e outros. Op. cit.; WEBER, Beatriz Teixeira. **As artes de curar**: medicina, religião, magia e positivismo na República Rio-Grandense 1889-1928. Santa Maria: Ed. da UFSM/Bauru: Edusc, 1999; ABREU, Jean Luiz Neves. **Nos Domínios do Corpo**: o saber médico luso-brasileiro no século XVIII. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.

as subscrições e mais diligências na dita lei, determinadas para o dito fim, pondo outrossim a Câmara à disposição deste virtuoso sacerdote os meios de que precisar e estiverem contidos nas suas atribuições. Somente este virtuoso sacerdote por meio de sua doutrina e excelentes maneiras consegue o que intenta de Obras Pias, no que temos já exemplo nas custosas obras do Cemitério e Consistório, Adro e orna-mentos. Proponho mais que esta Câmara represente ao Exmo. Sr , Ministro da Justiça a graça de conservar neste país ao Reverendo Frei Eugênio até à conclusão da Casa de Caridade, apresentando-lhe as razões expostas, indo esta representação por intermédio do Governo da Província.<sup>17</sup>

A Lei provincial n. 148, de Minas Gerais, sancionada em 6 de abril de 1839, autorizava as entidades assistencialistas a criarem e manterem hospitais de caridade destinado à população pobre.<sup>18</sup> Dá-se início, então, em 1858, aos preparativos para a construção de um hospital de caridade, empreendimento comandado por Frei Eugênio Maria de Gênova que morreria em 1871 antes de ver seu projeto de assistência aos pobres inaugurado e funcionando. Em nota o jornal criticava a demora da inauguração do estabelecimento católico, mostrando que “[...] são demasiadas as lágrimas dos enfermos que se arrastam miseravelmente pelas ruas e que morrem à mingua em choupanas, mal amparados, onde o frio vento da noite corta-lhes as carnes em chagas.”<sup>19</sup> A demora na construção do suntuoso edifício, o despreparo na administração das obras e os parcós recursos conquistados foram preponderantes para que em 1891 a Câmara Municipal determinasse a demolição de sua torre, pois segundo laudo estaria condenado.<sup>20</sup> Completaria 30 anos do lançamento da pedra fundamental quando enfim o hospital assistencial foi inaugurado, em 1896 e três anos após a instituição já passaria por enormes dificuldades financeiras, como podemos conferir no noticiário:

É necessário que todos contribuam. Os menos favorecidos com dádivas mensais de um ou dois mil réis Quem não puder concorrer com dinheiro, concorra com o que puder. Nota-se um retraimento sem nome do povo. O zeloso Provedor não tem poupado trabalhos. Excelente médico que é do estabelecimento ali vai todos os dias examinar os enfermos, fazer operações e curativos, com urna dedicação sem limites, ocupando-se dos seus doentes somente pelo amor do próximo, sem auferir o mais pequeno resultado Pecuniário. (sic)

<sup>17</sup> ATAS da Câmara. **Prefeitura Municipal de Uberaba**. Uberaba, 8 mar. 1859.

<sup>18</sup> FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. Op. cit.

<sup>19</sup> **Gazeta de Uberaba**, Uberaba, 15 nov. 1888.

<sup>20</sup> BILHARINO, José Soares. **História da Medicina em Uberaba**, vol. 2 – medicina, médicos, comunidade, documentário. Uberaba: Vitória, 1982.

As operações que ali tem feito, as curas que tem alcançado são inúmeras. [...] tendo enfermeiros dedicados e bem entendidos do ofício.  
Envergonhamo-nos de dar publicidade a tudo quanto se refere ao possível fechamento do hospital.<sup>21</sup>

Aproximadamente vinte e três anos após a sua inauguração, a Santa Casa passaria por sérios problemas financeiros, até que em 1921, o hospital é abandonado definitivamente após um incêndio. Foi defendida a hipótese de que, o “[...] fogo que acabou com o velho casarão [...] foi proposital. [...] As casas da vizinhança corriam perigo, o incêndio podia ser o de Roma [...]”<sup>22</sup>. Sem indícios de que fora premeditado, com incêndio ou não, o fato é que mesmo antes do incêndio era este o panorama do hospital.

Não há quem não conheça esse vetusto pardieiro, cujos serviços prestados à população überabense estão na razão direta do seu elevado número de anos, Confrange-nosvê-lo ali, ao alto da praça, com suas janelas sexagenárias desvidraceadas e os paredões coloniais esburacados, já prestes a arriar a carcassa, (sic) tanto a inclemência da chuva e a impiedade dos anos o maltrataram. Atendendo à sua velhice externa e interna, e a necessidade imprescindível que há para a cidade de se manter um estabelecimento desse gênero a diretoria da Santa Casa resolveu construir um novo edifício, de moderno aspecto arquitetônico com a higiene e o conforto necessários aos fins a que se destina.

Assim sendo, todos nós devemos envidar esforços no sentido de se levar avante a idéia oportuna da edificação de um hospital, capaz de corresponder aos progressos de nossa terra e aos sentimentos humanitários de seus habitantes.<sup>23</sup>

Inúmeros são os artigos denunciando as péssimas condições das instalações da Santa Casa de Misericórdia de Uberaba. Após o incêndio os enfermos foram remanejados à uma casa provisória até que nova sede fosse construída. Tudo era muito precário, faltava medicamentos, o espaço era inadequado e a “[...] a sala de curativos é mais sumária ainda. Há ali carência de tudo.”<sup>24</sup> Diversas são as denúncias realizadas na imprensa:

A conservação da Santa Casa de Misericórdia naquele edifício é um atentado à civilização da nossa cidade, é um grande grito negativo da índole caridosa e do espírito de filantropia da nossa gente.

Não se comprehende bem como é que o hospital de caridade de Uberaba, há 13 anos está instalado provisoriamente em um prédio

<sup>21</sup> SANTA Casa de Misericórdia. **Lavoura e Comércio**. Uberaba, 22 abr. 1899.

<sup>22</sup> **Lavoura e Comércio**. Uberaba, 20 fev. 1921.

<sup>23</sup> SANTA Casa de Misericórdia. **Lavoura e Comércio**, Uberaba, 16 jan. 1919.

<sup>24</sup> **Lavoura e Comércio**, Uberaba, 10 abr. 1932.

que pode servir para tudo, menos para esse fim, sem que se tenha, até agora, concluído o prédio que para essa instituição se está construindo com morosidade que espanta e pasma.

O velho pardieiro está ruindo, está se esbarrostando Na sala de operações, sem forro, caem detritos, poeira e o pó constante que provém da atividade incessante dos cupins.

Há perigo de desabamento na cozinha e no dormitório das irmãs de caridade. Nas paredes ventrudas e desaprumadas o reboco se desprende O telhado limoso está cheio de corcovas. É total a falta de recursos, não há medicamentos.

Só a caridade dos médicos operadores, dentre os quais manda a justiça que se destaque o nome do sr dr . Carlos Smith, diretor do Sanatório "Azevedo Costa", se deve ser aquela casa aproveitada para esse fim.

Há poucos dias foi colocado um forro na sala de operações, graças à doação feita por um comerciante local, depois de assistir ali, penalizado, a uma intervenção.

Por todos os cômodos e até na sala de cirurgia sob as vigas, feia preciso colocar enormes escoras.<sup>25</sup>

Somente em 1935 é inaugurado, pela segunda vez, o nosocômio assistencialista que pôde, enfim, abrigar as camadas mais pobres. Em 1927 é fundada a Sociedade de Medicina e Cirurgia de Uberaba e no mesmo ano esta associação criaria o Centro de Saúde de Uberaba. Em 1933 esta cidade tinha uma população de aproximadamente 25 mil habitantes para 30 médicos, um para 833 pessoas, em média,<sup>26</sup> bem acima da média nacional que era 1 médico para 1.984 habitantes.<sup>27</sup> Ainda sim o atendimento médico era precário, na maioria das vezes limitando-se às consultas particulares, excluindo a maioria da população.

O discurso referente a limpeza urbana, a higienização, promoveu uma forte pressão da classe médica ao poder público para resolver questões urbanas consideradas urgentes:

Por mais incrível que isso pareça, tendo-se em vista a rigorosa fiscalização municipal e do Centro Estadual aqui existentes, em pleno perímetro urbano, em Uberaba, ainda havia e ainda há quem se dedique à criação de porcos... A fiscalização da Prefeitura, reiteradamente, descobre, mesmo em residências de frontispício apalaçado, um chiqueiro nos fundos do quintal. Nesses casos, o

<sup>25</sup> A SANTA Casa de Misericórdia de Uberaba está ruindo. **Lavoura e Comércio**, Uberlândia, 25 ago. 1933.

<sup>26</sup> BILHARINO, José Soares. **História da Medicina em Uberaba**, vol. 2 – medicina, médicos, comunidade, documentário. Op. cit.

<sup>27</sup> Cf. SCHEFFER, Mário (org.). **Demografia Médica no Brasil**. São Paulo: Conselho de Regional de Medicina do Estado de São Paulo, 2011. Segundo dados de 2011, estima-se que há na atualidade 1,95 médicos para 1000 habitantes.

animal encontrado é apreendido e o dono do mesmo punido com multas severas. A providencia, ainda que realizada com energia, não serve de exemplo. As infrações continuam, perseguidas severamente pela fiscalização que, no particular, mantém uma luta renhida para extirpar da cidade esse habito tão perigoso quão nocivo á higiene urbana.<sup>28</sup>

Para além dessas questões, muitos moradores vinham do campo e mantinham acesas as suas tradições. Por outro lado, para além das criações de suínos, bovinos e equinos, a cidade não oferecia rede de esgoto para a população mais pobre. O que se vê na imprensa, e isso será freqüente o tempo todo, inúmeros artigos exigiam das forças políticas providências no controle social, punições, porém nenhum projeto político que enfrentasse a desigualdade social, a falta de atendimento médico, a concentração de renda.

As duas primeiras décadas do século XX são marcadas pelo crescimento das indústrias e do aparecimento dos cortiços, favelas, vilas operárias. Em dezembro 1919 é criado no Brasil o Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) e o poder público municipal, até então omissos no que se referia à saúde, só tinha atendimento médico quem pudesse pagar, passa a elaborar e executar algumas ações para conter avanços endêmicos como a tuberculose, a lepra, chagas, a loucura, entre outros, atuando na área de saneamento e prevenção das doenças contagiosas. Associada aos interesses imobiliários, as políticas sanitárias se intensificaram com a derrubada de inúmeros curtumes, cortiços e favelas desabrigando milhares de famílias.

Está tomando vulto a campanha nesta cidade em favor da higienização de Uberaba.

A imprensa, as classes trabalhistas e liberais, e o povo em geral cada vez mais se interessam por este importantíssimo problema, para o qual nossa cidade reclama urgente solução.

A falta de higienização está apavorando a população uberabense. Dia a dia, os consultórios médicos se enchem de doentes portadores de infecções de origem hídrica e o obituário começa a assustar os habitantes da cidade. [...]

A responsabilidade da perda de vidas e de gastos pecuniários cabe inteiramente ao sr. Prefeito deste município!<sup>29</sup>

As reivindicações da imprensa revelam a preocupação das elites na higienização do espaço urbano, uma prática que necessitaria de uma amplitude

<sup>28</sup> EM DEFESA da higiene pública. **Lavoura e Comércio**. Uberaba, 15 abr. 1937.

<sup>29</sup> A HIGIENIZAÇÃO da cidade. **Gazeta de Uberaba**. Uberaba, 11 nov. 1934.

moral e familiar estabelecendo relações de saber/poder, garantindo a legitimidade do Estado, com a finalidade de mascarar a cidade desigual que se consolidava. Conforme alertava Jurandir Freire Costa “[...] Estes elementos são criados a partir de saberes disponíveis [...]”<sup>30</sup> e articulados segundo as táticas e os objetivos do poder. Nessa ação moralizadora a Igreja funcionava como excelente dispositivo de controle e normalização do social.<sup>31</sup>

Se o Brasil tomaria medidas salutares para combater a doença com a criação do DNSP, órgão que centralizaria o combate à doença nos estados brasileiros, Uberaba também incorporaria tais transformações diante de sua posição estratégica e o status social e político que se almejava conquistar. Vale lembrar que a consolidação de uma política Nacional de Saúde se deu entre 1930 e 1966.<sup>32</sup> Para além das campanhas educadoras e higienizadoras, distribuiu a vacina antivariólica. Antes disso o terror do contágio justificava leis como esta:

Faz saber que de ora em diante têm de ser feitos os enterramentos das pessoas que falecerem de bexigas, das doze horas da noite em diante, devendo primeiro fazer-se um sinal no sino, de quatro badaladas seguidas, espaçadas, algum instantes, de outras quatro, para que o povo que ainda vagar pelas ruas recolha-se.<sup>33</sup>

Neste documento a dimensão da doença na cidade de Uberaba, contada por um memorialista uberabense e publicado no jornal local:

Foi isso em 1.865 quando aqui chegaram as forças expedicionárias da Guerra do Paraguai em diversos grupos num total de quatro mil e tantos homens que se acantonaram durante quatro meses na esplanada do Cachimbo.

Mal chegaram a Uberaba os soldados do coronel Manoel Pedro Drago, procedentes de São Paulo num total de mil e tantos homens, eis que dentre eles irrompe, violentamente, a epidemia de varicela, empolgando toda a Brigada e grande parte da população da cidade, que tinha doentes em cada um dos seus cantos.

Nas casas atingidas pelo flagelo colocava-se acima da porta da rua, um pedaço de pano negro quadrado, pra servir de aviso.

<sup>30</sup> COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 2004. p. 50.

<sup>31</sup> Conferir: MARQUES, Rita de Cássia (org.). **História da Saúde em Minas Gerais: instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958)**. Barueri/SP: Minha Editora, 2011; MONTEIRO, Yara Nogueira (org.). **História da Saúde: olhares e veredas**. São Paulo: Instituto de Saúde, 2010; NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO, Diana Maul de (org.). **Uma História Brasileira das Doenças**. Brasília: Paralelo 15, 2004.

<sup>32</sup> BRAGA, José Carlos de Souza.; PAULA, Sérgio Goes. **Saúde e Previdência: estudos de política social**. São Paulo: Hucitec, 1981.

<sup>33</sup> ATAS da Câmara. **Prefeitura Municipal de Uberaba**. Uberaba, 29 de novembro de 1862.

Reinava a maior desolação na cidade, por cujas ruas quase ninguém mais transitava e, por fim, permaneciam desertas dias e dias seguidos. Os roceiros aqui vinham mais e o comércio paralisou-se inteiramente.

Para com mais tetricidade se carregarem as cores deste quadro dantesco, havia urubus, em abundância, sobre a igreja Matriz e algumas casas.

Os bexiguentos militares eram tratados no Hospital da Misericórdia pelo Padre Tristão, excelente enfermeiro e prático de farmácia, e os civis em suas próprias casas pelos da família.

Na cidade havia dois médicos: o dr. Joaquim Pedro. de Paracatu e o dr. Henrique Raimundo des Genettes, além do farmacêutico Antônio Trevões.

Havia, ainda, pessoas abnegadas que tratavam os doentes alheios ou os Que não tinham ninguém por si: capitão Fabrício José de Moura, Joaquim Garcia de Souza Paiva e as serviscais Dorotéia e Candinha.

O tratamento dos doentes era muito simples, consistindo, apenas, na ingestão de chá da índia em quantidade. Cortavam-se as vesículas antes que furassem por si e se lavavam duas, três e mais vezes por dia com um pano embebido em cachaça pura.

O desinfetante usado era a fumaça proveniente do estrume seco de vaca, posto a queimar à frente das casas. Por isso morriam, diariamente, de 3 a 7 e mais soldados. Chegaram mesmo, em certa ocasião, a levar um soldado vivo para enterrar. Mas, no momento em que já dentro da sepultura, sem caixão, ia ser coberto pela terra, o desgraçado pôs as mãos em sinal de piedade, pelo que, sendo hora tardia, já, lá o deixaram. Na manhã se- guinte o infeliz era cadáver!

A fase pior da epidemia durou três meses. Cerca de trezentas pessoas morreram: numerosos soldados e alguns civis.

Os corpos foram sepultados no cemitério São Miguel, à direita, entrando-se; razão por que aquele lado foi interdito por mais de um quarto de século.<sup>34</sup>

Uberaba, a exemplo de outros aglomerados urbanos, com o crescimento urbano e, consequentemente, o aumento da circulação de pessoas na cidade, sofreu inúmeros surtos de moléstias infecto-contagiosa, como, por exemplo, a tuberculose. Segundo memorialistas locais, data de 1900 o primeiro caso na cidade e em 1937 havia o registro de 40 óbitos, sendo que em cinco anos mais de 270 pessoas morreram.<sup>35</sup> Diante destas estimativas o jornal divulga:

Si o Brasil, só agora, ensaia os primeiros passos eficientes para o combate à tremenda peste branca, Uberaba nada, absolutamente nada fez nesse sentido até agora.

<sup>34</sup> PONTES, Hildebrando. A VARÍOLA de 1.865 em Uberaba. **Correio Católico**. Uberaba, 23 dez. 1931.

<sup>35</sup> Ibidem.

Entretanto, de todos os problemas de Uberaba, talvez o combate à tuberculose seja o de maior importância, o mais angustiante.

A cidade não possue o menor abrigo para o recebimento dos tuberculosos desvalidos e, como as casas de caridade locais não os recebem, em consequência dessa falta, ficam dezenas de criaturas condenadas, anualmente, à morte, nos subúrbios, à míngua de todo e qualquer tratamento.<sup>36</sup>

As elites reivindicavam a coerção policial na tentativa de conter o avanço das doenças, solicitando às autoridades que eliminassesem o risco de contaminação, uma vez que o poder público não conseguia tratamento e possibilidade de curas para os moradores. No caso da tuberculose, o seu tratamento, ainda que complexo para a época, estava condicionado ao isolamento; os sanatórios eram bem distantes do perímetro urbano, era necessário, além dos cuidados médicos, o clima frio de montanha, indo para lá apenas quem tivesse posses financeiras. A possibilidade de contágio estigmatizou os portadores do bacilo de Koch num ser asqueroso. Por outro lado, no imaginário ocidental, este mesmo enfermo desenvolve um sentimento de culpa, sente-se o responsável pela contaminação de outros, daí toda uma carga moral poderosa capaz de legitimar isolamento do indivíduo infectado.<sup>37</sup>

Num tom incriminatório, o texto jornalístico ressalta:

Chamo a atenção da polícia municipal para o que entre nós se dá. Aqui não há quem cuide de circunscrever a tuberculose. Nas famílias onde há um tuberculoso não se observa reserva alguma, não há separação de cama e mesa, a roupa dos sãos é lavada juntamente com a dos tísicos. Os prédios, onde morreram ou moram tuberculosos, são alugados sem escrúpulo. Isso demonstra que se não tem compreensão do grande mal, que se pratica inconscientemente. É mistér que os poderes públicos façam valer sua ação enérgica mandando desinfetar os prédios segundo as regras de higiene, empregadas pelos médicos, sendo as despesas pagas pelo senhorio. Por amor de Deus e do próximo e por interesse nosso, esforçemo-nos deveras para que a cidade não seja avassalada pela insidiosa e fatal tuberculose.<sup>38</sup>

A lepra talvez fosse a doença que mais se parecesse com a loucura pelo seu caráter de exclusão e isolamento, sem perspectiva de cura. Evidentemente que no discurso psiquiátrico o tratamento dos portadores de transtornos

<sup>36</sup> O ESPANTOSO Índice de Tuberculose em Uberaba. **Gazeta de Uberaba**. Uberaba, 11 mai. 1937.

<sup>37</sup> PÔRTO, Ângela. **Tuberculose**: a peregrinação em busca da cura e de uma nova sensibilidade. NASCIMENTO, Raimundo do Nascimento; CARVALHO, Diana Maul de. In: **Uma História das Doenças**. Brasília: Paralelo 15, 2004.

<sup>38</sup> HANSENIANOS. **Lavoura e Comércio**, Uberaba, 06 abr. 1913.

mentais vislumbrava melhorias, o que nem sempre acontece. Em relação ao hanseniano, o estigma percorre longas datas, assim como o louco, diferenciando-se pela possibilidade de contágio daquele. Assim, os líderes überabenses se manifestavam sobre a doença:

#### O PROBLEMA DA HANSENÍASE

[...] É esta uma constatação que diariamente, se pode com facilidade fazer. [...]

Minas, que parece possuir o triste privilégio de ser um dos Estados da União que maior contingente fornece de tais doentes, nada ao que sabemos tem feito, quanto à profilaxia da moléstia.<sup>39</sup>

A Hanseníase tem sua disseminação em Minas Gerais já no século XVII. Diante da consternação dos infectados e o cuidado para isolar o doente, afirmava-se:

#### HANSENIANOS

Uberaba se encontra a braços com um grande problema, da mais momentosa atualidade em todo o país – o do saneamento. Aqui entre nós ele assume a maior importância pela falta absoluta de cuidados que os poderes públicos estadual e municipal têm deixado de proporcionar à higiene. Desde os mais remotos tempos, todo o governo cioso de bem cumprir seus deveres, faz da saúde de povo ponto capital do seu programa administrativo.

Vive ainda sempre repetido e cada vez mais verdadeiro o sábio dito romano – *salus populi suprema lex est*. No Brasil, em geral, e em Uberaba em particular, das questões de menor interesse às administrações é, infelizmente, a saúde pública uma delas. Apesar da necessidade que salta aos olhos de todos, leigos e entendidos, ainda hoje não se criou no país, esse tão esperado e esperançoso mistér da saúde pública.

O que se vê aqui, nesta cidade opulenta e civilizada, no tocante à hanseníase é horroroso e altamente comprometedor dos nossos foros de gente culta. Quem quer que vá ao Rio ou São Paulo e conte que em Uberaba os hansenianos convivem, na maior promiscuidade, com a parte sã da população, perambulando pelas ruas frequentando reuniões, comerciando, será tido logo como mentiroso, pelo inacreditável que todos os dias presenciamos.

[...] Não há moral nenhuma que justifique a piedade de um pai consentindo que um filho hanseniano viva em contato com outros que o são. A desgraça de um titio pode ser minorada por tornar-se *estensiva* (sic) aos outros. Cerceá-la antes que a propagar por um mal compreendido sentimento de bondade, deve ser o inteligente o justo propósito de todo aquele bem formado de espírito e de coração.

E para isso só há um caminho apontado pelo ensino da higiene: o isolamento do doente, retirando - o do convívio social. Aos próprios hansenianos vale mais à saúde isolarem-se numa casa, limpa, arejada, cercada de árvores, com fartura de água, fora da cidade, que

<sup>39</sup> O PROBLEMA da Hanseníase. **Lavoura e Comércio**. Uberaba, 1 jun. 1911.

permanecerem nesta, com sua família. Irremediável como é a hanseníase e, por vezes, sem alívio, a melhor solicitude dos pacientes e o melhor tratamento do médico devem ser os que, combinados, dêm aos doentes urna vida tranqüila, numa casa de campo, bons ares e alimentação cuidada, no maior isolamento possível.<sup>40</sup>

Ainda:

Sr. Redator da *Gazeta de Uberaba* – V. As. Tem publicado, com imensa solicitude, diversas e repetidas notícias acerca da cura da hanseníase pelo farmacêutico Araújo.

[...] Há seis anos, mais ou menos, o farmacêutico Araújo percorreu esta zona dando beberagens aos hansenianos e prometendo curá-los radicalmente. Nessa ocasião tive encontro de conhecê-lo, no Hotel dos Viajantes, na cidade de Sacramento.[...]

Examinei os dois primeiros doentes, depois de tratados pelo Sr. Araújo, reconheci que não tinham colhido a mais insignificante melhora e fiquei considerando o Sr. Araújo como um passador de *conto do vigário*, na terapêutica.<sup>41</sup>

Tais informações da imprensa, além de criar um clima, intencional ou não, de propagação do medo, o que, claro, contribuiria ainda mais para que os sadios não só aceitassem as medidas restritivas, punitivas e disciplinares, como também multiplicassem suas versões, superstições sobre tais doenças, colaborando para a induzir ao pânico, mas, para além disso, é construção de um quadro paradoxal cuja imagem da cidade opulenta e civilizada contrasta com ineficiência e negligência do poder público. A culpabilidade pela doença deve caber ao doente e a sua família que, de forma “consciente” deve ser a de buscar por conta própria o isolamento. Outro artigo demonstrando a preocupação com os mendigos, leprosos e loucos.

Grande tem sido o numero de forasteiros que aqui têm se radicado, notando-se, mesmo, sensível aumento da população. Uberaba que já resolveu os seus principais problemas, Uberaba rica e opulenta é, também, a Méca dos mendigos. O uberabense tem o mais belo e edificante sentimento humano – a caridade – Aqui mantemos inúmeras instituições benéficas e muitas outras se acham em construção para melhoria do bem comum.

Mesmo assim, uma verdadeira legião de mendigos de toda espécie perambula e age pelas ruas da cidade. São velhos trôpegos, moços macilentes, crianças maltrapilhas, aleijados, cegos, lázaros, deformados que, principalmente aos sábados, transformam o centro urbano de Uberaba num verdadeiro “Páteo dos Milagres” mendigam

<sup>40</sup> SAMPAIO, João Henrique Vieira da Silva, Hansenianos. **Lavoura e Comércio**, Uberaba, 21 dez 1919.

<sup>41</sup> TEIXEIRA, João. A Falsa cura da hanseníase. **Gazeta de Uberaba**, Uberaba, 20 nov. 1903.

durante o dia e, alguns, até a noite, na hora do maior movimento, inundando os bares, confeitorias, etc.

O mais grave, porém, que se tem verificado e comprovado é que a maioria dos mendigos, mentecaptos, lázaros, estropiados ou dementes que aqui se encontram, são estranhos ao meio, desconhecidos, vindos de outras terras de onde, provavelmente, foram expurgados. Sabemos que em algumas cidades circunvizinhas e mesmo em outras mais distantes costumam, de quando em vez, lotar um vagão com esses infelizes, emitindo passagem ferroviária até Uberaba. Cada cidade tem motivos para cantar sua grandeza, tem orgulho de mostrar suas atrações e difundir sua civilização. O que não é justo, porém, é a deportação de seus filhos indesejáveis para outras localidades, como solução de um problema social e profundamente humano. Estamos certos de que as nossas enérgicas autoridades saberão reprimir tais abusos por todos os títulos condenáveis.<sup>42</sup>

Por isso, talvez, esse sentimento de pavor criaria espaço para muitos pseudos farmacêuticos explorarem e lucrarem com o sofrimento alheio. Quem, entre tantos, acometidos por graves moléstias não recorreriam a beberagens como última ou única possibilidade de restabelecimento? Quem proscrito pela sociedade pela marca indelével da tuberculose ou da lepra, não gastaria os últimos ou parcós recursos para se curar? O mais sério de tudo isso é que o cenário dessas mazelas se relacionava à pobreza, à miséria, por conseguinte, aos mendigos que perambulavam pelo espaço urbano.

Segundo Curi<sup>43</sup>, na maioria dos casos observados, a assistência à hanseníase era mantida por católicos em instituições de caridade. Há um forte simbolismo em torno da lepra desde os escritos bíblicos e as curas de Jesus aos lázaros representa o compromisso que os cristãos necessitam assumir perante Deus e, por isso, não deviam negar auxílio aos infectados. É evidente que tal perspectiva doutrinária casa com os interesses de exclusão que a ordem citadina recomendada e esperada. Não restam dúvidas que os inúmeros projetos assistencialistas abarcados pelos religiosos (espíritas, católicos, entre outros) funcionaram em perfeita simetria com os interesses das elites locais. Em Uberaba, entre os anos de 1926 a 1928, os vicentinos construíram oito casas com a finalidade de assistir os infectados pela doença, situada numa região afastada.

<sup>42</sup> EMIGRAÇÃO de Mendigos. *O Triângulo*. Uberaba, 11 jun. 1941

<sup>43</sup> CURI, Luciano Marcos. **Defender os sãos e controlar os lázaros**: lepra e isolamento no Brasil 1935/1976. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.

Convidado há dias para visitarmos um terreno no qual se pretende levar a efeito, em Uberaba, a fundação pede um asilo de mendicidade, não pudemos, ao externarmos nossa opinião, deixar de avançar a idéia de que muito mais lucraria a população, se tal asilo fosse fundado exclusivamente para recolher hansenianos.

Razões convincentes nos foram dadas para provar que tal transformação seria, porém, impossível. Isso de forma alguma impede de explicarmos o porquê da nossa idéia. Com efeito, se grande é o número de mendigos que por esta cidade pulula, não menor é o número, mesmo entre eles, de hansenianos que em completa promiscuidade com a população, o que constitui para esta um verdadeiro perigo.[...]<sup>44</sup>

Diversas outras doenças foram motivo de preocupação na imprensa local, como a doença de Chagas, Malária, hepatite, cólera, febre tifoide, febre amarela, a gripe espanhola, esta última vitimou em 10 anos mais de 25 milhões em todo o mundo. Estima-se que em Uberaba houve mais de 12 mil contaminações, vindo a falecer mais de 200 pessoas, em pouco mais de 1 mês.<sup>45</sup>

É instigante refletir acerca das inúmeras entidades não governamentais, a maioria delas religiosas, suprindo lacunas deixadas pela omissão do poder público. São elas instituições benficiaentes atuando nas mais diversas frentes voltadas à assistência social entre as mais importantes o Asilo São Vicente de Paulo, APAE, Hospital da Criança, Lar Espírita, Abrigo de Menores e o Sanatório Espírita de Uberaba, entre tantos outros. É sabido na historiografia sobre a temática, no século XIX e parte do XX, que o socorro dado à população ficava a cargo de entidades filantrópicas, por meio da caridade. O atendimento dispensado, as enfermarias, o tratamento médico era também uma ação caritativa, o poder público não dispunha de recursos para o pagamento de profissionais. Diante de tanta escassez e negligências, as instituições sofreram com as péssimas condições das instalações e itens indispensáveis aos tratamentos ministrados. Não temos dúvidas acerca da precariedade da assistência médico-hospitalar, o que promoveu a atuação de inúmeras pessoas sem formação para tal, os boticários, curandeiros, benzedeiras, entre outros, que distante das técnicas científicas, mesclavam seus conhecimentos de uma

---

<sup>44</sup> O PROBLEMA da Hanseníase. **Lavoura e Comércio**. Uberaba, 01 jun. 1911.

<sup>45</sup> BILHARINO, José Soares. **História da Medicina em Uberaba**, vol. 2 – medicina, médicos, comunidade, documentário. Op. cit

cultura popular sobre a cura atrelada à vontade divina. Conforme destaca Beatriz Weber:

[...] as diversas formas de organização para a cura (física e espiritual) não se impuseram inclementes umas sobre as outras, garantindo o predomínio de uma visão. Intercambiaram-se elementos entre as concepções, compondo universos explicativos próprios, muitas vezes ambíguos e contraditórios, congregando muitas pessoas. Muitas delas desenvolveram formas de atuação que as mantiveram em atividade até hoje.<sup>46</sup>

A negligência do poder público não justifica por completo a busca das pessoas por formas alternativas de curas. Não nos restam dúvidas que o tratamento médico era bastante irregular, além de também ser uma profissão que ainda buscava reconhecimento social. Além disso, a doença representava no imaginário popular um sentido que extrapolava o orgânico, tinha conotações transcendentais, o curandeiro atuava quase como instrumento da vontade divina, disponibilizando a fé como recurso valioso para a cura.

---

<sup>46</sup> WEBER, Beatriz Teixeira. Op. cit., p. 228.

### 3.2 – Espiritismo e Psiquiatria: espaços de disputas e legitimação social

Analisamos sobre os trabalhos assistencialistas comandados pelos seguidores do espiritismo como estratégia de legitimação social. Embora haja intensos conflitos internos na maneira de conduzir a religião, interpretações diferenciadas referentes a alguns pontos polêmicos dos dogmas, basicamente as práticas kardécistas são muito semelhantes nos diversos centros, como por exemplo: a utilização do passe; a defesa pela prática da caridade; a comunicação mediúnica; a crença na vida após a morte e a reencarnação. As análises do processo de legitimação e a compreensão das representações do campo simbólico dos adeptos nos darão elementos para avançarmos no entendimento da cultura uberabense e nacional, investigando em que medida tais práticas forjaram projetos políticos/sociais e o resultado disso para a população de maneira geral.

A religião, como qualquer outro objeto de análise deve ser compreendida à luz do processo histórico, e, neste caso, penso as suas manifestações como campos simbólicos, espaços de disputas que determinam práticas e representações sociais. Num primeiro momento carece-nos compreender o interesse espírita pelo tratamento da loucura, como este grupo social enxerga a doença, quais os tratamentos requeridos, qual o fator diferenciador para se aplicar o diagnóstico? Embora solidários da perspectiva teórico metodológica em que determinado grupo social é marcado pela contradição e que os sujeitos históricos disputam e reivindicam uma memória legítima e autêntica, é necessário ressaltar a unidade dogmática adotada pela religião. Sem cair na armadilha de que havia um comportamento homogêneo, os diversos dirigentes, com o apoio da Federação Espírita Brasileira, assumiram um compromisso de firmarem as diretrizes da doutrinação religiosa sempre respaldados nas obras de Allan Kardec.

As desavenças entre os fiéis espíritas, as brigas internas não inviabilizou o grande projeto do kardécismo no tratamento à loucura, ao contrário, contribuiu para sua difusão. É comum as dissidências nos centros espíritas, como em qualquer grupo social, o que permite que fiéis insatisfeitos com o local que frequentam procurem outros centros ou que até mesmo fundem o seu

próprio templo. Isto também é muito comum nas igrejas pentecostais, uma vez que estas religiões mesmo tendo federações, núcleos especializados na preparação de médiuns ou pastores, não seguem determinações de um poder centralizado como ocorre com o catolicismo.

Como dissemos anteriormente, as dissidências no seio do movimento kardecista promoveram o alastramento da religião sem se distanciar do Pentateuco de Kardec. As obras de Chico Xavier, a admiração que grupos espíritas depositaram nos ensinamentos do que acreditavam ser os espíritos de André Luiz e de Emmanuel, por exemplo, ainda que houvesse críticas em relação à atuação da Federação Espírita, a prática da fé marcada pelo estudo regular destas obras, indicaram caminhos muito próximos e isto foi essencial para a construção de um projeto legitimador.

O esforço dos espíritas em atuarem no tratamento da loucura foi um traço marcante em várias localidades do país. A justificativa para tamanha preocupação está na fundamentação central da doutrina religiosa: a relação do mundo espiritual com a reencarnação. Para esta religião, a loucura, na maioria dos casos, não é um aspecto patológico como assevera a psiquiatria, mas problemas psíquicos causados pelas dívidas adquiridas supostamente de outras reencarnações. Segundo esta teoria, a insanidade seria motivada por dois fatores: o primeiro deles o sentimento de culpa originado nos erros de outras reencarnações, sentimentos que emergem do inconsciente; e o outro fator preponderante, como reitera o kardecismo, é a obsessão, ou seja, perturbação mental ocasionada pela influência direta de um espírito sobre outro. Segundo Kardec:

(...) Os Espíritos exercem incessante ação sobre o mundo moral e mesmo sobre o mundo físico. Atuam sobre a matéria e sobre o pensamento e constituem uma das potências da Natureza, causa eficiente de uma multidão de fenômenos até então inexplicados ou mal explicados e que não encontram explicação senão no Espiritismo. As relações dos Espíritos com os homens são constantes. Os bons espíritos nos atraem para o bem, nos sustentam nas provas da vida e nos ajudam a suportá-la com coragem e resignação. Os maus nos impelem para o mal: é-lhes um gozo ver-nos sucumbir e assemelhar-nos a eles.<sup>47</sup>

---

<sup>47</sup> KARDEC, Allan, **O livro dos espíritos**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1996, p. 25.

O enfermo, muitas das vezes médiuns, na concepção dos espíritas, estão sujeitos às influenciações espirituais. Desse ponto de vista, os transtornos seriam desde as alucinações – manipulações de fluidos sutis, material etéreo que poderia ser manipulado pelos espíritos em ocasiões restritas e que poderiam ser visualizados por médiuns videntes – até a subjugação do espírito sobre o encarnado, processo este decorrente de vinganças, relações de ódio de origem em reencarnações anteriores. Segundo o psiquiatra Inácio Ferreira:

O obsessor, combinando os seus fluidos com o fluido universal, modela a efígie que pretende e, quando quer, tirando também o fluido material do encarnado, transforma esses corpos translúcidos, em corpos opacos, podendo agir de diversas maneiras, quer desorientando a vítima, quer determinando mudanças no estado molecular do corpo.<sup>48</sup>

A terapêutica que os adeptos do espiritismo promovem tem por base a realização de preces, o passe, a água energizada, além das sessões de doutrinação do “espírito obsessor”, instigando-o a perdoar seu inimigo de outras reencarnações, evitando, contudo, a sua manifestação maléfica sobre o louco. Há vários níveis de entendimento da obsessão para a religião kardecista, sendo a pior delas quando há, segundo defendem os seus seguidores, a completa dominação de uma mente pela outra, conhecida por subjugação, situação esta, quase impossível de se obter a cura. A melhora do obsedado estaria condicionada à doutrinação deste espírito causador do mal, convencendo-o a perdoar seu desafeto de outras vidas, no caso o sujeito acometido da loucura. Este universo simbólico é muito marcante aos seguidores kardecistas, que definiriam suas práticas de intervenção no tratamento à loucura a partir destas premissas doutrinárias.

Diante de uma pesquisa nas instituições psiquiátricas espíritas espalhadas pelo país, a institucionalização da loucura em Uberaba apresenta um aspecto inusitado pelo fato do psiquiatra ser espírita. Inácio Ferreira travou fortes embates com a comunidade médica e clerical defendendo a forma de tratamento kardecista, desde a sua conversão em 1934. Esteve à frente do

---

<sup>48</sup> FERREIRA, Inácio. **Novos Rumos à Medicina** – v. 1: tratamento dos processos obsessivos no Sanatório Espírita de Uberaba. São Paulo: Edições Feesp, 1993, p. 47

Sanatório Espírita de Uberaba por longos anos e, já aposentado e debilitado pelo enfisema pulmonar, ainda frequentava as atividades da instituição.

Antes de Inácio Ferreira, inúmeros outros médicos já defendiam o tratamento psiquiátrico pelo espiritismo. Adolfo Bezerra de Menezes (1831-1900), presidente da FEB em 1895 e um dos articuladores do periódico espírita carioca de circulação nacional, *O Reformador*, escreve um livro intitulado *A Loucura sob um novo prisma*, argumentando a matriz das doenças e da insânia advindos da espiritualidade e de traumas vividos em outras reencarnações. Na literatura espírita, este personagem foi figura de destaque na difusão da religião, sendo alguém recorrentemente evocado pelos fiéis kardecistas. Bezerra defende que:

A alma é o princípio causal do pensamento; ou, antes, é ela quem pensa e o transmite pelo cérebro, seu instrumento. A alma é que possui, no homem, a faculdade de pensar, tendo, por suas relações com o corpo, enquanto lhe estiver presa, necessidade do cérebro, para transmiti-lo, donde a inevitável coação, toda a vez que o instrumento não estiver em boas condições. Assim é, quando a loucura coincidir com a lesão cerebral.<sup>49</sup>

Esta concepção contesta a linha teórica organicista dos psiquiatras do século XIX, perspectiva que influenciou o tratamento médico mundial, inclusive no Brasil. Para Bezerra, como o pensamento era uma atividade da alma e não cerebral, logo, a maioria dos casos de loucura advinha da influenciação de um espírito obsessor sobre o louco, seguindo a mesma defesa de Kardec na obra *A Obsessão*.<sup>50</sup>

Data de 1923 a criação da Liga Brasileira de Higiene Mental no Rio de Janeiro (LBHM) encampada pelo psiquiatra Gustavo Riedel, com a finalidade de organizar e dispor caminhos no tratamento aos portadores de transtornos mentais, priorizando ações preventivas e educadoras, entre elas a preocupação com a herança étnica brasileira, tal como, segundo defendiam os teóricos da eugenia, a influência cultural e o cruzamento com os afrodescendentes e dos indígenas com os brancos eram funestas. Em 1934, com o Decreto n. 24.559, de 3 julho, que garantia aos doentes mentais a assistência e proteção do Estado, a psiquiatria assumiu uma posição de

<sup>49</sup> MENEZES, A. Bezerra (1897). *A Loucura sob novo prisma*: (estudo psíquico-fisiológico). Rio de Janeiro: Feb, 2012. P. 87-88.

<sup>50</sup> KARDEC, Allan. *A Obsessão*. Rio de Janeiro: Feb, 2002.

destaque, garantido para si própria a exclusividade no tratamento da loucura por todo o país.<sup>51</sup>

Havia um movimento intelectual preocupado com a herança étnica brasileira e a influência perniciosa, segundo muitos teóricos, dos descendentes africanos e indígenas, vistos como raças inferiores. Seguindo a perspectiva teórica semelhante às de outros ramos da medicina, a psiquiatria do final do século XIX também definiria práticas de intervenção voltadas à prevenção, evitar a infecção psicótica regulando os costumes, os exageros, a alimentação e o cruzamento de raças. Deste ponto de vista, os intelectuais da época, sob forte influência das teorias eugenistas e higienistas<sup>52</sup>, promoveram intensas perseguições ao curandeirismo, visando, entre outros fatores, afastarem elementos que perpetuassem o atraso da nação. Nas reflexões de Jurandir Freire Costa:

(...) A eugenia foi, para eles, a maneira *científica e psiquiátrica* de resolver a *confusão moral, racial e social* onde se encontrava o Brasil, sem, no entanto, abdicar de seu status profissional. A dimensão ideológica dos programas de higiene mental era escondida pela fachada de eugenia e as aspirações culturais dos psiquiatras era, assim, plenamente satisfeitas.<sup>53</sup>

A eugenia foi criada pelo inglês Francis Galton (1822-1911), influenciado pelas teorias evolucionistas de Charles Darwin (1809-1882) e do positivismo de Auguste Comte (1798-1857), quando se publica importante livro intitulado *Hereditary Genius* de 1869, onde defendia a possibilidade de elevar ou rebaixar aspectos de uma raça, defendendo ser, a eugenia, “[...] a ciência da felicidade, porque se esforça pela elevação moral e física do homem, afim de dotá-lo de qualidades ótimas [...].”<sup>54</sup> Renato Kehl (1889-1974) foi o grande defensor e divulgador das suas teorias no Brasil, a partir do século XX, ajudando a fundar em 1918 a *Sociedade Eugênica de São Paulo*. Este pressuposto teórico

<sup>51</sup> Cf.: COSTA, Jurandir Freire. **História da Psiquiatria no Brasil**. Um corte ideológico. Rio de Janeiro: Xenon, 1989; MACHADO, Roberto; e outros. Op. cit.

<sup>52</sup> Há uma infinidade de trabalhos que tratam da questão da eugenia, entre eles destacamos: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças** – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. Op. cit.; BOARINI, Maria Lúcia (org.). **Higiene e raça como projetos**. Higienismo e eugenismo no Brasil. Maringá: Ed. da UEM, 2003.

SILVEIRA, Éder. **A cura da raça**. Eugenia e higienismo no discurso médico sul-rio-grandense nas primeiras décadas do século XX. Passo Fundo: Ed. da UPF, 2005. 173 p.

<sup>53</sup> COSTA, Jurandir Freire. **História da Psiquiatria no Brasil**. Um corte ideológico. Op. cit.

<sup>54</sup> Galton, apud. KEHL, Renato. **Lições de Eugenia**. Rio de Janeiro: Canton & Reile, 1935, p. 16)

contribuiu para legitimar a existência das desigualdades sociais, onde a condição genética definiria a posição social.<sup>55</sup>

No bojo destas teorias sobre a degenerescência da raça é que surge Nina Rodrigues (1862-1906). Graduou-se em medicina em 1886 e estudou mais detalhadamente as classificações das raças, condenando o seu cruzamento. Em seu livro *Africanos no Brasil*<sup>56</sup>, aponta a inferioridade biológica e cultural dos negros. Ilustre colaborador do periódico *Gazeta Médica da Bahia*, publicou inúmeros textos sobre esta temática da inferioridade africana, entrecruzando o contágio de doenças em consequência do cruzamento racial. Entre os quais destacamos: “Raça e Civilização” (1880), “Raça e Degeneração” (1887), “O Cruzamento Racial” (1891).<sup>57</sup>

Sob a justificativa da prevenção das doenças mentais, a psiquiatria no começo do século XX, pautada na teoria organicista da época, principalmente a alemã, pretendia difundir políticas educacionais e até mesmo repressivas visando a higiene psíquica individual.<sup>58</sup> Promoviam campanhas para evitar o cruzamento com pessoas propensas a insanidade, ou seja, os imigrantes asiáticos e a herança africana.<sup>59</sup> O Brasil estava doente e a única possibilidade de cura seria o branqueamento da nação. A influência destas teorias se espalhou pelo Brasil afora, mesmo em uma cidade pequena como foi o caso de Uberaba. Vejamos como alguns discursos estão situados na imprensa local:

A hereditariedade prepara o terreno, o meio fornece a semente – o filho do epiléptico nasce epileptisável como o do tubérculo, tuberculisável.

Evitaremos muitos males e seremos uma raça forte e feliz se tivermos sempre diante dos olhos estas palavras: HERANÇA! SÍFILIS! TUBERCULOSE! LEPRA! ALCOOLISMO!<sup>60</sup>

A perspectiva da degenerescência, a preocupação comportamental como possível caminho para a insanidade estabeleciam mobilizações por parte

<sup>55</sup> BOARINI, Maria Lúcia. (org.) **Higiene e Raça como Projetos**: higienismo e eugenismo no Brasil. Maringá: Ed. da UEM, 2003.

<sup>56</sup> RODRIGUES, Nina. **Os Africanos no Brasil**. Brasília: Ed. da UnB, 2004.

<sup>57</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<sup>58</sup> Conferir CASTEL, Robert. **A ordem psiquiátrica**: a idade de ouro do alienismo. Rio de Janeiro: Graal, 1978; BIRMAN, Joel. **A psiquiatria como discurso da moralidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

<sup>59</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. cit.

<sup>60</sup> FIGUEIREDO, Mário A. A hereditariedade mórbida como fator preponderante da degeneração de nossa raça. **Gazeta de Uberaba**. 28 abr. 1938.

da classe médica e a preocupação do poder público de forma a criar projetos e leis que agissem na prevenção, motivação pelo qual a condenação das práticas espíritas estava entre elas. Na verdade a desavença não residia no aspecto religioso, suas práticas, rituais e crenças. A restrição dizia respeito à exploração dos fenômenos espirituais, fato incontornável para os adeptos do kardecismo. Numa outra defesa médica é possível constatar:

O combate ao espiritismo deve ser igualado ao que se faz à sífilis, ao alcoolismo, aos entorpecentes (ópio, cocaína, etc.), à tuberculose, à lepra, às verminoses, enfim, a todos os males que contribuem para o aniquilamento das energias vitais, físicas e psíquicas do nosso povo, da nossa raça em formação.<sup>61</sup>

Os ataques ao espiritismo não se justificavam somente pela ameaça de desequilíbrio mental em decorrência do uso da mediunidade, mas também pelos kardecistas, frente às normas médicas, se enquadrarem como charlatões. Inicia-se antes ainda, combatendo a homeopatia, trazida ao Brasil no século XIX pelo francês Benoît Mure. Data de 1843 a criação do Instituto Homeopático do Brasil com sede no Rio de Janeiro e quando o espiritismo surge no final do século XIX abraçará essa nova terapêutica. Segundo Giumbelli<sup>62</sup>, o espiritismo enfrentou perseguições, principalmente de médicos, no final do século XIX até a metade do XX, por praticarem curas sem o registro de médico. A Federação Espírita Brasileira esteve algumas vezes no banco dos réus, tendo que se justificar por diversas curas ou denúncias de agravamento da doença.

Juliano Moreira (1873-1933) era membro da Liga Brasileira de Higiene Mental, dirigiu o Hospício Nacional de Alienados entre os anos de 1903 a 1930. A apesar de não ter sido professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro influenciou outros psiquiatras como Antônio Austregésilo (1876-1960), Afrânio Peixoto (1876-1947), Franco da Rocha (1864-1933), entre tantos outros. Juliano Moreira estudou na Alemanha, incorporando o método

<sup>61</sup> MARQUES, João Coelho. **Espiritismo e Idéias Delirantes**. Tese pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1926, p. 111.

<sup>62</sup> GIUMBELLI, Emerson. Op. cit.

organicista de Emil Kraepelin, tendência que marcaria praticamente todo corpo docente da faculdade fluminense.<sup>63</sup>

No começo do século XX surgiram alguns trabalhos de psiquiatras demonstrando ser o espiritismo bastante prejudicial à saúde mental, analisando que a prática de seus ritos seria fator preponderante para o acometimento da loucura. O psiquiatra Pacheco e Silva apontara à época os prejuízos psíquicos que as práticas espíritas podiam ocasionar, ponderando que:

Em nenhum país do mundo, talvez, a influência nefasta do espiritismo, se exerce com tamanha intensidade sobre a saúde mental do povo como ocorre entre nós, o que se deve a um número de fatores que começam a ser estudados e conhecidos pelos psicólogos, psiquiatras e sociólogos que se têm entregue ao estudo do problema. Nas grandes cidades, como nas pequenas vilas do interior do país, proliferam, em todos os cantos, numerosos centros espíritas, atraindo um número intenso de pobres criaturas, incultas e crédulas, que se deixam facilmente arrastar pelas mais absurdas idéias, persuadidas de que no espiritismo podem encontrar soluções felizes para remediar as mais precárias situações financeiras, para restituir a saúde a doentes incuráveis, e ainda para rever entes queridos já mortos.<sup>64</sup>

Pacheco e Silva defenderia ainda que a etnia negra estava mais inclinada à conversão ao espiritismo, deixando subtendido que se tratava de uma raça inferior:

[...] Entre a população inulta há tendência mareada para se atribuírem as desordens mentais à influência cíco sobrenatural. Em suas linhas gerais, o conceito que o povo faz das doenças mentais é muito semelhante ao que imperava nos tempos primitivos, porquanto quase sempre o aparecimento de distúrbios mentais é atribuído à influência sobrenatural, em particular aos maus espíritos que se encarnariam no corpo das vítimas, provocando o aparecimento de transtornos psíquicos. [...] Os indivíduos da raça negra e os mestiços revelam mareada inclinação para o espiritismo, ao qual enxertam numerosas outras práticas de macumba, feitiçarias e candomblés. resíduos de credices ancestrais africanas [...]. Como se vê, o problema do espiritismo é um dos mais sérios a serem enfrentados pelo Brasil por todos aqueles que têm responsabilidade na defesa da saúde do espírito.<sup>65</sup>

A prática mediúnica espírita, segundo o psiquiatra Franco da Rocha, era um dos grandes motivos de internação no hospital psiquiátrico Juquery na

<sup>63</sup> ISAIA, Artur Cesar. O espiritismo nas teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. **História Revista**, Goiânia, v. 12, n. 1, p. 183.

<sup>64</sup> PACHECO e SILVA, A. C. A Higiene mental e o espiritismo. **Revista de medicina**, São Paulo, n. 26, set., 1942, p. 5.

<sup>65</sup> Idem. O Espiritismo e as doenças mentais no Brasil. **Anais Portugueses de Psiquiatria**. 1950. 2(2), 1-6.

capital paulista, instituição de que fora diretor por mais de 20 anos. Para ele, a busca pelo tal fenômeno propiciava aos degenerados ou indivíduos predispostos à histeria uma espécie de trauma psicológico. O motivo não era espiritual como defendiam os kardecistas e sim os desequilíbrios advindos das fortes emoções liberadas pelo poder de sugestão que tais sessões espíritas impunham aos seguidores. Alguns conceitos mais utilizados no século XIX pela psiquiatria como *degeneração*, *predisposição* e o de *monomania*, também empregados pelos higienistas e eugenistas, são fartamente encontrados nos argumentos de Franco da Rocha e Nina Rodrigues e diversos outros psiquiatras, daí a preocupação com os comportamentos que destoavam da “normalidade”. O psiquiatra Franco da Rocha morre em 1933, ano da inauguração do Sanatório Espírita de Uberaba.<sup>66</sup>

O médico Henrique de Brito Belford Roxo (1877-1969), catedrático de psiquiatria da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e membro da Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Ciências Afins, teria influenciado inúmeras gerações de psiquiatras, além de contribuir na formulação classe psiquiátrica que se consolidava, autônoma, produzindo seus próprios trabalhos, pensando a realidade brasileira e não mais importando as teses europeias. Publicou em 1921 o livro *Manual de Psiquiatria*, fruto de anos de estudos<sup>67</sup>. Num trecho irá refletir acerca das práticas espíritas como deflagrador de transtornos mentais desenvolvendo o conceito *delírio espírita episódico*, ou seja:

[...] uma doença mental que se caracteriza por um delírio que surge de repente em consequência de um choque emotivo, o qual se fundamenta em alucinações e é pouco duradouro, tendo no entanto, a capacidade de se repetir com relativa facilidade. Comumente se desenvolve pela frequência de sessões de Espiritismo.

Do ponto de vista médico, principalmente da área psiquiátrica em consolidação, a degenerescência mental era racionalmente física. A questão espiritual era de outra ordem e, portanto, no caso do espiritismo que declaradamente assume como causa dessa doença relações extraterrenas, vinculadas ao além, um espaço impalpável, que foge a qualquer ortodoxia empiricista era parte de uma prática que beirava a credices. Ao contrário, ao

<sup>66</sup> GIUMBELLI, Emerson. Op, cit.

<sup>67</sup> Conferir VENANCIO, Ana Teresa A. Os Alienados Segundo Henrique Roxo: Ciência Psiquiátrica no Brasil no início do século XX. **Cultura Psi**, v. 0, 2012.

se pensar a obsessão como manifestação de entidades ou espíritos malfeiteiros estabelece-se naquele doente, já fora da órbita da sanidade mental a confirmação de suas manias perseguitórias como real, prejudicando qualquer possibilidade de cura. O espiritismo, ao menos no campo teórico doutrinário, de fato, colocava em xeque as práticas psiquiátricas, tal como a medicalização, o eletroconvulsoterapia e a insulinoterapia, quando afirmava a relação mediúnica como causa. No capítulo seguinte será discutido que mesmo defendendo um tratamento alternativo atentando para um problema eminentemente espiritual, os espíritas, nos inúmeros hospícios que administraram, promoveram tratamento nos moldes da psiquiatria convencional. Se fizermos uma análise nas produções literárias de kardecistas e psiquiatras constataremos divergências acentuadas, exceto apenas na defesa de que era necessário o asilamento do doente mental.

A Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, em 1927, elaborou um relatório sobre o espiritismo e suas práticas danosas ao equilíbrio mental da população. A academia parecia disposta a combater a religião como forma preventiva e para isso contava com produção de teses acadêmicas, pressionar com medidas policiais para inibir a prática espírita e jurídica, por meio de processos legais respaldados na legislação brasileira vigente. Nesta empreitada, destaca-se Xavier de Oliveira, publicando em 1931 o livro *Espiritismo e Loucura*, obra que apontaria o espiritismo como a terceira causa de alienação mental, atrás somente da sífilis e do alcoolismo. No mesmo ano Leonídio Ribeiro em parceria com Murillo de Campos, lançaria a obra *O Espiritismo no Brasil*, abordando os fenômenos kardecistas como causador da loucura. Tais trabalhos abririam caminhos para vários outros.

Em sua tese, para o cargo de médico de assistência a psicopatas de Pernambuco, o psiquiatra Pedro Cavalcanti<sup>68</sup>, datada de 1954, se mostrou preocupado pelo elevado percentual de enfermos que eram internados em hospícios pela prática do espiritismo. Atendo-se somente aos espíritas ali em tratamento colheu as seguintes informações: Antecedentes hereditários; Antecedentes pessoais; antecedentes sociais; exame somático; história da

<sup>68</sup> CAVALCANTI, Pedro. **Contribuição ao Estudo do Estado Mental dos Médiums**. Tese de Concurso para o cargo de médico da assistência a psicopatas de Pernambuco, Recife, 1954.

mediunidade e exame mental; idade mental; quociente intelectual; perfil psicológico. A sua primeira análise foi em torno dos antecedentes sociais, destacando que todos vinham de camadas pobres e sem escolaridade, utilizando a mediunidade como fonte de renda. Para o médico, a polícia deveria intervir autuando todos aqueles que se utilizam da prática de curandeirismo. Vale lembrar que estas teses psiquiatras, o combate à cura promovida pelos espíritas não é direcionada aos hospícios kardecistas, não há nenhuma menção a este respeito. O objetivo era evitar que pessoas fossem influenciadas pela sugestão condenável dos espíritas, estas sim, pessoas com capacidade intelectual questionável e sem instrução. A contaminação, neste caso poderia ocorrer duplamente, tanto para aquele que busca auxílio quanto para o suposto médium que incorre às práticas curativas.

Outro aspecto analisado foi o Quociente Intelectual (QI) revelando que quase todas as fichas analisadas estavam inferiores à normalidade, alguns beirando a imbecilidade. A mediunidade seria explicada pela teoria da *sugestão e auto-sugestão* defendida pelo suíço Charles Baudouin (1893-1963) e que uma sessão espírita oferece ambiente promissor para a sugestão espontânea devido ao abandono mental que os fiéis se submetem, daí “[...] *aproximar a maioria dos médiuns observados ao pitiatismo, à debilidade mental e ao automatismo mental*”.<sup>69</sup>

[...] Nestes lugares onde a raça negra predomina, o misticismo tem grande expansão. Minas também não fica atrás. Povo excessivamente religioso e de índole feiticista é o mineiro como o são igualmente os baianos e os fluminenses. [...] [Também] o sertanejo, cujo espírito maleável se acha impregnado das mais absurdas credades que o faz descambar num grosseiro e aterrador fanatismo.<sup>70</sup>

A tese de Cesar Osório era de que o misticismo religioso era menor em estados brasileiros de maior imigração europeia, com o menor índice de negros, como era o caso do sul do país.

O fato é que atualmente o espiritismo na Europa tomou um grande impulso, lá ele se apresenta com foros de ciência. E já não se chama mais espiritismo e sim Metapsiquismo, com laboratórios, revistas e tratados onde se encontram terminologias próprias para a designação de seus fenômenos paranormais.

<sup>69</sup> Ibidem, p. 93.

<sup>70</sup> CESAR, Osorio. **Misticismo e Loucura**: contribuição para o estudo das loucuras religiosas no Brasil. São Paulo: Oficinas Gráficas do Serviço de Assistência e Psicopatas Juqueri, 1936. p. 36.

Entre nós e espiritismo se acha ainda na sua forma primitiva, isto é, sob a forma de religião e por isso ele tem dado um enorme contingente de delirantes que se abrigam nos hospícios e casas de saúde.<sup>71</sup>

Nas análises de Jurandir Freire Costa<sup>72</sup>, Mirandolino Caldas, secretário geral da LBHM, no estudo de 1929, *Causas e Prophylaxia do Suicídio*, aponta que indivíduos pertencentes ao budismo, bramanismo e também espíritas possuem tendências ao suicídio, disserendo que o catolicismo era o equilíbrio necessário. O fato da psiquiatria defender o casamento católico como terapêutica eugênica evitando a prática desenfreada da sexualidade, o combate ao alcoolismo para o saneamento moral e a correção dos hábitos, são aspectos que evidenciam o moralismo católico que trespassava nas teorias psiquiátricas da época.

A repercussão destas teses psiquiatras no meio espírita foram instantâneas, o que demonstra a condição social avantajada em que se encontravam muitos destes fiéis espíritas. O que destaco é a precisão com que os espíritas reagiam diante destas generalizações feitas pela psiquiatria. Neste trecho o jornal local publica um artigo reproduzindo a resposta dos espíritas direcionadas aos médicos:

O médico e o médium

Sob o título: Ferozes ataques ao espiritismo, publicou a imprensa do Rio de Janeiro entre outras coisas o seguinte:

“Todavia, sob o ponto de vista médico o espiritismo é uma seita religiosa que somente produz enfermos e nunca os cura e como tal não tem o direito de existir. A sua extinção é uma medida profilática que devia ser estendida a outras, da mesma natureza, que provocam casos de fanatismo em larga escala e se arvoram a produzir milagres, que só podem dar causa a distúrbios sociais e individuais”.

O grifo é nosso. “Producir milagres”, está bem clara a expressão. O dr. Austregésilo, “hortícola da dor”, fere de uma cajadada, o Espiritismo e o Catolicismo, que é a religião baseada no milagre.

A Sociedade de Medicina e Cirurgia dirigiu-se ao ministro da Educação, pedindo-lhe que proíba a irradiação da Hora Espírita, por julga-la prejudicial à higiene mental dos brasileiros.

Nada adiantam com isso, observa o nosso amigo Figner; muito antes de existirem estações de radio, já o espiritismo fazia “irradiações”. A nossa torre é no astral.

A propósito, dizia um jovem clínico:

– Não calcula o mal que essa gente faz à classe médica! Imagine que em minha casa o pessoal pede receitas ao seu Inácio! E nem sequer conhecem o seu Inácio!

<sup>71</sup> CESAR, Osorio. Op. cit., p. 53.

<sup>72</sup> COSTA, Jurandir Freire. **História da Psiquiatria no Brasil.** Op. cit.

– Mas conhecem o doutor...<sup>73</sup>

No dia 15 de junho de 1939 é publicado no *Gazeta de Notícias*, jornal fluminense, um artigo condenando o espiritismo. Apenas 10 dias depois a matéria repercutiria no noticiário Uberabense:

A última sessão ordinária da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, o médico Dr. Carlos Fernandes, depois de longos comentários, à guisa de justificação, apresentou duas moções, uma ao Presidente da República, a outra ao Ministro da Justiça. Para esclarecimento do leitor, reproduzimos a moção dirigida ao chefe da Nação: “A Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, inteiramente alheia a qualquer consideração de ordem religiosa, movida apenas por um sentimento de dever social, pede a atenção de V. Ex. para a calamidade que está sendo a infiltração do espiritismo curador, altamente nocivo à psyche do povo e em flagrante desrespeito aos artis. 156 e 157 da Consolidação das Leis Penais. Como, entretanto, dois são os fatores precípuos de sua divulgação, primeiro a deficiência de socorro médico eficaz ao alcance de todas as classes, principalmente operária e indigente, e, segundo, a especulação criminosa de certos médicos ou à ingenuidade de outros, vem esta sociedade solicitar de V. Ex. as medidas necessárias para se obviar a esses males. Esta Sociedade está pronta a colaborar com V. Ex. na realização desse plano de assistência social”.

Além disso, o Sr. Carlos Fernandes conclui (sic) lançando um repto aos médicos espíritas! para, perante àquela Sociedade, provarem que, valendo-se das forças mediúnicas, são capazes de realizar curas de loucos, cegos, etc. *Ao que nos parece, a Sociedade de Medicina e Cirurgia, se envedar [enveredar] por essas encruzilhadas, não só fugirá à sua finalidade, como arriscar-se-á ao ridículo. O espiritismo é hoje uma atividade científica quanto às que mais o farem, perfeitamente legal e respeitável. Agora, para o baixo espiritismo, este tem a vigia-lo e persegui-lo a polícia. Não é necessário, pois, apelar para as altas autoridades da Nação, que elas têm coisa mais séria em que se ocupar. O mau espírita como o mau médico, são ambos nocivos, de fato à coletividade.*<sup>74</sup>

Tal artigo deixa claro a contradição entre a liberdade religiosa, de culto, e as práticas curativas empreendidas pelo kardecismo. O que se solicita às autoridades é o embargo a essas práticas. Aqui a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro também denuncia a falta de políticas públicas de saúde, quando alude ao fato da deficiência do socorro médico ao povo. Por outro lado, navegando em terreno escorregadio deixa entrever a existência de médicos adeptos do espiritismo que ou são especuladores ou ingênuos. Para esses últimos alerta para o perigo de se cair no ridículo, e mais, salienta que tais ações mediúnicas só podem advir do que se intitula “baixo espiritismo”, provavelmente vinculado aos pobres e ignorantes.

<sup>73</sup> O MÉDICO e o Médium. *Gazeta de Uberaba*. Uberaba, 22 jun. 1939.

<sup>74</sup> CONTRA o Espiritismo. *Gazeta de Uberaba*. 25 jun. 1939.

A perseguição ao espiritismo se deu de maneira mais intensa no denominado baixo espiritismo, feitiçarias associadas às credices populares, reflexão apontada na obra de Yvonne Maggie, *Medo de Feitiço*.<sup>75</sup> Segundo essa autora, apesar de predominar no Brasil uma maioria católica, havia um forte sincretismo religioso, onde a população compartilhava muitos dos dogmas espíritas, como a reencarnação, a existência de espíritos, entre outros. A perseguição aos kardecistas eram mais localizadas, encabeçadas por médicos e dirigentes do clero.

Notadamente as questões concernentes à hipnose e à sugestão foram objetos de estudos por alguns médicos brasileiros não espíritas, como é o caso de Francisco Fajardo. Por influência de outros médicos europeus que associavam a cura do histerismo através de práticas de hipnose, principalmente Jean Martin Charcot (1825-1893) e Hippolyte Bernheim (1837-1919), o médico carioca Fajardo defende seu trabalho de doutoramento, *Tratado de hipnotismo*, em 1889 na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, dedicando um capítulo ao espiritismo. Apesar de não ser o foco de seu estudo, defende que a “[...] quase totalidade dos fenômenos espíritas se tornam explicáveis pela doutrina das variações e alterações da consciência”.<sup>76</sup> Fajardo foi discípulo de Érico Coelho, o primeiro a introduzir a terapêutica pela hipnose no Brasil, em um trabalho apresentado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1887.

O que os espíritas chamariam de interferência espiritual pela mediunidade, para este médico tal fenômeno advinha de um estado alucinatório, apontando ainda que:

[...] se fosse conhecido o caminho misterioso que conduz do estado consciente ao subconsciente (...), o espiritismo serviria hoje de tratamento e base de estudos psicológicos experimentais, e não de capa de charlatanismo, curandeirismo ou a ingênuos ocultistas bisonhos.<sup>77</sup>

<sup>75</sup> MAGGIE, Yvonne - **Medo do Feitiço**: Relações entre Magia e Poder no Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992

<sup>76</sup> FARJADO, Francisco. **Tratado de Hipnotismo** (2<sup>a</sup> Edição). Rio de Janeiro: Laemmert & Companhia, 1896. apud GIUMBELLI, Op, cit., p. 156.

<sup>77</sup> FARJADO, Francisco. **Tratado de Hipnotismo** (2<sup>a</sup> Edição). Rio de Janeiro: Laemmert & Companhia, 1896. apud GIUMBELLI, Emerson. Op, cit., p. 156.

Em 1922 o médico Brasílio Marcondes Machado, teve sua tese *Contribuição ao estudo Psychiatria: espiritismo e metapsychismo* reprovada pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. A argumentação de seu trabalho em questão apresentava inconsistências teóricas relativas a defesa de que teorias metafísicas e espíritas não teriam qualquer respaldo científico, diante de um corpo docente fortemente influenciado pela teoria organicista, da escola de Emil Kraepelin (1856-1926).<sup>78</sup> A defesa de Brasílio consistia numa tentativa de reconciliação entre os estudos materialistas e a vertente espiritualista, recorrendo:

[...] principalmente aos estudos do psiquiatra neo-vitalista Joseph Grasset sobre o psiquismo. A proposta da tese consistia justamente em utilizar os argumentos materialistas de Grasset como um ponto de partida para o embasamento da científicidade do espiritismo.<sup>79</sup>

Tal tese critica a perspectiva organicista, ferindo assim, a aura intelectual da Faculdade de Medicina neste período, especialmente quando Joseph Grasset (1849-1918) e a discussão dos *estados alterados de consciência*. Para Grasset, haviam dois psiquismo: *o psiquismo superior, sede da razão, e o psiquismo inferior, domínio do inconsciente, origem do comportamento automático e centro dos sentidos e dos movimentos*<sup>80</sup>. Embora a teoria de Grasset fosse pobre para explicar os fenômenos espíritas, segundo a concepção de Brasílio, reelaborava a ideia da representação cerebral como uma pirâmide poligonal. Se para Grasset a mediunidade estava concentrada na base da pirâmide e a sua manifestação fazia parte do exercício do pensar, da busca pela fantasia, alcançada também por meio da indução por hipnose, para Brasílio, porém, era o ambiente fecundo para a manifestação ou relação com o plano espiritual. Nesta perspectiva, estabeleceria uma espécie de fase intermediária entre os dois psiquismos, localizada no centro, ao qual denominou de *superconsciente*.<sup>81</sup>

<sup>78</sup> ISAIA, Artur Cesar. Brasílio Marcondes Machado e a Defesa do espiritismo na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, nos anos 1920. *Textos de História*, v. 13, n. 1/2, 2005, p. 183.

<sup>79</sup> Ibidem, p. 183.

<sup>80</sup> Ibidem, p. 183.

<sup>81</sup> ISAIA, Artur Cesar. Brasílio Marcondes Machado e a Defesa do espiritismo na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, nos anos 1920. *Textos de História*, v. 13, n. 1/2, 2005.

Na tese de Jabert<sup>82</sup> é destacada a importância do médico e espírita Dr. Pinheiro Guedes na difusão do espiritismo e na tentativa de direcionar que os postulados kardecistas estivessem respaldos científicos. Nesta perspectiva é que o médico cuiabano em sua obra intitulada *Ciência Espírita*<sup>83</sup>, de 1901, seguindo o exemplo deixado por Bezerra de Menezes, defende a terapêutica kardecista apontando um contraponto às teorias organicistas da época. Em suas assertivas a medicina convencional apresentava um problema no seu nascedouro, demasiadamente materialista incorria em diagnósticos equivocados por não considerar questões concernentes ao espírito. Fora um fervoroso defensor do espiritismo, possuía demasiado status social, em 1890 cumpriu mandato como Senador, sendo um dos grandes idealizadores da criação da FEB como estratégia de unificar o movimento espírita nacional.

Ainda segundo as análises de Jabert<sup>84</sup>, todos os kardecistas, e Guedes não seria diferente, utilizavam-se da expressão “verdadeiro espiritismo” para delinear o que ele considerava científico, racional e sofisticado em oposição ao misticismo e credices, religiosidade advinda dos negros e das classes pobres, tidos como “baixo espiritismo”. Estas definições são constantemente “esclarecidas” entre os adeptos kardecistas com a finalidade de manterem certa pureza doutrinária, negando valores da herança africana e incorporando o discurso científico. Desse modo, Guedes julga que a medicina ao condenar o espiritismo enquanto seita religiosa certamente está abandonando os preceitos religiosos e aderindo à difamação e formações de juízos de valores. Independentemente das definições que os grupos fazem sobre o que é científico, não restam dúvidas que o raciocínio de muitos espíritas estavam bem articulados, evidenciando suas posições privilegiada entre as elites letreadas.<sup>85</sup>

---

<sup>82</sup> JABERT, Alexander. Op. cit.

<sup>83</sup> GUEDES, A. P. **Ciência Espírita**: origem da medicina. Rio de Janeiro: Indústrias Gráficas Taveira, 1951. Apud JABERT, Alexander. Op. cit.

<sup>84</sup> JABERT, Alexander. Op. cit.

<sup>85</sup> Alexander Jabert destaca ainda outros importantes defensores do espiritismo enquanto postulado científico, como o Dr. Antônio Wantuil de Freitas, Dr. Mário Escobar Azambuja, Dr. Antônio de Vasconcelos.

Seguindo esta linha de raciocínio sobre a científicidade da doutrina espírita é que Inácio Ferreira em sua obra *Tem Razão?* surge com ácidas críticas aos médicos numa resposta a inúmeros artigos acadêmicos condenando o espiritismo e seus rituais como o principal causador das moléstias nervosas. Para ele, a maioria dos médicos não sabem mais clinicar, constituídas por charlatães, mercantilistas e elitistas. Para a classe médica, nas observações de Inácio, “[...] a desgraça alheia lhe é indiferente, uma vez que as rendas compensem o esforço das artimanhas.<sup>86</sup> Este livro, como Inácio deixa expresso, estava mais direcionado aos psiquiatras e médicos que se teriam lançados contra a propagação do espiritismo, entre eles, Xavier de Oliveira, Ozorio Cezar, Leonidio Ribeiro, Carlos Fernandes. O seu ataque era bem direto, dizia que “[...] na falta de atividade e de trabalho honesto, à procura de fatores para encobrir os seus erros e as suas falhas, quer no campo científico, quer no campo da higiene social, lança-se contra o Espiritismo.”<sup>87</sup>

Neste trecho, a partir de um relatório estadual sobre as condições em que se encontravam os hospícios mineiros, Inácio utiliza-o para atacar os adversários do espiritismo.

De todas as instituições espíritas para assistência a psicopatas, que temos visitado, esta é inegavelmente a melhor. Não só sob o ponto de vista das instalações materiais, como, principalmente, sob o ponto de vista da assistência técnica aos enfermos. Acontece aqui, uma coisa diferente: apesar de o Sanatório pertencer à instituição espírita, o médico que o dirige é estudioso da psiquiatria e procura tratar os doentes pelos métodos adotados nos estabelecimentos psiquiátricos oficiais. Tanto assim, que ele próprio confessa que o espiritismo só deve ser aplicado em casos especiais, de psico-neuroses, nos quais teria atuação apenas como auxiliar da psicoterapia.<sup>88</sup>

Do ponto de vista kardecista, tal argumento é eficiente para contrapor as teorias psiquiátricas que indicavam a prática do espiritismo de nefasta e perigosa. Representantes governamentais, ainda que discordassem dos métodos espíritas, apoiavam o funcionamento das várias instituições religiosas e assistencialistas como forma de preencher as lacunas deixadas pelo poder público. Para além do sentido óbvio apontado na citação acima, antes mesmo de termos as confirmações nos prontuários do SEU (discutiremos no capítulo

<sup>86</sup> FERREIRA, Inácio. **Tem Razão?** Uberaba: Gráfica Mundo Espírita, 1946, p. 23.

<sup>87</sup> Ibidem, p. 24.

<sup>88</sup> Arquivos de Serviço Nacional de Doenças Mentais. Apud. FERREIRA, Inácio. **Tem Razão?** Op. cit., p. 73

seguinte), fica evidente que a terapêutica utilizada por Inácio Ferreira seguia praticamente os mesmos ditames da psiquiatria convencional.

Pela leitura da obra *Tem Razão?* é notório que Inácio Ferreira acompanhou a toda a movimentações e discussões dos psiquiatras contrários ao espiritismo. Inácio mostra estar bem informado e cita um trecho de um jornal fluminense, numa crítica direta deste veículo midiático à Leonidio Ribeiro, “[...] *em que este aplaude a ideia de fazerem os cirurgiões, antes de qualquer operação, um inquérito rigoroso sobre a fortuna do paciente.*”<sup>89</sup> Ainda nesta obra de Inácio, todos os argumentos levantados pelos psiquiatras que defendem ser o espiritismo uma fábrica de loucos são rebatidos e amplamente discutidos. Na argumentação apresentada é refutada a ideia de que o espiritismo é praticado por pessoa sem instrução, de quociente intelectual reduzido, como bem aponta nestas diversas teses médicas. Na defesa do psiquiatra espírita, o clericalismo estava financiando tais teorias médicas, uma vez que qualquer ação católica, oficialmente reconhecida pela Igreja, não era estigmatizada como curandeiros. O sujeito que “[...] *ajoelhou-se aos pés de N. S. de Lourdes, que botou o seu óbulo aos pés da imagem e encheu a sua garrafinha com água milagrosa? É água benta. É um crente.*”<sup>90</sup> Em contrapartida, e o indivíduo que procura um centro espírita, “[...] *na esperança de atenuar um desespero? É passe, gesto cabalístico. Processo e cadeia para os dois, para ele e para o passista.*”<sup>91</sup>

Deste ponto de vista, o discurso de Inácio parecia estar afinado com o argumento defendido pelo advogado da Federação Espírita Brasileira (FEB) de que as curas representavam a manifestação da fé e, portanto, merecia ser respeitada, uma vez que o código penal assegurava a liberdade de crença. No Código Penal de 1904, artigo 157, ainda configurava crime “[...] *os que praticarem o espiritismo, a magia, ou anunciarão a cura de moléstias incuráveis.*”<sup>92</sup> A partir desta lei, vários processos foram movidos por prática de

<sup>89</sup> Academia Nacional de Medicina: Scepticismo therapeutico – valorização do médico – sobre o Hospital Gaffré e Guinle. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 2 mai. 1931. Apud. FERREIRA, Inácio. **Tem Razão?** Op. cit., p. 125.

<sup>90</sup> Ibidem, p. 26.

<sup>91</sup> Ibidem, p. 27.

<sup>92</sup> COLEÇÃO de Leis do Brasil. Apud GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos:** uma história da condenação e legitimação do espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997, p. 135.

charlatanismo. A defesa espírita apoiou-se sobre a validade da aplicação do código penal. Para tal argumento, as curas faziam parte de um culto e o Estado não podia impor um dogma religioso, portanto proibir a aplicação de passe e o preparo de homeopatia era infringir a própria legislação brasileira. Viveiro de Castro, um dos grandes juristas brasileiros da época, responsável pelo julgamento de diversos processos envolvendo espíritas, argumentou que não havia nada de ilícito nas práticas espíritas e do mesmo modo que havia cerimônias extravagantes entre os kardecistas, o mesmo se dava entre os católicos onde era comum os exorcismos, invocação de santos, entre outros.<sup>93</sup>

As evidências, num primeiro momento nos apontam forte perseguição de médicos e católicos ao espiritismo. Se fizermos uma leitura atenta perceberemos que a perseguição maior se deu àqueles que advinham de camada social mais baixa, curandeiros, analfabetos, referente ao que denominavam *baixo espiritismo* e que muitos kardecistas não mediram esforços para se diferenciarem de grupos que se utilizavam do sincretismo africano e elementos da cultura indígena. Havia a depreciação do kardecismo, mas como mostramos enfaticamente, diversos espíritas faziam parte de estruturas sociais privilegiadas, muitos deles médicos, inclusive. Como bem destaca Jabert, havia uma disputa entre médicos e espíritas, mas não ao ponto deste último negar a medicina, ao contrário, havia a defesa de que os postulados de Allan Kardec eram descobertas científicas bem avançadas para a época. O que vimos foram disputas pela hegemonia por parte da psiquiatria e da tentativa de legitimação e o reconhecimento de estatuto de verdade sustentadas nas práticas kardecistas.

É necessário afirmar que a psiquiatria não reinou absoluta no comportamento das pessoas, nem tampouco conseguiu resolver o grande desafio que envolve a loucura. Com um discurso poderoso, legitimado pelo conhecimento científico, a psiquiatria, desde o século XIX, passa a enfrentar críticas. Foi assim desde o seu surgimento. Alguns grupos, segmentos da intelectualidade, desenvolveram outros olhares sobre a loucura. Diversos

---

<sup>93</sup> MAGGIE, Yvonne. **Medo de Feitiço**: relações entre magia e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

conflitos advindos da própria psiquiatria, frutos da sua ineficiência em “curar” os loucos, somaram-se a outras indagações encetadas por psicólogos, antropólogos, sociólogo, psicanalistas, evidenciando campo de disputas.<sup>94</sup> Entre tantos outros, cabe destacar Nise da Silveira que durante toda sua vida se dedicou com a arte terapia, entre outras maneiras de trazer o louco para uma normalidade aceitável ao convívio social. Sabemos que a institucionalização asilar e manicomial recebeu por décadas críticas severas, inclusive de seus pares. Grupos politicamente organizados a partir da década de 1970 empreenderam a luta antimanicomial e por todo o país denunciaram o caos, a violência e o desrespeito humano que grassava nos hospícios, muitos deles com altos lucros sustentados pelo SUS. Essa luta se introduziu em conquista com a conhecida Lei Paulo Delgado<sup>95</sup> que não só desativou tais empreendimentos como também colocou em prática outras propostas de atendimento com os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), entre outros. Vale ressaltar que a justiça mantém por meio de um Procurador a defesa dos doentes mentais, auxiliada por um Conselho Municipal que, entre outras funções, averigua denúncias, maus tratos, apura irresponsabilidades, dá apoio às associações dos doentes mentais, verifica o funcionamento do hospitais e clínicas especializadas.

Mesmo com todas as mudanças empreendidas pela Política Pública de Saúde Mental, entre elas o acompanhamento dos doentes, remédios gratuitos, etc, não podemos afirmar que o dilema da loucura tenha sido resolvido no Brasil, especialmente no que concerne à conscientização dessa doença e sua aceitação pela própria sociedade. As críticas por parte das famílias e dos usuários do sistema é de que o problema só é transferido para o âmbito individual. E se essas novas propostas não tiverem a adesão daqueles que sofrem com a doença, a cobrança política fica muito frouxa e pobre.<sup>96</sup>

<sup>94</sup> Cf.: PORTER, Roy. **História social da loucura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, 328 p.; PESSOTTI, Isaias. **A loucura e as épocas**. São Paulo: Editora 34, 1994. 208 p.

<sup>95</sup> CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Lei nº 10.216**. Brasília: 06/04/2001.

<sup>96</sup> POMBO, Riclele Majorí Reis. **A Nova Política de Saúde Mental em Uberlândia/MG: entre o precipício e as paredes sem muros (1984-2006)**. Uberlândia: Edufu, 2011.

## **CAPÍTULO 4**

### **ENTRE A CARIDADE E A PRISÃO: O ESPELHO DA ASSISTÊNCIA ESPÍRITA**

#### 4.1 – Memórias recortadas: o cotidiano no Sanatório Espírita de Uberaba.

Dissertar sobre o cotidiano do Sanatório Espírita de Uberaba, expor seus moradores é sempre muito doloroso. Para uns, lar provisório, para outros, nem tanto. Mas é a forma que encontramos para tirar do silêncio tantas almas enclausuradas, desvelar uma memória esquecida, raras vezes revelada, tão assombrosa que inspirou e sensibilizou uma transformação significativa contidas na Lei Paulo Delgado, n. 10.216<sup>1</sup> que modificou o modelo brasileiro de assistência aos portadores de transtornos mentais. Os prontuários da instituição nos mostram que os loucos “[...] tem nomes, rostos, histórias de vida e uma fala dilacerada expressa em textos, cartas, desenhos [...]”<sup>2</sup>, que apesar de fragmentadas, expõem uma estrutura asilar e os poderosos dispositivos de controle utilizados para apagar, ao menos no campo da intencionalidade, suas vozes, seus gestos.

Para Erving Goffman, o poder simbólico das instituições asilares é construído através de práticas internalizadas das tecnologias de poder, da coerção, emolduradas nos dispositivos de controle, mecanismos disciplinares (repressão, prêmios, delações, mutilações do eu, arquitetura, isolamento, entre outros), gerando no preso ou interno um sentimento de fragilidade e impotência, “[...] a vida do internado é constantemente penetrada pela interação de sanção vinda de cima... Violenta-se a autonomia do ato”<sup>3</sup>. A estrutura das instituições totais é montada para anular a autonomia daqueles que ali estão confinados, impondo a eles a perda da identidade e de seus bens, atribuindo-lhes regras e comportamentos uniformes, promovendo, enfim, a mortificação do eu, com o objetivo de aniquilar a concepção de si mesmo, do que o saber médico chama de cura, desobsessão para os espíritas, ambos objetivando o enquadramento de comportamentos aceitáveis definidos pela sociedade “sã” e “sadia”.

Tais técnicas de dominação e disciplinarização foram pensadas num momento (século XIX) em que inúmeras teorias da psiquiatria se consolidavam

<sup>1</sup> CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Lei nº 10.216**. Brasília: 06/04/2001.

<sup>2</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. **O Espelho do Mundo**: Juquery, a história de um asilo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p. 17.

<sup>3</sup> GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 2001, p. 42.

nas premissas teóricas de Esquirol, Pinel, Charcot, Kraepelin,<sup>4</sup> entre outros, dispondo de terapêuticas moralizadoras. Para que o tratamento obtivesse sucesso era necessário isolar este “doente” do mundo exterior, constituir-lhe uma ordem asilar obrigando-o a obedecer às autoridades constituídas por um corpo de profissionais técnicos preparados para exercerem as suas tarefas. O objetivo era designar “[...] um único centro de autoridade, presente na sua imaginação, que lhe permita aprender a se reprimir e a domar o seu arrebatamento impetuoso.<sup>5</sup> O isolamento já estava garantido em manicômios desde a Idade Média, o que muda, a partir das teorias psiquiátricas do século XIX, é a constituição de um saber que vislumbra, em teorias ditas científicas, a cura.

A arquitetura do sanatório, o cerceamento da liberdade, a imposição cotidiana às regras asilares, o destempero terapêutico, a noite que já tarda, as inquietudes do dia que desponta, a intensidade sentimentos, todos esses elementos parecem habitar os contornos das paredes frias lajeadas por um tempo sombrio. Estas são testemunhas de um passado que as obrigam a se calar, negar as tantas injustiças e desmandos.

Fazemos ideia das condições em que vivia um paciente psiquiátrico, ainda mais com as diversas denúncias intensificadas a partir do final dos anos de 1960, mas não conseguimos divisar o cotidiano de um hospício, de como é ser um interno, conviver num espaço reduzido com tantas outras pessoas, das mais diversas índoies e sofrimento possíveis. O que pensar sobre a vida quando percebe que não se possui uma doença física, nenhum mal estar, apenas comportamentos não aceitos pela sociedade sã? Insanidade? Desvarios? Alucinações? Quem os trouxera? Por que tais características agora os colocam em situações tão vulneráveis?

Austregésilo Carrano, em seu livro *O canto dos malditos*,<sup>6</sup> editado pela primeira vez em 1990 pela editora Rocco, relata a sua experiência vivida quando esteve internado no Hospital Psiquiátrico Espírita Bom Retiro. Aos 17

---

<sup>4</sup> CASTEL, Robert. **A ordem psiquiátrica**: a idade de ouro do alienismo. Rio de Janeiro: Graal, 1978; BIRMAN, Joel. **A psiquiatria como discurso da moralidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1978..

<sup>5</sup> CASTEL, Robert. Op. cit, p.88.

<sup>6</sup> BUENO, Austregésilo Carrano. Op. cit.

anos seu pai o internou por ser usuário de maconha. Carrano conta que o psiquiatra Alô Ticolaut Guimarães, já falecido, era o diretor da instituição e o responsável na aplicação dos seus 21 eletrochoques sofridos, com voltagens que variavam entre 180 e 460 volts, fazendo-o defecar em si mesmo. Este autor é de fundamental importância para esta temática, pois é um olhar de quem já esteve preso e passando por situações deploráveis. A importância ainda é maior justamente pelo fato de que Carrano esteve internado em uma instituição espírita em Curitiba, chamada Bom Retiro, similar a proposta deste trabalho. Em seu relato ele denuncia que

“[...] era uma visão triste: aquelas pessoas reduzidas àquilo. Eram pessoas sim, seres humanos, mas pareciam feras torturadas, agoniadas, com alguma coisa mordendo seus corpos e rasgando-lhes também a alma.”<sup>7</sup>

Voltemos à análise da planta arquitetônica da instituição e a clareza das estruturas de concretos criadas de maneira a suportar os inúmeros internos, obtendo fortes dispositivos de vigilância, numa economia de tempo, espaço. As tecnologias do saber, capazes de aprisionar, impõem suas normas de controle e disciplinarização, concebidas na imaginação do arquiteto se transforma em quartos, paredes, compondo a realidade daqueles que ali estiveram. As plantas a seguir nos mostram, por meio das reflexões de Foucault, o quanto a arquitetura está vinculada à questão do poder. Para ele existe uma arquitetura do espetáculo e outra da vigilância cujo paradigma é o panótico de Bentham<sup>8</sup>. Castro conclui que “[...] essa relação entre arquitetura e poder passar pelo modo como a organização do espaço distribui o movimento do olhar, determina a visibilidade.”<sup>9</sup> Mais detalhadamente distinguimos nas entrelinhas do livro *Vigiar e Punir* a seguinte constatação:

“[...] tradicionalmente o poder é o que se vê, o que se mostra, o que se manifesta e, de maneira paradoxal, encontra o princípio de sua força no movimento pelo qual se desdobra. Aqueles sobre os quais se exerce o poder pode ficar na sombra. Eles recebem luz somente desta parte de poder que lhes é concedida ou do reflexo que por um instante os alcança. O poder disciplinar se exerce tornando-se invisível, como contrapartida, impõe àqueles que submetem um

<sup>7</sup> BUENO, Autregésilo Carrano. Op. cit. p. 54.

<sup>8</sup> BENTHAM, Jeremy. **O Panóptico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

<sup>9</sup> CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 42.

princípio de visibilidade obrigatória. Na disciplina, são os sujeitos os que devem ser vistos.<sup>10</sup>

Havia uma regulamentação francesa de 1839 disposta sobre a construção de hospícios e isto influenciou sobremaneira os projetos arquitetônicos das instituições aqui erguidas. Neste documento fazia-se referência desde a escolha do terreno, sempre afastado da população, a divisão dos pavilhões separados por sexo, isolando os mais violentos, até à dinâmica de vigilância onde os corredores possibilitavam aos profissionais uma visão privilegiada.<sup>11</sup>

Para Foucault, houve uma panoptismo<sup>12</sup> em nossa sociedade, “[...] uma forma de poder que se exerce sobre os indivíduos em forma de vigilância individual e continua, em forma de controle de punição e recompensa e em forma de correção.”<sup>13</sup> No campo arquitetônico, inspirados nos valores helênicos, houve uma transformação conceitual onde um evento pudesse ser visto por um número maior de pessoas possíveis. A sociedade do século XIX se utilizou destas técnicas para implementar mecanismos de vigilâncias e controle em instituições como fábrica, escolas, hospital psiquiátrico, prisões, entre outros.

Conforme analisa Salma Muchail<sup>14</sup> dialogando com as reflexões foucaultianas, as instituições são espaços de disciplina e vigilância, além, é claro de abrigar entre suas paredes, no nosso caso a loucura, também, como um laboratório, a produção de saberes e os modos de exercício de poder. Assim, a característica básica do encarceramento nesse tipo de arquitetura é promover o espetáculo da vigilância, de modo a controlar o tempo, os corpos, cujo poder polimorfo – *econômicos, políticos, judiciários e epistemológicos*<sup>15</sup> –, presente em todos os lugares, economizam financeiramente, por meio da

<sup>10</sup> FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir** – história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1977, p. 189.

<sup>11</sup> SEGAWA, Hugo. Casa de Orates. In: ANTUNES, Eleonora Haddad e outros (org.). **Psiquiatria Loucura e Arte**: fragmentos da história brasileira. São Paulo: Edusp, 2002.

<sup>12</sup> BENTHAM, Jeremy. Op. cit.

<sup>13</sup> FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2003, p. 103.

<sup>14</sup> MUCHAIL, Salma Tannus. **Foucault, simplesmente** – textos reunidos. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

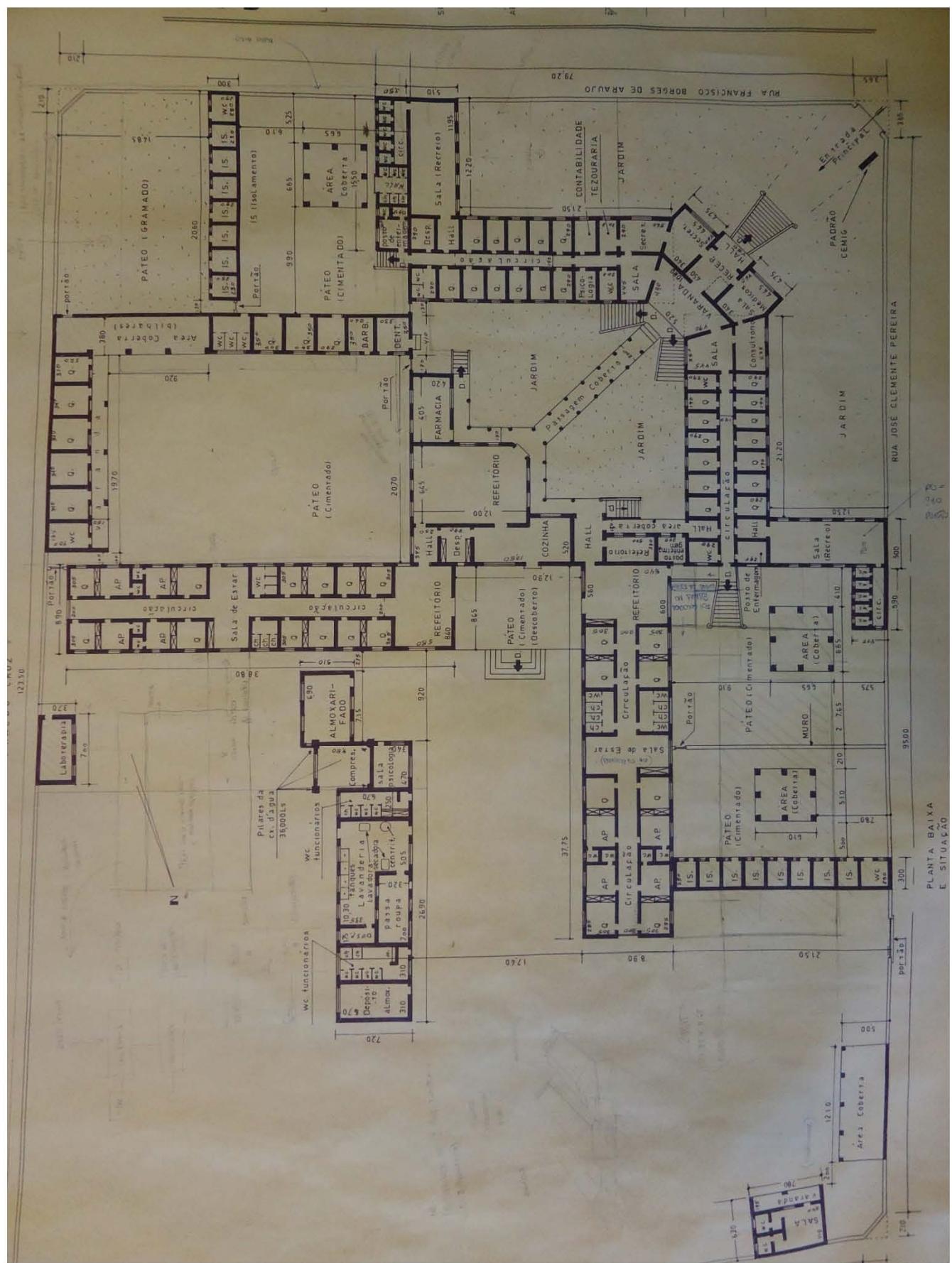
<sup>15</sup> Ibidem, p. 68.

introjeção dos mecanismos da ordem imposta. Assinala esta autora, tomando Foucault como interlocutor:

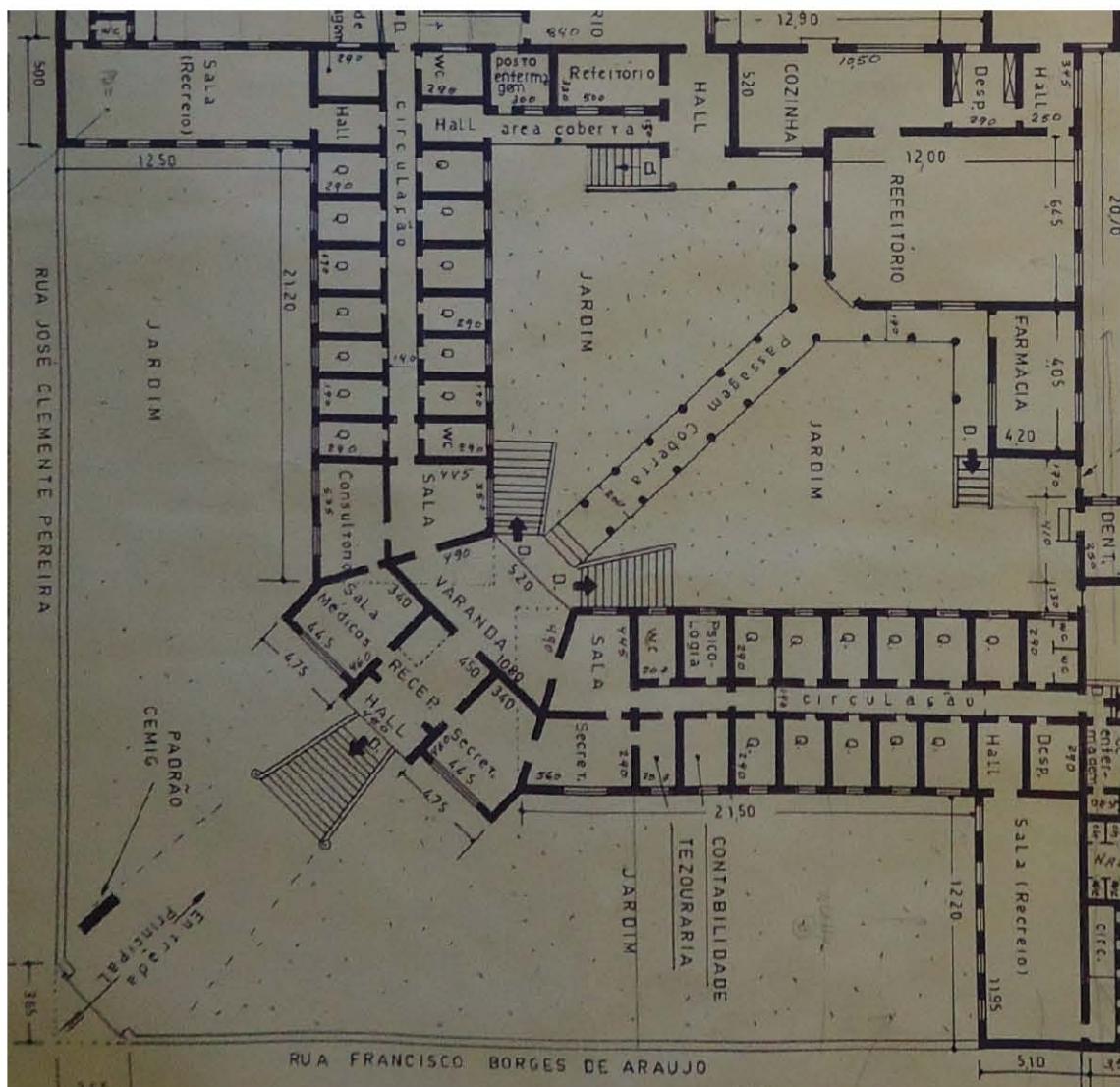
[...] Nestas instituições não apenas se dão ordens, se tomam decisões, não somente se garantem funções como a produção, a aprendizagem, etc., mas também se tem o direito de punir e recompensar, se tem o poder de fazer comparecer diante de instâncias de julgamento. Este micro-poder que funciona no interior destas instituições é ao mesmo tempo um poder judiciário.<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2003, p. 120.



**Imagen 14** - Planta baixa do SEU. Fonte: Arquivos do Sanatório Espírita de Uberaba.



**Imagem 15** - Planta baixa do SEU. Fonte: Arquivos do Sanatório Espírita de Uberaba

Analizando a estrutura física do Sanatório Espírita de Uberaba, notamos que sua arquitetura está bem próxima das características de outros hospícios. Na *imagem 14* tentei adaptar como era a instituição no momento de sua inauguração, já que a planta baixa (*Imagem 13*) representa a segunda reforma, momento em que foi triplicado a sua capacidade inicial. Este sanatório foi construído inicialmente com a capacidade para abrigar 34 pacientes, projeto arquitetônico que nos faz lembrar a capital brasileira, Brasília, possuindo o formato de um avião. Em se tratando de uma planta que acreditam ser recebida mediunicamente, sua semelhança com outras instituições é evidente,

desmistificando a sua pretensa originalidade espiritual. Os quartos do lado direito da entrada correspondiam à ala masculina, como podem ser visto na planta arquitetônica, não são espaçosos, cabendo apenas uma cama. Atualmente nestes quartos funcionam a parte administrativa, todas remodeladas para esta finalidade. Na sala de recreio é onde está localizada hoje a biblioteca do médico Inácio Ferreira.

Acreditava-se que os traços materializados no papel, representações de uma cultura moralista terapêutica eram capazes de frear a má índole, impor comportamentos sadios, fazer com que se obedecesse as hierarquias. Desse viés, o mundo do enclausuramento é (re)elaborado, (re)construído, (re)significado, ordenam sentidos, assimilam caminhos, capazes de revelar estratégias eficazes do controle. Por outro lado, é possível pensar, através das análises de Certeau, as astúcias e táticas empreendidas pelos pacientes como forma de resistir aos dispositivos da ordem. Como exemplo, alguns depoimentos nos mostram as tentativas de fuga, a destruição das celas, paredes e colchões, o suicídio, a negação de se alimentar, ou infligir flagelos ao próprio corpo, entre outros.

No SEU existia um salão destinado às sessões mediúnicas, com estudo de obras espíritas, preces e os trabalhos de desobsessão (terapia, segundo os espíritas, visando romper a influência do espírito sobre o louco, causa da loucura) comandados por Maria Modesto Cravo. As informações obtidas sobre o estado espiritual dos pacientes eram descritas pelos espíritos em psicografias. Inácio afirmava que inúmeros psiquiatras do passado, todos eles mortos, evidentemente, utilizavam-se da mediunidade de dona Modesto através de psicografias e incorporação para colaborar no diagnóstico e tratamento dos pacientes.

Logo no *hall* de entrada, à esquerda, ficava o consultório do médico Inácio Ferreira. Bem ao fundo encontramos as celas que denominavam de “isolados”, reservado aos internos agressivos, onde ficavam presos o tempo todo, só saindo uma vez ao dia para tomar banho<sup>17</sup>. Havia uma minúscula porta onde era depositada a comida e a água do preso, bem nos moldes das prisões da Idade Média. Nos adjetivos colhidos por Maria Clementina P. Cunha a partir

---

<sup>17</sup> ARDUINI, Márcio Roberto. Op. cit.

de depoimentos dos internos, o hospício é a “*habitação do diabo, casa infernal, desterro. Lugar de prisão, bastilha, lugar de malucos. Estabelecimento de vingança, espelho do mundo.*”<sup>18</sup>

Depoimento de fundamental importância é a da dona Neuza<sup>19</sup> internada aproximadamente no início dos anos de 1960, aos 16 anos de idade. Considerada agressiva e perigosa, foi encaminhada ao isolado. Desde que obteve a cura foi remanejada por Inácio Ferreira para tarefa de cozinheira do SEU com carteira assinada. Mesmo tendo conquistado o tempo requerido para se aposentar, revela que sua vida é o trabalho na instituição.

O trabalho de catalogação dos prontuários médicos do SEU feitos para esta pesquisa estende-se dos anos 1934 a 1965. No arrolamento da documentação, do ano de 1947 para 1948 houve uma transformação dos conteúdos preenchidos deixando-os de maneira mais sucintas. Ainda há valiosos relatos, antes preenchidos no campo histórico da doença, desta feita passam a ser transcritos em *observações* e, até, em alguns casos, sendo anexados em folhas escritas à mão ou datilografadas. Seja na parte destinada ao *histórico da doença actual* ou *observação* encontramos inúmeras informações que nos ajudam a reconstituir os significados sociais da loucura, relatados pela pessoa responsável ao internamento e registrado obviamente pelos funcionários do SEU. Neste espaço há preciosas histórias referentes aos antecedentes comportamentais dos enfermos, sua relação com familiares e sociedade, alusão ao início da enfermidade, questionamentos sobre os antecedentes familiares, entre outros.

A partir do levantamento dos prontuários apresentaremos algumas estatísticas, porém tomando o cuidado com as análises do tipo totalizante que camuflam as diferenças culturais, homogeneíza as práticas cotidianas, extremamente complexas ali registradas. As informações contidas nos prontuários são as mais variadas, com informações básicas do paciente, precedidos do *histórico da doença actual*, do *exame do doente*. Para além das informações relatadas no *histórico da doença*, outros campos também podem

<sup>18</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. Op. cit., p. 13.

<sup>19</sup> Depoimento de Neuza Helena Cardoso, concedida a mim em novembro de 2012, Nascida em 25/08/1947, natural de Igarapava-SP, trabalha no Sanatório Espírita de Uberaba há 39 anos como cozinheira.

ser de grande valia para observar também as astúcias e resistências construídas pelos pacientes. As reflexões de Certeau são extremamente relevantes quando pensamos que as:

[...] “maneiras de fazer” constituem as mil práticas pelas quais usuários se reappropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural. Elas colocam questões análogas e contrárias às abordadas [por] Foucault: análogas, porque se trata de distinguir as operações quase microbianas que proliferam no seio das estruturas tecnocráticas e alteram o seu funcionamento por uma multiplicidade de “táticas” articuladas sobre os “detalhes” do cotidiano; contrárias, por não se tratar mais de precisar como a violência da ordem se transforma em tecnologia disciplinar, mas de exumar as formas sub-reptícias que são assumidas pela criatividade dispersa, tática e bricoladora dos grupos ou dos indivíduos presos agora nas redes da “vigilância”.<sup>20</sup>

Estes prontuários seguiam modelos utilizados também em outros hospitais para o mesmo fim. Nestes campos havia a necessidade de insistir sobre a herança genética do paciente, interrogando sobre a incidência de moléstias na família. Descobria-se nestes pacientes um possível passado de vícios, a profissão exercida, se era cumpridor dos afazeres delimitados pela sociedade do trabalho. Esta perspectiva moralizante foi muito defendida pela psiquiatria do final do século XIX, teorias que abrigavam conceitos da antropologia criminal defendida por Lombroso, organicista pelo viés de Kraepelin, da degenerescência admitida por Morel, entre outros.<sup>21</sup> Analisemos este caso entre tantos outros:

Há 2 anos que entrega ao vício da embriaguês, bebendo de tudo o que encontra ao seu alcance. Com o seu vício, a esposa se deixou, também, arrastar para o mesmo caminho. Como médico, descuida de suas obrigações, tornando-se indiferente a tudo, a própria higiene. Já tentaram vários tratamentos sem resultados e, com empenho, trouxeram-no para se internar. Nenhum caso na família.<sup>22</sup>

Diversos casos de internação pelo alcoolismo. No caso desta interna com 43 anos:

Há 10 anos faz uso da bebida, em grande quantidade. Quando no estado de embriaguês pratica os maiores desatinos: briga com todos, com o esposo principalmente, maltrata as crianças, xinga-s (sic), agride- o, seu desrespeito se prolonga para fora do lar pois a

<sup>20</sup> CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano. I – artes de fazer.** Op. cit., p. 41.

<sup>21</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. cit.; BIRMAN, Joel. Op. cit.; CASTEL, Robert. Op. cit.

<sup>22</sup> PRONTUÁRIOS. **Sanatório Espírita de Uberaba.** Uberaba, 1956.

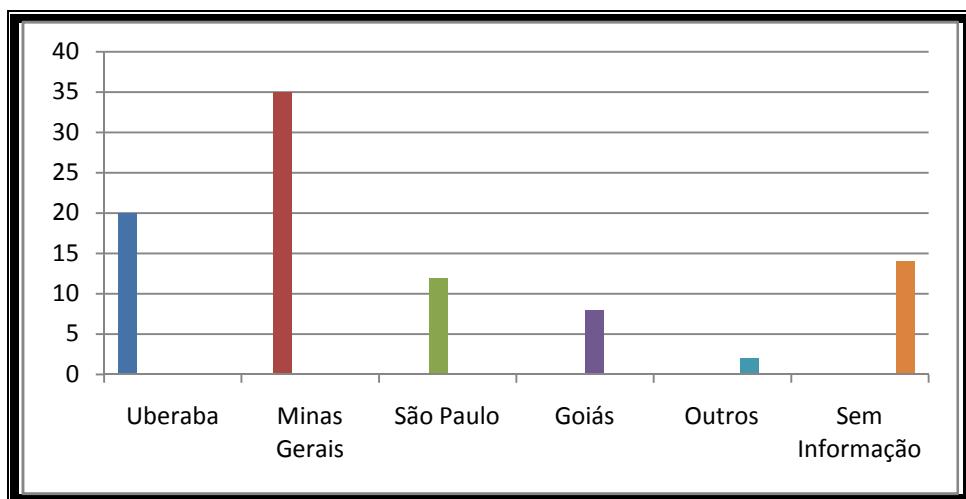
ninguém dá atenção, pensando unicamente em bebidas, não atende a conselhos, nem aos elevados chamamento ao seu coração de mãe, esposa e filha.. não se alimenta, não dorme, já tentou suicídio por quatro vezes. O pai era bebedor crônico e é a primeira vez que adoece, desde 10 anos.<sup>23</sup>

O alcoolismo acompanhado de sua negligência ao trabalho são indícios suficientes para a internação segundo esta lógica normatizadora. A psiquiatria defendia que o paciente já em estado avançado de dependência alcoólica adquiria alucinações semelhantes ao esquizofrênico. Na defesa espírita, o paciente viciado no momento da embriaguês está vulnerável à vontade de seus obsessores, espíritos estes que se aproveitariam de sua fraqueza pelo hábito do alcoolismo para sugarem suas energias e impor-lhes forte influenciação. Apesar de 2 interpretações bem distintas, tanto médico quanto espírita, elas se aproximam por apresentarem um dispositivo normatizador, de cunho moralista.

Foi pesquisado mais de 80 livros, em cada um, contento aproximadamente 35 fichas em média. No primeiro ano de funcionamento foram 92 internos como consta no Livro nº 1 do sanatório. Neste ano não houve a descrição do histórico da doença, daí a elevada quantidade de fichas em um único volume. Estes livros eram encardenados, juntando todas as fichas do ano e caso o número de pacientes extrapolasse, era dividido em vários volumes. A capacidade do SEU original, como vimos, era de 34 leitos e apenas em dois meses de funcionamento já estava lotado. Era necessário a alta de um enfermo para poder internar outro. A maioria dos pacientes era de outras cidades. Vejamos o gráfico a seguir

---

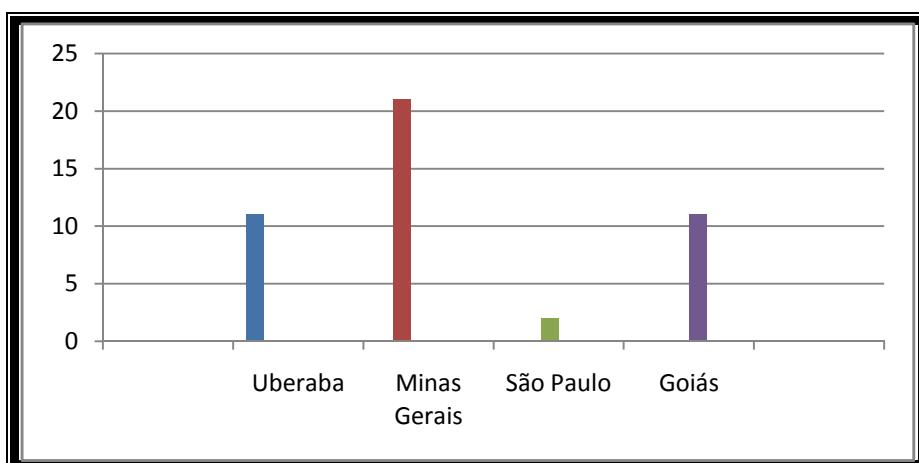
<sup>23</sup> PRONTUÁRIOS. **Sanatório Espírita de Uberaba** – ficha 3621. Uberaba, 1960.



**Gráfico 1-** Procedência de internação do Sanatório Espírita de Uberaba. Fonte: SEU. Ano 1934

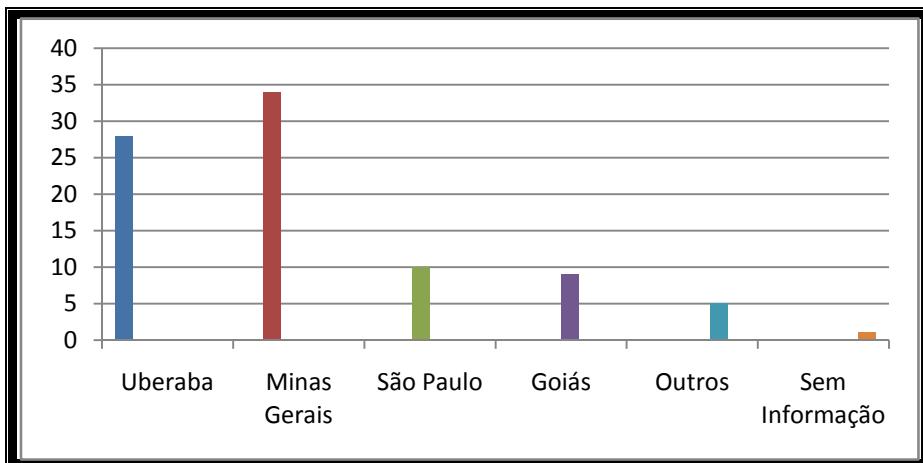
Cabe ressaltar que a quantidade de fichas sem informação é bastante considerável, 14 no total, apenas no primeiro ano. Isto nos leva a crer que eram mendigos, transeuntes sem abrigo, sem família ou indigentes, recolhidos pela polícia. Quando o enfermo era de outra cidade, quase sempre era anexado uma ordem policial pedindo a sua internação. Fica evidente que a construção do SEU atendia a carência de outras regiões na assistência aos portadores de transtornos mentais.

Fazendo esta mesma estatística, desta vez no ano de 1944, conseguimos visualizar os seguintes dados:



**Gráfico 2-** Procedência de internação do Sanatório Espírita de Uberaba. Fonte: SEU. Ano: 1944

Vejamos o gráfico a seguir, após duas décadas de funcionamento do SEU:



**Gráfico 3-** Procedência de internação do Sanatório Espírita de Uberaba. Fonte: SEU. Ano: 1955

Depois de 20 anos de funcionamento, o SEU ainda continuaria como hospício referência na região, onde mais de 50% dos internos são de fora de Uberaba. Destacamos o esforço das elites políticas uberabenses em apoiar e até subvencionar projetos espíritas e percebemos agora que o SEU tinha uma importância não somente local, mas regional. Inúmeras cidades do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. Vejamos alguns casos.

Internado em 27 de setembro de 1934, no primeiro ano de funcionamento do Sanatório Espírita de Uberaba, destacamos o paciente F.A., diagnosticado no SEU com neuro-sífilis, vindo de Pedregulho-SP, a partir de uma ordem judicial expedida pelo gabinete da delegacia local. Após ficar mais de 4 meses internado no SEU e tido como incurável, foi transferido para o Juquery, localizado na cidade de São Paulo. Sua ficha clínica está sem informações, nenhuma informação sobre a idade, filiação, apenas o nome e considerando que sua internação partiu de um pedido policial, acreditamos que se tratava de mendigo:

(Gabinete do Delegado) Atesto que o Snr. M.G.M., escrivão da Delegacia de Polícia deste município de Pedregulho, Estado de São Paulo, vae a cidade de Uberaba, Estado de Minas Geraes, acompanhando o indivíduo Sr. M.G.M., que se acha soffrendo das faculdades mentaes, afim de interná-lo no Sanatório Espírita daquella localidade.<sup>24</sup>

<sup>24</sup> PRONTUÁRIOS. Sanatório Espírita de Uberaba. Uberaba, 1934.

Internada e transferida no mesmo mês que e o paciente acima e talvez o tenha até conhecido, M.G.M. de 21 anos, foi conduzida à instituição pela polícia de Tupaciguara. A sua anamnese foi a maior que encontramos, achamos mais conveniente reproduzi-la na íntegra.

Numa das muitas infelizes que, perambulando pelas ruas, seu destino, são levadas dos cubículos de uma prisão onde [sofre] as mais negras torturas, as maiores misérias. Vivia pelas ruas, descomposta, gritando e insultando com palavrões proibidos pela moral e por actos e gestos que feriam o pudor hypócrita da sociedade. Recolhida à prisão, lá esteve vários dias, talvez, [sofrendo] fome e sede. Pediram para recolher-a no Sanatório Espírita. Um ofício com o pedido e um soldado com guia e companheiro. Quem era? De onde vinha? Deram alguns nomes d'ela, dos pais, o lugar de onde vinha. Pura convenção da polícia, pois posteriormente constatando serem nomes phantasticos sabidos naturalmente da phantastica inteligência de que quem os [inventou]. Recolhendo-a com piedade e com carinho – além do seu estado de miséria, loucura furiosa, era uma infeliz jogada ao mundo, à torrente turbilhonante da vida, sem família, sem um tecto amigo, sem um carinho, sem uma palavra de conforto. Mais, muito mais do que isso, estava grávida de 6 meses. Eram duas criaturas infelizes que necessitavam de socorro. Uma para se mitigar o sofrimento do corpo; outra, para ampararmos a alma, o espírito que se prepara para entrar no mundo das provas e da miséria.

Quantas infelizes não perambulam assim, por esse mundo afora, encontrando no seu caminho, a cada passo, uma Igreja, em vez de encontrar uma casa de caridade?

Talvez um espírito bem formado que desceu à Terra sabendo, de ante mão, têr iguais os caminhos dos verdadeiros paes...

Pae desconhecido, mãe louca, desincarnada pouco após.

Romilda, suas provações começaram muito cedo. Terá inúmeras mães – terá muitos paes que olharão por você.

Na sua inocência de creança, nos seus primeiros tempos, tudo serão sorrisos, tudo será alegria!

Quando, porém, os annos forem chegando; quando a sua consciência despertar para as realidades da vida você terá, na instituição do seu espírito – você terá a doce e dolorosa certeza de que a sua mãe não a viu, jamais pode lançar-lhe um olhar doce e amoroso como só as mães sabem olhar para o filho recém-nascido.

E o seu pae?

Também, jamais poderá, dentro da sua imaginação, burilar seu rosto, uma pessoa que a ele se assemelhe...

Não importa, Romilda.

Quem sabe será essa a sua provação maior? Quando, nas noites silenciosas da sua vida, no isolamento saudoso do seu espírito, relembrar a sua mãesinha querida, o seu pae desconhecido e que seu coração se constranger dentro do peito e chorar, deixa que as lágrimas sofram silenciosas pelas suas faces. Elas são gotas que se destilam no coração para refrescarem as dôres e as tormentas das provações!

Eleve seu pensamento à Deus, esse Deus de Bondade e Caridade que nos deu o sofrimento afim de redimirmos as nossas culpas...

Eleve seu pensamento à Deus, esse Deus de Bondade e Caridade que nos deu lágrimas para chorarmos para, com elas, refrescarmos nossos corações quando a saudade e a Dôr o atormentam...

A roda gigantesca do Destino, no seu eterno ? trouxe para o Sanatório Espírita, uma louca furiosa incurável, grávida de 6 meses. De onde veio?  
 Quem era?  
 Uma infeliz qualquer, atirada no cadinho fervente e turbilhonante do mundo...  
 Um espírito em provas que, pela dor, pelo abandono e pelas provações quis resgatar, de uma só vez, inúmeras iniquidades. Quem o sabe?  
 Ou uma cousa ou outra, foi recebida de braços abertos e tem na sua loucura e no seu estado de gestação, todo o carinho, todo o conforto que lhe puderam sêr oferecidos...  
 Na noite de 5 para 6 de Novembro de 1934, veio ao mundo uma creança, nascida dentro de um quarto pobre de hospital de lar. Receberam-n'a gritos lancinantes de loucos na sua inconsciência da loucura e da obsessão...  
 Receberam-n'a também, corações bem formados, alegres e satisfeitos ao ouvirem os seus primeiros ? n'este mundo de dores de provações...  
 Um berço, roupinhas finas, agasalhos quentes, fraudas, ... [ilegível] apropriadas, um cortinado entrelaçado de fitas que almas bondosas preparavam para receber aquele espírito irmão que devem chegar à estação da Terra para o cumprimento da sua ???  
 Quem era ele?  
 Que havia sido na ultima incarnação? <sup>25</sup>

A crueldade dessa história nos é apresentada de forma romanceada, na qual os dogmas do espiritismo se apresentam como justificativa para a sua exclusão social. M.G.M é uma anônima que carrega no seu ventre o fruto provavelmente de violência sexual. Perdida, com traços evidentes de agressividade não se busca uma causa do seu abandono nas condições sociais em que vivia. A provável culpa é dela mesma que agora expia os pecados de vidas passadas. A caridade religiosa a abrigou, proporcionou-lhe condições adequadas, inclusive para o parto. Sua filha foi esperada com os requisitos possíveis para uma criança vivida ao mundo nessas circunstâncias. Provavelmente seria adotada. Quantos filhos mais essa mulher pode ter tido? Corações caridosos o receberam neste mundo, mas já se anuncia no discurso que o seu périplo no mundo carnal não será fácil. Supõem-se o destino lhe impôs condições, não saberá jamais a história da mãe, muito menos do pai. Porém, aconselha-se aceitar a sua provação, elevar o pensamento a Deus, porque é por meio do sofrimento que nos redimimos. Nada mais evidente do que o conformismo, evitando, assim, os conflitos sociais.

---

<sup>25</sup> PRONTUÁRIOS. Sanatório Espírita de Uberaba. Uberaba, ficha 66, 1934.

São histórias confinadas ao esquecimento que os prontuários nos apresentam de maneira bem fragmentada. Não há menção da autoria deste histórico da doença elaborado à enferma M.G.M.. O perfil da paciente, mãe também sofrendo de transtornos mentais, negligenciada pela sociedade, maltrapilha, padecendo diversos tipos de abusos sexuais ao ponto de ser portadora de várias doenças venéreas, inclusive a sífilis, foi presa por infringir as leis dos bons costumes imposta pela sociedade do trabalho, até ser removida ao SEU. Estava grávida de sete meses quando da sua internação, dando à luz à Romilda, tendo vivido apenas 15 dias. Aproximadamente três meses após o parto é transferida para outro hospício na cidade de Oliveira, em Minas Gerais.

Se tivéssemos apenas este prontuário já teríamos a dimensão do processo de exclusão que as cidades brasileiras impunham às famílias sem posses. Sem pretender entrar na problemática do tratamento psiquiátrico neste momento, as contradições terapêuticas médicas, a consequência de um intenso crescimento populacional urbano forjou atrocidades como a que acabamos de verificar.

Até a idade de 16 anos mais ou menos, ficou sempre internado no Ginásio desta cidade. Sempre forte, estudosos e inteligente. Nunca manifestou doença grave. Aos 17 anos de idade foi para o Rio onde se matriculou na Faculdade de Medicina. Até ao 4º ano sempre estudosos, porém, levando ao mesmo tempo uma vida irregular. Contrahio (sic) várias doenças venéreas as quais não procurou tratar direito. Já no 4º ano, começou a desconfiar de seu primo muito seu amigo, alegando que ele vivia pondo um mau (...) nas suas roupas. Tornou-se exigente, malcriado, bruto mesmo para com todos. Avisado a família, mandaram buscá-lo. Chegando em E. do Sul (Estrela do Sul), tomou raiva do pai e da mãe. Recitava poesias em línguas que ninguém entendia. Falava dia e noite, brigando muito. Mania de grandeza. Queria obrigar a mãe a vender a fazenda afim de dar-lhe todo o dinheiro para voltar para o Rio. Esteve internado em um Sanatório em São Paulo. Esteve também no Raul Soares, em Franca e Barbacena e sempre alternativas de melhorias e pioras. Suas tias faleceram em Barbacena onde ficaram internadas muitos anos. Também um tio esteve louco furioso, com tratamento, porém, ficou bom e até hoje nada mais teve...<sup>26</sup>

Este paciente recebeu alta em 1941. Neste depoimento o não dito chama mais a atenção do que a situação concreta. Se este homem viveu em colégio interno, fazia faculdade de medicina, morava no Rio de Janeiro

---

<sup>26</sup> PRONTUÁRIOS. Sanatório Espírita de Uberaba. Ficha n. 4, Uberaba, 1935.

supõem-se que seja oriundo de família de posses, inclusive fazendeiros. Nas entrelinhas percebe-se o discurso moral por manter seu “comportamento irregular”, se colocado em perspectiva o moço do interior esbaldou-se sexualmente e contraiu sífilis. A suposta loucura se associa ora a esta doença, o que era muito comum à época ou ainda a degenerescência hereditária familiar. O fato de desejar que a mãe vendesse seus bens, herança de família confirma seus atos desmedidos. Chama a atenção também a recorrência das internações, passagens por diversos hospícios, o que indica, pela incurabilidade da enfermidade, a existência de uma rede ou malha na qual o doente depois de cair se vê amarrado.

No caso seguinte M.L., 24 anos, natural de Uberaba deu entrada em agosto de 1956, diagnosticado com esquizofrenia, recebeu alta como melhorado três meses depois.

Foi sempre um rapaz inquieto, nervoso, agitado, sem constância no trabalho. Não obedece aos pais e vive provocando situações desagradáveis. Há tempos que se empolgou pela leitura de assuntos exotéricos e vive lendo quase que dia e noite. Há 5 dias que não dorme e não se alimenta, falando continuamente em exoterismo. Agitado, ameaçou agredir, tornando-se perigoso, mesmo.<sup>27</sup>

Aqui a desobediência, a não adequação ao mundo do trabalho são questões morais que se associam a uma ideia fértil de que “ler muito”, especialmente assuntos exotéricos, contribuem para agravar sua situação que o coloca em desacordo com as normas morais. Há um discurso moralizante como moderador da normalidade, funcionando como dispositivos de controle do corpo, da vontade, dos instintos. Ainda que tais questões se colocam enquanto científicas, muitas destas teorias, defendidas desde o século XIX, correspondem a um entrecruzamento com a cultura judaico-cristão. Neste ínterim, a paixão deveria ser negada, abafada e que para este indivíduo permanecesse saudável era necessário educar as suas vontades. O *alienado mental seria aquele que perdeu a medida na regulação afetiva, intensificando o poder de seus afetos desmesuradamente, tornando-se um sujeito apaixonado, passional (...).*<sup>28</sup> No imaginário popular, expresso na imprensa, está a

<sup>27</sup> Idem, 1956.

<sup>28</sup> BIRMAN, Joel. **A psiquiatria como discurso da moralidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1978, p. 110.

convicção do que é ser bom cidadão e estas condutas são importantes para o equilíbrio moral e físico.

Caso interessante é o da A.A.J., 31 anos, considerada pelo parecer médico como neurose histérica:

Sempre forte, sadia, disposta, sem doenças graves. Há 2 anos ela e o esposo se tornaram protestantes, dedicando-se a leitura de obras e isso, descontroladamente, com verdadeiro fanatismo. Há 5 dias, agora, desorientada, saíram pelas ruas cantando hinos protestantes e isso, quase dia e noite, indiferentes a tudo. Nada fazem e pouco se preocupam com os seus afazeres e a própria higiene. 1 irmão.<sup>29</sup>

Seu marido, J.F., 27 anos, diagnosticado com neurose histérica, foi internado no mesmo mês que sua esposa, recebendo alta um mês depois:

Esposo da enferma procedente e, como a companheira, adoceu no mesmo dia e com os mesmos sintomas. Protestantes, lendo muito, como que fanatizado, a ponto de descuidar das suas obrigações quando, antes, era trabalhador, disposto, eficiente. Noites sem dormir e sem alimentar, enfraquecendo-se bastante. Medo, receio, com mania religiosa, cantando hinos protestantes, dia e noite. É a 1<sup>a</sup> vez.<sup>30</sup>

Ainda sobre o fanatismo religioso, outro caso de internação:

Há 4 meses demonstrando manias impulsivas – inquieto, desassossegado, deseja fazer determinadas causas e se movimenta para realizá-los, apesar de raciocínio e discernimento. Caridade obsessiva, fanatismo na parte espiritual, querendo convencer todo o mundo, empregando o seu tempo dia e noite. Nenhum caso. Neurose (compulsiva).<sup>31</sup>

A religiosidade para estes internos tinha várias vertentes e ao que parece, não concordava com os ditames rígidos das religiões oficiais, queria pregar como vocação na terra. Tanto na ocorrência do casal protestante, como na do espírita, são religiões constituídas por uma minoria. O fanatismo seria motivo de internação caso este fiel fosse católico? Sempre a internação advém de pessoas ligadas à família ou, no evento envolvendo os protestantes, alguém próximo. Dos prontuários analisados, realmente não há internações de um católico pregando compulsivamente a sua fé. O sentido de realidade para esta pessoa o fazia crer que era um missionário e que foi vítima de perseguições, todas elas advindas de poderes sobrenaturais. Múltiplos são os sentidos

<sup>29</sup> PRONTUARIOS. **Sanatório Espírita de Uberaba**. Uberaba, 1956.

<sup>30</sup> PRONTUARIOS. **Sanatório Espírita de Uberaba**. Uberaba, 1956.

<sup>31</sup> Ibidem.

atribuídos à loucura. A magia, o encantado, o desconhecido, o realismo, o fantástico, a sexualidade, se entrelaçam com o patológico. Muitos preconceitos são construídos pela população leiga e circundam o discurso médico sobre a loucura, justificado, talvez, pela incompetência dos psiquiatras em lidar com tal situação.

Nestes três casos o fanatismo religioso é o mote principal, no entanto outras atitudes circundam essa ocorrência tais como ler muito, negligência com o trabalho, a própria higiene pessoal, medo, receio. O que mais chama a atenção é a caridade excessiva, provavelmente se desfazendo de suas próprias posses. Observa-se que as questões morais se aliam às religiosas que, somadas, agravam o diagnóstico.

Ao verificarmos a estrutura dos prontuários médicos utilizados no Sanatório de Uberaba, temos a impressão que estamos diante de uma instituição psiquiátrica semelhante a qualquer outra encontrada em território brasileiro no período, dirigida por médicos que se utilizavam exclusivamente do conhecimento e das teorias psiquiátricas da época para realizar seu trabalho de diagnóstico, tratamento e, se possível, cura do paciente. As informações pessoais sobre os pacientes, a anamnese, os questionários e os exames, todos os elementos constituintes da estrutura dos prontuários estão aparentemente de acordo com os ensinamentos e formulações da psiquiatria acadêmica do período.

Em sua tese de doutorado sobre o Sanatório Espírita de Uberaba, Jabert<sup>32</sup> nos coloca uma questão intrigante referente aos portadores de imbecilidade, idiotia, sífilis cerebral e epilepsia. Segundo análise levantada por ele e que também defendi em oportunidades anteriores,<sup>33</sup> o diagnóstico e tratamento atribuído à estes enfermos seguem rigorosamente aos ministrados pelos psiquiatras convencionais, seguindo uma etiologia fundamentalmente organicista, daí os questionários lançados por esta instituição visando mapear a causa do surto, do desequilíbrio mental.

---

<sup>32</sup> JABERT, Alexandre. Op. cit.

<sup>33</sup> RIBEIRO, Raphael Alberto. **Almas Enclausuradas:** práticas de intervenção médica, representações culturais e cotidiano no Sanatório Espírita de Uberlândia. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

Fazendo relação com outro aspecto defendido por Jabert<sup>34</sup> e que as evidências documentais nos levam à esta conclusão, o espiritismo se afirma e se consolida respaldados pela ciência. Há uma rivalidade entre estes dois campos, ambos buscando processos de legitimação, por outro lado, não há por parte do espiritismo a negação da ciência, das terapêuticas convencionais psiquiátricas, apenas se posicionam a união entre o mundo espiritual, portanto da fé, com o racional. Inácio Ferreira não contesta a medicina, nem tampouco a ciência, ao contrário, se compraz dela, quer um estatuto de verdade para a doutrina kardecista. Este é o ponto central para a defesa desta tese. O espiritismo no que tange à participação política, não se apresentará como um campo religioso questionador da realidade, ao contrário, se legitimará absorvendo valores e comportamentos desta sociedade. Esta religião se diferenciará das outras cristãs justamente por ratificar o conhecimento científico. Neste sentido, o embate era com os profissionais inimigos do kardecismo.

A medicina social, tal como a psiquiatria, na sua ânsia de higienizar antes de remediar, adotaria a vertente epistemológica de condenar o espiritismo, impondo regras e comportamentos com o objetivo de evitar condutas desviantes, condicionadores da loucura. Não eram somente as atividades mediúnicas que se deveria combater, mas também a supressão de curadores e charlatães.

Dessa perspectiva de análise, os usos terapêuticos convencionais são sempre utilizados e deveriam ser complementados com a aplicação dos cuidados tidos espirituais. Analisemos o mesmo caso clínico levantado por Jabert:

Família grande, composta de vários irmãos, todos mais ou menos com taras familiares, uns mais, outros menos, não deixando, todavia, de sofrerem consequências dos casamentos consanguíneos que vem se dando desde os seus antepassados (...). Sistema Nervoso: Parada, visível e facilmente constatada, de desenvolvimento intelectual atingindo quase os últimos graus. Inteligência nenhuma; memória, raciocínio nulos; noção de lugar, espaço e tempo completamente paralisados. É um autômato, incapaz de manifestar

---

<sup>34</sup> JAUBERT, Alexandre. Op. cit.

um desejo, uma necessidade ou um sentimento de alegria ou tristeza (...). Diagnóstico: Imbecilidade congênita<sup>35</sup>

Neste outro caso ocorrido a internação em 1961, a paciente M.J.C.S., de Uberaba, casada, negra, doméstica, 30 anos, diagnosticada com oligofrenia, ficando internada por 34 dias.

Desde tenra idade, tendo sido criada em extrema pobreza, em promiscuidade, tinha relações sexuais com os irmãos, até quando se casou. Pobre de inteligência sem iniciativa, apresentando risos imotivados, tem as manifestações de uma criança a não ser do ponto de vista sexual, pois apresenta-se excitada, exibindo partes [íntimas] e masturbando-se, palavras sem nexo e obscenas, risos e chacotas com os colegas, colocando-os em polvorosa.<sup>36</sup>

A partir do interrogatório realizado no ato da internação chegam a conclusão de que as taras familiares eram fruto da consanguinidade, causa da imbecilidade, sem nenhuma avaliação por exames mais específicos, apenas o palpite do psiquiatra. As anamneses são construídas na perspectiva de se obter informações se há histórico na família, alguém enfermo com moléstia semelhante, comportamentos condizentes com a moral que a sociedade se espera. Não sejamos ingênuos de acreditar que estamos tratando somente de pessoas diferentes e nem é nosso objetivo nos envolvermos em questões referentes ao diagnóstico e prognóstico. Precisamos compreender como a disciplina psiquiátrica e no caso também a doutrina espírita, elaboram seus saberes entrecruzando com uma moral instituída.

Numa perspectiva de análise foucaultiana<sup>37</sup>, a ciência é um agregador de valores e não a materialização da verdade. O conhecimento não existe em si mesmo e é uma convenção humana. Seus estatutos não se originam fortuitamente, ao contrário estão intrinsecamente atrelados à moral. A norma do conhecimento não é epistemológica mas moral, a razão é sobretudo moral o que nos remete a raciocinar que o conhecimento serve aos interesses de quem os institui. É inspirado em Nietzsche que Foucault elabora de maneira brilhante a perspectiva de análise de que a psiquiatria urde um saber como tentativa de responder os anseios de uma sociedade burguesa que urge medicalizar o

<sup>35</sup> PRONTUARIOS.., ficha 83, 1937.

<sup>36</sup> Idem, ficha 3719, 1961.

<sup>37</sup> FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

anormal, vigiando-os, punindo-os e, e criando aparatos para torná-los dóceis, produtivos.

A.M.S. de 33 anos, casada, católica, diagnosticada como portadora de psicose foi internada pelo seu marido.

Há mais de um ano que sofre de desequilíbrio nervoso, passando por fase de melhorias e recaídas. Quando piora, os primeiros sintomas é brigar com o esposo demonstrando um ciúme terrível, alegando que o mesmo tem várias mulheres. Torna-se, então, inquieta, agitada, falando muito, ameaçando suicídio. Pouco se alimenta e pouco dorme, estando muito enfraquecida. Vários casos na família.<sup>38</sup>

Atentemos para a questão moral nestes casos:

Rapaz inteligente, educado, preparado, mas vítima da natureza como viciado passivo e de uma educação incerta, como [com a] satisfação de seus caprichos. Pais separados, vítima de um lar desorganizado. Possue, também, mediunidade de incorporação e vive assediado por espíritos maus e vingativos que o levaram, já, por 3 vezes, tentativas de suicídio. Casos na família. Psicogênica (situação)

Desequilíbrio nervoso, ciúme terrível, tentativa de suicídio, viciado passivo, educação incerta, satisfação de seus caprichos. Todos sintomas de loucura, em um deles a causa seria uma desestruturado, no anterior a desestruturação dele. A família, a normalização dos comportamentos, a busca da sociedade saudável. Nos dois casos tinham sua genética comprometida, cuja manifestação poderiam se dar em situações de crises ou estresses, desencadeando o mal hereditário, tão silenciosamente contidos.

Se é correto afirmar que havia um projeto para retirar dos espaços públicos sujeitos portadores de transtornos mentais e, em boa medida, um intenso processo de higienização se verificou no século XX, é preciso considerar, todavia, quantas pessoas habitaram as ruas como mendigos, despejados pela família, porque não podiam se juntar com os que já estavam amontoados no sanatório da cidade. A grande internação ocorrida também no Brasil, principalmente no século XX, não conseguiu tirar da rua a insanidade. A psiquiatria não conseguiu curar, nem tampouco os órgãos públicos, em conluio com a sociedade, foram capazes de abrigar os seus “dementes” em hospícios.

---

<sup>38</sup> PRONTUARIOS.1965.

#### 4.2 - Inácio Ferreira: entre ciência e religião

Não poderíamos deixar de finalizar este trabalho sem fazer uma incursão mais aprofundada nas práticas terapêuticas realizada por este psiquiatra espírita Inácio Ferreira. Vimos que havia diversos médicos espíritas, mas um profissional à frente das atividades de uma instituição psiquiátrica por tanto tempo foi realmente algo inusitado. Este médico é muito lembrado ainda hoje no Sanatório Espírita de Uberaba, funcionários que conviveram ou não com ele alimentam o mito, comparando-o a um herói. A sua figura somada a de Dona Modesto são referências para tais funcionários e fiéis kardecistas locais, inclusive fora da instituição psiquiátrica. Carlos Bacelli, conhecido médium uberabense e também memorialista espírita publicou mais 14 livros que, segundo acreditam, foi psicografado pelo espírito Inácio Ferreira.

Desde a sua conversão ao espiritismo, logo após ter aceitado o convite de Maria Cravo Modesto pra trabalhar no SEU, Inácio Ferreira se destacou pela sua militância espírita. Esta figura emblemática travou severas discussões na imprensa com o poder católico local, publicou inúmeros livros, alguns deles voltados à evangelização religiosa outros criticando a postura da psiquiatria convencional e defendendo os postulados kardecistas como científicos.

Este psiquiatra publicou 12 livros, todos eles com recursos próprios, quase todos na década de 1940, após tentar sem sucesso que a editora da Federação Espírita Brasileira (FEB) editasse suas obras. Somente após sua morte, a editora da Federação Espírita do Estado de São Paulo (FEESP) publicaria em 1993, *Novos Rumos à Medicina*<sup>39</sup> (volumes 1 e 2) e, em 2001, *Psiquiatria em Face da Reencarnação*<sup>40</sup>. O livro *Espiritismo e Medicina*<sup>41</sup> é uma compilação de artigos publicados na *Revista Espírita do Brasil*, periódico pertencente à *Liga Espírita do Brasil*, movimento criado dentro do espiritismo em 1926 como protesto à iniciativa da Igreja Católica de tornar obrigatório o ensino do catolicismo nas escolas. Depois disso, ainda sobre a temática

<sup>39</sup> FERREIRA, Inácio. *Novos rumos à Medicina*. 1º Volume. Uberaba: Gráfica A Flama, 1945. \_\_\_\_\_ . *Novos rumos à Medicina*. 2º Volume. Uberaba: Gráfica A Flama, 1949.

<sup>40</sup> **A psiquiatria em face da reencarnação**. Uberaba: Gráfica A Flama, 1951.

<sup>41</sup> FERREIRA, Inácio. *Espiritismo e medicina*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1941

espiritismo e psiquiatria, Inácio ainda lançaria o livro *Tem Razão*, uma resposta aos textos psiquiatras que condenavam o culto ao espiritismo fator decisivo à aos surtos e consequentemente às internações.<sup>42</sup>

Há um espaço no SEU, uma enorme sala utilizada como biblioteca e ali se encontra preservado todo o acervo bibliográfico que pertenceu ao psiquiatra Inácio Ferreira. A biblioteca foi tombada pela prefeitura de Uberaba como patrimônio municipal e guarda obras raras e de grande valia para futuros pesquisadores. Além de incontáveis livros espíritas e psiquiatras, esse médico possuía interesse em diversas áreas do conhecimento, tais como filosofia, literatura e história. Seus biógrafos revelam o enorme apreço que Inácio tinha pela leitura, dedicando horas diárias aos estudos.

Outro aspecto interessante que podemos destacar é a quantidade de correspondência que Inácio trocava com médicos e estudiosos do mundo inteiro interessados com a perspectiva espírita. Todas estas cartas estão devidamente preservadas na biblioteca, juntamente com os prontuários do SEU. Nestes contatos estabelecidos, um de seus livros, o *Espiritismo e Medicina* foi traduzido para o espanhol, incentivado pela rede de amizades contruídas.

Em relação à terapêutica ministrada, conforme depoimento de dona Neuza<sup>43</sup>, a prática do eletrochoque e outros medicamentos advindos da psiquiatria convencional eram bastante utilizados, ainda que os espíritas defendessem uma forma de tratamento alternativo da loucura, com ênfase de uma pretensa causa espiritual:

Nossa Senhora, me pai, meu segundo pai. Ele era bão pra todo mundo, ele tinha o jeito dele, nervoso. Ele falava não, era não, ele tinha as coisas dele, mas como médico aqui era uma pessoa muito boa, curou muita gente, inclusive eu. Quando eu tive que vir pra cá eu tinha que tomar eletrochoque, tomar injeção sossega leão. Tomei, tinha que amarrar, fiquei no isolamento. Dr. Inácio, depois, por fim que ele foi me dando passe, aí ele viu que meu caso era mais espiritual... Quando o Dr. Inácio vinha no quarto pra dar o

---

<sup>42</sup> Outros livros de Inácio Ferreira que não trazem data de publicação ou dados editoriais, todos produzidos pelo próprio Inácio, impresso e encadernado por gráficas locais: *Subsídios para a história de Eurípedes Barsanulfo*; *Conselhos a meu filho*; *Contos – esquetics*; *As estradas da vida*; *Onde mora o esquecimento*; *A Religião do povo brasileiro*. Conferir: FERREIRA, Fátima. Op. cit.

<sup>43</sup> CARDOSO, Neuza Helena. **Depoimentos**. Uberaba, 21 nov. 2012.

eletrochoque, eu encolhia, sabia que ia tomar, eu tremia. Eu perdi todos os meus dentes, mordia na língua, eu lembro até hoje.<sup>44</sup>

O uso da convulsoterapia foi frequente e constante em quase todo o período pesquisado. Em 1942 encontramos nos prontuários eventos em relação a terapêutica que estimulavam a convulsão, realizada por cardiazol, sendo substituída pela prática do eletrochoque, a partir de 1951. Destaquesmos o caso de d. Neuza, recebendo diversas aplicações de eletrochoques. Este não é um caso isolado, muito pelo contrário, é a média de quase todos os internos, pelo menos na década de 1950. Raro eram os casos que não se usava tal expediente. Apenas as pessoas que ficavam por uma semana, cujo curto período lhes possibilitavam escapar desta terapia. Mesmo que teoricamente houvesse a distinção do tratamento do médico com a do espírita, era perceptível a consonâncias destes poderes.

A convulsoterapia pelo cardiazol foi difundida no mundo em 1936 pelo médico Von Medina, começando a ser usado no Brasil no mesmo ano. Dois anos após, os médicos Cerletti e Bini passaram a utilizar o choque elétrico como meio mais rápido para se atingir a convulsão, substituindo a injeção cardiazólica. Tal terapêutica inicia-se no Brasil a partir de 1942 no Juquery, oferecendo custo praticamente nulo. Em 1943, no Brasil, este tipo de tratamento chega a alcançar, aproximadamente, 4.000 aplicações ao ano.<sup>45</sup>

O tratamento dispensado pelos espíritas em comparação com o psiquiátrico convencional era muito próximo. O interessante é pensar a maneira como os religiosos reelaboram o conhecimento técnico psiquiátrico justificado pela perspectiva espiritual. Segundo afirmam, a utilização da eletroconvulsoterapia serviria para dissipar as formas ovoides, ou seja, espíritos deformados que perderam sua roupagem perispiritual<sup>46</sup> devido às

---

<sup>44</sup> Ibidem.

<sup>45</sup> PEREIRA, Lygia Maria de França. Os Primeiros sessenta anos da terapêutica psiquiátrica no estado de São Paulo. In: ANTUNES, Eleonora Haddad; e outros (org.). **Psiquiatria, Loucura e Arte**. São Paulo: Edusp, 2002.

<sup>46</sup> Este conceito foi trazido inicialmente por Allan Kardec na obra **Livro dos Espíritos** que se aproxima da definição de alma para as outras religiões. Na doutrina kardecista, cada pessoa possui o perispírito, uma roupagem bastante sutil, de natureza espiritual, idêntica ao corpo humano e que seria condição *sine qua non* para que o indivíduo possa reencarnar. Por se tratar de um corpo plástico, ele pode adquirir formas variadas, uma delas, seria a ovoide,

suas atitudes direcionadas ao mal. Este espírito em estado circular, segundo esta doutrina religiosa, se alojaria no chakras do indivíduo adoecido instaurando a obsessão. Ainda segundo o dogma kardecista, a descarga elétrica no paciente atingiria também este “intruso” causador do desequilíbrio mental e orgânico.

Apenas para citar outro exemplo, o uso do *tegretol*, medicamento psiquiátrico utilizado como anticonvulsivante, antinevrágico, antimania, antidiurético, antipsicótico, antiepiléptico, é utilizado para bloquear a mediunidade, segundo atestam os kardecistas, evitando assim que espíritos obsessores se manifestem em médiuns despreparados ou devedores. Para a eficácia do tratamento, na perspectiva espírita, o espírito obsessor deve ser evangelizado fazendo-o mudar de atitudes, afim de que não interfira mais no mundo psíquico do doente. Por outro lado, antes que seja suspensa a medicação definitiva em processo de alta clínica, é necessário que o paciente promova também faça um esforço, uma mudança comportamental, alterando seu estado vibratório e com isso adquirindo resistência caso haja outra perseguição inimiga.

Vejamos o caso da paciente G.R.F., 17 anos, moradora de Nova Ponte-MG, 121 dias internada no SEU e obtendo alta como curada. Neste caso, fica bem evidente a maneira como os espíritas conduziam o tratamento na instituição.

Trata-se de uma moça de constituição regular. Foi menstruada (sic) aos 10 anos de idade, sofrendo nesta ocasião forte abalo nervoso desaparecido em poucos dias. Sofreu sarampo e coqueluche. Suas regras sempre vieram mais ou menos no dia certo, porém, com afluxo demasiado e acompanhados com [profunda] tristeza, abatimento. Sempre sofreu de reumatismo articular. Pouco dias antes do casamento de sua irmã, realizado no dia 16 janeiro, sentiu-se gripada, com dores pelo corpo, calafrios. Tomando um purgativo, veio a menstruação, pouco abundante, preta, escura. Mesmo assim continuou a trabalhar nos arranjos domésticos e avaliando os preparativos das bodas. Contrastado com uma costureira chegou a chorar. No dia 16, dia do casamento, chorou bastante, sentindo-se muito fraca, com suores abundantes e dizendo que ia morrer. Não sentia dor, apenas mau estar. Ficou bôa, em estado natural. No dia seguinte notaram que estava meio esquisita, conversando atrapalhado. Tinha receio do pai – este já foi obsedado. Com muito custo disse que havia nisto um padre e este lhe aconselhava casar-se com um irmão do seu cunhado, se quisesse ser feliz. Disse que mal

conhecia esse rapaz e mesmo não gostava d'ele. No dia seguinte recusou-se a conversar. Deram-lhe um purgativo de óleo [...] com sabugueiro. Apresentavam-se manchas menstruais, neste dia chorou muito, alternando com risos, dançando, cantando e falando em casamento. Chamado um médico, xingou-o bastante. Para tomar os remédios receitados era preciso empregar a força. Resolveram trazê-la para a cidade. Não deu trabalho.<sup>47</sup>

Os diagnósticos da psiquiatria convencional em relação à doença mental, quando se tratava de internação para mulheres, estiveram por muito tempo relacionados também com a menstruação. Aqui nos parece que as “regras” femininas também não deixariam de serem observadas, já que no senso comum psiquiátrico, poderia ser um definidor de um surto histérico.<sup>48</sup> O discurso médico critica as tradições e crenças populares, defende métodos modernos científicos no trato com as doenças, mas incorpora muitas das práticas e tradições do povo. Já internada, surge a observação de seu quadro psicótico:

Nos primeiros dias de internamento mostrou-se quieta n'uma apatia profunda, deixando antevers desconhecimento de tempo, lugar e meio. Alimentação quasi que a força. Insônia profunda – gritos altos, estridentes, sem significação. Alguns dias neste estado, mostrando verdadeiro descontrole nervoso. Passado esse período de excitação tornou-se mais ou menos calma. Não passava, porém, vestida, rasgando as roupas, vivendo constantemente nua, subindo pelas grades da janela, cama, qualquer móvel, enfim, que se lhe deparava. Chamam de pai e mãe à todas pessoas que via, diferenciando, porém, os respectivos sexos. Dizia pertencer ao Divino Espírito Santo e por isso não podia ficar fechada. Ainda, só com muita dificuldade aceitava a alimentação e os remédios destinados à tomar.<sup>49</sup>

A paciente é então submetida a uma sessão mediúnica:

Na primeira sessão experimental -13/02/1937 – isto é, 13 dias após ser internada, manifestou-se o espírito obsessor dizendo que estava encerrado em uma gaiola e não vendo motivo algum para tal castigo. Aconselhado a não fazer mal aquela doente, prometeu imediatamente com a condição de que contribuíssemos para soltar-o. Deixou-nos com a impressão de que agia sobre a paciente, inconscientemente, não demonstrando ódio, rancor ou vingança. Durante toda a sessão a enferma chorou, talvez por ter, nesses instantes, consciência plena do que se passava. Nesta mesma noite e dia subsequente, mostrou melhorias extraordinárias.<sup>50</sup>

<sup>47</sup> PRONTUÁRIOS. Op. cit., ficha 31, 1937.

<sup>48</sup> ENGEL, Magali. Psiquiatria e feminilidade. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

<sup>49</sup> Ibidem

<sup>50</sup> PRONTUÁRIOS. Op. cit., ficha 31, 1937

Analisemos o caso deste paciente C.C.M, de 33 anos, natural de Pimenta-MG, diagnosticado com sífilis cerebral, internado em junho de 1936, permanecendo na instituição por quase um ano:

Foi sempre um rapaz sadio, jamais tendo sido acometido de doença grave. Amigo de divertimentos, festas, procurando sempre agir com esmero e apuro, sem, todavia, ultrapassar os limites. Trabalhador, disposto, ganhou sempre a vida como pharmaceutico. Casou-se aos 23 annos de idade e teve deste consorcio, 3 filhos vivos, sadios. Há 3 annos pouco mais ou menos queixou-se para os irmãos que estava se sentindo cada vez mais impotente e essa frigidez sexual aumentava cada vez mais embora procurasse todo o recurso aconselhado para debelar esse mal. Tornou-se triste, pensativo, pouco preocupado com seus negócios commerciais os quaes foi abandonando aos poucos e também andava mal arrumado, pouco se preocupando com a própria higiene do seu corpo. Esse estado se prolongou por vários meses, até se tornar neurasthencico. Não mais cumprimentava ninguém, maltratando todo mundo inclusive as pessoas da família, incluindo a própria esposa da qual começou a manifestar fortes e exagerados ciúmes sem causa e motivos plausíveis. Como a situação tornava-se cada vez mais tensa a ponto de haver fortes discussões, escândalos e até quasi mortes para o paciente se mostrava (sic) cada vez mais irrecuperável, resolveram internal-o pois os tratamentos médicos á que se submetia, estava se mostrando improfícuos. Pai falecido aos 43 annos. Mãe viva. Filhos vivos e com saúde. Já teve um irmão bastante perturbado, porem, sarou. Antepassados vítimas de lesões cerebraes.<sup>51</sup>

No caso acima o paciente representa duas situações antagônicas, a primeira, o modelo de pai de família, trabalhador, amigo. Da outra, quando do aparecimento da moléstia nervosa, alguém desleixado, não cumpridora de suas tarefas diárias, deixando de lado até mesmo a higiene corporal. A sua depressão surgiu, segundo depoimentos familiares, a partir de sua frigidez sexual. Novamente a procura de casos familiares como condicionantes do acometimento da loucura. Anteriormente à internação este paciente foi atendido em outra instituição espírita no Rio de Janeiro:

Seu irmão carece não de uma sessão, mas de muitas, pois não se pôde normalizar uma obsessão numa simples Sessão de Limpeza Psíquica.

Se desejavê-lo normalizado, precisa munir-se do livro “ESPIRITISMO RACIONAL E CIENTÍFICO (cristão)” e prestar bastante atenção ao que determina o capítulo XXII. Feito isso, praticando a Limpeza Psíquica, dando-lhe Água Fluidica (Serenada) hora a hora, impondo-se-lhe moral e fisicamente, dar-se-á a desobsessão influenciando para isso o Astral Superior que o irá desavassalando quando aqui fizermos as Sessões de Desdobramento.

---

<sup>51</sup> PRONTUÁRIOS. Sanatório Espírita de Uberaba. Uberaba, ficha 14 (ref. 225), 1936.

Doutro modo ele permanecerá obsedado e será levado pelos obsessores até a loucura furiosa, ele é de fato médium, mas também aninha pensamentos mais e tem grandes vícios de educação.

Nem ele nem o amigo deverão entregar-se ao desenvolvimento mediúnico, nem á frequência de sessões espíritas, a não ser que o façam em centro legalmente oficializados como Filiados do Redentor. Tenha também cuidado com os seus exercícios esoteristas, porque acaba desenvolvendo suas faculdades mediúnicas com as suas concentrações isoladas e disso provirá o avassalamento.

Já leu as nossas obras “Espiritismo Racional e Científico (cristão)” e “Comunicações e Cartas Doutrinárias” (ano de 1933)?

Aqui sempre ás suas ordens,

Pelo CENTRO ESPÍRITA REDENTOR.<sup>52</sup>

A cura dependeria fundamentalmente do próprio enfermo, da sua renovação moral. Portanto, para a doutrina espírita, há dois “culpados” para o corpo estar enfermo, o espírito e o próprio doente.

D.P.M., 48 anos, natural de Piracicaba-SP, diagnosticada com psicose – obsessão, permanecendo internada oito meses e meio

Casada há 30 anos, tendo tido 7 filhos vivos e 2 falecidos. Foi sempre de gênio alegre e comunicativo, relacionando-se com todo mundo, sempre correcta e direita, sendo, por isso, muito estimada. Há 4 meses atrás, indo assistir umas missões na cidade de Piracicaba, mostrou-se de grande fervor religioso, orando muito e acompanhando religiosamente todos os actos e ofícios. Nos últimos dias, começou á mostrar um padre determinado dizendo que o conhecia bastante pois ele havia morrido e ali estava resuscitado, apenas com outro nome. Em um bispo ela reconhecia Jesus, descrevendo suas características e demonstrando maior devoção ainda. Um outro padre, dizia ela ter sido seu marido em outra existência, reconhecendo-o perfeitamente, só não de falando semelhante causa, devido intervenção de pessoas da sua família. Ficou assim, muito agitada, inquieta, falando sem cessar, n'uma algazarra tremenda, pouco ou nada se entendendo do que se dizia. Reconduzida para casa, demonstrou uma religiosidade fora do comum. Rezava o dia inteiro em voz alta, cantando ladinhas, sempre inquieta, nervosa. Assim ficou durante vários dias. Recusava recursos médicos e quando se tratou durante 3 meses, nenhuma melhora obteve. Nos últimos tempos, começou a dançar muito, em movimentos rápidos e agitados, girando e pulando sem cessar e assobiando. Quando contida ou amparada, ficava furiosa. Pais falecidos. Ninguém mais da família com perturbações.<sup>53</sup>

No parecer médico, esta enferma estava fortemente influenciada por um espírito de uma padra e de um músico que, depois de uma sessão mediúnica, um deles prometeu não mais influenciar a paciente. No prontuário médico é descrito a conversa com o obsessor dizendo que se tratava de alguém que adorava dançar “[...] Teve muita regalia, foi abastado, rico, vivendo mesmo na

<sup>52</sup> PRONTUÁRIOS. Sanatório Espírita de Uberaba. Uberaba, ficha 14 (ref. 225), 1936.

<sup>53</sup> PRONTUÁRIOS. Sanatório Espírita de Uberaba. Uberaba, ficha 248, 1936.

*opulência*". Disse ainda que o ouro, a fortuna foi motivo de grandes infortúnios de sua vida passada, "cheia de crimes e iniquidades". Foi a partir que descobre sua vocação de palhaço e sua arte de fazer a plateia rir. O outro espírito se recusou a abandonar a paciente que, segundo dirigentes do SEU, "[...] apesar das sessões realizadas, exortações, conselhos, tem-se mostrado um espírito rebelde. Persiste sozinho, sem companheiros, [...] no caminho do erro."<sup>54</sup>

A enferma A.L. de 20 anos, procedente de Araguari-MG, 52 dias internada obteve alta como melhorada.

Há 4 meses que apareceu o primeiro sintoma da sua moléstia. Cedo, enquanto todos os demais membros da família se levantaram para cuidarem dos seus afazeres, ela permaneceu deitada e só á muito custo conseguiram despertá-la. Daquela data em diante, esse estado de cousas se tornou alarmante, pois se deixasse, a enferma atravessaria dias e noites dormindo, sem se alimentar. Uma vez desperta, cada vez com maior dificuldade, nada demonstra de perturbação mental – uma criatura que cuida de si e dos seus afazeres, procedimento normal, quieta, sossegada. Submeteram-n'a à inúmeros tratamentos médicos e de curandeiros, recusando unicamente o tratamento espiritual pela aversão que toda a família, alias numerosa e católica, tem pelo espiritismo.

Desesperançados de todos os demais recursos, embora tenha gasto verdadeira fortuna, resolveram a se encaminhar para mais este, internando-a em um Sanatório Espírita.<sup>55</sup>

B.B.R. de 33 anos, casado, vindo de Bebedouro-SP, estando internado por 51 dias, transferido sem atingir cura.

Mais um caso de fanatismo religioso a se juntar aos inúmeros outros que se têm apresentado. E, causa exquisita... (sic) Sempre fanatismo católico apostólico romano. Toda a família católica e êle, como crente sincero, sempre procurou seguir a risca os mandamentos da sua religião. Nesses últimos 2 meses, sua vida consistia em se consagrarse a Igreja de manhã, durante o dia, à noite, na ânsia de rezar, confessar e comungar, chegou a ponto de se tornar indiferente ao trabalho, pouca importância ligando ao que se passava no seu lar. Chamada a atenção pela esposa, depois pelos amigos e demais pessoas da própria família, ficou bastante nervoso, maltratando a todos com gestos e palavrões. Ultimamente, começou a rasgar roupas, não parava vestido, não precisava, dizia ele, pois estava santo, era o menino Jesus e, como tal, não tinha necessidade de se vestir... Nenhum caso de perturbação mental na família.<sup>56</sup>

<sup>54</sup> Ibidem.

<sup>55</sup> PRONTUÁRIOS. Sanatório Espírita de Uberaba. Uberaba, ficha 772, 1943.

<sup>56</sup> Idem, ficha 780, 1943.

De 25 anos aproximadamente, a G.A.C.J., de Uberaba, internada no SEU por 59 dias em 1944:

Mais uma das infelizes encaminhadas à esse Sanatório pela delegacia de polícia de Uberaba. Foi presa quando perambulava pelas ruas da cidade, suja, maltrapilha, servindo de escarcéu para os mais favorecidos e de brincadeira daqueles que não têm educação.

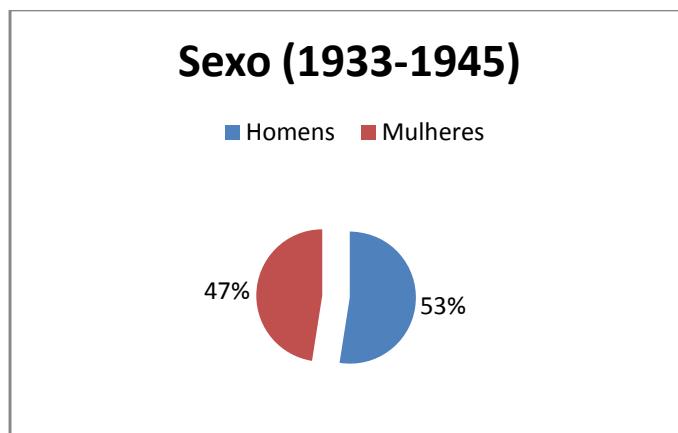
Quem é a sua família? Os pais? Esposo? Ignora-se. Uma infeliz, a mais, curtindo provações.

Mania de riqueza – vive procurando cacos de vidros, bolinhas de vidro, guardando tudo com carinho, avaramente, tanto que se alguém ameaça tomá-los, fica zangada, esbraveja mesmo, procurando avançar com ímpetos de fúria.

Por vezes, fala muito, numa algazarra contínua, palavras e frases desconexas, sem sentido. Outras, passa dias engolfada consigo mesma e não se lhe arranca uma palavra. Sem noção de espaço, tempo e lugar.<sup>57</sup>

As sessões de incorporação através da médium Maria Modesto Cravo aconteciam semanalmente, pediam orientação espiritual e comumente dialogavam com os espíritos que estivessem causando mal ao interno, orientando-os para desistirem da obsessão.

Havia uma rigorosa separação entre homens e mulheres e a proporção era sempre a mesma, uma vez que a instituição estava quase sempre lotada e a disposição dos quartos por sexo era idêntica. A quantidade de homens que passaram pelo SEU é levemente maior, porcentagem justificada pelo tempo de permanência do paciente.



**Gráfico 4** - Fonte: Prontuários Sanatório Espírita de Uberaba

<sup>57</sup> Idem, ficha 870, 1944

Observemos os diagnósticos realizados por Inácio Ferreira (1933-1945).

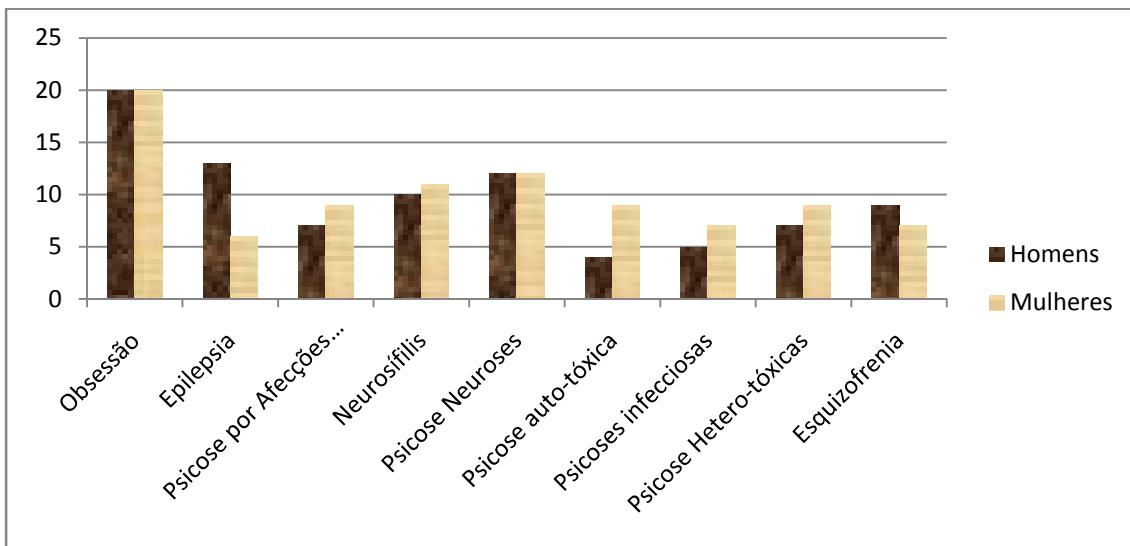
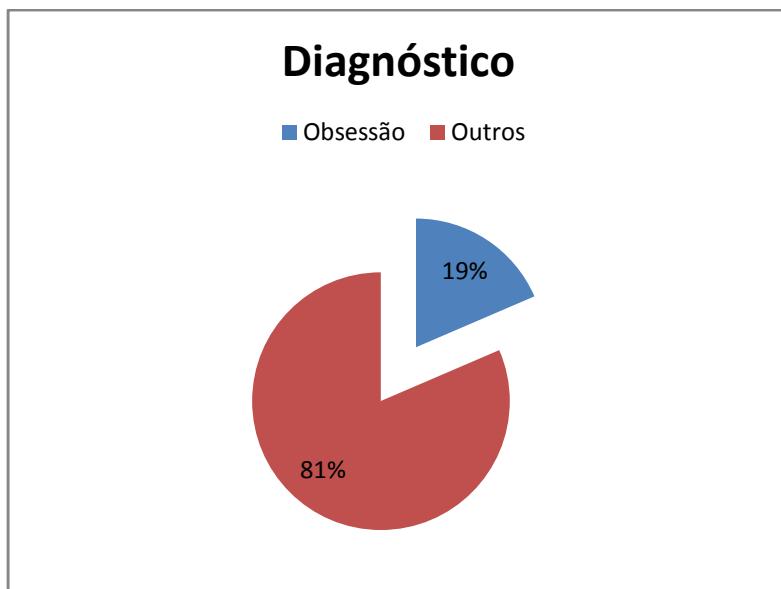


Gráfico 5 – Fonte: Prontuários Sanatório Espírita de Uberaba

A partir destas informações podemos observar que o motivo maior para o transtorno mental não era por obsessão, como atesta a estatística. Inácio em sua obra *A psiquiatria em face da reencarnação*<sup>58</sup> defende a hipótese de que a maioria dos casos de transtornos mentais não é decorrente da subjugação de um espírito sobre o outro, mas reencarnatório, ou seja, o louco na sua atual enfermidade espia os erros que teria cometido em suas outras vidas.

<sup>58</sup> FERREIRA, Inácio. **A Psiquiatria em Face da Reencarnação**. Uberaba: Gráfica A Flama, 1951.



**Gráfico 6** – Fonte: Prontuários Sanatório Espírita de Uberaba

Este dado é bastante relevante já que toda a defesa dos kardecistas de que a loucura tinha sua origem possessiva, a interferência de um espírito sobre o encarnado, se desfaz a partir dos próprios diagnósticos fornecidos por Inácio Ferreira. Se menos de 20% eram casos obsessivos o restante deveriam ser tratados do mesmo modo que a psiquiatria convencional já fazia? Além disso, o tratamento reservado aos “obsedados” se apresentava características peculiares de cunho espiritual e mesmo com os trabalhos de doutrinações morais instigando o espírito abandonar a ideia de interferir na consciência do louco, deixando-o saudável, ainda sim, qual o motivo do uso de medicação convencional como o Haldol e a eletroconvulsoterapia, entre outros? Em que o tratamento espírita se diferenciaria da medicina materialista?

“Mexer” com este universo manicomial é uma tentativa de nos redimir, sujeitos que vivemos do lado de fora da prisão, dessa assombrosa dívida de ter sido coniventes há tanto tempo com o modelo institucional marcado pela opressão. Promovemos um desvario às avessas e chorar, esbravejar, se escandalizar diante de tanto sofrimento, se não podemos resgatar este passado iníquo, ao menos urdir questionamentos, apontamentos para que não se repita a arbitrariedade de ações causadoras de tantas lágrimas e

sofrimentos. A coragem e militância de Autregésilo Carrano Bueno,<sup>59</sup> conseguindo transformar tantos ressentimentos em combustível na luta pela humanização dos hospícios, nos inspira para continuarmos a contribuir, ainda que de maneira insípiente para um novo tempo, no qual relações de solidariedade e alteridade sejam imprescindíveis.

---

<sup>59</sup> BUENO, Autregésilo Carrano. **O Canto dos malditos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Findo um trabalho não quer dizer finalizado a discussão. Diante de riquíssimo acervo encontrado no Sanatório Espírita de Uberaba, outros trabalhos deverão aparecer, outras reflexões surgirão. É evidente que fica um misto de alívio da tese concluída, mas profunda frustração de tantas questões que poderiam ser abordadas, porém as escolhas e limitações humanas não permitiram.

O momento foi importante para pensar a legitimação do espiritismo através da prática da caridade, as posições sociais privilegiadas em que ocupavam, os sentidos reelaborados da doença mental e até a sua enorme semelhança terapêutica com a psiquiatria convencional. O kardecismo tem conseguido cada vez mais adeptos, muito deles com formação acadêmica, daí ser de extrema relevância repensar o poder de atuação destes adeptos.

Recentemente estudos comprovaram a eficácia do passe aplicado aos espíritas. Cientistas ingleses fizeram experimentos apontando a melhora do quadro clínico de pessoas que tinham o hábito da oração. Por outro lado, a psiquiatria muitas vezes criticada trouxera avanços inquestionáveis na elaboração de remédios que permite uma qualidade de vida aos pacientes portadores de transtornos mentais, lhes permitindo viver em comunidade. A intenção deste trabalho não foi julgar a maneira que profissionais buscaram dar qualidade de vida a seus pacientes ou que a religião é um amontoado de superstições. Uma coisa é certa, a ciência não é se não a vontade de verdade, instituída historicamente por homens com objetivos específicos. Isto não quer dizer que inúmeras descobertas que trouxeram avanços à humanidade são ilusórias. Apenas constatar que nenhum grupo social é o representante da verdade. As pessoas se mobilizam diante de um campo simbólico e para eles têm legitimidade, para este grupo faz sentido. São estas representações da realidade que promovem disputas pela memória, pelo reconhecimento social.

Novamente vale a pena repensar os caminhos da institucionalização da loucura levantados aqui neste trabalho, a constituição do saber psiquiátrico, os mecanismos elaborados para isolar o doente, elaborar caminhos para a cura. A importância deste estudo não é somente refletir acerca das práticas psiquiátricas, mas fundamentalmente a participação do poder público e da população na manutenção de táticas que visam isolar

os sujeitos que não se ajustam às condutas estabelecidas com o ideal de sociedade. Esta tese foi escrita num período de avanços significativos no tratamento psiquiátrico, ainda que tenhamos a certeza de que falta um longo caminho a percorrer.

A discussão em torno da figura do psiquiatra Inácio Ferreira foi possível nos limites da própria documentação encontrada. Suas obras remetem quase sempre à maneira como a medicina deve se portar diante da loucura, sua tese em defender que tal transtorno só é explicado, na maioria das vezes, pela visão espírita. As suas obras, juntamente com os prontuários nos permitiram entender a dinâmica do tratamento kardécista ministrado no Sanatório Espírita de Uberaba e também as suas contradições. Foi possível entrever os campos de disputas abertas não somente por Inácio, mas por outros adeptos da doutrina espírita com a medicina tradicional para além da defesa de uma terapêutica alternativa, mas, fundamentalmente, para se buscar uma legitimidade social, lembrando que no início do século XX a psiquiatria brasileira se movimentou para frear o crescimento concernente às questões mediúnicas, alegando que tal atividade promovia o aparecimento dos surtos psicóticos.

Todo o movimento da construção da narrativa deste trabalho acadêmico que se encerra foi no sentido de apontar que os militantes kardécistas obtinham meios de intervenção para defenderem seus pressupostos, seja na publicação de livros, com boas editoras, até em artigos de jornais de considerável circulação. A relação de cordialidade que mantiveram com setores estratégicos da sociedade também é relevante para pensarmos o poder de intervenção desta religião. Associado a isso, as obras de caridade mantidas pelos fiéis espíritas, além de abrir caminhos políticos diante do poder público conseguira promover socialmente a religião.

Diante do ineditismo da pesquisa, primeiro com a tese de Jabert e depois essa, menos pela discussão sobre a legitimação do espiritismo e mais pelo fato de um psiquiatra espírita assumir a direção de um hospício defendendo tratamento alternativo, abre-nos um vasto campo de possibilidades para trabalhos futuros.

## **FONTES DOCUMENTAIS**

### **Filmes**

CHICO Xavier. Direção: Daniel Filho. Columbia/Sony Pictures e Downtown Filmes, 2010. 1 filme (125 min.), son., color

NOSSO Lar. Direção: Wagner de Assis. Brasil: 20th Century Fox, 2010. 1 filme (105 min.), son., color.

### **Atas da Câmara Municipal de Uberaba-MG**

### **Periódicos de Uberaba**

- Lavoura e Comércio
- Gazeta de Uberaba
- O Triângulo
- Almanaque Uberabense
- O Arrebol
- Correio Católico

### **Periódicos do Rio Janeiro**

- A República
- Jornal do Comércio
- A União

### **Periódicos de São Paulo**

- Isto É
- Folha de S. Paulo

### **IBGE**

I Centenário das Ferrovias Brasileiras. Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, 1954

**SECRETARIA de Estado da Agricultura.**

Síntese das Atividades de Desenvolvimento dos Cerrados – Polo Centro em Minas Gerais (1975-1979). Belo Horizonte, 1980

**SEPLAN.**

II Plano Nacional de Desenvolvimento. São Paulo, Sugestões Literárias S/A, 1975.

**Entrevistas**

- **Márcio Roberto Arduini** (novembro de 2012)
- **Neuza Helena Cardoso** (novembro de 2012)

## OBRAS ESPÍRITAS E ESPIRITUALISTAS

FARJADO, Francisco. **Tratado de Hipnotismo** (2<sup>a</sup> Edição). Rio de Janeiro: Laemmert & Companhia, 1896.

FERREIRA, Inácio. **Espiritismo e Medicina**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1941.

\_\_\_\_\_. **Novos rumos à Medicina**. 1º Volume. Uberaba: Gráfica A Flama, 1945.

\_\_\_\_\_. **Novos rumos à Medicina**. 2º Volume. Uberaba: Gráfica A Flama, 1949.

\_\_\_\_\_. **Tem Razão?** Rio de Janeiro. Gráfica Mundo Espírita S. A., 1946.

\_\_\_\_\_. **A Psiquiatria em Face da Reencarnação**. Uberaba: Gráfica A Flama, 1951.

GUEDES, A. P. **Ciência Espírita**: origem da medicina. Rio de Janeiro: Indústrias Gráficas Taveira, 1951.

KARDEC, Allan. **O Livro dos Espíritos**. Rio de Janeiro: Ed. da Feb, 1996.

\_\_\_\_\_. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Rio de Janeiro: Ed. da Feb, 1996.

\_\_\_\_\_. **A Gênese**. Rio de Janeiro: Ed. da Feb, 1996.

\_\_\_\_\_. **O Céu e o Inferno**. Rio de Janeiro: Ed. da Feb, 1996.

\_\_\_\_\_. **O Livro dos Médiuns**. Rio de Janeiro: Ed. da Feb, 1996.

MENDES, Eliezer C. **O Universo Paralelo da Loucura...** a do louco e a dos outros. Rio de Janeiro: Ground, 1991.

MENEZES, A. Bezerra. **A Loucura Sob Novo Prisma:** (estudo psíquico-fisiológico). Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 2002.

XAVIER, F. C. **Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho.** Rio de Janeiro: FEB, 1977.

## OBRAS MEMORIALISTAS

BACCELLI, Carlos. **O Espiritismo em Uberaba**. Uberaba: Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1987.

BILHARINO, José Soares. **História da Medicina em Uberaba**, vol. 1, 2 e 3. Uberaba: Vitória, 1982.

CECÍLIO, Iracy. **Recordações de Modesta** – a vida e obra de Maria Modesto Cravo. Belo Horizonte: Inede, 2007.

EDELWEISS, Teixeira. **O Triângulo Mineiro nos Oitocentos**. Uberaba, Intergraff, 2001

FERREIRA, Fátima. **Inácio Ferreira**: referência e irreverência. Belo Horizonte: Inede, 2008.

FERREIRA, Orlando. **Terra Madrasta** – um povo infeliz. Typ. do Brasil Central. Uberaba. 1926.

\_\_\_\_\_. **Pela Verdade**: Catolicismo versus Espiritismo. Uberaba: O Triângulo, 1919.

\_\_\_\_\_. **Capitalismo e Comunismo**. São Paulo: Rabelo & Magalhães, 1932.

\_\_\_\_\_. **Ilusões Capitalistas**. São Paulo: Rabelo & Magalhães, 1932.

\_\_\_\_\_. **Forja de Anões**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1940.

\_\_\_\_\_. **Rui Barbosa e Seus Detratores**. Uberaba: Jardim Uberaba, 1921.

\_\_\_\_\_. **A Origem Divina do Espiritismo**. São Paulo: Linotipo, 1956.

\_\_\_\_\_. **O Pântano Sagrado**. Uberaba: A Flama, 1948.

MENDONÇA, J. **História de Uberaba**. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1974.

PONTES, H. **História de Uberaba e a Civilização no Brasil Central.** Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1978.

PRATA, Hugo. **Das Minas às Gerais:** história, cultura e costumes de um povo brasileiro. Uberaba: Ed. RR Donnelley, 2008

SAMPAIO, A. B. **Uberaba:** história, fatos e homens. Uberaba: Academia de Letras do Triângulo Mineiro, 1971.

SANTOS FILHO Lycurgo. **História Geral da Medicina Brasileira.** São Paulo: Edusp, 1991.

VITO, Fausto de. **Dr. Inácio Ferreira** – vida e obra. Uberaba: Leapp, 2007.

## TESES MÉDICAS

CAVALCANTI, Pedro. **Contribuição ao Estudo do Estado Mental dos Médiums.** Tese de Concurso para o cargo de médico da assistência a psicopatas de Pernambuco, Recife, 1954.

CESAR, Osorio. **Misticismo e Loucura:** contribuição para o estudo das loucuras religiosas no Brasil. São Paulo: Oficinas Gráficas do Serviço de Assistência e Psicopatas Juqueri, 1936.

MARQUES, João Coelho. **Espiritismo e Idéias Delirantes.** Tese pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 1926.

PACHECO e SILVA, A. C. A Higiene mental e o espiritismo. **Revista de Medicina**, São Paulo, n. 26, set., 1942.

\_\_\_\_\_. O Espiritismo e as doenças mentais no Brasil. **Anais Portugueses de Psiquiatria**. 1950. 2(2), 1-6.

RODRIGUES, Nina. **Os Africanos no Brasil.** Brasília: Ed. da UnB, 2004.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Jean Luiz Neves. **Nos Domínios do Corpo**: o saber médico luso-brasileiro no século XVIII. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.
- \_\_\_\_\_. Ciência, saúde e território em Minas Gerais (1895-1930). In: ESPINDOLA, Haruf Salmen; ABREU, Jean Luiz Neves. **Território, Sociedade e Modernização**: abordagens interdisciplinares. Governador Valadares: Ed. Univale, 2010.
- ALBUQUERQUE, J. A. Guilhon . **Metáforas da desordem**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- ALMEIDA, Angélica A. S. **Uma Fábrica de Loucos**: psiquiatria x espiritismo no Brasil (1900-1950). 2007. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, Campinas, 2007.
- ALPHONSE, Dupront. Antropologia religiosa. In: LE GOFF, Jacques; NOVA, Pierre (org.). **História**: novas abordagens. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.
- AMARANTE, Paulo. **O Homem e a Serpente** – outras histórias para a loucura e a psiquiatria. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996.
- \_\_\_\_\_(org.). **Psiquiatria Social e Reforma Psiquiátrica**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.
- ANSPACH, Silvia. **Arte, Cura, Loucura**: uma trajetória rumo à identidade individuada. São Paulo: Annablume, 2000.
- ANTUNES, Eleonora Haddad; BARBOSA, Lúcia Helena Siqueira; PEREIRA, Lygia Maria de França (orgs.). **Psiquiatria, Loucura e Arte** – fragmentos da história brasileira. São Paulo: Edusp, 2002.

ARAIA, Eduardo. **Espiritismo**: doutrina de fé e ciência. São Paulo: Ática, 1996

ARRIBAS, Célia da Graça. Espíritas e Católicos: os “adversários cúmplices” na formação do campo religioso brasileiro. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 10, n. 15, p. 13-38, jan/jun. 2009.

\_\_\_\_\_. **Afinal, Espiritismo é Religião?** A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. 226 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

AZZI, Riolando. **Filósofos Religiosos no Brasil Contemporâneos**. In: BRANDÃO, Sylvana (org.). **História das Religiões no Brasil**. Recife: Ed. da UFPE, 2001.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: **Enciclopédia Einaudi**. Porto: Casa da Moeda, 1986.

BARRETO, Djama. **O Alienista, o Louco e a Lei**. Petrópolis: Vozes, 1978.

BASAGLIA, Franco. **A Instituição Negada**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

\_\_\_\_\_. **A Psiquiatria Alternativa**: contra o pessimismo da razão, o otimismo da prática. São Paulo: Brasil Debates, 1979.

BASTIDE, Roger. **Sociologia das Doenças Mentais**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

BENTHAM, Jeremy. **O Panóptico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BERGER, Peter. L. **O Dossel Sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

BIRMAN, Joel. **A Psiquiatria como Discurso da Moralidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

BOARINI, Maria Lúcia (org.) **Higiene e Raça como Projetos** – higienismo e eugenismo no Brasil. Maringá: EDUEM, 2003.

BOFF, Angélica Bersch. **Espiritismo, Alienismo e Medicina**: ciência ou fé? Os saberes publicados na imprensa gaúcha da década de 1920. Dissertação (Mestrado em História) – (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas), UFRGS, Porto Alegre, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A Produção da Crença**: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. São Paulo: Zouk, 2004.

BRAGA, José Carlos de Souza; PAULA, Sérgio Goes. **Saúde e Previdência**: estudos de política social. São Paulo: Hucitec, 1981.

BUENO, Austregésilo Carrano. **O Canto dos Malditos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Kardecismo e Umbanda**: uma interpretação sociológica. São Paulo: Pioneira, 1961.

\_\_\_\_\_. **Católicos, Protestantes, Espíritas**. Petrópolis: Vozes, 1973.

CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco. **Conciliação, Reforma e Resistência**: Governo, Empresários e Trabalhadores em MG nos Anos 50. Tese (Doutorado em História Econômica). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

CARDOSO, Marina. **Médicos e Clientela** – da assistência psiquiátrica à comunidade. São Carlos: EDUFSCar, 1999.

CARRARA, Sérgio. **Crime e Loucura**: o aparecimento do manicômio judiciário na passagem do século. Rio de Janeiro/São Paulo: Ed. Da UERJ/Edusp, 1998.

\_\_\_\_\_. Entre cientista e bruxos – ensaios sobre dilemas e perspectivas de análise. In: ALVES, Paulo César e MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.) **Saúde e Doença**: um olhar antropológico. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994

CARVALHO, Keila Auxiliadora. **A Saúde pelo Progresso**: médicos e saúde pública em Minas Gerais. 160 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

CASCUDO, Câmara. **Religiões no Povo**. São Paulo: Global, 2011.

CASTEL, Robert. **A Ordem Psiquiátrica**: a idade de ouro do alienismo. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

\_\_\_\_\_. **A gestão dos riscos** – da antipsiquiatria à pós-modernidade. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1987.

CASTRO, Celso; LEMOS, Renato (org.). **O Diário de Bernardina**: da monarquia à república, pela filha de Benjamin Constant. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

CASTRO, Dorian Erich. **Relicário das Práticas Médicas no Interior de Minas Gerais**: transformações, astúcias e persistências (Uberabinha 1903/1945). Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A Cultura no Plural**. Campinas: Papirus, 1995.

\_\_\_\_\_. **A Invenção do Cotidiano**. 1. artes de fazer. Rio de Janeiro, 2002.

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

\_\_\_\_\_. **Cidade Febril** – cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 250 p.

\_\_\_\_\_; et al. **Artes e Ofícios de Curar no Brasil**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003

CHARTIER, Roger. **A História Cultural** – entre práticas e representações. Lisboa: Edifel, 1987.

\_\_\_\_\_. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, 11 (5), 1991, p. 173-191.

- \_\_\_\_\_. **À Beira da Falésia** – a história entre certezas e inquietude. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Formas e Sentido**. Cultura escrita: entre distinção e apropriação. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- COOPER, David. **Psiquiatria e Antipsiquiatria**. São Paulo: Perspectiva, 1967.
- \_\_\_\_\_. **A Morte da Família**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- COSTA, Jurandir Freire. **História da Psiquiatria no Brasil** – um corte ideológico. Rio de Janeiro: Xenon, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 2004.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. **O Espelho do Mundo** – Juquery, a história de um asilo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Cidadelas da Ordem**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- CURI, Luciano Marcos. **Defender os Sãos e Controlar os Lázarios**: lepra e isolamento no Brasil 1935/1976. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.
- DALMOLIN, Bernadete Maria. **Esperança Equilibrista**: cartografias de sujeito em sofrimentos psíquicos. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.
- DAMÁZIO, Sylvia, F. **Da Elite ao Povo**: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994
- DÂNGELO, Newton. **Vozes da cidade**: progresso, consumo e lazer ao som do radio, Uberlândia - 1939/1970. 2001. 319 f. Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.
- DARNTON, Robert. **O Lado Oculto da Revolução**: Nesmer e o final do Iluminismo na França. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- DESVIAT, Manuel. **A Reforma Psiquiátrica**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **La Invención de La Histeria**: Charcot y La iconografia fotográfica de La Salpêtrière. Madrid: Cátedra (Ensayos Arte Cátedra). 2007.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **A Política da Loucura** – (a antipsiquiatria). Campinas: Papirus, 1983.

DUPRONT, Alphonse. A religião: Antropologia religiosa. LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História**: novas abordagens. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

ELIADE, Mircea. **O Mito do Eterno Retorno**: cosmo e história. São Paulo: Mercuryo, 1992

ENGEL, Magali Gouveia. **Meretrizes e Doutores** – saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890). São Paulo: Brasiliense, 1988.

\_\_\_\_\_. **Os Delírios da Razão** – médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930). Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

\_\_\_\_\_. A loucura, o hospício e a psiquiatria em Lima Barreto – críticas e cumplicidades. CHALHOUB, Sidney; et al. (org.). **Artes e Ofícios de Curar no Brasil**: capítulos de história social. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003.

\_\_\_\_\_. Psiquiatria e feminilidade. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

FERREIRA, Luiz Otavio. Medicina impopular: ciência médica popular nas páginas dos periódicos científicos (1830-1840). CHALHOUB, Sidney; e outros (org.). **Artes e Ofícios de Curar no Brasil**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. **A Arte de Curar** – cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002.

\_\_\_\_\_. FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. A saúde em Minas Gerais durante o século XIX. In: MARQUES, Rita de Cássia

(org.). **História da Saúde em Minas Gerais: instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958)**. Barueri/SP: Minha Editora, 2011.

FIGUEIREDO, Gabriel. **O Príncipe e os Insanos**. São Paulo: Cortez, 1988.

FONSECA, Michel. **Foucault e a Constituição do Sujeito**. São Paulo, EDUC, 2003.

FONTOURA, Sonia Maria. A invenção do inimigo: Racismo e Xenofobia em Uberaba 1890 a 1942. 2001. 219 f. Dissertação. (Mestrado em História). Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Franca, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir – história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1977.

\_\_\_\_\_. **Doença mental e psicologia**. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1984.

\_\_\_\_\_. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

\_\_\_\_\_. **Os Anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

\_\_\_\_\_. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. **O Nascimento da Clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

\_\_\_\_\_. **A verdade e as formas jurídicas**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2003.

GIUMBELLI, Emerson. **O Cuidado dos Mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo: Perspectivas, 2001.

GOMES, Ângela de Castro; et. al. (org.);. **O Brasil de JK**. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 2002.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães e PEREIRA, Edmilson de Almeida. **Assim se benze em Minas Gerais**: um estudo sobre a cura através da palavra. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004.

GOMIDE, Leila Scalia. **Órfãos de Pais Vivos**: a lepra e as instituições preventoriais no Brasil – estigmas, preconceitos e segregação. 1991. 278 f. Dissertação (Mestrado em História)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

GUIMARÃES, Reinaldo. **Saúde e Medicina no Brasil** – contribuição para um debate. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

GUIMARÃES, Eduardo Neves. **Formação e Desenvolvimento Econômico do Triângulo Mineiro**: integração nacional e consolidação regional. Uberlândia: Edufu, 2010.

HARRIS, Ruth. **Assassinato e Loucura** – medicina, leis e sociedade no *fin de siècle*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

HOORNAERT, Eduardo (org.). **História da Igreja na América Latina e no Caribe**. Petrópolis: Vozes, 1995.

ISAIA, Artur Cesar. O espiritismo nas teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. **História Revista**, Goiânia, v. 12, n. 1, p. 63-79, jan./jun. 2007.

\_\_\_\_\_. **Crenças, Sociabilidades e Religiosidades**: entre o consentido e o marginal. Florianópolis: Insular, 2009.

\_\_\_\_\_. Transe Mediúnico e Norma Médica na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro da primeira metade do século XX: o olhar de Xavier de Oliveira. **Revista Esboços**, Florianópolis. v. 17, n. 23, p. 31-50, 2010.

\_\_\_\_\_. Brasílio Marcondes Machado e a defesa do espiritismo na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, nos anos 1920. **Textos de História**, Brasília, v. 13, n. 1/2, 2005.

JABERT, A. **De Médicos e Médiuns**: medicina, espiritismo e loucura no Brasil da primeira metade do século XX. 2008, 308f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde). Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz, Rio de Janeiro, 2008.

JODELET, Denise. **Loucuras e Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 2005.

JULIA, Dominique. A Religião: História religiosa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História**: novas abordagens. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

JURKEVICS, Vera Irene. **Crenças e Vivências Espíritas na Cidade de Franca (1904-1980)**. Franca: UNESP (Faculdade de História, Direito e Serviço Social), 1998. (Dissertação de Mestrado).

KEHL, Renato. **Lições de Eugenia**. Rio de Janeiro: Canton & Reile, 1935

LAING, Ronald D. **O Eu Dividido** – estudo existencial da sanidade e da loucura. Petrópolis: Vozes, 1991.

LAPLANTINE, François; AUBRÉE, Marion. **La Table, Le Livre et les Esprits**. Paris: J. C. Lattès, 1990.

LENHARO, Alcir. **Colonização e Trabalho no Brasil**: Amazônia, Nordeste e Centro Oeste e Centro Oeste. Campinas/SP: Ed. da Unicamp, 1985.

LEWGOY, Bernardo. **Chico Xavier, o Grande Mediador** – Chico Xavier e a cultura brasileira. Bauru: Edusc, 2004.

\_\_\_\_\_. **Os Espíritas e as Letras**. um estudo antropológico sobre cultura escrita e oralidade no espiritismo kardecista. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

LOUGON, Maurício. **Psiquiatria Institucional do Hospício à Reforma Psiquiátrica**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

LOURENÇO, Luis Augusto Bustamante. **A Oeste das Minas**: escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista - Triângulo Mineiro 1750-1861. Uberlândia: Edufu, 2005.

MACHADO, Ana Lúcia. **Espaços de Representação da Loucura**: religião e psiquiatria. Campinas: Papirus, 2001

MACHADO, Maria Clara Tomaz. Benzeções: a gramática e os gestos transcendentais da fé. In: SANTOS, Regma Maria dos Santos e BORGES, Valdeci Rezende (org.). **Imaginário e Representações**: entre fios, meadas e alinhavos. Uberlândia: Aspectus, 2011.

\_\_\_\_\_. **Os Desvalidos da Sorte**: a Santa Casa de Misericórdia e o controle dos excluídos sociais (Uberlândia 1918-1980). **Anais ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História**, Fortaleza, 2009.

\_\_\_\_\_. **A Disciplinarização da Pobreza no Espaço Urbano Burguês**: assistência social institucionalizada (Uberlândia – 1965 a 1980). Dissertação (Mestrado em História). Universidade de São Paulo/FFLCH, São Paulo, 1990.

\_\_\_\_\_. **Cultura Popular e Desenvolvimento em Minas Gerais**: caminhos cruzados de um mesmo tempo (1950-1985). 1998. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

MACHADO, Roberto. **Danação da Norma**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MACHADO, Ubiratan. **Os Intelectuais e o Espiritismo**. Niterói: Lachâtre, 1996.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **O Alienista**. São Paulo: Ática, 1998.

MAGGIE, Yvonne - **Medo do Feitiço**: Relações entre Magia e Poder no Brasil. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992

MARCONDES FILHO, Ciro. **A produção social da loucura.** São Paulo: Paulus, 2003.

MARIA, Luzia de. **Sortilégios do Avesso:** razão e loucura na literatura brasileira. São Paulo: Escrituras, 2005.

MARQUES, Rita de Cássia (org.). **História da Saúde em Minas Gerais:** instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958). Barueri/SP: Minha Editora, 2011.

\_\_\_\_\_. A Filantropia científica nos tempos de romanização: a Fundação Rockefeller em Minas Gerais (1916-1928). **Horizontes**, Bragança Paulista, v. 22, n. 2, p. 175-189, jul./dez. 2004.

MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). **História da vida privada no Brasil:** contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MELNITZKI, Marcelo Lima. **As Regras Espirituais São Tão Exatas e Positivas como as das Ciências Materiais.** As representações sobre a ciência no *Jornal Espírita* – Porto Alegre 1930. 157 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MENEZES, Bethânia Alves de. **O Mito Chico Xavier:** os usos, apropriações e sedução do simbólico em Uberaba-MG. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

MONTEIRO, Yara Nogueira (org.). **História da Saúde:** olhares e veredas. São Paulo: Instituto de Saúde, 2010.

MUCHAIL, Salma Tannus. **Foucault, simplesmente – textos reunidos.** São Paulo: Edições Loyola, 2005.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO, Diana Maul de (org.). **Uma História Brasileira das Doenças.** Brasília: Paralelo 15, 2004.

NAVA, Pedro. **Capítulos da História da Medicina no Brasil**. Londrina-PR/São Paulo: Eduel/Oficina do Livro, 2003.

O'BRIEN, Patrice. "A história da cultura de Michel Foucault." In: Hunt, Lynn (org.) **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. **O que é Medicina Popular**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PELBART, Peter Pál. **Da Clausura do Fora ao Fora da Clausura**. Loucura e Desrazão. São Paulo: Brasiliense, 1989.

PEREIRA, Lygia Maria de França. Os Primeiros sessenta anos da terapêutica psiquiátrica no estado de São Paulo. In: ANTUNES, Eleonora Haddad; e outros (org.). **Psiquiatria, Loucura e Arte**. São Paulo: Edusp, 2002.

PEREIRA NETO, André de Faria; AMARO, Jacqueline de Souza. O Centro Espírita Redemptor de doença mental, 1910-1921. **História, Ciência, Saúde**, v. 19, n. 2, abr-jun, 2012, Manguinhos, Rio de Janeiro. p. 491-507.

PESSOA, Vera Lúcia Salazar. **Ação do Estado e as Transformações Agrárias no Cerrado de Paracatu e Alto Paranaíba-MG**. Tese (Doutorado em Geografia). UNESP, Rio Claro-SP, 1991.

PESSOTTI, Isaias. **A loucura e as suas épocas**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

PETERS, Carlos Eduardo Marotta. **Asilo espírita "Discípulos de Jesus" de Penápolis**: a loucura no cotidiano de uma instituição disciplinar (1935-1945). 2000. 149 f. Dissertação (Mestrado em História), UNESP, Assis/SP: 2000.

PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. **A Realidade social das Religiões no Brasil**: religião, sociedade e política. São Paulo: Hucitec, 1996.

POMBO, Riclele Majorí Reis. **A Nova Política de Saúde Mental em Uberlândia/MG**: entre o precipício e as paredes sem muros (1984-2006). Uberlândia: Edufu, 2011.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. In: **Projeto História**. São Paulo: PUC, n° 14, fev, 1997.

PORTER, Roy. **História Social da Loucura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

PÔRTO, Ângela. **Tuberculose**: a peregrinação em busca da cura e de uma nova sensibilidade. In: NASCIMENTO, Raimundo do Nascimento; CARVALHO, Diana Maul de. **Uma História das Doenças**. Brasília: Paralelo 15, 2004.

PRADO, Paulo. **Retrato do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PUGA, Vera Lúcia. **Paixão, sedução e violência** (1900-1980). Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 1998.

PUTTINI, R. F. **Medicina e Religião no Espaço Hospitalar**. 2003. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva), Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, Campinas, 2004.

RAGO, Margareth. **Do Cabaré ao Lar** – a utopia da cidade disciplinar (Brasil 1890-1930). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

\_\_\_\_\_. O efeito Foucault na historiografia brasileira. **Tempo Social** – revista de sociologia, São Paulo, USP, v. 7, n. 1 e 2, out./1995.

RÉDUA, Wagner César. **Catira**: música, dança e poesia do mundo rural (Uberaba Século XX). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Uberlândia. 2010

REZENDE, Eliane Mendonça Marques. **Uberaba**: uma trajetória sócio-econômica (1811-1910). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Goiás. 1983.

RIBEIRO JUNIOR, Florisvaldo Paulo. **Os Batuques e trabalhos**: resistência negra e experiência do cativeiro em Uberaba (1856-1901). Dissertação (Mestrado em História) São Paulo: PUC/SP, 2001.

RIBEIRO JUNIOR, João. **O que é Magia**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RIBEIRO, Raphael Alberto. **Almas Enclausuradas**: práticas de intervenção médica, representações culturais e cotidiano no Sanatório Espírita de Uberlândia. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006

RICCIOPPO, Thiago. Orlando Ferreira: o boca do inferno da Farinha Podre. **Anais**. ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História, Londrina, 2005.

ROSEN, Georges. **Da Polícia Médica à Medicina Social**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. **Nas Trincheiras da Cura**: as diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial. Campinas: Ed. da Unicamp, 2002

SAMUEL, Raphael. Documentação – História Local e História Oral. In: SILVA, Marco Antônio da. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, v.9, n°19, set.89/fev. 1990.

SANCHI, Pierre. Religiões, religião... Alguns problemas do sincretismo no campo religioso brasileiro. In: **Fiéis e Cidadãos**: percursos de sincretismo no Brasil. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.

SANTOS, Nádia Maria Weber. **Narrativas da Loucura e Histórias de Sensibilidades**. Porto Alegre: EdUFRGS. 2008.

\_\_\_\_\_. **Histórias de Vidas Ausentes**: a tênue fronteira entre a saúde e a doença mental. Passo Fundo: Ed. da UPF, 2005.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças** – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. **História da Vida Privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCOTON, R. M. S. **Espíritas Enlouquecem ou Espíritos Curam?** Uma análise das relações, conflitos, debates e diálogos entre médicos e kardecistas na primeira metade do século XX (Juiz de Fora, MG). 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007.

SEGAWA, Hugo. Casa de Orates. In: ANTUNES, Eleonora Haddad e outros (org.). **Psiquiatria Loucura e Arte:** fragmentos da história brasileira. São Paulo: Edusp, 2002.

SILVA, Fábio Luiz da. **Espiritismo:** história e poder (1938-1949). Londrina: Eduel, 2005.

SILVA, Eliane Moura. O espiritualismo no século XIX. **Textos Didáticos.** Campinas: IFCH/Unicamp, nº 27/ago, 1999.

SILVA, Getúlio Lacerda. **Conscientização Espírita.** Capivari: Opinião E. 1995.

SILVA, Mary Cristina Barros e. **Repensando os Porões da Loucura:** um estudo sobre o Hospital Colônia de Barbacena. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.

SILVA, Raquel Marta da. **Chico Xavier:** imaginário religioso e representações simbólicas no interior das Gerais - Uberaba, 1959-2001. 2003. 269 f. Dissertação (Mestrado em História) Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

\_\_\_\_\_. **Mineiridade, Representações e Lutas de Poder na Construção da ‘Minas Espírita’:** da União Espírita Mineira a Francisco Cândido Xavier (1930-1960). 2008. 242 f. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 2008.

SILVA, Severino Vicente. As religiões no Brasil – trilhas antigas e novas. In: BRANDÃO, Sylvana (org.). **História das Religiões no Brasil.** Recife: Ed. da UFPE, 2001.

SILVEIRA, Éder. **A Cura da Raça** – eugenio e higienismo no discurso médico sul-rio-grandense nas primeiras décadas do século XX, 2005.

SOUZA, Laura de Mello e. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade poplar no Brasil Colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

STOLL, Sandra Jacqueline. **Entre dois Mundos**: o espiritismo da França e no Brasil. São Paulo: USP (FAFICH). 1999. (Tese de Doutorado).

SZASZ, Thomas Stephen. **O Mito da Doença Mental**. São Paulo: Círculo do Livro, 1974.

\_\_\_\_\_. **A Fabricação da Loucura**. Um estudo comparativo entre a Inquisição e o movimento de Saúde Mental. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

\_\_\_\_\_. **A Escravidão Psiquiátrica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

TAVOLARO, Douglas. **A Casa do Delírio**. Reportagem no Manicômio Judiário de Franco da Rocha. São Paulo: SENAC, 2002.

THOMAS, Keith. **Religião e o Declínio da Magia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

TRONCA, Ítalo. **As Máscaras do Medo**. Campinas: Ed. Unicamp, 2000.

TUNDIS, Silvério Almeida; COSTA, Nilson do Rosário (org.). **Cidadania e Loucura** – políticas de saúde mental no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1987.

VENÂNCIO, Ana Teresa A. Os Alienados Segundo Henrique Roxo: Ciência Psiquiátrica no Brasil no início do século XX. **Cultura Psi**, v. 0, 2012

\_\_\_\_\_. História do saber psiquiátrico no Brasil: ciência e assistência em debate. **História, Ciência, Saúde**. Manguinhos, Rio de Janeiro, vol. 10(3): 1087-93, set-dez. 2003.

WADI, Yonissa Marmitt. **Palácio para guardar doidos** - uma história das lutas pela construção do hospital de alienados e da psiquiatria no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2002.

\_\_\_\_\_. **A História de Pierina**: subjetividade, crime e loucura. Uberlândia: Edufu, 2009.

WEBER, Beatriz Teixeira. **As Artes de Curar**: medicina e religião, magia e positivismo na República Rio-Grandense – 1889-1928. Santa Maria/ Edusc: Ed. da UFSM/Bauru, 1999.

## ANEXOS

# FICHA N. 29

ENTRADA 26/11/37



SAÍDA 11/3/37. Curado

Nome

Filiação

Casado ou solteiro Casado

Edade 30 anos

Côr Branca

Naturalidade Trancal

Estado de Minas Gerais

## Historia da doença actual

Sempre fui um rapaz quieto, emigrante, inimigo de fofias e barulhos. Sempre calmo e disposto, cumpridor das suas devoções com, todavia, devoção de tomar parte em festas e reuniões com circunstâncias fortes. Casou-se em 1925. Fute matrimonio muito bom e felha, quando fui noivo e os amigos. Há 2 anos atrás comecei a ter sonhos de ladões e, aos poucos, esse sonho passou substituído por assombramentos. Fizia assombrado, ao vir para casa, ao meio-dia, cheguei muito afflito, demonstrando grande temor. Foi a ponto de eu conseguir falar dizendo que, em sonho, para sua vizinhança, numa edera qualquer, havia um lado nas suas costas. Fizeste esse dia não sóbrio mais de cerca de quatro de grande terror e nem fui pouco desforra que se pessoas da sua família o desabuxaram, mesmo de muito que perambulavam no redor da sua residência. Assim permanecem mais ou menos durante uns 6 dias durante os quais recusava se alimentar ou tomar medicamentos - só bebia agua e mesmo assim com muito custo. No ultimo dia comecei a ter principais de excesso de gieras, gritando muito, falando dia e noite, omitindoendo sonhos veros e completamente diferentes, que nenhuma e seu fundo de valor ou significado. Fiz a noite de malhita e nada mais conta sobre sua paixão. Ficou em casa durante 7 dias. Considerado para vir ao Sanatório, não apontou grande resistência.

## Exame do doente

**FACIES:** Expressão séria, olhar liso, demonstrando mal-estar e cansaço. Olhar triste, cansado, que desejando por si trazia toda a amargura do seu espírito. Cabeça larga, couro cabeludo ruivo, auscultado.

**ESTADO PSYCHICO:** Foi seguro, por várias pessoas, pois achava-se possesso, procurando se desvencilhar para atacar ao outro. Fisicamente mostrava logorria com fundo nas idéias e conclusões pouco

**CONSTITUIÇÃO:** Foi hipotônico, porém, constituição forte, mostrando o tipo do trabalhador bracial.

Peso	Em	Altura
------	----	--------

**PELE:** Pele seca, com características de verminose. Branca, sujeita de gelo, falso e castanha. Basta pigmentação suave, vermiforme ou roxa.

**GANGLIOS LYMPHATICOS:** Impalpáveis.

**NARIZ:** Nariz oval conformado - estreito na base e alongando-se lentamente na ponta, dilatando-se muito as narinas.

**OUVIDO:** Orelhas pequenas, oval conformadas. Audição perfeita.

**GARGANTA:** Reparou-se hiperemia, secca; áspero mal implantado, mostrando desordem no trato. Boca pequena.

**OLHOS:** Olhos pequenos, castanho clara, sobrancelhas ruge. Olhar duro.

**THORAX:**

Língua hipotônico - thorax diaphragmato relativamente, mostrando músculos duros, descomunal.

**ABDOMEN:** Nenhuma particularidade nos órgãos internos; higiene semelhante reflexa da pele, sige de grande extensão.

## Aparelho circulatorio

Pulso

Coração

Pressão Arterial

MX

MN

## Aparelho Genito Urinario

Função de anormal.

## Systhema Nervoso

Objetos ao toque são sempre reconhecidos por tato e percepção da função. Mão fria - se fortemente esticada, quando por força escapar de pora suavizar nos outros. Palavras incoerentes, sem manifestação de fundo e conclusões. Mão ao lugar e meio. Em si mesmo após a sua interrupção, manifesta - se onaniz religiosa. Palavras latântes ou como perdida, agora bastante de pelo menos dez demonstravam seu gosto e práticas. Falava muito e principiamente em N. S. da Consolação a quem, digia, estavam entregues os seus filhos. Estava forte. Bebera o queijo no momento de levar. Na refeição ou no remedio necessário. No momento de acalmar aceitava, sem facilidade, um e outro. Permanecia n'este estado mais ou menos sua sétima dia, passada o qual foi melhorando sensivelmente.

## Exames

Líquido Cefalo - Racheano

Urina

Sangue

Fezes

Exsudatos

## Diagnóstico

Obsessão

Mediunidade. Detinido por falta de esforço, compreensão e desenvolvimento.

## Prognóstico

Bom

Uma vez que age no preciso determinado para estudo e desenvolvimento da sua mediunidade.

**Tratamento**  
Notas sobre a marcha da doença

27/4/37

10 ml. Phytobil - 1 vela  
15 gotas 2 vespas dia.

1 ml. Paroquial - 1 vela  
1 hora repousos

1 ml. Bismodes - 1 c.c.  
1 ampola  $\frac{1}{3}$  dia.

Em 14/4/37 - O doente nado mais suje, convocando com megalomania, perfeito raciocínio. Não se recorda de causa alguma de que se passou coimigo. Muito deseja de voltar para junto da sua família de queh suje sandália e pelo qual precisa other.

Na sessão experimental do dia 27/4/37 - conseguiu-me as seguintes informações de um espírito amigo, protetor dos meus trabalhos. - Não foi esse de chassar de um espírito inimigo, mas sim, varões que se apropriaram da sua memória secreta. Entre elas, um deu-se a conhecer - o de São Sebastião Maciel, dominando no lugar denominado "Jacaria" perto de Mato-Grosso. Informou ter sido vítima do meus de uma cocarca. Julgava - se vivo, perambulando pelas matas em busca de seu remedio. Não pode explicar como se encontrou com o paciente. Ele se aproximou por aflição de alma, conhecimento de outras vidas passadas tendo fez contra o paciente, ora inconsciencia do que pratica quando pedia os recursos e meios para se tratar.

— O paciente está liberto das influências espirituais, mas ainda sentindo pelo que lhe foi dado alta, ainda recorda de voltar por seus afogos e com a condição de entregar a doutrina e prosseguir desenvolver a sua mediunidade e que estará sujeito a novas outras influências. Se seguir a doutrina que foram dadas, estará livre. Caso contrário pertencerá ao reino prenatos de meus reinteressos.

3746

# SANATÓRIO ESPÍRITA DE UBERABA

FICHA N.º 3746

11-3-61

9. 3701

ENTRADA: 11-3-61  
F. 3701



Curado  
2-5-61

SAÍDA: C - 2 - 5 - 61

Nome \_\_\_\_\_

Filiação \_\_\_\_\_

Idade 26 Anos Nacionalidade Bras. Naturalidade Iluminação

Estado civil Solteiro Sexo Mas. Cór. branca

Profissão Motorista Religião Espírito

Residência R. Floriano Peixoto, 333 Iluminação Telefone \_\_\_\_\_

Tem bens? Sim É interdito? \_\_\_\_\_

Curador \_\_\_\_\_

Internado por Antônio Ferreira Borges.

Documentos relativos à entrada \_\_\_\_\_

Objetos entregues \_\_\_\_\_

Observações Há dois meses deixou o Sanatório com "al-  
ta experimental", entretanto permaneceu alguns dias  
bem, seu Salhando, reconheceu a sua saudade, se  
ficando, eons das outras, egr em estado consti-  
vel, para grande desorientação com relações  
ao tempo, palavras descuradas, é convulsões, é a  
síntese em que se interveia para tratamento  
de daniel, em sanatórios especializados, mas  
a vivacidade é sempre perdida. Em estado  
normal é normal.

PSICOSE HETEROTÓXICA DUVIDOSO